

Casamento, Divórcio, Poligamia e Sexo na Bíblia  
Xénos Magos

Precisamos Tratar o Assunto .....	2
O que é a Lei de Deus? .....	3
O Contrato de Casamento.....	22
Divórcio e Recasamento .....	40
Poligamia na Lei de Deus – Parte 1 .....	57
Poligamia na Lei de Deus – Parte 2 .....	75
Poligamia nos livros Proféticos e Poéticos .....	93
Poligamia no Novo Testamento .....	109
Submissão da Esposa em Gênesis 1 – 3.....	125
A Submissão da Esposa no Antigo Testamento .....	137
Mulheres e Maridos no Novo Testamento.....	151
Mulheres em Provérbios .....	168
As Vestimentas Femininas .....	177
Filhos e Filhas.....	190
Prostituição e Pornografia .....	196
Conclusão Escatológica .....	223

## *Precisamos Tratar o Assunto*

O casamento não é somente um assunto espinhoso, ele é o assunto mais difícil de ser tratado tanto no contexto “secular” quanto “religioso”, tanto entre crentes quanto descrentes. Isso, porém, não significa que ele não possua um “modo certo”, apenas que é um assunto problemático. E, como já tratamos nos dois livros anteriores (um sobre pecado e outro sobre a Confissão de Fé de Westminster) de vários assuntos, cremos ser necessário ter um livro específico somente para tratar do casamento.

Porém, precisamos dizer categoricamente que não responderemos muitas perguntas, não porque não precisem de resposta, mas porque nosso objetivo é somente e unicamente expressar e explicar o que o texto bíblico diz – e muitos dos nossos problemas (não pecados) não foram tratados nas Escrituras. Isso não se deve à uma fraqueza do texto bíblico, mas ao fato de que nem todo problema é espiritual. Dessa forma, os problemas espirituais serão visualizados aqui, os problemas não espirituais não serão tratados.

Quais assuntos falaremos, portanto? Trataremos introdutoriamente sobre a Lei de Deus no primeiro capítulo. Não se engane, visto que este tratamento é essencial para que as bases do restante do livro façam sentido. Em seguida falaremos sobre o Contrato de Casamento *antes* de falarmos sobre namoro.

Entendemos que porque pensamos que o assunto do namoro é habitualmente inicial então precisa ser resolvido primeiro, porém, ao respondermos primeiro o que é o contrato de casamento será fácil entendermos melhor o que chamamos de namoro. E, você sabendo disso, deve notar que a ordem em que este livro foi escrito é importantíssima, visto que o capítulo seguinte estará firmado e embasado no anterior.

O Divórcio terá um tratamento extenso, mas também consideraremos todos os textos bíblicos sobre o assunto. É importante que ao ler este capítulo você esteja preparado para uma resposta final um tanto quanto desesperadora, a depender de sua circunstância.

Após tratarmos do divórcio entraremos em quatro capítulos sobre a poligamia na bíblia, avaliando quase todos os textos contra ou a favor do assunto, pois cremos que, sem isso, você não entenderá o papel masculino e feminino no casamento: a poligamia masculina na Bíblia responde bem este tema que, para nós ocidentais, parece uma crise eterna. Como consequência lógica, em seguida falaremos em três capítulos sobre a submissão da esposa nas Escrituras e, em seguida, falaremos sobre as instruções proverbiais sobre as mulheres em geral.

Fecharemos o nosso livro com o assunto das roupas (que na Bíblia está vinculado ao *casamento*) e sobre a Prostituição ou Fornicação – tal assunto será o último porque, como é evidente, é preciso que se entenda bem o que explicaremos anteriormente.

Notou que não há um capítulo explicitamente sobre o tratamento dos maridos? A razão é simples, este assunto está disperso por todo o livro, e achamos conveniente que fique assim porque trata-lo separadamente pode causar algumas confusões com relação ao movimento (não tão moderno) denominado “*redpill*”, que busca, por meio de estereótipos, estabelecer o padrão masculino. Nosso objetivo é que o que falaremos abaixo seja visto como natural e, *por causa do nosso contexto*, alguns assuntos serem separados para tratamento exclusivo pode reforçar os estereótipos ao invés de expor a verdade. A questão do Sexo é exatamente a mesma: o assunto estará disperso por todo o livro, embora o último capítulo tenha uma concentração maior do tema – mas não confunda: precisamos ver tanto a masculinidade quanto o sexo como coisas normais e naturais, por isso resolvemos deixar as coisas deste modo.

Isso quer dizer que o resto do livro está tratando de coisas não naturais? De modo nenhum, na verdade, é justamente por serem assuntos ignorados e que não recebem atenção que estão destacados do restante. Esperamos que você seja apresentado a estas coisas, coisas que nunca são ditas por aí a respeito do casamento na Bíblia.

## *O que é a Lei de Deus?*

*Ó Senhor, a nós pertence a confusão de rosto, aos nossos reis, aos nossos príncipes, e a nossos pais, porque **pecamos** contra ti. Ao*

*Senhor, nosso Deus, pertencem a misericórdia, e o perdão; pois nos rebelamos contra ele, E não obedecemos à voz do Senhor, nosso Deus, para andarmos **nas suas leis [Torah]**, que nos **deu por intermédio de seus servos, os profetas**. Sim, todo o Israel **transgrediu a tua lei**, desviando-se para não obedecer à tua voz; por isso a maldição e o juramento, **que estão escritos na lei de Moisés, servo de Deus**, se derramaram sobre nós; porque **pecamos contra ele**. E ele confirmou a sua palavra, que falou contra nós, e contra os nossos juízes que nos julgavam, trazendo sobre nós um grande mal; porquanto debaixo de todo o céu nunca se fez como se tem feito em Jerusalém. **Como está escrito na lei de Moisés**, todo este mal nos sobreveio; apesar disso, não suplicamos à face do Senhor nosso Deus, para nos convertermos das nossas iniquidades, e para nos aplicarmos à tua verdade. (Daniel 9:8-13)*

Vamos começar com uma pergunta simples: a lei de Deus está só no pentateuco ou se estende por toda a bíblia?

Explicaremos o que queremos com isso: se a lei de Deus é dada somente no pentateuco, todo o resto da Escritura é uma extensão disso, com novas revelações, mas não novas leis. Se o pentateuco contém a lei de Deus mas ela não se exaure aí, então precisaremos de uma hermenêutica ou padrão interpretativo que nos instrua quanto a achar esses outros mandamentos dispersos pela bíblia (não seriam derivações? Ou não seriam instruções gerais? Todo imperativo implica mandamento?)

Essa passagem de Daniel acima é sugestiva. No versículo 10 Daniel diz que a Torah foi dada (?) pelos profetas. Ora, sabemos que a Torah veio por intermédio de Moisés (v. 13), por qual razão Daniel diz que a lei foi dada pelos profetas (no plural)?

A palavra-chave nesse ponto é "dar". A Torah de Deus é de Moisés, mas foram os profetas que a explicaram e expuseram para o povo. Esse termo (nāṭan) equivocadamente traduzido como "dar" é melhor entendido como "estabelecido", "demonstrado" neste contexto. E como sabemos disso? Veja como Daniel começa o capítulo:

*no primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi, pelos livros, que o número de anos, de que falara o **Senhor ao profeta Jeremias, que haviam de durar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos**. Voltei o rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e súplicas, com jejum, pano de saco e cinza. (Daniel 9:2,3)*

Que lei que Jeremias deu? Nenhuma, ele apenas mostrou que o povo transgrediu a lei e que seria levado para o cativeiro como a lei previa. Assim, Jeremias apenas prevê que essa pena duraria 70 anos, não que vinha daí uma nova lei. Logo após dizer isso, Daniel começa sua oração. Nessa oração Daniel entende que pecado é transgressão da lei de Deus (v. 11). Raciocine como o profeta Daniel: Israel foi para o cativeiro porque transgrediu a lei, e a lei foi exposta pelos profetas ao Povo. Os profetas são, portanto, aqueles que expõe a Torah, enquanto que a Torah é o conteúdo do que o povo deve

guardar e não *ultrapassar*. Por isso o pecado é a Transgressão da Lei, e nada mais (vamos chegar lá).

É importante perceber que a Torah contém toda a lei de Deus, e a lei de Deus acaba nela, sem nenhum novo mandamento essencialmente (sim, eu sei que você está pensando em Jesus dizendo “novo mandamento vos dou”, mas explicaremos). Qualquer conteúdo posterior se alinhará ao que a Torah diz, e será submisso a ela, sem acrescentar novos mandamentos, pois Deus deu os seus mandamentos a Moisés e a ninguém mais:

*Então disse o Senhor a Moisés: Sobe a mim ao monte, e fica lá; e **dar-te-ei as tábuas de pedra e a lei**, e os mandamentos que tenho escrito, para os ensinar. (Êxodo 24:12)*

*como Moisés, servo do Senhor, ordenara aos filhos de Israel, segundo o que está escrito no **Livro da Lei de Moisés** (Josué 8:31)*

*Esforçai-vos, pois, muito para guardardes e cumprirdes tudo quanto está escrito no **Livro da Lei de Moisés** (Josué 23:6)*

*Porém os filhos dos assassinos não matou, segundo está escrito no **Livro da Lei de Moisés**, no qual o Senhor deu ordem, dizendo: Os pais não serão mortos por causa dos filhos, nem os filhos por causa dos pais; cada qual será morto pelo seu próprio pecado. (2 Reis 14:6)*

Procure em qualquer lugar “a Lei de Jeremias” ou “a Lei de Ezequiel” ou de qualquer outro indivíduo entre Moisés e Cristo e não encontrará nenhuma outra lei, pois só há a Lei de Moisés e a Lei de Cristo (abaixo explicada).

Isso é um dos pontos principais. Toda a bíblia gira em torno da lei de Moisés; não há nada na bíblia semelhante à lei natural (com leis distintas das bíblicas) e nem teologicamente deduzida de outra parte das escrituras. Como consequência só é pecado o que a Torah (a Lei) diz que é pecado e nada mais além dela (1 Jo 3:4).

Como sabemos que a lei é somente a Torah? Bom, a começar pelo nome (Torah significa “Lei”), toda vez que a bíblia se refere à alguma lei ela sempre é encontrada na Torah. Quem tem que provar que a lei de Deus está também fora da Torah é quem não acredita nessa compreensão básica no próprio nome dos 5 primeiros livros e de como os outros livros se referem a estes.

Ainda não crê nisso? Ora, Deus mesmo disse que nenhuma lei nova seria acrescentada na Torah (Dt 4:2; 12:32). Se você acredita que o Novo Testamento ou os profetas trazem consigo novas leis, ordens e mandamentos, então está criando uma contradição, o que jamais poderá ocorrer, já que Deus não mente e não se contradiz – ou terá que te fazer duvidar do resto das Escrituras. É inegável que quando Deus determina que nada pode ser acrescentado, ele está lidando com mandamentos, pois até mesmo Apocalipse 22, ao proibir o acréscimo, o faz somente após a breve citação de alguns mandamentos (Ap 22:15; 18 [é quase o equivalente ao Dez Mandamentos, inclusive]).

Se você não compreendeu isso, nem compensa continuar a leitura. Se compreendeu, mas não concorda, ainda há chance para você.

## A LEI DE CRISTO

Não podemos ignorar o que chamamos de “Lei de Cristo” (1 Co 9:21; Gl 6:2). Que é essa lei? Podemos dizer que A Lei *de Moisés* é toda a Torah (é assim que sempre é referida no próprio Antigo Testamento, como você pode notar nos textos que já citamos acima); a Lei de Cristo, então, necessariamente é algo distinto do conteúdo *total* da Torah, já que, claramente, é chamada “de Cristo” e não “de Moisés”.

Porém, todas as vezes que Cristo mesmo se refere a mandamentos ele diz que é o “amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a ti mesmo” (Mc 12:28–31; cf. Dt 6:5; Lv 19:18). Ora, até quando Cristo dá uma ordem particular ela é apenas uma repetição dos *mandamentos* contidos dentro da Lei de Moisés (como você pode conferir comparando Marcos 12:28–31 com Deuteronômio 6:5 e Levítico 19:18). Cristo nunca deu uma ordem que já não estivesse na Torah!

Mas vamos provar o seguinte: a lei de Cristo é, na verdade, um recorte dentro da Torah, algo específico, que não era compreendido durante o período que a Torah inteira estava em vigor. Explicamos.

A lógica é simples:

- Lei de Moisés = **todo** o conteúdo da Torah;
- Lei de Cristo = somente os mandamentos **contidos** na Torah;

Por qual razão sabemos que é verdade essa divisão acima? Primeiro porque, como vimos, nunca Cristo deu uma ordem que não estivesse na Torah antes e, segundo, porque em Cristo não praticamos mais as festas estabelecidas na Torah, logo, *tem uma distinção entre as ordens de Cristo e de Moisés, mas ela não está em relação aos mandamentos contidos na Torah, pois estes são reafirmados por Cristo.*

Nem toda ordem na Torah é um mandamento (1 Co 7:19 — Paulo distingue entre a circuncisão e guardar os *mandamentos* de Deus). Isso quer dizer que o próprio apóstolo Paulo via que nem só porque uma ordem estava no imperativo implicava o conceito de mandamento. A circuncisão, por isso, “nada é”, ou, na linguagem do autor da carta aos Hebreus: “é sombra”. Assim, a lei possui apenas duas categorias: *sombras* (ou tipos) e *mandamentos*. O que temos, então, é que mandamentos continuam sem os “excessos” ou “sombras” presentes na Torah.

Isso é esclarecedor se notarmos o que Paulo diz em 1 Coríntios 9:21. Ele diz que prega aos que estão sem lei, como se estivesse sem, mas não estando, de fato, sem lei, pois segue a lei de Cristo. A conclusão é lógica: os gentios, que não têm lei, não precisam que Paulo pareça um judeu, isto é, seguindo as ordens levíticas, mas ele não deixa de praticar os mandamentos de Deus

(1 Co 7:19). Assim, fica claro que a “Lei de Cristo” nada mais é do que o mínimo requerido dele na Lei de Deus.

O que fazemos, portanto, com o “novo mandamento vos dou”?

**Um novo mandamento vos dou:** *que vos ameis uns aos outros; assim como Eu vos amei; que dessa mesma maneira tendes amor uns para com os outros. (João 13:34)*

A Lei já exigia que nos amássemos mutuamente (Lv 19:18), então, qual parte desse mandamento é uma novidade? Todo ele? Não pode ser, pois, como vimos, a ordem para o amor mútuo está apenas sendo repetida. Porém há algo que não está na Lei de Moisés: assim como **eu vos** amei. Existe um sentido em que isso é novo, Moisés não era o Messias, ele não poderia dar a si mesmo pela salvação do povo; Cristo, por outro lado, pode dar a própria vida para salvar os seus; nesse sentido Cristo dá uma total novidade: vocês amarão ao próximo, mas me usarão como padrão básico e não somente o “como a si mesmo”. Assim, não é que o mandamento integralmente seja novo, mas que a base sobre a qual ele se estabelece é nova: Cristo.

Perceba, não houve uma mudança na ordem, já que permanece a mesma. Mas antes a base para eu amar o próximo era eu mesmo *somente*; como vemos, Cristo também afirma que devemos amar o próximo como a nós mesmos (Mt 22:37-39). Contudo, a novidade é que Cristo não havia se encarnado na época que a Torah foi dada, então, Moisés não podia dizer: ame o próximo como Cristo. Porém, com Cristo revelado, ele pode dizer: como eu vos amei. Dessa forma a ordem permanece (ame o seu próximo), mas ela foi elevada (como Cristo nos amou). Quer dizer que a primeira ordem da Torah deixou de ser verdadeira? De modo algum! Agora ela é vista com olhos mais claros, mas sua afirmação básica (como a ti mesmo) continua existindo, sem ignorar que podemos transcender a nós mesmos.

Isso tudo cria uma dificuldade: como posso identificar um mandamento?

COMO IDENTIFICAR UM MANDAMENTO?

Em Gênesis 1–3 vemos a transgressão do primeiro mandamento (negativo) que Deus deu ao homem: comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Pense bem: este é o primeiro pecado, e a morte entra no mundo por meio dele. O pecado, é evidente, existe como causa da morte, e isso nos é ensinado já no início de Gênesis como que gritando num megafone: *Pecado gera morte*. Não é uma coisa por fora. Se não há morte como punição, então não há pecado (eu sei eu sei, você está lembrando de 1 João que diz que há pecado que não é para a morte, vamos chegar lá). O fato é que Gênesis 1 – 3 inicia a Torah para passar o princípio de que: o pecado gera a morte, ou por transgredirmos a lei de Deus em suas ordens negativas ou por ignorarmos as ordens positivas (a árvore da vida). Deus já ensinava, desde o começo, como ele trata seus próprios mandamentos.

Esse é o entendimento de Paulo em Romanos 6:23, e isso não é só um sentido escatológico ou de que o primeiro pecado no mundo gerou a morte. A teologia de Paulo é consistente: o salário do pecado (qualquer que seja) é a morte.

Não há um pecado que não gere a morte. Mas que diabos isso quer dizer? 1 João 3:4 diz que pecado é a transgressão da Lei, então, é evidente que pecado só se encontra na Lei, e a lei diz quais ordens se quebradas geram morte (Rm 6:23). A conclusão é simples:

*Pecado = Transgressão da Lei (1 Jo 3:4)*

*A Lei = Torah (Pentateuco)*

*Na Lei o Pecado = Morte (Rm 6:23)*

*Pois, o que há pena de morte na lei = Pecado*

Mandamentos geram morte quando quebrados, se não há morte não há quebra de mandamento, e sem quebra de mandamento não há pecado. Assim, quando lemos, por exemplo, em Levítico, de que quem comia carne imunda não era morto nem precisava oferecer um sacrifício, fica claro que não estamos diante de um pecado, mas somente de uma imundície, isto é, algo que me impede de tocar no que é santo, mas não é pecado. Fica evidente que a própria Torah distingue entre pecado (mandamento) e imundície (ordens *que podem chegar a um fim*).

Então você dirá: “mas o furto não gerava morte! Te peguei!” Bom, eu não disse em momento algum que o pecado gera a morte do transgressor simplesmente. Tanto Paulo (Rm 6:23) quanto João e o autor de Hebreus entendem que a morte é uma coisa direta e que funciona sozinha, ou seja, sem ser aplicada a um ser humano, mas também a animais (Hb 9:21, 22). Veja bem, sem derramamento de sangue não há remissão (do pecado), como claramente Hebreus 9 argumenta, e lá o texto claramente relaciona isso a animais.

A remissão do pecado só pode ocorrer porque um mandamento foi transgredido, e a pena de morte se recairá sobre você ou sobre algo que te represente e substitua penalmente. Como isso é estabelecido na Lei? Simples: Levítico 6:1-7 mostra que o ladrão deve oferecer um sacrifício animal *após* restituir o que foi roubado. Ora, qual ignorante negará que até para o furto havia pena de morte? Porém, para que houvesse justiça, Deus não mandava matar o ladrão, mas que ele oferecesse um sacrifício animal para expiar o pecado dele, tirando dele a culpa, que geraria a morte pessoal. Assim, nem a morte deixou de ser aplicada e nem o pecador deixou de ser transgressor.

- Obs.: Levítico 6, diferente de Êxodo 22, está tratando da necessidade sacrificial pelo furto/roubo. Além disso, existem mais algumas distinções nos dois textos, como a quantidade da restituição. Porém, o problema que surge e que não pode ser ignorado é que, se é pecado o furto, então, há alguma morte nele (Rm 6:23) e, portanto, derramamento de sangue (Hb 9:21, 22). Assim, quando Levítico estabelece o sacrifício, está dizendo que há pecado no furto, *ainda que os casos difiram entre si*.

Procure na lei tais pecados sem morte e não achará. Ser chicoteado, por exemplo, era disciplinar, e não envolvia sacrifícios animais ou humanos. Não



é sobre pecado, mas sobre direcionamento e significado teológico - a lei tem este significado: encerrar tudo embaixo do pecado, mostrando o que é que gera a morte (por meio daquilo que Deus impõe a pena de morte). O significado teológico é claro: o pecado gera a morte, se não gera morte, não é pecado.

- Obs.: é importante que você entenda que só o pecado do assassinato não poderia ser negociado na Lei, ou seja, todos os outros pecados aceitavam compensação monetária e sacrifício animal (Nm 35:31). Assim, mesmo que o indivíduo não morresse de modo pessoal havia a clara certeza de pecado.

## 1 JOÃO 5:16

*Se alguém vir seu irmão cometer pecado que não leva à morte, ore, e Deus **dará vida ao que pecou**. Refiro-me àqueles cujo pecado não leva à morte. Há **pecado que leva à morte**; não estou dizendo que se deva orar por este.*

Aqui é onde o homem orgulhoso se levanta contra todos os outros textos que claramente ensinam que o pecado *sempre* leva à morte para tentar provar que há pecado que não leva à morte. Porém, nós lidaremos com a verdade e vamos ver o texto em três níveis: o significado direto, o texto original e o contexto.

Mesmo em português está evidente que o texto diz que todo pecado leva à morte. Veja o que diz o versículo: "ore, e Deus **dará vida** ao que pecou". João está dizendo que, espiritualmente, este irmão morreu, mas o pedido por ele faz com que Deus o dê vida. Ora, Deus só dá vida àquilo que está morto, e não ao que já está vivo! Imediatamente na primeira metade do versículo está provado que o que João está dizendo não é que não há pecado em absoluto para morte, mas que há um pecado em particular pelo qual se quer vale a pena orar, caso cometido. O ponto de João não é distinguir entre um pecado e outro, mas por qual pecado não é necessário que você ore. Veja: "Deus dará vida" implica que "este irmão morreu".

Mas e o grego? João é muito claro, pois diz que no primeiro caso é um irmão abertamente, enquanto no segundo caso, isto é, o indivíduo que peca para a morte, não é se quer mencionado como um irmão no sentido estrito, e por isso não se deve orar por este. O grego segue em direção de um afastamento (algo como: saiu do nosso meio, mas não é dos nossos). Além disso, a vida mencionada na passagem é um termo genérico pra um tipo de "vida espiritual" (ζωή), significando que Deus dá de volta não uma vida física, mas a vida espiritual do indivíduo; enquanto o outro morre espiritualmente de modo indefinido.

E o contexto? João diz que tudo o que escreveu em sua carta é para confirmar que aqueles que creem em Cristo têm a vida eterna (v. 13), então, seu ensino na carta é sobre como identificar alguém justo e que não vive em pecado, e

alguém que vive em pecado (1 João 1). Os pecados que João condena na carta são coisas como o ódio ao irmão (1 Jo 2:9) e a negação de que Cristo veio em carne (1 Jo 4). Este último caso é o mais interessante e focal na carta, já que ele começa o capítulo 5 dizendo que Cristo *nasceu* de Deus e se *encarnou* (passando pela *água e sangue*), de modo que crer nisso é crer no Filho (1 Jo 5:10). Negar que Cristo veio em carne é ter o espírito do anticristo. E o que é anticristo é aquele que sai do meio da igreja (1 Jo 2:19), negando que Cristo veio em carne. Isso é o assunto retomado por João no capítulo 5 e que ele quer que os crentes entendam, porque só tendo o Filho [encarnado] é que se tem a vida (1 Jo 5:12). O que é isso?

João está em todo o contexto dizendo que o pecado que denuncia é a negação da vinda de Cristo. Quem diz isso não tem solução, porque negou o Filho e não tem a vida (1 Jo 5:11), pois só há vida no Filho. O que é mais claro que isso? O pecado para a morte é a crença no gnosticismo, doutrina que nega o Filho, pois nega sua encarnação, e nenhum gnóstico tem o Filho, e por isso não tem a vida eterna, e se não tem vida não adianta orar por este. O que nasceu de Deus não comete este pecado (1 Jo 5:18).

Como você pode ver o texto aponta claramente para a verdade única de que todo pecado leva à morte, mas há um pecado que nega o próprio Filho, e este nunca teve a vida porque só os que nasceram de Deus não pecam assim. Um Filho de Deus peca, mas seu pecado não leva à morte inevitável, basta que se interceda por ele para que Deus lhe dê novamente a vida que perdeu ao pecar (leia toda a 1 carta de João, e preste atenção no fato de que o anticristo **foi** essencialmente este tipo de pecador: que nega que Cristo veio em carne).

#### ROMANOS 5:12-17

*Portanto, como **por um homem** entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram. Porque até à lei estava o pecado no mundo, **mas o pecado não é imputado, não havendo lei. No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não tinham pecado à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir. Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa. Porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus, e o dom pela graça, que é de um só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos. E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou. Porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação. Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. (Romanos 5:12-17)***

Os versículos acima são esclarecedores. Veja a lógica de Paulo: se nós morremos (e a morte só existe por causa da transgressão da Lei), logo, todos pecaram (Rm 3:23), porque todos os homens morrem (ou seja, só é pecado o que gera morte). Inclusive, até mesmo os homens que viveram entre Adão e Moisés, que viveram sem Lei dada, morreram. Sem Lei o pecado não é

imputado, não há porque morrerem homens se Deus deixou o mundo "sem lei" todo este tempo. Isso faz Paulo recuar no argumento, pois nota um problema ("no entanto"), fazendo com que ele realce o fato: mesmo quem não quebrou nenhuma ordem como Adão morreu (por isso Paulo está falando do período entre Adão e Moisés, pois não havia "lei"). Então, para provar o ponto, ele diz: todos morrem ("veio o juízo") por causa de *uma ofensa* – não por causa do que os homens fizeram entre Adão e Moisés.

Veja um exemplo direto: os filhos de Adão se casaram entre si, porém, na Lei, posteriormente, é proibida qualquer relação entre parentes (Lv 18:6, 9). Ora, os filhos de Adão, portanto, não pecaram à semelhança de Adão, visto que não havia lei que proibia irmãos se casarem. Logo, por que houve morte mesmo entre os filhos de Adão, se Deus não deu a eles nenhuma lei em particular como a Adão? A resposta é bem simples: essa morte existiu porque os homens pecaram em Adão (cometeram pecado no ato de Adão e herdaram dele o pecado) e, como Adão é figura de Cristo, a morte passou a todos os homens, assim como a vida de Cristo passa para aqueles que são justificados em Jesus. Quer maior prova do que a não existência de Lei prova que o pecado não pode ser imputado? Veja aí mesmo, Paulo dizendo com todas as palavras: "o pecado não é imputado, não havendo lei" – os homens transgrediram uma lei: a dada no Jardim do Éden.

O raciocínio funciona assim:

1 – O pecado é o que leva à morte > os homens que viveram entre Adão e Moisés morreram > Portanto, de algum modo pecaram.

2 – Mas Deus não havia dado a Lei > então estes homens só morreram porque pecaram em Adão > Mesmo os homens que não têm nenhum registro de pecado em sua vida.

3 – Assim: (a) só morre quem pecou, (b) todos morrem, logo, (c) todos pecaram. Essa é a conclusão de Paulo em Romanos 3 e 5 e prova por todos os meios que o que a Lei proíbe é que de fato pode ser acusado de pecado, pois onde não há lei não há pecado!

Para isso, contudo, podem levantar algumas questões: o que fazer dos homens que morreram no Dilúvio, não havendo lei? A resposta é simples: eles morreram mesmo sem lei, e por isso precisaram de um anúncio posterior: 1 Pd 3:18-20 (note que o texto trata justamente do caso do dilúvio, pois estes homens morreram "sem lei"). Lembre-se de que era evidente que o assassinato (a causa do dilúvio – Gn 6:11, 13) era pecado, mas não era imputado, justamente pelos motivos dados por Paulo; e mesmo sem essa imputação, Deus mandou o Dilúvio, o que criou uma pendência, resolvida no Novo Testamento (1 Pd 3:18-20). Note também que em Caim Deus informa que o assassinato é pecado, e a violência foi a principal causa do Dilúvio.

ROMANOS 14:23

*É bom não comer carne, nem beber vinho, nem fazer qualquer outra coisa com que teu irmão venha a tropeçar [...] Mas aquele que tem*

*dúvidas é condenado se comer, porque o que faz não provém de fé; e tudo o que não provém de fé é pecado. (Romanos 14:21, 23)*

A pergunta óbvia neste texto é: o que significa não “vir da fé”? Ora, o sentido é óbvio: a incredulidade. Se eu não creio que é puro o que como, logo, cometo pecado, por fazê-lo em incredulidade. Não se trata meramente de uma incerteza circunstancial. O foco de Paulo é mostrar que não podemos confundir, naquilo que se come, a nossa fé, pois o reino de Deus não é comida ou bebida. Por outro lado, o paralelo melhor com Romanos 14 é 1 Coríntios 8:7. Ora, sabemos que vinho e comida em geral não era um problema para quase ninguém na época de Paulo, e a relação dessas coisas com “impureza” nos leva a crer que o problema é maior do que mera impureza ritual (já que na Lei o vinho não era uma bebida impura). O que seria isso? Crentes associando a bebida aos ídolos e tratando-as como impuras. O contraste para isso é comer sem expor estas coisas – é por isso que o assunto da fé e do amor entra nessa passagem, pois somente com a fé de que é puro se pode comer algo dedicado a um ídolo (1 Co 8:4, 9 [cf. todo o capítulo]).

Por isso a sentença “tudo o que não vem da fé é pecado” significa que tudo o que é feito sem estar certo em Deus ao invés do ídolo é pecado. Não é sobre incerteza, é sobre crer que o ídolo é alguma coisa.

#### 1 CORÍNTIOS 10:5-11

*Mas Deus não se agradou da maior parte deles, por isso foram prostrados no deserto. E estas coisas foram-nos feitas em figura, para que não cobicemos as coisas más, como eles cobicaram. Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles, conforme está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber, e levantou-se para folgar [1]. E não nos fornicuemos, como alguns deles fizeram; e caíram num dia vinte e três mil [2]. E não tentemos a Cristo, como alguns deles também tentaram, e pereceram pelas serpentes [3]. E não murmureis, como também alguns deles murmuraram, e pereceram pelo destruidor [4]. Ora, tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos. (1 Coríntios 10:5-11)*

Paulo nos aponta novamente a sua teologia do pecado, mostrando que o que não agrada a Deus resulta somente em morte, razão do porquê é dito que os israelitas, em sua maior parte, ficaram ‘prostrados’ (foram mortos) no deserto. E como prova disso ele cita quatro circunstâncias que resultaram todas na mesma coisa: morte.

[1] – A idolatria em Êxodo 32:4-28: nesta situação, o povo comeu e bebeu em honra à imagem feita de Deus (ou de deuses), cometendo o pecado que nas nossas bíblias aparece como bebedeira e glotonaria (que nada mais é do que comer e beber em honra a outra divindade). O resultado dessa ação está nos versículos 10, 27 e 28 – morte. Nessa primeira prova, o pecado é o que gera a morte.

[2] – A “fornicação” em Números 25:1-11: claramente aqui “fornicação” não é sexo sem casamento, mas sexo em honra a alguma divindade falsa. Ora,

Paulo está instruindo aos coríntios que vendo que estes homens morreram, não devem praticar as mesmas coisas que eles, pois só é pecado o que gera a morte.

[3] – A “tentação” em Números 21:5-7: agora o povo tenta a Deus, dizendo que prefere voltar ao Egito do que morrer no deserto, e nisso pecaram, pois testaram a Deus, esperando que ele fizesse melhor do que fez. O resultado? A morte de vários picados por serpentes. Ao verem que começaram a morrer os israelitas em dor dizem: “pecamos!” (v. 7), pois entenderam que o pecado gera *morte* e, portanto, só pode ser pecado aquilo que mata na lei.

[4] – A “murmuração” em Números 16:41-48: O povo passou a murmurar contra Moisés e Deus, porém, ocorre que isso não agrada ao Senhor. O que ele fez, portanto? Matou os israelitas com uma praga – pois falar contra Cristo e contra Deus é pecado. Agora, todos podiam ter certeza que pecado é só o que gera a morte, pois só gera a morte o que não agrada a Deus, sendo, assim, a forma como a lei trata o pecado.

Paulo diz que estas coisas ocorreram assim para ensinar aqueles crentes, do primeiro século, sobre o que é pecado. Ora, o que os crentes devem evitar? Aquilo que existe pena de morte na Lei, e tão somente isso – este é o raciocínio de Paulo, não meu. Se te parece legalista por um lado ou liberal por outro (afinal, a lei não chama de pecado muitas das coisas que chamamos), reclame com Deus, e cometa o erro dos incrédulos de Números 16.

#### GÁLATAS 5:18-23

*Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei. Porque as **obras da carne são manifestas**, as quais são: adultério, fornicação, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus. Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. **Contra estas coisas não há lei.** (Gálatas 5:18-23)*

Muitos homens utilizam este texto para dizer que no Novo Testamento não há mais pecado, mas somente obras da carne. O problema é que qualquer um que conhece a Lei sabe que o que Paulo chama de “obras da Carne” nada mais são do que mandamentos quebrados. Por exemplo, o que ele chama de “Idolatria” é condenado no Primeiro e Segundo mandamento. Todas as coisas carnis que estão neste texto de Gálatas se encontram, de um modo ou outro, proibidas na Lei de Deus, porém, não cabe uma exposição detalhada desse texto agora, pois o nosso foco é a parte final do texto.

Paulo, ao afirmar as coisas positivas (e também para provar que as obras da carne são quebras da lei), termina dizendo: “contra estas coisas não há lei”. E aqui duas coisas estão sendo afirmadas:

Primeiro, que as coisas anteriores mencionadas a Lei é contra, e o fato de serem obras da carne apenas demonstra que são coisas que desejamos fazer naturalmente, ou que fluem da natureza caída, e não do Espírito de Deus. Assim, o contraste é que o que é feito sem quebrar a Lei é efeito da ação do Espírito de Deus. Portanto, devemos entender que na escritura tudo o que é condenado é obra da carne, e tudo o que é estimulado ou, ao menos, permitido, é efeito do Espírito Santo.

Segundo, o fato de a Lei não proibir é evidência de que aquilo que não é proibido é permitido. Ora, temos dito que tudo o que a lei não condena pode ser praticado, e isso vai desde a poligamia masculina até mesmo não trabalhar por um longo período, portanto, por mais que nos incomodemos com alguma coisa, não podemos condenar se a Lei de Deus não proibir. Paulo claramente está dando aqui a ferramenta fundamental para sabermos até onde podemos ir na Lei: se a lei não condena, podemos praticar e ponto. Claro, no caso em particular que Paulo está tratando, ele quer apontar as coisas que nos impedem de pecar, como, por exemplo, se não quero adular, ter relações sexuais com parentes, ou relações antinaturais, então devo amar. O amor e a benignidade, por exemplo, contrastam com as quebras (e não com os mandamentos) da lei.

## LEI NATURAL

Será uma breve consideração pensarmos na "Lei natural". É o trunfo do puritanismo e catolicismo romano, mas não passa de mera especulação filosófica. Então, levantaremos alguns pequenos questionamentos rápidos:

*1 — O conteúdo da Lei Natural é igual ou diferente da Torah?*

– Se for igual, então **é a mesma lei**, apenas expressa em lugar diferente (é o que defendemos); se for diferente qual conteúdo é este? Explicar isso é a pedra no sapato para quem tenta extrair leis "da natureza".

*2 — A transgressão dessa lei também resultava em morte?*

– Se sim, de qual texto se presume isso? Se não, então não é lei, é apenas costume e cultura e, portanto, sua transgressão não é pecado. Ou a lei natural vem com sanções próprias? Por qual padrão deveria ser julgado se é justo ou não, caso a lei natural venha com sanções? Aqui sabemos que o que se tenta presumir da lei natural só pode ser testado pela Escritura, mas se pode ser testado por ela, então ela pode, sozinha, estabelecer o que é certo e errado sem a lei natural.

*3 — Como saberei que uma lei natural é uma lei de fato e não legalismo meu ou invenção filosófica?*

– Se sei pelas escrituras, por que não as utilizar como o padrão, já que são o padrão para avaliar uma lei natural? Se não sei pelas escrituras, então a lei natural tem tudo para ser uma ferramenta despótica e legalista – e um acréscimo à Lei de Deus.

*4 — De onde se extrai os princípios da lei natural?*

– Aqui estamos pedindo um princípio filosófico que gere tais leis. Sabemos que Pitágoras tentou por meios matemáticos, e Sófocles dizia que as leis do governo precisavam ser julgadas pela Lei Natural, logo, ela não pode ser a lei do Estado e, talvez, seja de dedução matemática. Como saber que é assim ou não? (na prática a “lei natural” só estabelece costumes gregos e romanos).

#### 5 – *Quem pode interpretar e expor a lei natural?*

– Normalmente se defende que a interpretação das escrituras se dá por um “magistério” (católicos romanos) ou pelos padrões de fé (reformados e protestantes); quem identifica e sistematiza a lei natural? Políticos? E se um indivíduo em particular discordar poderá apontar ao quê como prova de estar certo ou errado?

#### 6 – *A Lei Natural é um acréscimo à Lei Bíblica?*

– Se não é, onde está ela na Lei bíblica? Mas se é, ela viola a própria lei bíblica que exige nada ser acrescentado a ela (Dt 4:2; Dt 12:32).

Não temos problemas com nenhuma lei particular de qualquer Estado, pois se um Estado ordena que seus cidadãos usem apenas branco e preto nas roupas, não irá infringir nenhuma lei bíblica; mas essa ordem não estará fundamentada em nada além de interesses humanos e sentidos de controle — ninguém deve dar a isso qualquer fundamentação bíblica, exceto a de que se deve obedecer às autoridades e nada mais. A questão nossa é simples: o que o crente deve praticar como lei/mandamentos diante de Deus? Nisso a lei natural não interfere em nada e não contribui em nada — apenas atrapalha. E chamem-nos de pressuposicionalistas se quiserem, tanto faz. O ponto é que a lei natural não tem lastro, não tem base, e não pode ela mesma ser julgada, pois é posta, em última instância, acima da lei de Deus ou em paridade com ela. A verdade é que a “Lei natural” só pode ser o que Deus condena na Lei e que é de conhecimento universal, apenas isso.

### INTERPRETAÇÃO DA LEI

#### *Interpretação Principiológica*

Saber o que é a Lei de Deus não garante sua interpretação correta e começamos a discutir o que é o certo em suas afirmações. Por isso aqui muitos homens chatos começam a dizer que a lei na verdade se lê de modo principiológico, isto é, de que ela dá princípios e a partir deles desenvolvemos o restante das ordens. A despeito do fato de este ter sido *exatamente o mesmo pensamento dos fariseus*, não os tratarei propriamente como fariseus, porque a verdade é que há alguns pontos distintos porque os fariseus não possuíam o Novo Testamento.

Porém, vamos testar a interpretação principiológica com três ordens na lei, para vermos se ela resolve e permite tal justificativa:

O primeiro exemplo é extraído de uma história na Lei: Jacó, Raquel e Lia. Em Gênesis 29 nos é dito que houve intensa disputa entre Lia e Raquel, de modo que brigas, confusões, estresse e coisas semelhantes estavam presentes. Disso — dizem os que leem com os olhos “principiológicos” — se deduz que

os casamentos poligâmicos (um homem, várias mulheres) levam a uma maior briga no lar, e que neste texto em particular temos um sinal de desaprovação dele (do casamento poligâmico, no caso). Essa é a proposta principiológica.

Por outro lado, nós (os autores deste texto) **defendemos que o texto, e em especial os mandamentos, precisa ler lido como concebido e na estrutura que estabelece, ou seja, ele não vem de princípios, mas estabelece os princípios** e para nesse estabelecimento sem maiores desenvolvimentos. Por exemplo, no caso de Jacó, ele se une a duas mulheres que são *irmãs*; por nossa leitura, isso apenas mostra que casamentos poligâmicos com irmãs produzem problemas e disputas, de modo que esta seria a interpretação única possível do texto. Para nossa alegria, posteriormente, tanto a Lei quanto os profetas explicam essa relação de Jacó: Levítico 18:18 diz que não se deve casar com duas irmãs, pois uma se torna rival da outra (e não é exatamente o que ocorre entre Lia e Raquel?). O texto é claro e objetivo (além de não possuir nenhuma pena externa). Duas irmãs jamais devem ser tomadas dentro do mesmo casamento. Ironicamente, há quem chegue neste texto de Levítico e presuma a mesma coisa: “o texto proíbe casamentos com mais de uma mulher”. Se proibisse, bastaria dizer: “não tomarás duas mulheres, pois Deus não aprova”.

- Obs.: há quem esconda dos filhos a história de Jacó com suas duas esposas. Essas pessoas têm *vergonha da Lei de Deus*. Não é uma questão de momento para ser mostrado, é uma questão de que elas se acham mais sábias do que Deus, que registrou o texto para que todos ouvissem sua leitura de modo público a cada sete anos (Dt 31:9-13). Deus mesmo quis que toda a lei (incluindo Jacó com as esposas) fosse ouvida por homens, mulheres e crianças (v. 12).

Mas não paramos aqui. Em Ezequiel (os profetas são intérpretes da Lei que trazem revelações específicas sobre a negligência do povo em relação a ela), no capítulo 23, nos é dito que Deus se casou com Israel e com Judá (portanto, um casamento poligâmico — confira Jeremias 3). É interessante a forma como o texto divide Israel e Judá porque sabemos que havia entre ambas as partes disputas, basta ver de 1 Reis 12 até 2 Reis 17 para que notemos que não é sem motivo que Deus divide Israel em duas esposas, para deixar claro que a lei estabelecida (de que duas esposas irmãs é problemático) está em voga. E como não há pena de morte para isso, Deus não está em pecado por se casar com duas irmãs. Israel e Judá viviam em disputas, eram briguentas, e até para aceitar Davi como rei primeiramente o sul o aceitou e só depois de 7 anos o norte o elegeu (1 Rs 2:11; 2 Sm 2:10, 11; 5:5; 1 Cr 3:4, 5)! Não temos aqui a disputa de duas irmãs (Israel e Judá) com um único marido (Deus)? (leia Ezequiel 23, Jeremias 3 e 2 Samuel 19:40-43)

Disso podemos inverter o processo que normalmente é tomado na interpretação principiológica. Nela se diz que o texto *possui* princípios, na nossa, dizemos que o texto *é o princípio*; ou seja, não há um princípio abaixo do texto, nas entrelinhas, subliminar etc., mas o texto em si como está



expresso é o princípio do qual se vê a ordem. Mas continuemos em mais dois exemplos:

“Não Furtarás” (Êx 20:15). Que é essa ordem? Você não deve tomar ou reter nada de alguém com ou sem o conhecimento da pessoa (Lv 6). Como o principiológico vê essa ordem?

1 — É uma ordem para trabalhar; 2 — é uma ordem para trabalhar bem; 3 — é uma ordem para compartilhar; 4 — é uma ordem para não ter preguiça (veja, por exemplo, o livro do Jean-Marc Berthoud sobre o oitavo mandamento).

Perceba que, se nos valermos desse princípio, fazer qualquer uma dessas coisas acima é equivalente a quebrar o mandamento. Mas vamos para o primeiro caso:

É uma ordem para trabalhar. Se for exatamente isso, por qual razão a ordem foi escrita como “não furtar” ao invés de “trabalhe” (de modo positivo)? Alguns, como Rushdoony, vão dizer que é pra evitar a tirania, mas se isso é verdade, e eu deduzo do mandamento exatamente a ordem positiva como igualmente ordenada, resulta-se exatamente na mesma tirania que dizem que o mandamento tenta evitar (e caem naquilo mesmo que condenam). Ainda, considerando isso, a ordem positiva, diferente do mandamento, não tem “borda”. Por exemplo, se eu tiro férias de um mês e não trabalho em nada durante este tempo estarei furtando? Pior, se eu enriqueço jovem e decido parar de trabalhar, tendo condições de sustentar a mim mesmo e minha família (além de ajudar outras pessoas), estarei furtando? Alguns, para serem consistentes, afirmam que sim, que há furto nessas situações (afinal, não querem largar o legalismo).

Se formos adiante ainda temos mais questões: quando posso começar a considerar que é furto o não trabalho? Ou, o quanto de ociosidade é furto? É claro que o “oposto” de furtar é trabalhar, mas isso não equivale a que seja isso que o mandamento tem como foco ou objetivo. Naturalmente, concebemos o mandamento como foi escrito: independente de você ser rico, pobre, trabalhar ou não trabalhar, você só quebra o mandamento se tomar algo de alguém. É só isso que o mandamento diz e nada mais. Mesmo quando Paulo fala dos crentes que não trabalhavam em Tessalônica ele não chama atenção deles como ladrões, nem manda que sejam excluídos do meio da igreja como faz ao jovem incestuoso em Corinto. Ora, isso só pode ser assim porque em Corinto há uma transgressão do mandamento e em Tessalônica não. Para além disso, basta ler o nosso outro texto sobre “O Pecado da Pirataria”, no qual expomos um pouco mais este mandamento.

É uma tolice sem igual que venhamos colocar cargas além daquelas que Deus nos dá e, daqui, o segundo ponto para nossa “hermenêutica da lei” precisa ser notado: se o primeiro ponto afirma claramente que devemos ler o texto em si como princípio, o segundo **afirma que não devemos deduzir dele o oposto como ordem equivalente ao que é proibido**. A isso acrescentamos que deve haver cuidado, pois o primeiro mandamento exige

o oposto dele em relação à sua negação, mas o próprio mandamento se explica em seguida, dizendo para termos somente um Deus, o verdadeiro.

O terceiro caso é o da dedução com base na perfeição. Poderíamos dizer que este é o argumento mais grego dos que dizem que a Torah possui princípios subjacentes. Mas vejamos para que fique mais claro:

Normalmente se apela para a ideia de que o ideal é o modo como Deus criou o mundo, isto é, do modo como Deus fez Adão. Assim, o ideal é o homem ter uma só mulher, não existirem prostitutas, (comer somente) vegetais [dedução adventista e de outras seitas]...

Mas segundo este mesmo princípio, também deveríamos: andar nus, não comer churrasco [para quem defende isso mas não é vegetariano], morar em alguma floresta ou jardim sem casa ou tenda (afinal, a tenda foi invenção de um ímpio no cap. 4 de Gênesis), etc. etc.

É claro que não querem aceitar todas as implicações e, por isso, iremos além. Em 1 Co 15:45–50 Paulo estabelece o princípio da perfeição: não é ser de carne e sangue, pois carne e sangue não podem herdar o reino de Deus (isso significa que Cristo, neste momento, não possui mais “carne e sangue”, mas outro tipo de corpo, embora seja físico e não um mero espírito). Ele claramente diz que, em última instância, Adão não possuía a perfeição, porque sua carne era corruptível (v. 47, 50).

Desse modo, o primeiro Adão tinha tudo para o fracasso, pois sua carne era sujeita à Queda, e o que teremos após a morte não é sujeito a nenhum tipo de queda ou pecado. Agora somos como Adão, no corpo; após a morte seremos como Cristo. Veja que Paulo vai na contra mão do “ideal” e diz que o primeiro Adão justamente não é o “ideal”. Essa lógica do “ideal” é utilizada para interpretar vários textos bíblicos, e jogar culpa sobre indivíduos que apenas não conseguem ser “tão intelectuais, sábios, fortes etc.” quanto aqueles que defendem tais coisas. Nós, por outro lado, dizemos diferente disso: **primeiro que nenhum ‘ideal’ pode ser equivalente a um mandamento (ou seja, ande nu se for o contrário disso) e, segundo, que nenhum ideal pode ser deduzido de um texto que claramente não diga isso.**

Essas três coisas acima nos levam à seguinte conclusão: **se a lei bíblica não proíbe, não pode ser pecado, pois só é pecado o que ela proíbe.**

Veja claramente isso desse modo:

0 — **Não existe** Lei Natural fora das ordens dadas na Torah;

1 — O texto **estabelece os princípios**, e não se baseia em outros princípios;

2 — Não podemos deduzir dos mandamentos o **oposto deles de modo equivalente**;

3 — **Nenhum ideal** pode ser equivalente a um mandamento;

C — Portanto, **só o que a lei bíblica** [mandamentos] **proíbe é pecado.**

C(a) — O pecado é somente aquilo que a **lei atrela à morte**;

C(b) — Portanto, só é mandamento o que possui como consequência **a pena de morte**.

C(c) — As festas e o culto eram regulamentados, a vida comum não tem regulamentos, apenas **limites**.

Você pode pegar o ponto 2 e dizer: “mas o primeiro mandamento dos dez diz que não podemos ter nenhum outro deus diante do Deus verdadeiro, logo, o contrário disso, é ter somente o Deus verdadeiro! Aha! Te peguei!”. Triste engano.

O primeiro mandamento diz claramente que devemos cultuar somente um Deus quando diz: “não terás outros deuses *além* de mim”. Ora, o que é isso senão dizer claramente que só há o Deus vivo e verdadeiro? Além disso, há mais mandamentos que ordenam amar somente a Deus de modo positivo e claro (Amarás o SENHOR, teu Deus, com todo o coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças — Dt 6:5). Só um tolo se esquece de que os mandamentos de Deus não são somente os dez dados (em Levítico 18 e 20, por exemplo, o texto claramente diz que as proibições sexuais ali expressas são mandamento de Deus, a diferença é que os Dez Mandamentos são a *base* e o mais direto sobre o que devemos praticar). É tão tolo pensar fora disso que é absurdo que ainda acreditemos em homens que vivem a inventar leis que nem a Torah deu.

*Interpretação Quádrupla – Modo Positivo de Entender a Lei*

Qual princípio *interpretativo* (não embaixo da lei, mas de como entendê-la) deveríamos utilizar? Abaixo sugeriremos aquilo que chamamos de interpretação quádrupla, pois está fundamentada em quatro pontos que direcionam o entendimento e organização mental do que o texto bíblico condena e como condena.

Essa interpretação está baseada em como os autores do Novo Testamento encaram o texto bíblico, além das próprias subdivisões do texto na Lei e nos Profetas. É importante reparar que essa forma de ler é contrastante com o método puritano da divisão tríplice da lei, ou seja, ambas as coisas não funcionam bem juntas, de modo que ou se descarta a interpretação quádrupla ou a divisão tríplice (que divide a lei em Lei Moral, Civil e Cerimonial). Apesar de não parecer a princípio, até o fim da leitura você mesmo poderá constatar essa discordância entre os métodos.

Pois bem, quais são as categorias? Dividimos o entendimento moral da lei em quatro categorias:

Pecado

Impureza/Imundícia

Desonra

Tolice ou Falta de Sabedoria

A primeira de certo modo já vimos acima, no nosso texto, mas cabe leve resumo:

**O Pecado** é aquilo que está atrelado à morte na Lei de Deus, ou seja, é a infração dos mandamentos. Como diz o Apóstolo Paulo, sem lei não há transgressão (Rm 4:15) e João diz de modo positivo que o pecado é a transgressão da Lei (1 Jo 3:4), de modo que o resultado disso é a pena de morte (Rm 6:23) ou derramamento de sangue animal (Hb 9:21, 22). Assim, o método para saber o que a Lei condena como pecado é ver a morte atrelada como pena. É curioso que o pecado não possui a morte como resultado natural, mas sobrenatural, visto que não há nada, por exemplo, no adultério, que explique a morte como pena, assim como não havia na árvore no meio do jardim. **O pecado o é apenas e tão somente porque Deus o diz.** Se Deus não diz, não há transgressão, e portanto não há pecado. Por isso, a conexão entre o pecado e morte só é perceptível por quem enxerga espiritualmente, pois vê como Deus estabelece e não como a cultura ou as consequências de atos individuais retumbam. O contrário do pecado é justiça e piedade.

- Obs.: às vezes o pecado vem categorizado como “abominação” ou “maldade”, em textos como Lv 18:22; 20:13 (o termo hebraico é diferente do utilizado em Lv 11 e que também é traduzido como “abominação”, de modo que um texto tem uma ênfase moral de fato, enquanto que o outro tem de mera separação). Sabemos que, por padrão, abominação gera a pena de morte, embora seja categorizado assim às vezes por não haver meios de provar (como provarei que dois homens dormiram juntos?). Isso nos leva também aos pecados que *somente Deus punia*, como a quebra do primeiro mandamento, isto é, a de não crer nele (alguém podia, “civilmente”, não crer em Deus, mas evidentemente este sofreria as penas por não crer, porém, diretamente da parte de Deus – não dar graças quando recebe o alimento, alguns pecados sexuais etc. seriam outros exemplos [chamamos isso de “pecado subjetivo”, quando uma autoridade além de Deus não pode punir]).

A **Impureza** possui duas formas de ser vista, duas no AT e uma no NT. No AT há impurezas que são pecado, e no NT *toda* impureza é pecado. Porém, não notamos que nem toda impureza gera morte no AT, e como nem toda gera a morte, nem sempre ela pode ser pecado. O livro de Levítico está cheio de exemplos destes. Comer carne de animais impuros não resultava em morte, pois não era pecado (Lv 11:1-24). Ter relação sexual com sua própria esposa resultava em impureza (Lv 15:18), mas não era pecado (afinal, tanto o AT quanto o NT recomendam isso fortemente). A Teologia da impureza tem por interesse ensinar como o pecado tirou a naturalidade de todas essas coisas, quebrou os padrões e fez o homem sujar até o que estava anteriormente limpo – em última instância, a impureza também sinaliza a mistura de interesses, ou hipocrisia (não é uma palavra primeiramente ligada ao sexo como muitos pensam). E do que a impureza afasta o homem? Do culto a Deus. Em Levítico é claro que quem está impuro não pode oferecer nada a Deus, de modo que está distante dele. Se um impuro tocasse em algo

santo, então assim ele morreria. No NT é mais claro o que Deus intencionava dizer com a impureza, pois, quando um homem se deita com outro (Rm 1) aí vemos impureza, pois é confusão. Assim, qualquer coisa que impedia, no AT, o culto a Deus, era impureza por padrão, e qualquer coisa que confunda as classes que Deus dividiu (como homem e mulher, ou o ânus sendo utilizado no lugar da vagina), então há impureza. O contrário da impureza é santidade ou pureza.

A **Desonra** é, em geral, um processo de problema familiar, em si é uma mancha da honra pessoal ou do seu nome, mas não é, em si, pecado ou impureza, pois não gera morte e nem o separa do culto a Deus (apenas no caso do sacerdote é que se separa assim). Por exemplo, quando Paulo diz que a falta do uso do véu na mulher casada gera desonra para o marido, está dizendo não que o marido está pecando, nem está impuro, mas que ela será inevitavelmente desejada por outros homens no culto, contrariando o poder dado por Deus de ter a esposa sob a cabeça do marido (cf. 1 Co 11). No Antigo Testamento, o não cumprimento do voto de Levirato era uma desonra (Dt 25:5-10), pois resultava meramente na humilhação do irmão que não quis dar descendência ao outro e anunciou isso sem se casar com a viúva (diferente do caso de Onã, que se casa, mas recusa dar descendência ao irmão, resultando na quebra de promessa e pecado, por isso Deus o matou). As penas são geralmente intrafamiliares, sem penas aplicadas por parte de autoridade externa (veja quem pune o homem na quebra do levirato). Assim, quando não há consequência direta relacionada, nem há morte, e nem separação das coisas santas, estamos diante de um ato de desonra. O contrário da desonra é honra ou respeito.

- Obs.: a honra é a única coisa que poderia ter um fator cultural, mas a própria Escritura mostra que, em verdade, tem relação com os papéis gerais *esperados* na Escritura. Por exemplo, uma filha idealmente deve casar virgem, do contrário, há “má fama” (Dt 22:14; veja Êx 22:16, 17). Caso isso seja conhecido de todos, a mulher apenas tem sua honra desfeita, mas não morre, pois na Escritura o pecado dela seria mentir sobre a virgindade (Dt 22:14ss) e não necessariamente a ter perdido (Êx 22:16, 17). Este é, talvez, um dos melhores exemplos do que é falta de honra ou o possuir dela (no restante do livro exporemos melhor estes textos). Deus ordena, também, que Isaías ande nu (Is 20 – ou quase sem roupa), o que é desonra, mas como não há pecado Deus não está se contradizendo, apenas quebrando e humilhando o profeta.

Por último, existe a **Tolice** ou falta de sabedoria. Diferente das coisas anteriores, a tollice possui consequências claras do tipo causa-efeito. Se você bebeu muito, não pecou, mas sofrerá as consequências das dores e cansaço que vem disso; se você for preguiçoso, não estará pecando, mas ficará pobre e dependente. Você pode ser um crente tolo, nesse sentido, e é algo que mesmo Isaías prevê para a Nova Aliança (Is 58:8), mas não deixará de ser crente. Talvez você pense que “o temor do Senhor é o princípio da Sabedoria”, porém, quando isso aparece em Provérbios, o contexto é *sempre* moral, ou seja, o medo que você tem de Deus é que te ensina a diferença entre o certo

e o errado (cf. Dt 4:5, 6, onde sabedoria é conhecer a Lei de Deus e a praticar). A falta da sabedoria “educacional” não é um problema para a Lei de Deus, já que a Lei é para todos. Ninguém será menos santo por não saber ler, ou não saber um cálculo, ou não saber filosofia – embora saber estas coisas possa ajudar você ganhar um bom dinheiro ou mesmo a ajudar melhor alguém. O contrário da Tolice é Sabedoria ou Inteligência.

Então, se sua preocupação é saber o que a Lei diz ser certo, errado, desestimulado ou que já tenha passado, essa divisão compreensiva pode lhe ser de grande ajuda e boa ferramenta.

## CONCLUSÃO

- Pecado = morte;
- Impureza = Separação Temporária (ou pecado, a depender do contexto);
- Desonra = Sujar o nome da Família ou o próprio;
- Tolice = Não saber organizar a vida coerentemente.

Tendo visto os princípios sobre os quais construímos o assunto do casamento, agora podemos explorar cada tema separadamente.

## *O Contrato de Casamento*

Um fundamento que normalmente é aceito a respeito do Novo Testamento e é quase sempre ignorado no Antigo é que Deus se relaciona com seu povo por meio de alianças (não por tempos, mas por contratos). Mas não qualquer tipo de aliança, não uma aliança de rei e servo: ao contrário, uma aliança de casamento. A teologia Aliancista ignora isso, pois se foca em descrever a aliança de Deus meramente em termos teológicos de soberano-servo (há verdade nisso, claro, mas não é o ponto *focal*). Não é assim que ocorre nas Escrituras.

### DEUS DE ALIANÇAS

Nas Escrituras Deus não atua como um animal, ele atua como um marido, *sempre*. Geralmente confundimos os conceitos, e pensamos que a aliança do Sinai com Israel é do tipo comum no Oriente Médio entre reis e vassalos. Mas não é assim que os próprios profetas viam aquela aliança. Embora estivesse presente o conceito de rei-servo, o destaque central é de marido-esposas (Ez 23:1-9). Deus fez com Israel aliança de casamento (Jr 31:32; Jr 3; Ez 23:1-9) e isso precisa ser levado em conta quando se fala de casamento.

Precisa-se também não confundir os conceitos. Quando Deus quer ressaltar o papel de salvador e de rei, a aliança carrega em si o sangue, pois sem sangue não há remissão de pecados (Hb 9:22), mas quando Deus quer destacar suas promessas e a conseqüente relação com o povo, o sangue fica em segundo plano, e o contrato fica em primeiro plano. Como sabemos disso? Ora, a aliança que Deus fez com Adão não possuía sangue, visto que era feita apenas em termos de promessas e ameaças. A própria Torah tem certa

estrutura semelhante, com suas festas apenas figurando a aliança final de Deus com o povo, que, de fato, se daria por meio do sangue de Cristo, e deixaria o sangue em segundo plano, focando na relação posterior. Mas não devemos nos perder nas comparações. Deus fez com Adão uma Aliança, e essa aliança é base das relações humanas: Deus nos fez para nos relacionarmos com alianças.

Também é importante notarmos o papel de cada parte da aliança: Deus sempre é o marido (nunca é mulher) e a Igreja (incluso Israel) sempre é a esposa (ou esposas, a depender do que está sendo ensinado). As passagens de Jeremias 3 e Ezequiel 23 são os melhores exemplos do caso plural (esposas) e Oséias 1 é o melhor exemplo do caso singular (esposa). Perceba que os próprios profetas interpretam a aliança do Sinai e de Abraão não como uma aliança de soberano, mas de casamento. Não é metáfora. É a relação real. Prova disso que quando Paulo reafirma a proibição da relação com uma "prostituta cultural" ele reforça que somos um espírito com Cristo (1 Co 6:17, 20). Metáforas não podem ser doutrinas que dividem o certo do errado, logo, é essencial notarmos que há, *de fato, um casamento entre Deus e o seu povo.*

Seria absurdo se fosse algo diferente. Pois, pense em Oséias. Se o casamento entre Deus e o seu povo é uma metáfora, então Oséias está fazendo uma metáfora de uma metáfora (ele se casa com uma prostituta para simbolizar a relação de Deus com seu Povo no AT), e nunca pode alcançar a realidade. Até onde sabemos, o AT é *sombra* da realidade, e não uma *sombra de outra sombra* (Cl 2:17 – mas note que o texto fala da lei, presumindo que o casamento de Deus no AT é uma sombra).

Agora confira Ezequiel 16. Ezequiel 16 descreve o percurso de Israel desde quando surgiu até o cativeiro egípcio, sua multiplicação em Êxodo 1, seu crescimento, o amadurecimento para a libertação e até, em fim, o casamento (no Sinai). É importante notar que o profeta não descreve isso tudo como uma linda metáfora de Deus e seu povo, pois no fim de Ezequiel 16 Deus diz que tratará Israel como a uma adúltera, sim, com pena de morte, e é isso o que ocorre ao povo: Israel é morta por outros povos. Se tudo for uma metáfora, nem a morte poderia ser real. Além disso, Deus não mataria o povo por uma metáfora.

Em perspectiva, é mais fácil dizermos que o casamento entre homem e mulher é que é, de fato, uma "metáfora". Por qual motivo? Sabemos pela Escritura que o casamento *sela* o fato de ambos se tornarem *uma só carne*, isso quer dizer que a morte da carne põe fim ao casamento. Considerando que somos casados com Deus espiritualmente, e isso não terá fim, o casamento no mundo atual é que figura o casamento de Deus com seu povo, e não o contrário. O que é temporário, por definição, não pode ser a *realidade*. Pensemos de outro modo: Cristo mesmo diz que no céu não há casamento (Mc 12:25), o que é lógico, mesmo a partir da Torah, pois ela apenas conecta o casamento à carne – apenas se a carne continuasse a existir é que o casamento continuaria. Ora, não é isso a prova de que, na realidade, Deus criou o casamento para expressar a relação *dele conosco* e não que o

casamento entre Deus e seu povo seja um reflexo do casamento entre homem e mulher?

Também, Deus como bom marido que é, disciplina e repreende Israel. Ensina ao povo e o povo, por sua parte, tem o contrato de submissão a Deus e suas ordens. Este é o contrato de casamento. Se o povo viola este contrato, Deus o busca. A verdade é que o contrato não deixa de existir, pelo contrário, mesmo Deus dando carta de divórcio (Jr 3:8) não diz que Israel deixa de ser sua esposa, apenas prevê que dará a Israel melhor contrato, com menor carga e maior misericórdia (Jr 3:12). Na verdade, Deus nunca abandonou Israel, pois salvou o remanescente da destruição do Templo de Jerusalém, tendo convertido os primeiros judeus em Atos 2 – 3. Deus, de fato, fez o novo contrato com Israel (nação) representada como Judá e incluiu no contrato a igreja gentílica (o restante de Israel). Depois tornou ambas em uma única igreja. Assim, toda a igreja e Deus tornaram-se um só espírito.

Ora, o casamento só pode ser desfeito com a morte da carne, mas com Deus somos casados espiritualmente. Se o espírito não morre e, em especial, o nosso marido nunca morre, o casamento nunca é desfeito com Deus, garantindo ao seu povo plena salvação. Aqui nos é mostrado, portanto, que a relação do casamento mais ainda evidencia a transitoriedade do casamento físico: Deus não fez Adão com intenção de que o casamento dele durasse eternamente. Antes, Deus tencionava apenas ensinar algo pela criação de Adão – de que o último Adão viria (1 Co 15).

Veja que a relação de Deus é matrimonial (Os 2:19, 20). Por isso, tudo o que é verdade sobre a relação de Deus com Israel/Igreja, é verdade com relação ao casamento Marido – Mulher(es). O casamento é a plena expressão da relação de Deus com o seu povo.

- Obs.: assim como Deus não é obrigado a se casar, não podemos presumir que o homem o seja. Mas, como devemos notar, o casamento de Deus com o povo permite muitas bênçãos, o que pressupõe o mesmo para o casamento homem-mulher. Se formos ao sentido pleno do casamento, saberemos que Deus o dá como benção e não como mandamento. Voltaremos a isso abaixo, comentando sobre Gênesis 2.

## GÊNESIS 2 – O CONTRATO

*E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada.*

**Portanto** deixará o homem o seu pai e a sua mãe, **e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne.** (Gênesis 2:23-25)

Precisamos contextualizar Gênesis 2. O texto não está falando sobre o modelo *ideal* de relações humanas. Não existe isso na Escritura. O texto não trata de coisas "ideais", isso é invenção nossa, por não conseguirmos explicar, com nossa mente, a razão de algumas coisas serem permitidas; antes, ele está ensinando sobre o que é *o contrato de casamento*. Demonstramos abaixo.



Como sabemos que o texto não fala de um *ideal*? Porque nem Jesus o cita dessa forma em Mateus 19 ou Marcos 10. Jesus, ao citar a passagem, prova que ela está direcionada ao *contrato* de casamento, e não ao casamento em suas relações. Precisamos lembrar que a criação de Adão foi exclusivamente para que ele representasse Cristo (1 Co 15:45), de modo que a figura não pode ser confundida com as coisas que não lhe são essenciais. Por exemplo, se Deus quisesse, poderia ter criado Adão com filhos, mas não o faz, para expressar a plena relação de Cristo com a Igreja. Deus não queria que Cristo ficasse só, e por isso deu a ele a igreja.

Invertamos: quer dizer que o *ideal* de um casamento é não ter filhos? Como você pode notar, o próprio texto diz o contrário disso. Então, não podemos assumir que porque Adão foi criado em um estado que aquele estado seja o ideal. Na verdade, Adão não poderia ser o ideal de nenhum modo, pois, como Paulo mostra, a criação de fato não era o ideal, mas tinha a intenção original de expressar a vinda de Cristo, não sendo um fim em si mesma (1 Co 15:45-50). Assim, não é um texto estritamente sobre pecado em relação ao sexo e sim sobre o contrato.

- Obs.: o que seria o ideal? Estar casado ou solteiro? Por exemplo, no Céu nós não casamos mais (Mc 12:25), isso seria prova de que o *ideal* para nós é o não casamento? Qual é o ideal: a criação ou o céu? Essa aparente contradição só existe porque raciocinamos em termos de ideais gregos e não pelas noções de certo e errado biblicamente. Deus não criou o homem para ser da forma como foi criado, pois a criação é *boa*, mas não *gloriosa*. Adão não podia herdar o reino de Deus, pois era corruptível, prova disso é que ele caiu (1 Co 15:50). Assim, em nenhum momento a criação original é, na escritura, utilizada como ideal, mas como algo a ser *superado* – e isso se aplica mesmo ao próprio casamento, pois a criação original não expressa o ideal do casamento, apenas o mandamento atrelado ao contrato de casamento, somente isso. O Céu, mesmo sendo o Ideal, não fala nada sobre o casamento na Terra, portanto, qualquer tentativa de utilizar qualquer um como ideal resulta em fracasso.

Falando em pecado, o texto não se trata de um mandamento. Como já mostramos em “O que é a Lei de Deus?”, mandamentos têm linhas demarcatórias de transgressão. “Não casar” encontra sua linha onde? Na idade? Nas condições financeiras? Pior, em Jeremias 16:1, 2 o Senhor mesmo proíbe a Jeremias que se case. Deus não pode contrariar seus próprios mandamentos, jamais ordenará que um homem se deite com a mulher de outro, ou que mate um inocente. Logo, podemos dizer que este texto não é um *mandamento*.

Se ainda formos adiante, veremos que Paulo instrui, em 1 Coríntios 7, a que não se casem os homens comuns (aos bispos a ordem é outra, mesmo em contexto de perseguição). E por qual razão Paulo diz isso? Por causa do presente momento [que a igreja vivia sob perseguição entre os anos 40 e 70 d.C. (1 Co 7:26, 27)]. Estaria Paulo contrariando a Lei de Deus? De modo algum! Ele bem sabe que há uma lei matrimonial (Rm 7:2, 3), mas essa lei

não se trata da obrigação para se casar, mas do *ato* do casamento em si, que é o contrato.

Ora, sabemos que existe algum mandamento no texto de Gênesis 2, mas se ele não é o ter filhos e nem o casar-se, qual é então? Simples, o mandamento de Deus é sobre *o que é o contrato* de casamento, daí a explicativa (o "portanto" e o "serão uma só carne", ou seja, **não podem deixar de ser**). Como Jesus mesmo demonstra, o mandamento de Deus é que o contrato de casamento *junte* os indivíduos por toda a vida (Mt 19:6). *Somente isso* e nisso está o mandamento.

Quais são as evidências disso no próprio texto?

O texto diz "**sua**" esposa: temos a sensação de essa ser uma escrita natural que simplesmente implica que os indivíduos se tornaram marido e mulher após se tornarem uma só carne. Mas a verdade é que este texto diz o *exato oposto disso*. A ordem com que as coisas acontecem esclarecerá, veja como está escrito e veja o que está demonstrado:

(a) O homem deixa pai e mãe

(b) Se une

(c) à sua mulher

Pela lógica do texto a ordem dos acontecimentos é:

(a) sua mulher (b) deixar pai e mãe (c) se une

Por que sabemos disso? Simples, o texto não diz que o homem se une à "*uma*" mulher ou "*à*" mulher, mas à "*sua*" mulher, isto é, ela é a esposa dele antes da união e não é a união que torna ambos marido e mulher – isso é claro e direto no texto, sem necessidade de muito mais explicações. Também não é dito "unir-se à sua moça" ou "à virgem", pois o texto quer mostrar que o contrato precede a união carnal e, portanto, não utiliza palavras inexatas. O texto quer mostrar que **Eva já era esposa de Adão antes de ele se unir a ela e essa união contratual tem o vínculo carnal como limitação da validade do contrato**. Ainda veremos outros textos que provam isto, mas precisamos esclarecer mais detalhes.

Por exemplo, deixar pai e mãe é algo que só pode ocorrer antes da união dos dois, pois este ato mostra a construção de nova família. Assim, o texto está ensinando a desconexão familiar existente por causa do contrato de casamento. Assim, só temos presentes aqui os pais. Eles são as autoridades do casamento, e o casamento é reconhecido diante deles.

- Obs.: o texto não está preocupado se o contrato é escrito ou verbal, pois, como vemos, o próprio contrato de Deus com o homem não é escrito, embora simbolizado pelas árvores no meio do Jardim. O texto também não está preocupado com questões pragmáticas, como se a falta de registro civil pode causar algum problema ou não para administração política (a submissão às autoridades civis não têm nenhuma relação com a validade do contrato de casamento diante de Deus – elas, no máximo, são um registro devido à nossa submissão, mas este registro não tem qualquer valor real). Veja abaixo.

Aqui ainda cabe outra informação: por qual motivo o filho é quem deixa pai e mãe? Porque diferente do que é dito por aí, o casamento era consumado na casa dos pais da mulher, como meio de os pais dela terem as provas de que ela era virgem (Dt 22:13-18; Ct 3:4) – o objetivo do texto é apenas provar a virgindade da mulher, sendo o percurso seguido não essencial para validar o casamento.

Outra pergunta que o contrato levanta é: quem pode aceitá-lo? Embora essa resposta seja dada várias vezes nos textos que vamos estudar a seguir, precisamos entender o que Gênesis aceita como as “partes”. Essas partes *não* são – como pensam os católicos – a Igreja, e nem são – como pensam os protestantes – o Governo Político, tão pouco são – como pensam os liberais – os indivíduos, embora em situação extrema eles “testemunhem” entre si e Deus. Explicamos.

Os únicos presentes no texto são os pais do homem, o que aponta que o peso do contrato está não meramente sobre os pais da moça, mas sobre a aceitação por parte dos pais do rapaz. Eles são os que aceitam o casamento ou testemunham a favor dele. Somente os pais (não os irmãos, nem o Estado etc.) têm este poder nas escrituras. Este texto de Gênesis ensina sobre o contrato do casamento, e não sobre a política adquirida pelo homem depois, portanto, devemos entender que essa é a afirmação do texto. O homem não se casa porque uma igreja disse, ou porque um político disse, mas porque os pais (de ambas as partes) aceitaram e concordaram em voto.

Em resumo, em Gênesis 2 o mandamento é o “serão uma só carne”, ou seja, “não deixarão de ser uma só carne”, tornando-se, assim, o contrato de casamento. Este contrato é firmado de modo intrafamiliar e é pelo tempo que a carne durar, fazendo a violação deste contrato ser um pecado (*spoiler*: divórcio não viola o contrato e sim o que ocorre depois dele).

## O CONTRATO DE CASAMENTO EM SIQUÉM E DINÁ – OS ERROS E COMO OS RESOLVER

*E saiu **Diná**, filha de Lia, que esta dera a Jacó, para ver as filhas da terra. E Siquém, filho de Hamor, heveu, príncipe daquela terra, viu-a, e tomou-a, e deitou-se com ela, e humilhou-a. E apegou-se a sua alma com Diná, filha de Jacó, e amou a moça e falou afetosamente à moça. Falou também **Siquém a Hamor, seu pai, dizendo: Toma-me esta moça por mulher.** Quando Jacó ouviu que Diná, sua filha, fora violada, estavam os seus filhos no*

campo com o gado; e calou-se Jacó até que viessem. E saiu **Hamor, pai de Siquém, a Jacó, para falar com ele**. E vieram os filhos de Jacó do campo, ouvindo isso, e entristeceram-se os homens, e iraram-se muito, porquanto Siquém cometera uma **insensatez** em Israel, deitando-se com a filha de Jacó; **o que não se devia fazer assim**. Então falou Hamor com eles, dizendo: A alma de Siquém, meu filho, está enamorada da vossa filha; **dai-lha, peço-vos, por mulher**; e aparentai-vos conosco, dai-nos as vossas filhas, e tomai as nossas filhas para vós; e habitareis conosco; e a terra estará diante de vós; habitai e negociai nela, e tomai possessão nela. E disse Siquém ao pai dela, e aos irmãos dela: Ache eu graça em vossos olhos, e darei o que me disserdes; aumentai muito sobre mim o dote e a dádiva e darei o que me disserdes; dai-me somente a moça por mulher. Então responderam os filhos de Jacó a Siquém e a Hamor, seu pai, enganosamente, e falaram, porquanto havia violado a Diná, sua irmã. E disseram-lhe: Não podemos fazer isso, dar a nossa irmã a um homem não circuncidado; porque isso seria uma vergonha para nós; nisso, porém, consentiremos a vós: se fordes como nós; que se circuncide todo o homem entre vós; então dar-vos-emos as nossas filhas, e tomaremos nós as vossas filhas, e habitaremos convosco, e seremos um povo; mas se não nos ouvirdes, e não vos circuncidardes, tomaremos a nossa filha e ir-nos-emos. E suas palavras foram boas aos olhos de Hamor, e aos olhos de Siquém, filho de Hamor. E não tardou o jovem em fazer isto; porque a filha de Jacó lhe contentava; e ele era o mais honrado de toda a casa de seu pai. Veio, pois, Hamor e Siquém, seu filho, à porta da sua cidade, e falaram aos homens da sua cidade, dizendo: Estes homens são pacíficos conosco; portanto habitarão nesta terra, e negociarão nela; eis que a terra é larga de espaço para eles; tomaremos nós as suas filhas por mulheres, e lhes daremos as nossas filhas. Nisto, porém, consentirão aqueles homens, em habitar conosco, para que sejamos um povo, se todo o homem entre nós se circuncidar, como eles são circuncidados. E seu gado, as suas possessões, e todos os seus animais não serão nossos? Consintamos somente com eles e habitarão conosco. E deram ouvidos a Hamor e a Siquém, seu filho, todos os que saíam da porta da cidade; e foi circuncidado todo o homem, de todos os que saíam pela porta da sua cidade. E aconteceu que, ao terceiro dia, quando estavam com a mais violenta dor, os dois filhos de Jacó, Simeão e Levi, irmãos de Diná, tomaram cada um a sua espada, e entraram afoitamente na cidade, e mataram todos os homens. Mataram também ao fio da espada a Hamor, e a seu filho Siquém; e tomaram a **Diná da casa de Siquém**, e saíram. Vieram os filhos de Jacó aos mortos e saquearam a cidade; porquanto violaram a sua irmã. As suas ovelhas, e as suas vacas, e os seus jumentos, e o que havia na cidade e no campo, tomaram. E todos os seus bens, e todos os seus meninos, e as suas mulheres, levaram presos, e saquearam tudo o que havia em casa. Então disse Jacó a Simeão e a Levi: Tendes-me turbado, fazendo-me cheirar mal entre os moradores desta terra, entre os cananeus e perizeus; tendo eu pouco povo em número, eles ajuntar-se-ão, e serei destruído, eu e minha casa. E eles disseram: **Devia ele tratar a nossa irmã como a uma prostituta?** (Gênesis 34:1-31)

Aqui temos um caso estranho, Siquém primeiro se relaciona com Diná, humilhando-a. Porém, note que o próprio Siquém pede ao pai pra tomar Diná por mulher pra ele, provando que os homens entendiam que a relação sexual não tornava os indivíduos marido e mulher. Mais ainda, ele seguiu certinho a relação de Gênesis 2: o homem é quem deixa pai e mãe, e precisa da autorização dos pais da moça para o casamento. Inclusive, dentro disso, nota-se que a relação sexual sem casamento com moça que **tem** pai e mãe é *insensatez* (note: "deitando-se com a filha de Jacó" é o problema, caso ela não tivesse pai e mãe, o texto trataria de outro modo). Claramente o que está em vista é um ato de *desonra*, não um ato de pecado (veremos adiante mais sobre isso).

Hamor e Jacó também entendem que Siquém não estava casado com Diná. Porém, o problema que ocorre é que, no meio de tudo, Siquém para de tratar com Jacó e passa a tratar com os irmãos de Diná (esta foi a grande falha dele). Até então, enquanto tudo fosse sendo resolvido por Jacó, o processo seguiria conforme Gênesis 2 e Êxodo 22 especifica, mas a ansiedade de Siquém o impediu de tratar com a autoridade devida. O resultado: os irmãos de Diná matam Siquém e sua família. Sim, eram homens inocentes diante de Jacó, e pra que isso não se repita é que a lei de Deus explica o processo de casamento melhor posteriormente.

Pois bem, dito isso, Diná foi para casa de Siquém (*sem cerimônia* [pois casamento não é cerimônia, mas nada impede que haja], e sem outra autoridade), tornando a situação mais complicada ainda. Afinal, a propriedade é do marido, e se Diná vivia com Siquém, já poderia ser considerada sua esposa. Mas os filhos de Jacó foram ímpios, violaram o próprio voto, mataram inocentes, e fizeram mal. Tudo com base no fato de Siquém tratar Diná como prostituta. Ora, a bíblia pune com morte a prostituta e quem se deita com ela? Claramente que não (veremos em outro texto este assunto), a menos que seja sexo cultural; por isso há impiedade nas mãos dos filhos de Jacó. E Deus, pra impedir que isso ocorra novamente, ensina:

*Se alguém seduzir qualquer virgem **que não estava desposada e se deitar com ela**, pagará seu dote e **a tomará por mulher**. Se o pai dela **definitivamente recusar dar-lhe**, pagará ele em dinheiro conforme o dote das virgens. (Êxodo 22:16,17)*

Ora, o sexo torna ou não em marido e mulher? Veja, o texto de Êxodo 22 quer impedir que ocorra novamente o que ocorreu com a família de Jacó, não é sobre prostituição, nem sobre qualquer outra coisa. Êxodo 22 mostra que o homem se torna obrigado a tomar a moça com quem fez sexo por mulher, *tendo a seduzido* (o que é diferente de uma prostituta, que não há sedução, só pagamento) considerando que ela *mora com o pai*. É nessa relação que há obrigação para *casar*. Em Êxodo qualquer outro parente é excluído da relação, mostrando que se a moça mora sob a autoridade de um pai o homem é obrigado a casar-se com ela. Por outro lado, o pai pode recusar, mostrando que ambos não são marido e mulher, e nem o homem sofre pena de morte (caso fosse o pecado do adultério sofreria, portanto, isso não tem relação alguma com adultério e não pode ser deduzido do adultério).

Na verdade, o que o texto quer garantir é que não ocorra o que aconteceu com Siquém: a morte. O homem é *inocente*, embora tenha desonrado a moça. E, na lei, desonra não é pecado (como já mostramos na introdução). Ora, se um homem tratar uma moça que mora sob a autoridade dos pais como prostituta (se deitando com ela) então é a pena de morte que deve ser aplicada? Não! Pois não há pecado, somente desonra. Agora podemos retomar o assunto: o que o contrato de casamento é? União sexual? Não, pois nenhum pai pode invalidar a união de casamento em nenhum lugar na Escritura: o que juntou Deus não o separe o homem. Em outras palavras, Êxodo 22 prova que o sexo não tornou ambos casados, pois “tomará por mulher” é futuro, não presente, e o pai pode recusar tornar a filha em esposa, significando, portanto, que ambos não se casaram.

Mas isso tudo cria outro problema, e se a moça esconder do pai que já fez sexo com algum homem? É bem simples, neste caso, *ela pecou*:

*Porém, se isto for verdade [de que não era virgem], que se não achou na moça a virgindade, então, a levarão à porta da casa de seu pai, e os homens de sua cidade a apedrejarão até que morra, pois fez loucura em Israel, **prostituindo-se na casa de seu pai**; assim, eliminarás o mal do meio de ti. (Deuteronômio 22:20, 21)*

Veja, Êxodo 22 está prevendo que o pai saiba do ato sexual e busca preservar a vida de homem e mulher, pois não há, em si, um pecado. Porém, aquela que se relaciona sexualmente escondida do seu pai morre, pois praticou pecado, ao violar a autoridade do seu pai. Note que o texto de Deuteronômio não disse que a moça estava casada com outro homem, mas que se prostituía *na casa do pai* (mostrando que não morreria se não morasse com o pai [há uma exceção caso o pai fosse sacerdote – Lv 21:9]).

Deuteronômio 22 está provando, por todos os meios, que: 1 – o sexo não é casamento; 2 – mas é uma violação do casamento, *caso a moça o tenha praticado sob a autoridade do pai, não tenha chegado ao conhecimento deste e ela se case com outro homem*. Pode surgir uma dúvida: quando a moça deve contar para o pai que se relacionou sexualmente? Antes de casar-se com outro homem, assim, o pai irá seguir o percurso de Êxodo 22:16, permitindo ou invalidando a relação que ela teve e tornando-a livre para se casar.

Ora, se moça e rapaz se uniram sexualmente, o que são? “Uma só carne” (1 Co 6:16), mas não marido e mulher. Como vimos acima, é necessário um contrato para que “uma só carne” seja equivalente a se tornar “marido e mulher” (portanto, o homem se faz uma só carne com quantas mulheres se unir sexualmente, contudo, só com a que faz contrato de casamento o é por toda a vida). Mas pense de outro modo, se é verdade que tornar-se uma só carne equivale a casamento, o que podemos dizer de Raabe, a ex prostituta? Devo dizer que Deus não anula nenhum casamento, quer tenha se dado antes ou depois da conversão. Portanto, se Raabe era uma só carne (no sentido do casamento) com os homens que ela se uniu, ela não só adulterou, mas tornou o marido dela adúltero, e Cristo descenderia de uma pessoa que *permaneceu* no adultério (Mt 1:5 – Davi adulterou, mas não permaneceu assim).

- Obs.: Dt 22:20 mostra que o homem só descobriu que a moça não era mais virgem porque esta não sangrou (cf. os v. 17 [a roupa com o sangue era mostrada como prova de virgindade, o que deve explicar o motivo de a primeira noite de sexo poder ser na casa dos pais {Ct 3:4}]). Por outro lado, se não há união carnal, o contrato pode ser rompido por uma das partes, como o noivo, e vemos isso na história de José (Mt 1:18-20), provando que Dt só quer nos mostrar que o contrato não pode ser mais cancelado após a união física, porém, não diz nada sobre o que ocorreria sem essa união. Se José se unisse à Maria, do ponto de vista do conhecimento dos fatos por ele, ela seria digna de morte, mas a liberando do contrato, ela não se tornaria pecadora, e não mereceria a morte, apenas seria obrigada a se casar com quem a tivesse engravidado (Êx 22:16, 17). Assim, devemos saber que o contrato pode ser rompido pelo marido, desde **que a união não seja consumada**.

Só a aliança pode tornar o valor de “uma só carne” em algo maior do que mera relação sexual (2 Sm 5:1). Esta é a razão do porquê não dizemos que animais se casam, pois não podem fazer alianças nem praticar a justiça, que é a imagem de Deus no homem. Os animais não fazem sexo? Mesmo assim não esperamos que a união deles seja tratada como casamento.

#### JUDÁ E TAMAR – O CASAMENTO COMO CONTRATO ACIMA DE TUDO

*Judá, pois, tomou uma mulher para Er, o seu primogênito, e o seu nome era Tamar. Er, porém, o primogênito de Judá, era mau aos olhos do Senhor, por isso o Senhor o matou. [...] Então disse Judá a Tamar sua nora: Fica-te viúva **na casa de teu pai, até que Selá, meu filho, seja grande**. Porquanto disse: Para que porventura não morra também este, como seus irmãos. Assim se foi Tamar e ficou na casa de seu pai. [...] Passando-se, pois, muitos dias, morreu a filha de Sua, mulher de Judá; e depois de consolado Judá subiu aos tosquiadores das suas ovelhas em Timna, ele e Hira, seu amigo, o adulamita. E deram aviso a Tamar, dizendo: Eis que o teu sogro sobe a Timna, a tosquiar as suas ovelhas. Então ela tirou de sobre si os vestidos da sua viuvez e cobriu-se com o véu, e envolveu-se, e assentou-se à entrada das duas fontes que estão no caminho de Timna, **porque via que Selá já era grande, e ela não lhe fora dada por mulher**. E vendo-a Judá, teve-a por uma prostituta [cultual], porque ela tinha coberto o seu rosto. E dirigiu-se a ela no caminho, e disse: Vem, peço-te, deixa-me possuir-te. Porquanto não sabia que era sua nora. E ela disse: Que darás, para que possuas a mim? E ele disse: Eu te enviarei um cabrito do rebanho. E ela disse: Dar-me-ás penhor até que o envies? Então ele disse: Que penhor é que te darei? E ela disse: O teu selo, e o teu cordão, e o cajado que está em tua mão. O que ele lhe deu, e possuiu-a, e ela concebeu dele. E ela se levantou, e se foi e tirou de sobre si o seu véu, e vestiu os vestidos da sua viuvez. [...] E aconteceu que, quase três meses depois, deram aviso a Judá, dizendo: **Tamar, tua nora, adulterou**, e eis que está **grávida do adultério**. Então disse Judá: **Tirai-a fora para que seja queimada** [pena de morte = pecado]. E tirando-a fora, ela mandou dizer a seu sogro: Do homem de quem são estas coisas eu concebi. E ela disse mais: Conhece,*

*peço-te, de quem é este selo, e este cordão, e este cajado. E conheceu-os Judá e disse: **Mais justa é ela do que eu**, porquanto não a tenho dado a Selá meu filho. E nunca mais a conheceu. (Gênesis 38:6,7, 11-19, 24-26)*

Veja como o processo contratual foi seguido: após a viuvez, Tamar voltou ao seu pai (ou seja, à autoridade sobre ela), mas retornou com um contrato de casamento. Aqui precisamos usar de cautela, pois o texto diz que ela não tinha sido *dada* por mulher. Na falta de uma linguagem técnica, o sentido é claro: ela era casada com Selah, mas não tinha concretizado o ato. Como sabemos que ela já tinha contrato de casamento? Porque não só os que avisaram Judá, mas o próprio Judá reconhece que ela *adulterou* após aparecer grávida. Veja como é distinto do caso de Diná, em que o que está em vista é a *prostituição* e não o *adultério*. A prova de que isso foi notado é que a pena para adultério é a morte, logo, Tamar deveria morrer. Não acredita? Deuteronômio 22 esclarece:

*Quando houver **moça virgem, desposada**, e um homem a achar na cidade, e se deitar com ela, então **trareis ambos** à porta daquela cidade, e os apedrejareis, até que morram; a moça, porquanto não gritou na cidade, e o homem, porquanto humilhou **a mulher do seu próximo**; assim tirarás o mal do meio de ti. E se algum homem no campo achar uma **moça desposada**, e o homem a forçar, e se deitar com ela, então morrerá só o homem que se deitou com ela; **porém à moça não farás nada. A moça não tem culpa de morte**; porque, como o homem que se levanta contra o seu próximo, e lhe tira a vida, assim é este caso. (Deuteronômio 22:23-26)*

O que temos diante de nós? Algo bem simples: moça [virgem] desposada que se deita com outro homem sem nenhuma resistência comete pecado (note que o texto, mesmo ela sendo virgem, já a trata como *mulher do próximo*). Mas não só isso, pois o texto revela algo sobre a história de Judá e Tamar: Tamar estava desposada (noiva) de Selah, e como apareceu grávida sem nenhum protesto, houve sobre ela presunção de culpa, merecendo a pena que o texto previa. Inclusive, pelo modo que o texto trata o assunto, ambos (Judá e Tamar) deveriam morrer, e daí notamos que a afirmação de Judá (“Mais justa é ela do que eu”) faz todo sentido: como ele podia punir ela se ele mesmo deveria ser morto? Ele não podia acusá-la, seu julgamento não era livre, ele era culpado mais do que ela, logo, não poderia “jogar a primeira pedra”. O que temos, portanto, não é mera cultura de judeus que entendia o contrato como casamento, mas a própria lei afirmando isso – **Deus considera ambos casados quando o contrato de noivado é aceito pelos pais, depois disso a união sexual é a simples consumação.**



- Obs.: em Levítico 19:20 vemos que uma escrava noiva não morria se se deitasse com outro homem. Isso prova que o contrato de casamento pode variar a depender da estrutura contratual anterior. Porém, uma vez mulher livre, se se deita com um homem distinto estando noiva de outro, deveria morrer. O homem praticou pecado, claramente, o que o versículo seguinte mostra, pela necessidade de expiação (só do homem, pois a mulher não é tratada como culpada de adultério *neste caso* – note que isso se diferencia do caso de Êx 22 e Dt 22). Outra variação do contrato de casamento é o levirato, que impunha a necessidade de se gerar filhos pelo nome do irmão que morreu (Dt 25:5-10), este contrato podia não ser cumprido, mas, uma vez aceito e não cumprido, Deus via como pecado (gerando morte), pois seria a quebra de um voto (Gn 38:8-10 – não, o texto não fala de masturbação).

### PALAVRAS DISTINTAS PARA "CASAR"

Poderíamos colocar aqui um longo debate linguístico que não seria interessante sobre três termos que aparecem para casamento. Resumiremos o conteúdo, e quem se interessar que procure mais informações – em especial na própria Escritura.

Existem três palavras em hebraico que expressam o conceito de casamento, de um modo mais genérico até mais técnico no AT. Os termos hebraicos normalmente são equivalentes a "tomar", "tornar-se senhor (casar)" e "firmar contrato (de casamento)".

O primeiro termo, mais genérico, é "tomar". Aparece em Gênesis 4:19; 6:2; 11:29 etc. Não é um termo que explica muita coisa, pois também é usado quando uma pessoa abusa de outra, como no caso de Gênesis 34:2, além de ser usado quando Eva "toma" o fruto ou quando Deus "toma" de Adão uma costela. O termo é bem literal e apenas mostra que duas pessoas dantes separadas agora estão unidas. Um homem "toma" uma mulher em casamento, e na falta de um pai do outro lado, é natural que "tomar" implique um contrato mais simples. Seu único detalhe é que é usado enfatizando o papel masculino: sempre são os homens que tomam mulheres, e não esposas que tomam maridos.

O segundo termo, "tornar-se senhor", é mais relevante quando utilizado – o termo aparece, por exemplo, em Deuteronômio 21:3, mostrando que até um escravo poderia ser senhor se casado, e também em Deuteronômio 24:4, ao se referir ao casamento de uma mulher. Diferente de "tomar", ele possui uma ênfase de "ser dono", de modo que Sara chama Abraão de Senhor (Gn 18:12; 1 Pd 3:6). Não é sem motivo que ela o chama assim, afinal, ele era de verdade (não é somente um tratamento chique). Apenas para se notar, Isaías 54:5 chama Deus de "Marido" (baal), provando que o termo tem relação direta com casamento, tanto para Deus quanto para os homens (Jr 31:32 também usa o mesmo termo).

- Obs.: isso prova que Deus não tem problema em ser chamado por um nome “relativamente comum”, já que “Baal” também era o título de outra divindade entre os povos orientais da época. Mostrando, assim, que Deus não tem uma preocupação excessiva com um título em particular, desde que ele expresse uma realidade sobre *ele*.

O terceiro termo, mais técnico, é o “contrato de casamento”. Deus se casa com Israel para sempre (Os 2:20). Note que não é um termo somente para “noivado”, pois a quebra desse contrato equivale ao próprio adultério, no caso da mulher (como vimos na história de Tamar). A mulher, pois, não podia romper o contrato. E também porque o termo vem com um “para sempre” – e não faria sentido Deus ser *noivo* para sempre, sem nunca consumir sua relação com o seu próprio povo. Portanto, o termo é noivado/casamento em uma única palavra: provando que o contrato é único, tanto no noivado quanto no casamento.

E aqui cabe explicarmos mais um detalhe: o contrato é inviolável, e sua violação pressupõe que ambas as partes não podem constituir novo contrato, pois quebraram os votos (o homem, por não conseguir manter-se casado, e a mulher, por ter sido divorciada). Voltaremos ao assunto quando falarmos sobre o divórcio, porém cabe mais uma nota: quando Deus criou o homem e estipulou o contrato de casamento, ele estava mostrando que este contrato é inviolável por ambas as partes, de modo que era impossível de ser quebrado, como *qualquer outro voto* (Dt 23:21-23 – *não se esqueça que todo contrato é um voto/juramento*: Gn 22:16, 17).

- Obs.: em que contexto o contrato é válido? Como devemos notar, Deus mesmo se utiliza de testemunhas em seu contrato (Dt 30:19 – nós não devemos tomar as mesmas testemunhas). Isso nos aponta que é sempre necessário o contrato ter ao menos duas testemunhas para ser considerado um casamento. No caso de duas famílias funcionais, há um pai representando cada lado e, na falta deles, é certo haver duas autoridades, uma de cada lado, para validar o casamento (no caso de Deus, presume-se que os céus o representem e a terra nós).

Podemos resumir a compreensão do AT e de Gênesis 2 da seguinte forma:

1 – Gênesis 2 estabelece que a mulher é esposa do homem antes do vínculo carnal.

2 – O Vínculo Carnal é o fechamento do contrato, tornando o vigor deste contrato real enquanto durar a vida da carne (como não ressuscitamos com a mesma carne, é por isso que o casamento não é reatado na Ressurreição [Mt 22:30] – ele o seria, caso voltássemos ao mesmo corpo [como criam os fariseus e creem boa parte dos ‘reformados’]).

3 – Assim, Gênesis 2 e o AT legisla sobre o fato de o casamento ser um contrato inquebrável, pois como Jesus mostra, é sobre este contrato, e somente sobre ele, que Gênesis 2 trata especificamente (Mc 10:7-9).

O NOVO TESTAMENTO

Não há muitas passagens no NT sobre casamento *da forma* como há na Lei. A Lei é a definição dos termos, o NT é a aceitação deles. Mas consideremos umas poucas passagens para notarmos o que temos dito:

*Confessou-lhe a mulher: "Não tenho marido." Replicou-lhe Jesus: "Respondeste acertadamente, ao dizer que não tens marido; pois cinco maridos já tiveste, e esse homem com quem tu agora vives não é teu marido; quanto a isso falaste a verdade." (João 4:17, 18).*

O que temos diante de nós? Primeiro, uma interpretação de que a mulher seria adúltera, porém, não temos como confirmar o ocorrido. Sabemos apenas que ela teve 5 maridos, e estes cinco ou morreram ou deram a ela carta de divórcio. Qualquer que seja a realidade, sabemos que o fato de ela viver com um sexto homem não o tornou marido dela. Veja que a passagem nada fala sobre se este homem era casado com outra mulher ou não, já que a poligamia não era um problema. A questão é que ela e ele nunca formalizaram, ou nunca fizeram os votos de casamento, de modo que ela só vivia com ele, na prática da *porneia* (relação sexual sem contrato de casamento), provando que mesmo Jesus reconhece (de acordo a lei) que o sexo não torna duas pessoas em marido e mulher.

Outra prova de que o contrato de casamento é *a lei de Deus*, se encontra em Romanos 7:2 ("Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, *está-lhe ligada pela lei*"). Pense da seguinte forma: quando ou qual lei há na Torah que diz que a mulher está ligada ao marido enquanto este vive? Como todos esperam uma afirmação inequívoca porque interpretam a Lei de Deus sem ela mesma, não entendem que esta Lei é, claramente, a de Gênesis 2. É o único texto em que este contrato de casamento é especificado da forma como Paulo o diz (ligada pela lei enquanto o marido vive – "uma só carne" – cf. Rm 7:3). Em 1 Coríntios 7:39 Paulo diz exatamente a mesma coisa.

- Obs.: uma comparação interessante seria o voto de nazireu. Ninguém em especial era obrigado a fazê-lo, mas, tendo feito, ele tinha uma lei que estipulava sua prática específica. Fazer qualquer coisa fora desse voto (como cortar o cabelo) era uma violação dele, o que resultava em pecado (pois quebra de votos é pecado). Do mesmo modo, o casamento não obriga ninguém em particular à sua prática, mas, fazendo o voto de casamento, as limitações do voto te afetam independente de como você desejaria que fosse o casamento. Assim, não se pode desfazê-lo, já que por natureza da própria lei do casamento ele é para toda a vida, limita a quantidade de maridos (a um somente) e estabelece uma relação de superior (marido) e inferior (esposa) – sim, me chame de misógino, machista ou qualquer outro adjetivo inventado pelos especialistas.

Mas cabe uma observação, que comprova o que dissemos no início: quando Paulo explica a lei do casamento, ele *sempre* fala de que a mulher (não o homem) está ligada ao marido (e não o homem a mulher) enquanto este vive. É claro que uma coisa de certa forma implica a outra, contudo, a *forma* do argumento sinaliza algo que deixamos para tratar agora, embora presente em Gênesis. Perceba que em Gênesis 2 o texto não diz: "deixará mulher pai

e mãe e se unirá ao marido”? Por qual razão? Ora, porque a mulher é passiva, de modo que *ela é que está ligada ao marido, mas o marido não tem a obrigação de estar ligado **unicamente** (singularmente) a ela*. Logo, em Gênesis 2 vemos claramente que o contrato limita tudo a *um marido*, mas não a quantidade de mulheres.

Explicamos de outro modo: a lei de Deus (e o NT), demonstra que a mulher é que está ligada ao marido de modo singular e, embora isso implique o contrato do lado oposto como uma ligação das partes, não quer dizer que ambas as partes tenham os mesmos direitos e deveres. Ora, isso deveria ser claro, pois sabemos que, embora o contrato seja um único, o homem deve amar a mulher e a mulher deve se submeter ao marido (1 Co 7:39; Ef 5:22, 25), logo, o mesmo contrato estabelece papéis distintos e direitos distintos para as partes. Ou você dirá que Deus só pode ter *um povo*? (não estamos dizendo que ele tenha dois ou três, mas se ele *pode* ter mais de um). O povo, por outro lado, só pode ter um Deus. O contrato de casamento de Deus com o povo implica deveres para ambas as partes, mas os deveres são distintos e, conseqüentemente, os direitos. Entenda o ponto central: **o casamento é um contrato, verbal ou escrito, mas acima de tudo um contrato e este contrato tem dois lados, dando poderes distintos às partes, mas com uma ligação idêntica para ambas: a indissolubilidade do casamento.**

- Obs.: Números 5:11-31 ressoa fortemente como prova deste contrato, pois, por exemplo, o homem é o único na relação que pode ter ciúmes, e nunca isso é dado à mulher. O contrato de casamento que Deus criou implica a possibilidade de ciúmes por parte do homem (Nm 5 só fala do ciúme masculino, jamais feminino), mas jamais por parte da mulher. Isso, claramente, prova que o contrato dá direitos e deveres distintos para ambas as partes.

## O DIREITO SOBRE A CARNE DO OUTRO – USAR E SER USADO – OBJETIFICAÇÃO

Quando Gênesis especifica que ambos são “uma só carne” uma das coisas que está sendo dita é: um tem o controle sobre a carne do outro. O que é diferente de comandar a vida de modo geral, algo dito somente em relação ao marido. Vejamos o direito de “usar e ser usado” na Escritura:

*O marido pague à mulher a devida benevolência, e da mesma sorte a mulher ao marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no o marido; e também da mesma maneira o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no a mulher. (1 Coríntios 7:3,4)*

Paulo começa mostrando que há um tipo de benevolência ou bondade atrelada ao casamento e que é algo devido. Há um dever aí (portanto, ele não está inventando isso agora). Este dever é o de o homem não controlar o próprio corpo sexualmente e nem a mulher o próprio sexualmente. Por isso, na aliança de casamento, o corpo tornar-se um (até a morte) significa que sexualmente ambos se pertencem. Ironicamente, pelo fato de estarmos pensando ou que isso é uma novidade ou que isso é um princípio geral da lei,

acabamos não notando que o exemplo perfeito disso é a vida conjugal de Jacó.

*E ela [Raquel] disse: Eis aqui **minha serva Bila; coabita** com ela, para que dê à luz sobre meus joelhos, e eu assim receba filhos por ela. (Gênesis 30:3)*

*Vendo, pois, Lia que cessava de ter filhos, tomou também a Zilpa, sua serva, e **deu-a a Jacó por mulher**. (Gênesis 30:9)*

*Vindo, pois, Jacó à tarde do campo, saiu-lhe Lia ao encontro, e disse: A mim possuirás, esta noite, porque certamente **te aluguei** com as mandrágoras do meu filho. E deitou-se com ela aquela noite. (Gênesis 30:16)*

Essas ideias gregas (a de “objetificação”) inundaram nosso mundo atual, dizendo que homens que fazem com mulheres “o que querem sexualmente” é uma “objetificação”. Além do fato de isso não significar nada por estar baseado no sentimento da mulher, nós vemos que o conceito geral contradiz a Escritura que é *favorável* à “objetificação” de ambas as partes (lembre que a Escritura estabelece dotes [pagamento] para casamento, capacidade financeira do homem [para desespero do MGTOW], entre outras coisas que consideraríamos “objetificação”). O caso de Jacó prova isso e ainda prova pelo lado das mulheres. Jacó não protestou em nenhuma das vezes que elas exigiram a relação sexual dele, ou seu poder sexual. E ele fez assim porque era uma só carne com elas, e não tinha direito de recusar-lhes. Veja, é o que Paulo acabou de dizer em 1 Co 7:

*Não vos priveis um ao outro, senão por consentimento mútuo por algum tempo, para vos aplicardes ao jejum e à oração (1 Coríntios 7:5)*

Jacó estava orando ou jejuando? Se não, então não havia motivo para recusar as ofertas de Lia e Raquel. Isso significa que mesmo se Jacó não estivesse “interessado” ele deveria cumprir, visto que estes atos dele não contradizem a lei bíblica, antes, a estabelecem (conforme vemos em Gênesis mesmo o estabelecimento do contrato de casamento). Os homens não têm obrigação nenhuma de satisfazer sexualmente nenhuma outra mulher fora do contrato de casamento, Jacó, porém, tinha a obrigação de satisfazer Lia e Raquel (com as concubinas) porque estavam em contrato de casamento. Fora do contrato, se uma mulher exige minha ação sexual, não sou obrigado. Dentro do casamento o desejo sexual dela é uma ordem, seguir contra isso é violar o contrato. A lei bíblica estabelece essa relação, que posteriormente é apenas reforçada por Paulo.

Sara e Abraão passam pela mesma situação, pois ela exige que Abraão se deite com Hagar. Ora – pensam os crentes – o caso de Abraão foi uma bagunça tanto quanto de Jacó, então não pode ser isso que Paulo tenha em mente. Mas, na verdade, é justamente isso que ele tem em mente, pois é isso que Gênesis 2 estabelece: o direito mútuo sobre a carne do outro. Enquanto este direito não viola o contrato de casamento (por exemplo, o homem fazendo a mulher se deitar com outro), não há nada que prove que

o caso de Jacó e de Abraão não sejam justamente os melhores exemplos práticos do “o marido e a mulher não tem direito sobre o próprio corpo”.

Qualquer união sexual sem contrato de casamento não obriga nenhuma das partes a ter direito sobre o corpo da outra. Porém, no casamento, se uma parte (homem ou mulher) priva a outra do sexo, está defraudando-a (1 Co 7:5 – ἀποστερέω [cf. Mc 10:19]). Por isso, Jacó, mesmo se quisesse, não poderia, de modo algum, negar o sexo exigido de Lia e Raquel. O erro de Jacó foi ter se casado com duas irmãs (Lv 18:18) e não o ter feito sexo quando e com quem elas exigiram.

Podemos ver de onde Paulo tirou o conceito de defraudar (ἀποστερήσει – ἀποστερεῖτε). É sugestivo que o texto de Êxodo 21:10 use, em grego (na Septuaginta, que era a versão conhecida pelos crentes gentios de fala grega), a mesma palavra pra expressar o que Paulo diz em 1 Co 7:5. Ironicamente, é um daqueles textos que trata de poligamia, e como atualmente todo mundo tem medo de mexer nestes textos, perdemos o que o próprio apóstolo no Novo Testamento disse.

Aliás, é claro que se a defraudação é proibida em âmbito poligâmico, também o é em um âmbito monogâmico – ou você não viu eu utilizar os textos poligâmicos acima? Mais interessante fica quando notamos que o texto de Êx 21:10 carrega o conceito de “direito”, isto é, busca estabelecer o direito da primeira esposa, mostrando que o marido não só a deve servir com os bens, mas também sexualmente (talvez este texto seja um dos melhores resumos do significado do contrato de casamento na Torah [pentateuco]). Daqui vem o conceito de *servidão no casamento*. Se você não pode defraudar é porque, em certo sentido, você está em situação de servidão – que é o que Paulo desenvolve um pouco mais adiante no cap. 7 de 1 Coríntios.

Isso deve nos mostrar o papel profundo e misterioso do contrato de casamento. E violá-lo é quebrar a aliança. Normalmente a quebra deste contrato é chamada de “adultério”, “infidelidade” ou “defraudação”. Resumiremos o primeiro e o segundo termos abaixo (já que o terceiro acabamos de explicar), provando o que é adultério e o que é infidelidade:

1 – Deitar-se com moça noiva de outro (Dt 22; Gn 38)

2 – Deitar-se com esposa de outro (Lv 20:10)

3 – Desfazer o contrato de casamento e refazê-lo com a mesma mulher que já se casou e desfez o contrato novamente (Dt 24:1-4; Lv 18:20; Lv 20:10)  
– isso veremos no capítulo sobre divórcio;

4 – Desfazer contrato de casamento e refazê-lo com qualquer outra mulher (Gn 2:23-25; Ml 2:15, 16) – isso veremos no texto sobre divórcio.

## FECHANDO PONTOS PRÁTICOS

Sem aliança, contrato, não há hierarquia. Deus fez o mundo para ter hierarquia desde o princípio, com a mulher sendo criada após o homem sinalizando este próprio fato (1 Tm 2:12, 13) e a Queda apenas agravou isso (1 Tm 2:14). Se a família não entende o contrato que tem, todo o resto do

mundo será anárquico, sem obediência a nenhuma autoridade, com revoluções constantes e desprezo por todos os mais velhos. A família em si perde valor, pois é vista como fruto de uma mera união animalesca, e não como o tratado de autoridades (marido > que busca o pai da moça > se torna em si pai > repetindo o ciclo). É irônico notar que as famílias com maior respeito e submissão entre os filhos costumam ser mesmo muçulmanas, porque nestas famílias (embora enganadas por um falso profeta) ainda vigora a compreensão do contrato de casamento – veja se os filhos não respeitam devidamente os pais nestes contextos. A aliança é o que mantém a hierarquia no mundo. Deus é Deus de aliança. O homem, portanto, deve ser homem de aliança.

## NAMORO

O namoro é nada mais do que um apêndice e pode ser resolvido com um raciocínio simples:

- 1 – A Lei bíblica não proíbe nada semelhante ao namoro;
- 2 – A Lei bíblica pressupõe que rapazes e moças eventualmente fazem sexo sem contrato de casamento (o que poderia ser no namoro);
- 3 – Só há pecado se o sexo no namoro for oculto do homem que for casar com a mulher;
- 4 – Portanto, namoro não é pecado.

Precisamos explicar melhor o ponto 1: muitos dizem que o namoro é pecado porque não existia isso nos tempos bíblicos. Porém, tal coisa é uma mentira deslavada. O namoro com compromisso não existia, mas o namoro sim. A compreensão da Lei é de que relações sem compromisso não se enquadram nas proibições de Deus (como vimos no texto sobre a Lei), portanto, não é adequado que o namoro seja proibido, com a inovação nossa sendo, na realidade, o namoro com compromisso. Sabemos disso porque *sempre homens e mulheres se relacionaram sem compromisso, de modo que a Lei bíblica vê necessidade de por limites: se a moça mora com o pai, o rapaz deve se casar com ela, se oculta, então pratica pecado quando se casa com outro*. Quem lê o texto e pensa que essas coisas ocorriam por acidente é extremamente “inocente”.

Por fim, o raciocínio de Paulo em Gálatas 5 é: contra estas coisas não há lei, portanto, devemos entender que, se contra o namoro não há lei, então não há pecado nessa relação.

O outro lado do argumento de que porque não existia então é proibido simplesmente não faz sentido. Mesmo que fosse verdade que namoro não existisse, pense na seguinte situação:

O papel moeda sem lastro não existia, quer dizer que quem o utiliza atualmente peca? Claramente que não (e olha que alguns como Gary North ainda dizem que os governos pecam por emitirem papel moeda). Neste mesmo princípio, a festa de casamento com a noiva chegando depois seria pecado, já que na Escritura quem chega depois é o Noivo e se encontra com

a mulher na casa dos pais dela – portanto, todos os casamentos atuais no Ocidente seriam pecado. Pecado, como vimos, tem que ser algo proibido, e Deus nunca proibiu nada parecido com namoro, apenas impôs limites com um deles resultando em pecado *caso* se contraia o casamento com *outro* homem.

Este assunto ficará mais claro no decorrer do livro, principalmente no capítulo sobre prostituição.

## CONCLUSÃO

- O contrato de casamento é o assunto central do primeiro casamento;
- A Torah testifica que o casamento é um contrato;
- O NT reafirma o entendimento da Torah;
- A falta de compreensão deste contrato destrói a própria família.

## *Divórcio e Recasamento*

Ora, é essencial entendermos que o casamento é um *contrato*, e não uma relação sexual. Já em Gênesis 2 temos prova disso, quando é dito do casamento que o homem deixa pai e mãe e se une à *sua* mulher, isto é, ela é a mulher dele antes da união consumada. Gênesis 2 também é relevante no fato de mostrar o tipo de contrato que há no casamento: unindo-se homem e mulher neste contrato, estarão unidos enquanto houver vida em sua carne e, por isso, o contrato de casamento acaba quando o marido morre (Rm 7:3; 1 Co 7:39) – é o fim do vínculo contratual, afinal, o contrato dura enquanto há carne, e se um dos dois morre, então não há mais contrato, porque a carne não tem mais vida; é bem simples: o contrato diz que a carne é o vínculo que limita temporalmente o casamento.

De mesmo modo, é importante salientar que a Lei de Deus é fundamental neste assunto, pois o que ela fala do casamento é, naturalmente, regra. Se ela não proíbe, é permitido, se ela proíbe, não é permitido. Assim, quando a lei estipula uma forma para o casamento, ela deve ser aceita, resultando em quebra se essa linha for ultrapassada. Naturalmente, algumas coisas que a Lei bíblica permite atinge a sensibilidade Ocidental, já desde os tempos de Agostinho, embora isso não seja o nosso foco agora.

Aqui, entretanto, não nos ateremos aos problemas evangelicais levantados contra o que diremos, pois nos focaremos no que o texto bíblico diz: Gênesis 2, Deuteronômio 24, Jeremias 3, Ezequiel 23, Malaquias, Mateus, Marcos e Paulo. Tudo isso será tratado aqui, mesmo que resumidamente.

### **ANTIGO TESTAMENTO (AT)**

#### *CASAMENTO EM GÊNESIS – O CONTRATO INVOLÁVEL*



Já demonstramos fortemente o papel contratual do casamento, agora, porém, falta notarmos o detalhe que deixamos para este texto: em Gênesis 2 é-nos dito que o homem e a mulher são *uma só carne* (v. 24). Isso precisa ser entendido, primeiro, como um mistério (Ef 5:31, 32) e, segundo, como algo definitivo. O texto de Gênesis não diz: uma só carne até que algo ocorra. Ele só diz que a união existe enquanto a carne existir (sem carne não tem como ser *uma só carne*, ora bolas).

Talvez você diga: "oras, mas em Gênesis 2 não existia pecado, por isso ali o contrato é tratado de modo ideal; com o adultério e fornicção devemos entender que é permissível o divórcio e novo casamento da parte inocente". Mas em Gênesis 2 também não existe "pai e mãe" (nem Adão tinha pais e nem eles mesmos tinham filhos), e mesmo assim ambos são mencionados no texto. É óbvio que o objetivo do texto é estabelecer a regra para qualquer lugar e momento do mundo, mantendo a excepcionalidade do caso de Adão apenas no fato de não haver pecado, mas não em Deus ter voltado atrás do que estabeleceu para o contrato de casamento (Jesus vai se referir a isso dizendo: "não foi assim desde o princípio", mostrando que esta é a *ordem*, não o *ideal*).

- Obs.: judeus em suas querelas teológicas dizem que 'uma só carne' significa os filhos, mas isso é absurdo. O texto está apontando um mistério, pois não sabemos como "uma carne" é na realidade (se uma só carne é "os filhos", logo, o mistério acabou), nenhum texto explica isso; da mesma forma como ser um só espírito com o Senhor é, igualmente, um mistério (1 Co 6:17). Além disso, os judeus sabiam que Gênesis 2 estabelece um contrato inviolável, com a permissão legal para o divórcio sendo uma explicação devido à existência do pecado e, portanto (acreditavam eles), desfazendo este mistério de uma só carne (morreriam os filhos no divórcio?). Ademais, isso explica o motivo de no céu não haver casamento, já que carne e sangue não entram no céu (1 Co 15:50), impedindo novo contrato.

Veja que em Gênesis 2 o mandamento é bem claro: "e **serão** uma só carne": este é o mandamento, buscar deixar de ser uma só carne resulta em pecado, portanto, mostrando que nunca houve, mesmo na criação, nenhuma possibilidade para um divórcio e novo casamento, visto que deixar de ser uma carne é quebrar o mandamento se eu burlo isso para o ser com outra mulher (ou homem).

#### DEUTERONÔMIO 24 – A PROVA DE QUE O CONTRATO É INVOLÁVEL

*Quando um homem tomar uma mulher e se casar com ela, então será que, se não achar graça em seus olhos, por nela encontrar coisa indecente, far-lhe-á uma carta de repúdio, e lha dará na sua mão, e a despedirá da sua casa. Se ela, pois, saindo da sua casa, for e se casar com outro homem, e este também a desprezar, e lhe fizer carta de repúdio, e lha der na sua mão, e a despedir da sua casa, ou se este último homem, que a tomou para si por mulher, vier a morrer, então seu primeiro marido, que a despediu, não poderá tornar a tomá-la, para que seja sua mulher, depois que foi contaminada; pois é*

*abominação perante o Senhor; assim não farás pecar a terra que o Senhor teu Deus te dá por herança. (Deuteronômio 24:1-4)*

Não sabemos por qual razão os homens, ao lerem este texto, param no primeiro versículo, em que se menciona os motivos para o divórcio e ignoram o restante. Ora, o texto está claramente dizendo que a mulher divorciada não pode se casar novamente, pois, ao se casar novamente, se contamina e, como Levítico mostra, contaminar (no âmbito do casamento) é adultério (Lv 18:20; Lv 20:10). Mas vamos percorrer o caminho.

Primeiro, temos os motivos possíveis. Ora, o problema é claro: o homem viu uma indecência (“nudez” ou “mancha”) na mulher, e por isso lhe dá carta de divórcio. Aqui não se menciona, por exemplo, que o homem poderia ter misericórdia da mulher, pois a lei quer expressar a dureza do coração do povo. Por essa razão essa ordem não é dada de modo condicional, o que fez fariseus entenderem que era um mandamento *obrigatório* dar a carta de divórcio. Tolice. Se conhecessem a lei de Deus de fato saberiam que essa ordem existe apenas para provar o fato de que o povo (os homens) era duro de coração. Essa lei não quer mostrar que a mulher é indecente, mas que o homem poderia (e deveria) superar a expectativa e não a dar a carta de divórcio. A preocupação é que o homem não faça com que a mulher se contamine ou, em outras palavras, cometa adultério.

Por qual razão, então, a lei não diz: caso encontre um *pecado* nela? Mais interessante, Moisés (se fosse o objetivo) poderia ter recorrido ao termo hebraico *zanah*, que significa prostituição ou alguma relação sexual desonrosa (Dt 22:20, 21). Veja, a lei não se contradiria. Dois capítulos antes foi dito que se uma mulher esconder que não é mais virgem, é passível de morte (não de divórcio). E o homem, se imputar algum pecado a uma mulher com quem se casou, e isso for mentira, não pode se divorciar dela (Dt 22:16-19) – detalhe que se ele desconfiasse de pecado, também havia outro percurso: Nm 5 (a Lei do Ciúme). Assim, Deuteronômio 24 não está falando de pecado, já que em caso de pecado a mulher morreria, portanto, a preocupação de Dt 24:1 é a misericórdia. O ponto focal não é o *motivo* do divórcio, e sim que o homem não está sendo estimulado a praticá-lo, pois, ao fazê-lo, *torna* sua esposa adúltera – se ela se *casar novamente*. Por isso, o homem que se divorcia de sua mulher a torna adúltera (Lc 16:18b).

Claramente a lei não está legislando sobre a *zanah*, nem mesmo no caso da divorciada. Ora, uma mulher divorciada que se deita com um homem não se casa com ele, portanto, ela comete adultério, mas não tem vínculo de contrato, de modo que, se tiver se deitado com outro homem após o divórcio ainda pode retornar para o primeiro (e é isso o que ocorre com Israel em Jeremias 3, veremos abaixo). É só um segundo casamento que a torna indefinidamente adúltera, travando-a na impossibilidade de retornar ao primeiro marido, tornando-o adúltero caso ela retorne pra ele (pois quem se casa com divorciada...). Se sexo fosse igual ao casamento, um homem não poderia voltar a se deitar com a esposa que o traiu nunca mais, pois ela estaria casada com o outro homem para sempre! Isso anularia qualquer chance de perdão.

Em resumo, o motivo para o divórcio pode ser qualquer coisa que um homem considere vergonhoso, contudo, jamais poderá a mulher (e nem ele) contrair novo matrimônio; ele, de igual modo, não poderia ter novo matrimônio se primeiro não reatar com a esposa.

Segundo, o texto é tão claro que dispensa maiores explicações: o papel do divórcio não tem valor real para anular o ato de ambos serem uma só carne. Ele é uma formalidade que protege, de certo modo, algum outro homem de tomar aquela mulher como esposa. Assim, o divórcio não anula o voto do contrato, apenas separa as partes, que continuarão casadas.

Terceiro, o texto só trata da mulher, pois as Escrituras mostram que a **mulher** é que está ligada ao marido (Rm 7:2, 3; 1 Co 7:39). Isso é assim porque nenhum marido está ligado a alguma mulher *no singular*, porém a mulher está ligada ao *marido* (no singular). Portanto, nada melhor do que exemplificar o divórcio pela mulher, para provar não só que o homem é quem tem autoridade para o divórcio, mas que também é ela que está no papel de ligada a um único homem. Disso trataremos com detalhes no próximo capítulo.

Não sei que mágica é essa que, segundo dizem muitos teólogos, a “parte inocente pode se casar de novo”. Por qual motivo qualquer das partes estaria livre para se casar? Pense: se o casamento torna duas pessoas em uma carne, como que a parte culpada continua sendo uma carne com a outra pessoa, mas aquela pessoa não é mais uma carne com a parte culpada? Simplesmente não faz sentido, já que o contrato de casamento torna ambos uma só carne, portanto, ou o contrato é desfeito totalmente ou não é possível desfazê-lo.

Ora, dito isso, é pecado dar o divórcio? Não, de modo algum! A lei não legisla pecado, nem o regulamentava. Do contrário, Deus pecaria ao dar carta de divórcio à Israel! (Jr 3). O problema é que, tendo dado a carta de divórcio, duvido muito que algum homem ou mulher irá querer ficar sozinho o resto da vida... aí estaria o pecado.

- Obs.: Abraão não deu divórcio para Hagar, por isso ele pode tomar Quetura como esposa. Confira Gênesis 21:8-14 e 25:1 (neste ponto Sara já tinha morrido). O rei Xerxes (Assuero), também, ao se casar com Ester, não deu carta de divórcio à Vasti, impedindo, assim, que Ester praticasse o adultério ao se casar com ele (Et 1:10-12, 19 – note: como no caso de Abraão, há a falta de qualquer referência ao divórcio, apesar da distância física [não, estar fisicamente separado não é divórcio, caso contrário, uma longa viagem torna marido e mulher divorciados {ironicamente, os romanos permitiam novo casamento se o homem ficasse muito tempo longe de casa, mesmo sob governo cristão. Faltou conhecimento bíblico}]).

Fechando este capítulo (pois é muito importante), a conclusão é simples: dar carta de divórcio para minha esposa a faz adúltera, a menos que ela já o seja antes (aí não será minha carta que faz adúltera, e sim ela mesma).

### JEREMIAS 3 – UM PROVA DE DEUTERONÔMIO 24

*Se um homem repudiar sua mulher, e ela o deixar e tomar outro marido, porventura, aquele tornará a ela? Não se poluiria com isso de toda aquela terra? Ora, tu te prostituíste com muitos amantes; mas, ainda assim, torna para mim, diz o Senhor . (Jeremias 3:1)*

O que temos aqui? Ora, a explicação de Dt 24! Como já argumentamos no texto sobre o Contrato de Casamento, o casamento entre homem e mulher é, de certo modo, uma sombra do casamento de Deus com o seu povo. O que vale para um vale para o outro. Deus, portanto, não *poderia se casar novamente com seu povo se fosse possível, para este povo, se casar com outro deus*. Exatamente como vimos em Dt 24 referente à mulher.

*E, depois de ela ter feito tudo isso, eu pensei que ela voltaria para mim, mas não voltou. A sua pérfida irmã Judá viu isto. Quando, por causa de tudo isto, por ter cometido adultério, eu despedi a pérfida Israel e lhe dei carta de divórcio, vi que a falsa Judá, sua irmã, não temeu; mas ela mesma se foi e se deu à prostituição. Sucedeu que, pelo ruidoso da sua prostituição, poluiu ela a terra; porque adulterou, adorando pedras e árvores. (Jeremias 3:7-9)*

Deus mesmo deu carta de divórcio à Israel, mas como ela não se casou com outra divindade, Deus ainda lhe diz:

*Vai, pois, e apregoa estas palavras para o lado do Norte e dize: Volta, ó pérfida Israel, diz o Senhor, e não farei cair a minha ira sobre ti, porque eu sou compassivo, diz o Senhor, e não mantereí para sempre a minha ira. (Jeremias 3:12)*

Ora, aqui temos a prova final de como é o papel da carta de divórcio: ela veio para assinalar a misericórdia do marido! E, neste caso em particular, Deus mostrou que a “brecha” da lei o permitia tomar Israel de volta! Quando lemos a Escritura com Escritura, tudo fica claro. Deus não iria contrariar sua lei, ele não confundiria o que permitia. Ora, se a lei não proíbe, não é pecado, portanto, Deus pode tomar de volta a esposa que se prostituiu, e não poderia fazê-lo, caso ela tivesse se casado.

*Convertei-vos, ó filhos rebeldes, diz o Senhor; porque eu sou o vosso esposo e vos tomarei, um de cada cidade e dois de cada família, e vos levarei a Sião. (Jeremias 3:14)*

Contrariando toda essa teologia fraca de nossa época, o que vemos aqui é uma afirmação forte e verdadeira: Deus já tinha dado a carta de divórcio à Israel e Judá separadamente [Jr 3:7, 8, 10, 11] (sim, Deus é poligâmico), contudo, mesmo após já ter dado a carta (v. 8) Israel ainda era esposa de Deus! Israel cometeu adultério, recebeu carta de divórcio, mas Deus, o verdadeiro Deus, estabeleceu que o casamento não tem fim após uma carta de divórcio, e aplicou isso a si mesmo e ao seu povo! Assim temos, claramente, o fato de que Deus é um só espírito com o seu povo, já que o vínculo não é desfeito pela carta de divórcio. Por isso, após a carta Deus *ainda é o esposo*.

## EZEQUIEL 23 – A MORTE DE ISRAEL

Ezequiel 23 é um texto grande, portanto, só mencionaremos os pontos centrais. Em Ezequiel Deus não dá a carta de divórcio, ele dá pena de morte. Ora, Israel fez mais do que adorar ídolos, pois os adorou com sexo (sim, sexo mesmo, usando o sexo como meio de culto) e com a morte de seus filhos, os matando aos ídolos. Deus, para que a pena sobre Israel seja maior, não solta, dessa vez, um grito de misericórdia, mas prevê a destruição do povo.

Isso demonstra como a destruição final de Israel tornaria Deus marido só de Israel (a verdadeira). Assim como na história de Abraão, Deus mandou embora os filhos da escrava (cf. Gálatas 4) para permanecer só com sua esposa, a Nova Jerusalém, que lhe dá filhos da promessa.

## MALAQUIAS 2 – CASAMENTO EM SÉRIE COM DIVÓRCIO: INFIDELIDADE

*Judá tem sido desleal, e abominação se tem cometido em Israel e em Jerusalém; porque Judá profanou o santuário do Senhor, o qual ele ama, e se casou com adoradora [preste atenção no uso feminino] de deus estranho. O Senhor eliminará das tendas de Jacó o homem que fizer tal, seja quem for, e o que apresenta ofertas ao Senhor dos Exércitos. Ainda fazeis isto: cobris o altar do Senhor de lágrimas, de choro e de gemidos, de sorte que ele já não olha para a oferta, nem a aceita com prazer da vossa mão. E perguntais: Por quê? Porque o Senhor foi testemunha da aliança entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual tu foste desleal, sendo ela a tua companheira e a mulher da tua aliança. Não fez o Senhor um, mesmo que havendo nele um pouco de espírito? E por que somente um? Ele buscava a descendência que prometera. Portanto, cuidai de vós mesmos, e ninguém seja infiel para com a mulher da sua mocidade. Porque o Senhor, Deus de Israel, diz que odeia o repúdio e também aquele que cobre de violência as suas vestes, diz o Senhor dos Exércitos; portanto, cuidai de vós mesmos e não sejais infiéis. (Malaquias 2:11-16)*

Este é o nosso último texto do AT sobre o assunto. Nele temos o tratamento de algo incomum. Nesta altura Israel já não era um povo rico, o que dificultava para um homem, por exemplo, sustentar duas mulheres. O que ocorria, então: para não arcar com o gasto fixo de sustentar duas esposas, o homem se divorciava daquela mulher que casou quando era novo ('mulher da tua mocidade'), e se casava novamente com outra (que, além de tudo, era adoradora de outra divindade). Aqui está a importância de vermos o substantivo no feminino. Em Jeremias Israel e Judá eram duas mulheres que se relacionavam com "homens", isto é, deuses. Agora Israel é partido em cada indivíduo, que se casa com mulheres (portanto, o problema não é primariamente que cultuavam outros deuses, mas que algo estava errado no casamento).

Deus, ao mostrar que odeia o divórcio, não está odiando o que ele mesmo permitiu por meramente ter permitido, mas porque ambos os que o praticam passam a pecar (como já dissemos). Ora, os homens não eram proibidos de se casarem com mais de uma mulher, nunca o foram (Dt 21:15 – Deus não

está nem aí com essa filosofia grega e direito romano sensível ao fato de ter permitido um homem ter mais de uma esposa), mas o divorciar-se de uma para se casar com outra é deslealdade e, no âmbito do casamento, deslealdade é adultério. Não seja infiel, já que a infidelidade é a quebra da aliança, e toda a quebra da aliança resulta em morte, porque é pecado.

- Obs.: caso você não tenha notado, nenhum texto (nem no AT ou NT), permite o divórcio iniciado por parte da mulher. Isso é por um motivo simples: assim como Israel pedir divórcio a Deus seria pecado, também é pecado uma mulher pedir o divórcio contra o marido. Talvez você diga: “E os casos de abuso? O que você faz?”. Quando as Escrituras foram escritas também havia “abuso”, e mesmo assim o tratamento do texto não gira em torno deste **problema**. Mas da mesma forma como um homem não está livre para um novo casamento após o divórcio com uma mulher, mesmo que ela se torne prostituta, assim, também, uma mulher não está simplesmente livre para dar uma carta de divórcio como bem entender.

### PRIMEIRA CONCLUSÃO

Vimos que desde Gênesis os principais textos sobre casamento aceitam com tranquilidade não só a validade perene do contrato, mas mostram que o divórcio não o anula, pelo contrário, o divórcio é uma ruptura superficial, que não quebra a natureza do ter se tornado uma só carne. O motivo para o divórcio é irrelevante.

Além disso, se o NT oferece uma interpretação diferente, relaxando isso (ou aumentando a rigidez), ele claramente contradiria a Lei bíblica, o que seria absurdo, pois Deus não invalida seus mandamentos! Como Deus trata? É bem simples, se Jesus tiver vindo com alguma novidade, Cristo não poderá dizer que só diz o que o Pai o falou (Jo 14:10) se disser algo distinto do que o Pai falou!

### NOVO TESTAMENTO (NT)

#### OS EVANGELHOS: MARCOS E LUCAS

*E, aproximando-se dele os fariseus, perguntaram-lhe, tentando-o: É lícito ao homem repudiar sua mulher? Mas ele, respondendo, disse-lhes: Que vos mandou Moisés? E eles disseram: Moisés permitiu escrever carta de divórcio e repudiar. E Jesus, respondendo, disse-lhes: Pela dureza dos vossos corações vos deixou ele escrito esse mandamento; porém, desde o princípio da criação, Deus os fez macho e fêmea. Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unirá-se à sua mulher, e serão os dois uma só carne; e assim já não serão dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem. E em casa tornaram os discípulos a interrogá-lo acerca disto mesmo. E ele lhes disse: Qualquer que deixar a sua mulher e casar com outra, adultera contra ela. E, se a mulher deixar a seu marido, e casar com outro, adultera. (Marcos 10:2-12)*

Marcos foi o primeiro dos quatro evangelhos escrito, e essa informação é relevante, já que não há “cláusula de exceção”, isto é, não há neste texto

nada como “a não ser por causa de fornicação...”. Ora, não fazemos como certos comentaristas que inserem no texto o que querem ver, e que chegam a dizer que Marcos “tinha em mente a cláusula de exceção ao escrever”. Como eu saberei isso se ele não escreveu? Pior, por ser o primeiro dos quatro os seus leitores não tinham acesso ao evangelho de Mateus para comparar a tal cláusula de exceção. A verdade é que Marcos está mostrando o sentido original: o de que o divórcio não anulou o casamento, não importa o motivo.

Mas voltemos ao início do texto. Os fariseus querem testar Jesus, sabendo que entre eles mesmos havia duas concepções: a de que a carta de divórcio poderia ser dada por qualquer motivo e a de que só poderia ser dada por motivos maiores (as famosas escolas de Hillel e Shammai). *Se Jesus respondesse de acordo uma das duas escolas, a outra o poderia acusar facilmente*, e isso exporia a intriga já presente entre os fariseus. O ponto é que qualquer lado que ele tomasse seria utilizado para o difamar, já que aqui temos clara evidência de que os fariseus queriam por uma armadilha no caminho de Jesus (qual você acha que era o ‘teste’ que queriam fazer com Cristo?). Os fariseus se uniram em prol de um inimigo em comum, esperando que Jesus discordasse de um lado.

A resposta de Jesus, porém, quebrou a ambas as escolas. Jesus mostra que a dureza do coração do povo é que fez com que Moisés desse este mandamento. Ora, Cristo aponta o fator óbvio de que a dureza dos corações reforçava o motivo do mandamento, o que aponta que um coração não endurecido evitaria a carta de divórcio – apontando a misericórdia, ao invés da imposição do mandamento. Este mandamento é para que um coração duro dê a carta de divórcio e jamais volte a se casar – nisso está contido o mandamento (como vimos em Dt 24). Logo, se meu coração não for duro, não darei a carta de divórcio por motivos que não me agradem.

A finalização óbvia segue: se Deus uniu (sim, qualquer voto de casamento seguindo a lógica de Gênesis 2 é Deus unindo), nenhum homem pode separar – nem mesmo Moisés. Gênesis 2 é o mandamento de Deus, Deuteronômio 24 é a permissão de Deus. Gênesis 2 é até que a carne perca a vida, Deuteronômio 24 é apenas uma separação espacial documentada, que não separa a carne, de fato.

Jesus também repete Malaquias: o homem que deixa sua mulher e se casa com outra adúltera. Em Malaquias vimos que há deslealdade em um homem se divorciar da primeira esposa e se casar novamente, algo também claro em Gênesis 2. Logo, Jesus está afirmando a Lei e os Profetas ao dar este mandamento.

*Qualquer que deixa sua mulher, e casa com outra, adúltera; e aquele que casa com a repudiada pelo marido, adúltera também. (Lucas 16:18)*

Dois evangelhos distintos dando a mesma informação! Mas há algo interessante que precisamos considerar para entender o motivo disso: os gentios não estavam muito cientes dos problemas sobre casamento entre os judeus, então, faz sentido que Marcos e Lucas (dois evangelhos escritos para

gentios) cortassem caminho afirmando diretamente o que Jesus diz em Mateus (para os judeus). As explicações detalhadas presentes em Mateus não eram necessárias para os gentios (Lucas omite até o questionamento dos fariseus). Por isso, podemos saber que o significado do que Mateus diz com a cláusula de exceção é que não há, de fato, exceção. O texto menor tem a precedência nesse caso, visto que afirma integralmente o sentido que *todo o Antigo Testamento* defende e busca dar a ordem de não divórcio para quem não conhece os debates judaicos. Você acha que só Mateus (e 1 Coríntios...) iria dizer o contrário? O que fazer de quem não tinha em mãos 1 Coríntios 7 e Mateus 5 e 19 (que possuem as supostas exceções para o divórcio e novo casamento)? É óbvio que leria toda a Escritura sem nenhuma exceção para o voto de casamento.

A ironia é que, por algum motivo (pecaminoso?), todos os que começam a tratar do casamento costumam iniciar de Mateus ou de uma leitura idealista de Gênesis 2, ou, quando leem Marcos e Lucas de repente pulam para Mateus 5 e 19, como se a Bíblia fosse um quebra cabeças que se monta e complementa nas partes que faltam em outros lugares. Assim fica fácil parecer que a bíblia defende que a carta de divórcio anula algum casamento... eles simplesmente partem dos textos mais difíceis ou com um idealismo!

#### MATEUS 19

*Então chegaram ao pé dele os fariseus, tentando-o, e dizendo-lhe: É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo? Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que aquele que os fez no princípio macho e fêmea os fez, e disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois numa só carne? Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem. Disseram-lhe eles: Então, por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio, e repudiá-la? Disse-lhes ele: Moisés, por causa da dureza dos vossos corações, vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas ao princípio não foi assim. Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa de fornicção, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério. Disseram-lhe seus discípulos: Se assim é a condição do homem relativamente à mulher, não convém casar. Ele, porém, lhes disse: Nem todos podem receber esta palavra, mas só aqueles a quem foi concedido. Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus. Quem pode receber isto, receba-o. (Mateus 19:3-12)*



- Obs.: perceba que Jesus diz que “ao princípio não foi assim”. Ele está dizendo, claramente, que a perenidade do contrato de casamento é aquela de Gênesis 2, e não uma interpretação judaica baseada na ordem posterior de Moisés em Dt 24. Este não é o *ideal*, é o mandamento: se eu romper o contrato e casar novamente, peço. Além disso, caso você remova a cláusula de exceção do texto (“não sendo por causa da fornicação”) sobra, exatamente, o texto de Lucas e de Marcos – o que deveria levantar suspeitas, considerando que Mateus é escrito para um público judaico.

Os fariseus perguntam a Cristo se é possível o divórcio por algum motivo. Jesus é taxativo: o homem não pode separar o que Deus juntou. Isso finalizaria todo o argumento, se os questionadores não continuassem questionando. Ora, Cristo já havia dito que não há motivo pelo qual se pode divorciar, os fariseus, entretanto, estão pontuando que Moisés mandou dar carta de divórcio (ou seja, já entenderam que divórcio não anula o casamento segundo Jesus). Se Jesus tivesse tomado algum partido farisaico (que já eram conhecidos), não haveria surpresa por parte dos discípulos, que disseram que não convém casar! Veja que a pontuação de Jesus não tem a ver com número de esposas, mas com a durabilidade do casamento. Por esta razão que os discípulos se espantam.

Ah, perceba que os fariseus questionam a Jesus citando Moisés. Essa citação é interessante porque não dizem: “Mas Moisés permitiu em tal e tal circunstância!”. Se Jesus estivesse dizendo que era permitido o novo casamento em alguma circunstância, os fariseus diriam:

“Mas Moisés disse que nessa circunstância o divórcio pode ser feito”. Como Jesus diz que não é permitido em *nenhuma* circunstância, os fariseus apenas dizem: “Mas Moisés permitiu”. Percebe? O ponto não é a circunstância, mas o fato de o divórcio não permitir novo casamento. Os fariseus foram pegos de surpresa, no fim das contas, pois ao testarem Jesus falharam miseravelmente.

Tendo dito isso, Jesus conclui dizendo que há eunucos (sim, homens castrados, pois a castração diminui o apetite sexual) que se fizeram eunucos. O problema é que, por alguma razão idiota, quem lê a passagem pensa que os eunucos são aqueles que **nunca** se casaram por amor do reino, mas o que Cristo está dizendo não é isso (embora possa *incluir* estes). Ele disse que após o divórcio alguém não pode se casar novamente, portanto, qual era o recurso que um homem teria, por amor do reino, para impedir o desejo de se casar de novo? (veja, se a mulher tivesse adulterado e fosse persistente, e o homem desse a carta de divórcio, ele não estaria livre pra se casar novamente, daí o motivo para se eunucar).

O problema é que todo mundo lê essa passagem pensando em homens que se eunucaram na época de Jesus, influenciados pelo ascetismo grego. Triste engano. Cristo está mencionando os eunucos de Isaías, que se eunucaram com o fim de guardar a aliança de Deus (Is 56:4 – texto hebraico [note: algo do agrado de Deus é contrastante com algo do agrado próprio]). Estes eunucos teriam mais filhos: filhos espirituais (v. 5, 6 de Isaías 56).

- Obs.: para calar aos ignorantes, é preciso reforçar. Há um *waw explicativum* no final do versículo 4 de Is 56, mostrando que as ações passadas dos eunucos (guardar o sábado e *escolher* agradar a Deus) resultam na guarda da aliança. Além disso, a *escolha* está num modo (*verbo Qal Sequencial Perfeito*) que neste contexto soará como um ato feito no passado: os eunucos *escolheram o que agrada a Deus*. Ora, qual foi essa escolha única feita no passado? Deixo a pergunta para que você entenda a interpretação de Cristo sobre a passagem. Se o divórcio implica isso, será mesmo que Cristo está permitindo o divórcio em alguma circunstância com novo casamento?

O susto dos discípulos não seria grande se Jesus dissesse que no caso de adultério o divórcio anula o casamento; como sabemos, entre eles essa perspectiva já era popular, pois também era ensinada por muitos fariseus. Ou o que Jesus diz contradiz a expectativa até dos discípulos, ou não há novidade no que Jesus diz para os ter assustado.

#### A EXCEÇÃO DE MATEUS 19

Agora podemos, enfim, chegar na tal cláusula de exceção. Cristo não é contraditório. Tudo o que ele disse na passagem não favorece uma cláusula de exceção. Ademais, se ele estivesse de acordo com alguma das duas escolas farisaicas, imediatamente a outra o questionaria neste contexto. O fato de o questionamento ser justamente dos discípulos e de o questionamento trazer em si o peso do casamento, é que torna tudo ainda mais evidente para como deveria ser a tradução dessa cláusula.

A tradução que melhor adequaria a 'exceção' seria a seguinte:

*Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, nem mesmo por causa da prostituição [ou sexo sem contrato de casamento], e casar com outra, comete adultério;*

[Para fazer sentido em português, o "nem mesmo" pode ser revertido para um "até mesmo", ficando assim: "até mesmo por causa da prostituição". A explicação disso é técnica demais para os propósitos atuais deste texto].

A isso precisamos acrescentar pontos que já levantamos, mas que agora farão mais sentido. Por qual motivo Cristo diz "fornicação" (prostituição) e não "adultério"? Já sabemos que na Escritura o noivado é casamento e, portanto, uma mulher fazer sexo com outro homem equivale ao adultério (cf. Gn 38:11, 24; Dt 22:23, 24, e o nosso texto sobre o Contrato de Casamento em que explicamos essas passagens). Portanto, Jesus não está falando meramente de adultério – pela ênfase do texto ("até mesmo", e a reação dos discípulos), Cristo está falando de algo pior do que adultério.

Primeiro, vimos o caso de Israel em Jeremias 3. Como vimos, mesmo com a prostituição de Israel Deus ainda era o esposo dela. Nem mesmo sua prostituição a fez de outro homem, e não anulou o casamento com Deus! Pior, a carta de Divórcio que Deus deu a Israel não a fez deixar de ser sua

esposa! O que temos aqui? Opinião pessoal ou Escritura interpretando escritura? Veja, é o que Cristo está dizendo: nem mesmo a prostituição (que é pior do que o adultério, por ser constante, frequente e com vários homens), tem poder para invalidar o casamento.

Segundo, temos o caso de Oséias. Oséias não dá carta de divórcio à esposa prostituta, embora, no capítulo 2, diga-se que ela não é esposa (mas isso precisa ser lido considerando o que vem em seguida, de que Deus se casará novamente com ela, mas ela estará diferente [Os 2:14-23])O ponto é que mesmo em sua prostituição a esposa de Oséias não foi separada dele. Como Oséias, Deus não podia desfazer de sua esposa por carta de divórcio.

Cristo está evocando estes exemplos claros, além de Deuteronômio 24 que mostra que, não importando o motivo, a mulher continua sendo esposa de seu marido. Mas precisamos explicar ainda o "nem mesmo", e permita-nos sermos chatos, porque teremos que mencionar um pouco o grego da passagem.

Em 1 Timóteo 5:19 Paulo usa o termo "exceto" (ἐκτός). Este termo (e suas variações) é usado em outras passagens claramente denotando algo que está "fora", ou casos de exceção (fora: Mt 12:46; 23:25, 26; At 16:13; exceto/senão: At 26:22; 1 Co 14:5). Se o evangelista quisesse deixar certamente de fora o caso da prostituição, este seria o melhor termo. Porém, não é isso que Mateus faz, ele diz: μὴ ἐπὶ ("a não ser em", "nem mesmo em"). Notou que as possíveis traduções são conflitantes? No fim, a tradução depende do pano de fundo do tradutor. Se ele aceita o contexto e o AT, traduzirá como "nem mesmo em" (em português soando como "até mesmo em caso de"). Assim, Cristo ressalta não uma situação excepcional, mas de limite: imagine que sua esposa vá todos os dias vender o próprio corpo, pois bem, acredite, até mesmo neste caso, se você der o divórcio, não poderá contrair novo casamento, lhe sobrando, como opção, se tornar eunuco ou viver suportando o peso que essa informação carrega. Se você puder se divorciar de sua esposa neste caso, e puder contrair novo casamento, para quê se tornar eunuco? Não faria sentido.

- Obs.: em 1 Tm 5:19 também há um μὴ ἐπὶ, que normalmente não é traduzido, pois tenderia a atrapalhar a compreensão do texto em português, mas que soaria mais ou menos assim: "exceto (ἐκτός) senão (μὴ ἐπὶ), por duas testemunhas". Mas tenho desejado poupar o leitor dos detalhes excessivamente técnicos, para a leitura ser fluida. Essas menções ao original etc. servem, meramente, para auxiliar aqueles que eventualmente conheçam algo do texto em suas línguas e permanecem em dúvida.

Dizer qualquer coisa distinta disso contradiz a Criação em Gênesis 2, Deuteronômio 24, a relação de Deus com seu povo (Jr 3; Ez 23; Os 1-2) e os outros dois evangelhos que tratam do tema. Mas nos voltemos para um caso um pouco mais difícil, sendo, na realidade, o mais difícil de todos: Mateus 5.

*MATEUS 5*

*Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério. (Mateus 5:31, 32)*

Aqui é onde os teólogos inventam coisas e saem ilesos. Dizem eles que neste momento Jesus está falando como Deus, ao dizer "Eu, porém, vos digo". Ora, é claro que está falando como Deus, contudo, se ele disser algo contrário ao que está na Torah, contradirá a si mesmo! Veja:

*Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus. (Mateus 5:17-20)*

Se a lei permitia divórcio em qualquer situação e Jesus está dizendo algo contrário a isso, então ele está revogando a Lei. Se ele está dizendo algo contrário aos escribas e fariseus e afirmando a Lei, jamais irá contradizê-la. Ora, Cristo não pode estar dizendo que irá cumprir a lei e, logo em seguida, a contradizer dizendo que é possível o casamento ser anulado em algum caso. Pois, como já vimos, a lei é taxativa: nada anula, realmente, um casamento. Por isso Cristo começa afirmando essas coisas no capítulo 5, para introduzir o fato de que está contradizendo os fariseus (tanto os da escola de Shammai quanto de Hillel), e não a Lei.

Também, se Cristo tomasse alguma posição ao lado de alguma escola farisaica este seria o momento para os fariseus o questionarem, retrucando, mas Jesus não ensina como os fariseus (Mt 7:28, 29 [lembre-se, por qual motivo Jesus aprovaria uma posição farisaica se ele está dizendo que devemos superar a justiça dos fariseus?]). Mas nos voltemos ao texto inicial, cuja cláusula de exceção é distinta de Mateus 19 (sim, eu sei que tem muita gente que diz ser só uma variação, o ponto é: se for mera variação, então este texto significa exatamente a mesma coisa do capítulo 19, e a discussão acabou, pois já mostramos o que Mateus 19 significa, mas a verdade é que aqui temos algo distinto, apontando para outro aspecto).

O ponto é que o texto está dizendo que quem repudia a esposa é o marido, logo – devemos pensar – está ecoando Deuteronômio 24. Além disso, outro problema que podemos notar é que a mulher se tornaria adúltera de qualquer modo. Veja: Jesus está preocupado com o fato de o homem que dá a carta de Divórcio tornar a mulher adúltera ("a expõe a tornar-se adúltera"), portanto, Jesus está exigindo a misericórdia do homem. Jesus não quer que o homem faça a mulher ser adúltera (provando, nisso, que o divórcio dado a uma pessoa 'inocente' a mantém casada).

Outro ponto é que Jesus menciona a palavra “adultério” (μοιχάω) várias vezes, mas a cláusula de exceção vem com outro termo (πορνεία), e estes termos têm significados distintos (Mt 15:19). Assim, semelhante ao capítulo 19, devemos entender que Cristo está falando de um ato repetido de adultério, a prostituição. Mas vejamos como fica a passagem sem a exceção, para nos ajudar a entender o que a exceção está excluindo:

*Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério. (Mateus 5:31, 32)*

Percebeu que sem essa exceção a passagem é lida *quase* exatamente como Marcos e Lucas? Note que sem a exceção um homem torna a mulher adúltera se ele se divorciar dela! Ora, Cristo está dizendo justamente que nossa justiça deve superar a dos fariseus, ao dar a carta de divórcio, eu não estou superando-os, antes, estou contribuindo para o pecado se alastrar. Veja que sem a exceção **eu** torno a mulher em uma adúltera.

Isso nos leva a fazer outra pergunta: essa exceção é para o quê? Para se casar de novo? Isso não é dito no texto. Vejamos como fica a interpretação se considerarmos a exceção do jeito que é posto a nós pelos mestres atuais:

“Se você der carta de divórcio para sua esposa (exceto se ela tiver cometido sexo ilícito) a torna adúltera”. Quer dizer que se ela tiver cometido sexo ilícito não é adúltera? Essa é a conclusão lógica de quem lê o texto pressupondo uma possibilidade de exceção para o novo casamento. Graças a Deus o novo casamento na Bíblia funciona de outra forma, desde que não haja divórcio, mas trataremos isso em outro texto.

Agora podemos nos aproximar do conceito da exceção:

*Se você dar carta de divórcio para a sua esposa, você a faz adúltera.  
Mas no caso de sexo ilícito por parte dela, você não a faz adúltera.*

Está vendo como tudo fica invertido? Você pode dizer que Jesus está pensando nas relações sexuais ilícitas do marido, porém, isso não faz sentido no contexto, já que o foco é a mulher, e a *porneia* se refere às práticas dela, e não às do marido. Portanto, se a interpretação dessa exceção é que ela põe, de fato, uma possibilidade para o divórcio, ela simplesmente significará que uma pessoa que pecou está livre para se casar novamente.

Como Jesus está dizendo, sem exceção, que o casamento com repudiada resulta em adultério, então não pode ser possível que a cláusula de exceção seja uma exceção para se casar de novo. Então, qual é a exceção?

A verdade é que a interpretação está bem próxima do que dissemos acima. Veja, a preocupação de Cristo é que o homem que dá carta de divórcio à esposa *faz* (ποιεί – termo não presente nos outros textos sobre adultério, e que é realmente relevante aqui) ela cometer adultério (afinal, ela desejará se casar, e se casará). No caso dela se prostituir e ele dar a carta de divórcio ela não se torna adúltera *por causa dele* – pois ela já o é. A exceção tem a ver com

homem causar ela cometer o adultério, e não com a permissão para o novo casamento.

Com isso em mente, como ficaria a tradução de Mateus 5?

*Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de prostituição, faz ela se tornar adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério. (Mateus 5:31, 32)*

Jesus está ensinando ao homem que, de acordo Deuteronômio 24, uma mulher será adúltera se casar novamente, e o homem será, virtualmente, culpado por não ser misericordioso (não terá ultrapassado a justiça dos fariseus). Porém, caso ela se prostitua, e ele lhe der a carta de divórcio, não será ele o causador do adultério dela, tendo ela adulterado antes, por se prostituir. Novamente, o foco de Cristo é uma mulher que se prostitui (não uma que cometeu um ato de adúltero em particular), a cláusula de exceção olha para frente no texto, e não para trás. Jesus está apontando que o marido ainda deve buscar a mulher o quanto possível for e, quando não for mais possível, ao dar a carta de divórcio a ela, a deixará ao próprio adultério já *presente* nela, não sendo ele o causador disso. Finalmente, porém, ele não pode se casar novamente, pois isso não é nem tratado no texto, sendo que, como vimos, Mateus 19 mostra que o homem não tem direito ao novo casamento após o divórcio até mesmo se a mulher estiver se prostituindo.

Um homem que dá carta de divórcio para uma mulher, exceto em caso de prostituição, a faz pecar. Ou, de outro modo, um homem que dá carta de divórcio para uma mulher, a faz pecar, exceto em caso de prostituição dela. Totalmente de acordo com a lei e bem simples. A razão para não gostarem dessa solução é que queremos soluções difíceis, para fazer parecer valer a pena o trabalho dos especialistas – logicamente especialistas não gostam de coisas simples.

- Obs.: note a diferença de ênfase entre Mateus 5 e 19. No capítulo 19 o ponto é que o divórcio te incapacita contrair novo casamento, o que prova que o assunto não é o mesmo de Mateus 5. Em Mateus 5 a preocupação é que o homem *faz* a mulher pecar quando lhe dá carta de divórcio. Por isso Deus resgata Israel, pois se lhe chamasse e depois despedisse, faria Israel mesmo pecar ainda mais.

## ROMANOS E 1 CORÍNTIOS

*Ora, a mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele vive; mas, se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal. De sorte que será considerada adúltera se, vivendo ainda o marido, unir-se com outro homem; porém, se morrer o marido, estará livre da lei e não será adúltera se contrair novas núpcias. (Romanos 7:2, 3)*

Paulo está escrevendo aos Gentios, logo, é natural que soe mais simples (assim como Marcos e Lucas). Ele faz uma afirmação direta, sem exceção (pois ela não existe): a mulher está ligada ao marido enquanto ele vive! A

única situação que permite um novo casamento por parte dela é a morte dele. Este texto é regra, não permite outra interpretação. A “lei conjugal” determina que ambos são uma só carne, de modo que a mulher será adúltera se se deitar com outro homem (o contrário não é verdade, por isso só se menciona a mulher – porém, trataremos em texto posterior). Mas falta o último grande texto do NT em que os homens tentam se agarrar para provar que o divórcio permite novo casamento: 1 Coríntios 7.

*Ora, aos casados, ordeno, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido (se, porém, ela vier a separar-se, que não se case ou que se reconcilie com seu marido); e que o marido não se aparte de sua mulher. (1 Coríntios 7:10, 11)*

Primeiro é bem simples: Paulo está dizendo que o *Senhor ordena* que uma mulher crente não se divorcie do marido. Porém, contrário a isso, ele diz que se a mulher vier a se separar não pode se casar [que não se case], afinal, o homem de quem ela se separou ainda é seu marido! A lógica é simples neste texto, Paulo não permite novo casamento por parte da mulher, mas, no máximo, retorno para o marido. Ele não contradiria Deuteronômio 24 e nem Romanos 7 (que ele mesmo escreveu). Perceba o foco na mulher: se ela se casar com outro homem, não pode voltar ao marido, sendo a mesma perspectiva de Dt 24.

Mas por qual motivo essa instrução de Paulo? Também é simples: os Coríntios *estavam* nos **últimos dias**, sob perseguição, portanto, poderia ser necessário que a esposa se apartasse do marido. Por isso ele completa a informação depois, dizendo que quem é casado deve viver como se não o fosse (não em gandaias, mas sim sem o apego que se tinha antes, visto poderem ambos ou um dos dois morrer; assim, Paulo busca os livrar de preocupações – 1 Co 7:28-32 – essa instrução de Paulo só valia para aquele momento, pois ali eram os últimos dias, tornando este conselho irrelevante hoje, mas instrutivo, considerando locais em que a igreja é perseguida *ativa e fisicamente*).

*Aos mais digo eu, não o Senhor: se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não a abandone; e a mulher que tem marido incrédulo, e este consente em viver com ela, não deixe o marido. Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Doutra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos. Mas, se o descrente quiser apartar-se, que se aparte; em tais casos, não fica sujeito à servidão nem o irmão, nem a irmã; Deus vos tem chamado à paz. (1 Coríntios 7:12- 15)*

O mais absurdo de tudo é supor que “chamado à paz” pressupõe novo casamento, como fazem alguns. Mas vejamos: Paulo diz que quando o descrente se aparta, o crente não está sujeito à servidão, isto é, não está como escravo da outra parte. Isso é relevante se considerarmos o contexto inicial de 1 Coríntios 7, no qual Paulo afirma que o corpo tanto do marido quanto da mulher pertence ao cônjuge (v. 3-5). Ora, se o meu corpo é da minha esposa e o da minha esposa é meu, eu tenho o *dever* de entregar-me sexualmente a ela e vice versa (como no caso de Jacó com Raquel e Lia, visto

que ele não protestava contra o fato de servir a elas sexualmente [veja nosso texto sobre o Contrato de Casamento]). Isso – é claro – é uma servidão.

Quando o marido ou a mulher vai embora eu não estou obrigado mais a prestar-me sexualmente a tal pessoa. Da mesma forma que um homem que dá a carta de divórcio à esposa torna ela livre da servidão (embora, claro, ela não possa se casar novamente). Isso significa que ele não pode a exigir sexualmente, embora ainda sejam uma só carne. O divórcio, pois, tira este direito, de modo que não posso exigir satisfação sexual da mulher a qual dei carta de divórcio – e nem ela tem obrigação de satisfazer-me sexualmente. A prova final disso é que Deus chamou estes crentes à paz (e não a outro casamento).

Paulo está afirmando: quando seu cônjuge for embora, não vá atrás dele e nem espere ele vir atrás de você usar do direito que perdeu. Você foi chamado à paz (portanto, não é para brigar por causa dos direitos sexuais). Mais forte fica isso quando consideramos que o versículo seguinte tem um “pois” logo no início.

*Pois, como sabes, ó mulher, se salvarás teu marido? Ou, como sabes, ó marido, se salvarás tua mulher? (1 Coríntios 7:16)*

Não vá buscar quem foi embora, achando que poderá salvar o descrente! Você foi chamado para a paz! – diz Paulo. Está no texto, simplesmente.

*A mulher está ligada enquanto vive o marido; contudo, se falecer o marido, fica livre para casar com quem quiser, mas somente no Senhor. Todavia, será mais feliz se permanecer viúva, segundo a minha opinião; e penso que também eu tenho o Espírito de Deus. (1 Coríntios 7:39, 40)*

Não, não é se o marido for embora, nem se ele for descrente, é se ele falecer que a mulher pode se casar novamente! Somente assim que ela pode contrair novo matrimônio. Como você pode contradizer essa afirmação clara e que fecha o conteúdo do capítulo 7? Paulo não se contradiz! Como vimos, tudo é claro até aqui, pois a Escritura quer demonstrar que Deus não aceita uma mulher que se casa após o divórcio. O marido, pois, quando morre, acaba por deixar livre a mulher. Assim, Paulo é relativamente liberal, ao dizer que não há problema no divórcio em si (que é o que já vimos), mas que, tendo se divorciado, só podemos retornar para o cônjuge *se não já tiver casado (situação na qual estará em adultério)*.

Só mais uma observação: Paulo enfatiza a felicidade da viúva solteira pelo fato do que já disse no contexto: sob perseguição o casamento traria mais tristezas do que alegrias. Como vemos, a bíblia permite alguém não se casar por motivo de ‘felicidade pessoal’, portanto, não pressiona ninguém ao casamento nem o torna um mandamento como tal. Tornar isso mandamento é legalismo (embora eu saiba que muitos venham acusar-nos de legalistas por causa do que dissemos contra o recasamento).



- Obs.: pense no caso de Zaqueu, o arrependimento dele fez com que ele devolvesse em 4 vezes a quem tinha roubado (Lc 19:1-10), de acordo com a lei (Êxodo 22:1; 2 Samuel 12:6), o que você acha que um homem casado com uma mulher divorciada antes da conversão deveria fazer? Ou o que deve fazer um homem que, tendo se divorciado e se casou novamente também antes da conversão? O que fez “antes da conversão” não conta ou o arrependimento implica em corrigir o que fazia de errado antes? Deixo com o leitor a responsabilidade de pensar isso.

Em breve trataremos ainda sobre Poligamia e Prostituição, assuntos que, sem sombra de dúvidas, deixa qualquer ocidental herdeiro da filosofia grega e do direito romano de cabelo em pé.

Conclusão:

- O AT é claro em dizer que o divórcio não anula o casamento;
- O NT, de mesmo modo, afirma a mesma coisa;
- Portanto, o Divórcio não anula o casamento, tornando um novo casamento após o divórcio em adultério.

## *Poligamia na Lei de Deus – Parte 1*

O assunto da poligamia masculina (um homem com mais de uma mulher) é recorrente na história da igreja, com tratados que vão desde uma aceitação contextual (como Lutero aceitando e até mesmo aprovando a bigamia de um rei) até a completa demonização do assunto (como boa parte da igreja medieval). Contudo, nunca se vê um tratamento de como é o assunto na Lei de Deus e na Escritura num sentido completo – algo que buscaremos resolver, tratando do assunto em *toda a escritura*.

Porém, a maioria dos que se aventuram a tratar do tema imediatamente assumem que as infelicidades familiares vieram por causa da poligamia e que, portanto, tais acontecimentos só podem ser uma forma de Deus ensinar que a poligamia causa brigas (Jacó), quebra promessas (Abraão) ou vai contra o ideal de Deus na criação (Adão e Eva). Todas essas coisas se mostram falhas, não só por causa do ambiente cultural (que trataremos na parte 2), mas por ignorar e quebrar *todos os princípios de interpretação bíblica estabelecidos até por estes mesmos autores contrários à poligamia masculina*.

Afinal, a poligamia é um evento característico de seitas “cristãs” (mormonismo) ou de religiões falsas (Islamismo), além de elemento cultural de povos antigos entre os quais Israel se encontrava (Egito?). A estes questionamentos responderemos na segunda parte e nesta trataremos apenas da poligamia na Torah, ou nos cinco primeiros livros da bíblia.

*da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne. (Gênesis 2:22-24)*

## **GÊNESIS 2 – ADÃO E EVA**

O primeiro evento notado é que Deus criou **uma** mulher e não duas para Adão. Então – conclui o monogâmico – Deus não permitiu que Adão se casasse com mais de uma mulher (na cabeça dele, se Deus permitisse que Adão casasse com duas, logicamente deveria permitir dois maridos à mulher). O fato é que na lei vemos ser clara a proibição para uma mulher ter dois maridos, mas nunca um marido ter duas mulheres (Dt 21:15; 24:1-4; Êx 21:9, 10; Lv 20:10). Porém, abaixo, veremos o assunto considerando os pontos mais fracos até mais fortes do tema.

### *O mínimo necessário*

Se ignora o contexto claro da criação de Adão e Eva, que foram criados não somente sozinhos, mas em sua capacidade mínima (sem filhos, sem casa, sem roupas, sem alimentar-se de carne etc.), de forma que embora hoje utilizemos roupas, comamos carne e tenhamos casa e filhos (a ponto de acharmos um absurdo não termos algumas dessas coisas – 1 Tm 6:8a), elas não foram estabelecidas na criação do homem. Devemos compreender, portanto, que se Deus permitiu ao homem ter mulheres posteriormente, o foi porque na criação a intenção de Deus era mostrar que mesmo um homem sem nada consegue ter, ao menos, uma esposa.

### *A estrutura de uma ordem*

Outro problema é que ordens são dadas no singular. Veja os mandamentos de Deus e procure, em geral, quais estão no plural. Você notará que toda ordem real de Deus é no singular, o que, claramente, explica a ordem para se unir à mulher no texto. “Não matarás” (não assassine), “Não Furtarás” (não furtar) etc., se encontra sempre no singular. Contudo, o melhor exemplo é “ame o teu próximo” (Lv 19:18). Devo supor que pelo fato de o mandamento mandar eu amar apenas *um próximo* (no singular) eu não posso amar mais pessoas? Ora, é claro que o mandamento é assim escrito porque na pior condição que você esteja, é possível você amar o teu próximo (ajudar um indivíduo) e também para impedir abstrações de quem diz amar a humanidade (algo impossível humanamente). Deus sabe que somos limitados, e ordena sempre no ambiente de mínimo necessário.

- Obs.: até o mandamento de honrar pai e mãe faz questão de singularizar as figuras progenitoras, evitando abstrações: honre *pai e mãe* e não *os pais*, provando, de todo modo, que uma ordem de Deus é singular.

### *A misericórdia de uma ordem*

Porém, suponha que Deus ordenasse um homem, neste texto, dessa forma:

*Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á às suas mulheres, e serão uma carne.*

Estaríamos exigindo que os homens se casem, no mínimo, com duas mulheres! Deus criou Adão sem nada para mostrar que mesmo alguém que vive na natureza, sem bens, pode ao menos ter uma esposa, e se ele criasse duas mulheres para Adão estaria nos ensinando a por muita carga sobre os indivíduos. Deus ter feito o mundo assim é o melhor modo de permitir o casamento poligâmico sem faltar em misericórdia.

#### *Uma só carne*

É engraçado que na mentalidade nossa, herdada dos gregos, "uma só carne" seja igual a 1 + 1. Na mente bíblica nunca foi assim. Um homem se torna uma só carne com quantas mulheres se unir; por exemplo, toda vez que um homem se une a uma prostituta (cultural) ele se faz uma só carne com ela (1 Co 6:16 – não por toda a vida, visto não haver um contrato). Ora, se é assim, por qual motivo "*uma só carne*" não pode incluir duas mulheres e um homem? Assim, serão todos uma só carne, mas com contrato de casamento. Não podemos negar que este contrato era real com Abraão e Sara, Hagar e Quetura, tanto quanto também ocorreu com Jacó, Raquel e Lia. Todos estes foram uma só carne com suas esposas, não importando se foram três ou duas (Dt 21:15).

#### *Mulher ligada ao Marido*

Deveria levantar suspeitas o fato de quando Paulo fala de Casamento sempre mencionar que "a mulher está ligada ao marido" (Rm 7:2, 3; 1 Co 7:39), mas não que "o marido está ligado à mulher". A questão é que Gênesis 2 mostra o motivo: é o homem quem se une "à sua mulher", portanto, a mulher é "sua", enquanto ele não é "dela", estabelecendo o contrato de casamento claramente com liberdade ao homem e com restrição à mulher. Neste raciocínio que Paulo sempre dirá que uma mulher só pode casar novamente quando o marido morre, mas *nunca diz isso do marido* (Rm 7:2, 3; 1 Co 7:39).

#### *Tradição interpretativa*

Um grande erro paira sobre os homens que querem interpretar a Escritura a partir da história da igreja, ignorando que a própria escritura estabelece uma tradição interpretativa. Veja, Davi interpretou passagens da Torah, de modo que sua interpretação é a nossa tradição. Do mesmo modo, outros profetas de Deus interpretaram passagens chave da Lei que ficaram claras por causa deles. Assim, devemos supor que, sendo este texto um dos que se encontravam logo no início do rolo da lei houve uma grande tradição profética ou teológica no AT provando que seu apontamento era a monogamia. Contudo, isso não ocorre, e não ocorre porque este texto não provava nada a respeito da monogamia.

Veja o caso de Davi e Salomão. Ambos tinham a leitura diária da lei para eles (Dt 17:18) e Davi chegou a dizer que meditava nela de dia e de noite (Sl 1; 19; 119); como ele, iluminado pelo Espírito de Deus, viu na lei a revelação de Jesus Cristo ou de que Deus não queria sacrifícios (Sl 40:6; 51:16, 17) mesmo com a Lei repetidas vezes mencionando a necessidade deles, mas não notou o básico do básico numa leitura que, segundo se mostra atualmente, seria extremamente simples?

Davi, ainda por cima, teve pelo menos oito esposas (Mical, Ainoã, Abigail, Maacá, Hagite, Abital, Eglá, Bate-Seba [esta última fruto de adultério, mas as outras não, interessante, não é?]), e nunca teria notado isso? Mesmo Salomão, quando falha em seguir a Lei de Deus que limitava as esposas do rei (Dt 17:17) tem seu erro apontado claramente, sendo contrastado com Davi, que manteve muitas mulheres sem se desviar (1 Rs 11:4). Ora, o que a tradição interpretativa deste texto (mais o resto da Lei) nos aponta? Parece bem simples.

Os crentes vociferam fortemente dizendo que ninguém (relevante) na tradição ou história da igreja defendeu a poligamia masculina e, de repente, chegam o "Xénos" e o "Magos" para defenderem isso. A questão pode ser virada: ninguém nunca defendeu a monogamia na história interpretativa da Escritura (do próprio AT e NT) e, de repente, chegam crentes gregos e romanos (bem sugestivo isso – já que eram monogâmicos) e passam a defender a monogamia?

#### *A Sombra e a Realidade*

Por último, este texto tem um motivo para ser assim que vai além dele. Cumprindo o fato de que Deus anunciava o fim desde o princípio (Is 46:10), Adão era sombra de Cristo (1 Co 15:45- 49). Ora, a melhor maneira de literalmente simbolizar a unidade da igreja era se Deus desse, a Adão, uma única esposa. Se Deus concedesse a Adão duas esposas estaria nos ensinando uma mensagem confusa pelas sombras do AT, dando-nos a entender que a Igreja poderia ser dupla, sem unidade ou com permissão para disputar entre si (já que duas irmãs entram em disputa se casadas com o mesmo homem [Lv 18:18]). O texto é claro, e não compromete nenhuma mensagem se lermos ele como Deus nos ensinou a ler sua Lei: comparando com ela mesma (1 Tm 1:8).

- Obs.: mais abaixo veremos o caso de Hagar e Sara (que é visto assim em Gálatas), mostrando que a mensagem dada pelas duas é de que Hagar prefigura a Israel que perseguia a Igreja, enquanto Sara prefigura a Israel que é livre e perseguida. Logo, se num mundo perfeito Deus desse a Adão duas mulheres, simbolizaria por meio delas coisas bizarras, como a probabilidade de coesão do judaísmo antigo com o cristianismo ou de o cristianismo poder ser dividido – algo absurdo.

Gênesis 2 não prova nada contra a poligamia, antes, até mesmo a pressupõe, dadas as devidas necessidades de o texto expressar outras informações além disso.

## GÊNESIS 4 – LAMEQUE, POLÍGAMO ÍMPIO

Lameque é o primeiro homem cujo temos registro de poligamia nas Escrituras. Todos presumem que, por ele ser ímpio (ter matado duas pessoas, aparentemente – ou temos um paralelismo), tudo o que ele fez em torno disso é pecaminoso. Mas surge uma pergunta: embora eu não seja salvo pelo que faço, posso agir em concordância com a lei em questões particulares? Vejamos como lidar com as passagens em relação a este assunto:

*E tomou Lameque para si duas mulheres; o nome de uma era Ada, e o nome da outra, Zilá. (Gênesis 4:19)*

Ora, diz o reformadinho neocalvinista etc. etc.: “Deus está falando nas entrelinhas que a poligamia é pecado, veja, Lameque era um homem ímpio e olha o que ele fez”. Sim, sim, Lameque era um assassino (Gn 4:23), e por ser um assassino quer dizer que é um adúltero? Além disso contrariar a tradição interpretativa do AT, claramente ignora o contexto dos filhos ímpios de Lameque:

*E Ada deu à luz a Jabal; este foi o pai dos que habitam em tendas e têm gado. E o nome do seu irmão era Jubal; este foi o pai de todos os que tocam harpa e órgão. E Zilá também deu à luz a Tubalcaim, mestre de toda a obra de cobre e ferro; (Gênesis 4:20-22)*

Ímpios filhos de ímpio produziram: tendas e domesticação do gado, dois instrumentos musicais e o trabalho com cobre e ferro: conclusão, domesticar gado, tocar estes dois instrumentos e trabalhar com ferro e cobre é pecado! Maravilha! Claro que não, pois você sabe separar a impiedade da atitude. Poderíamos até mesmo inverter: se Lameque tivesse somente uma esposa (como vários ímpios por aí...) o que isso provaria contra a monogamia? Nada! A diferença é que eu, polígamo, tenho honestidade para reconhecer quando um texto em particular não serve para defender ou contrariar algo...

## GÊNESIS 6 – NOÉ, O SEGUNDO ADÃO

Já citamos um texto (1 Co 15:45-49) que diz que Jesus é o *último* Adão (não o segundo), pois Cristo, na realidade, é quem faz tudo o que Adão não conseguiu fazer: resgata, dá vida, governa o mundo etc. Não seria óbvio que se Cristo é o último deve haver outros “adões” entre Adão e Cristo? Até reformadinhos reconhecem isso! (é só ler o livro “Quem subirá ao monte do Senhor?” do Morales para notar). É óbvio que o papel representativo de Noé, que é um Cristo antes de Cristo, precisa levar em conta a única esposa que tinha. A Igreja foi salva por causa de Noé, ele era o homem justo (o primeiro assim nas Escrituras – Gn 6:9), portanto, representava que salvaria o mundo por sua justiça (não lhe lembra algo?).

Além disso, lembre-se que Gênesis 6 se dá num contexto de intensa impiedade, após as mulheres terem se pervertido (Gn 6:2-4). Se Noé era um homem justo, e todas as outras mulheres do mundo morreram, logo, o que temos, é que todas elas eram ímpias! Você queria que um homem santo se

casasse com uma dessas mulheres corruptas? Claramente que não, ou não seria mais justo.

### GÊNESIS 16, 21 E 25 – ABRAÃO, SARA, HAGAR E QUETURA

*E disse Sarai a Abrão: Eis que o Senhor me tem impedido de dar à luz; toma, pois, a minha serva; porventura terei filhos dela. E ouviu Abrão a voz de Sarai. Assim tomou Sarai, mulher de Abrão, a Agar egípcia, sua serva, e deu-a por mulher a Abrão seu marido, ao fim de dez anos que Abrão habitara na terra de Canaã. E ele possuiu a Agar, e ela concebeu; e vendo ela que concebera, foi sua senhora desprezada aos seus olhos. (Gênesis 16:2-4)*

Há tantas interpretações errôneas sobre isso que é difícil até saber por onde começar. Vamos pelo 'início'. Deus Havia prometido a Abrão que ele teria uma descendência. Essa descendência não seria de um servo de Abrão (Gn 15:2-4), mas alguém que viria do próprio Abrão. Aqui muitos supõem que Abrão deveria entender a mensagem e supor que viria de Sarai (Sara). Contudo, essa leitura é tola, visto que as servas das mulheres que davam à luz eram contadas como tendo dado à luz por elas (veja Gn 30:1-24 [especialmente o v. 6]). Assim, não seria contrassenso que Abrão imaginasse que de uma serva de Sarai viria sua descendência – inclusive, a própria Sarai entende isso no texto acima. Acha que Abrão falhou por não entender que a promessa de Deus se cumpriria por Sara? Não, não falhou, era necessário que assim fosse (veja abaixo):

*Hagar, concubina por direito*

Veja como Deus lida com Hagar em todas as circunstâncias:

1 – Após fugir de casa:

*E o anjo do Senhor a achou junto a uma fonte de água no deserto, junto à fonte no caminho de Sur. E disse: Agar, serva de Sarai, donde vens, e para onde vais? E ela disse: Venho fugida da face de Sarai minha senhora. Então lhe disse o anjo do SENHOR: Torna-te para tua senhora, e humilha-te debaixo de suas mãos. Disse-lhe mais o anjo do Senhor: Multiplicarei sobremaneira a tua descendência, que não será contada, por numerosa que será. Disse-lhe também o anjo do Senhor: Eis que concebeste, e darás à luz um filho, e chamarás o seu nome Ismael; porquanto o Senhor ouviu a tua aflição. (Gênesis 16:7-11)*

Compare isso com quando um pecado foi cometido:

*Todavia, porquanto com este feito deste lugar sobremaneira a que os inimigos do Senhor blasfemem, também o filho que te nasceu certamente morrerá. (2 Samuel 12:14)*

Tendo Davi adulterado com Bate-seba (Abrão não adulterou?), Deus nem sequer aceita dar um nome ao filho nascido desta relação pecaminosa (e faz com que o filho morra com 7 dias de nascido, para não ser circuncidado [2 Sm 12:18]). Antes, promete que o filho morrerá, mesmo com Bate-seba

sofrendo muito – já tendo perdido o marido de verdade. Ora, Deus não se contradiz, ou o filho de Hagar é fruto de adultério ou é só uma daquelas coisas permitidas por Deus (o concubinato).

2 – Após ser expulsa de casa:

*Porém Deus disse a Abraão: Não te pareça mal aos teus olhos acerca do moço e acerca da tua serva; em tudo o que Sara te diz, ouve a sua voz; porque em Isaque será chamada a tua descendência. Mas também do filho desta serva farei uma nação, porquanto é tua descendência. (Gênesis 21:12, 13)*

*Tendo-se acabado a água do odre, colocou ela o menino debaixo de um dos arbustos e, afastando-se, foi sentar-se defronte, à distância de um tiro de arco; porque dizia: Assim, não verei morrer o menino; e, sentando-se em frente dele, levantou a voz e chorou. Deus, porém, ouviu a voz do menino; e o Anjo de Deus chamou do céu a Agar e lhe disse: Que tens, Agar? Não temas, porque Deus ouviu a voz do menino, daí onde está. Ergue-te, levanta o rapaz, segura-o pela mão, porque eu farei dele um grande povo. (Gênesis 21:15-18)*

As pessoas tendem a acreditar que Abrão duvidou da promessa de Deus ao se deitar com Hagar, mas o texto é tão claro que não deveria deixar dúvidas: a promessa de Deus se destinava a qualquer descendência de Abraão (Gn 21:13). Deus tinha como meta abençoar *qualquer descendente de Abraão para ser grande nação, e não somente Isaque*. Hagar é quem não entendia ainda a promessa de Deus, que atingia a Isaque e a Ismael. Deus, contudo, havia prometido que este não morreria antes de ter se tornado grande. Então, Deus, diferente do que fez com Davi, entende que Hagar é a concubina por direito de Abraão, e por isso a abençoa junto com o seu filho.

- Obs.: muitos dizem aqui que isso foi por misericórdia de Deus, o que é pura mentira. Hagar foi abençoada e Ismael cresceu porque Deus disse que era a descendência de Abraão, e Deus prometeu abençoar a descendência, qualquer que fosse. Portanto, Deus cumpriu *uma promessa* e não abençoou um ato de pecado.

*A Sombra do AT e a Realidade no NT*

*O que se entende por figura; porque estas são as duas alianças; uma, do monte Sinai, gerando filhos para a servidão, que é Agar. Ora, esta Agar é Sinai, um monte da Arábia, que corresponde à Jerusalém que agora existe, pois é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é mãe de todos nós. [...] Mas nós, irmãos, somos filhos da promessa como Isaque. Mas, como então aquele que era gerado segundo a carne perseguia o que o era segundo o Espírito, assim é também agora. Mas que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava herdará com o filho da livre. De maneira que, irmãos, somos filhos, não da escrava, mas da livre. (Gálatas 4:24-31)*

Por qual motivo precisava Abraão expulsar Hagar de casa? Pelo fato de Ismael perseguir Isaque (Gn 21:9). O que Paulo mostra é que isso tinha uma mensagem clara: Hagar, sendo escrava e podendo dar à luz sem a necessidade do Espírito Santo, gerou um filho que perseguiu aquele que foi gerado pelo poder do Espírito Santo (este é o contraste entre carne e Espírito aqui). Visto que Hagar não precisou de intervenção divina, sua linhagem era carnal e abençoada pela promessa de Deus a Abraão (eu sei, o texto fala que só uma é da promessa, calma, polegar).

Hagar podia ter filhos de Abraão *sem promessa de Deus, ou seja, apenas por se relacionar com Abraão*, contudo, Sara, *só podia ter um filho de Abraão por meio de um milagre, e milagres são cumprimentos de promessas, logo, o verdadeiro Filho da Promessa é Isaque, e não Ismael.*

Hagar prefigura a Jerusalém que perseguiu os crentes, os judeus que odiavam o cristianismo, mesmo sendo reais descendentes (segundo a carne) de Abraão (1 Ts 2:14-16 [o verbo "caiu" {v. 16} é melhor traduzido como "cairá", no *futuro* do ponto de vista de Paulo]). Note a necessidade de entender as sombras e figuras do AT: Isaque, de quem veio a nação de Israel é revertido a um entendimento de que gerou filhos da carne, enquanto os crentes, que não têm relação sanguínea com os judeus é que são os verdadeiros filhos de Abraão (Gl 3:7).

*Houve algum erro por parte de Abraão?*

Sem Lei não há pecado, mas a história de Gênesis prevê certas coisas que seriam posteriormente adotadas na Lei. Em Deuteronômio 21 se prevê que o filho primogênito é que deve receber todos os privilégios, não o que vem depois, no caso de um homem que tenha duas mulheres (chegaremos no texto). A verdade é que Abraão acabou priorizando Isaque (obviamente era um milagre), então, em tal circunstância, houve conflito desnecessário entre Sara e Hagar – pois a prioridade de Abraão deveria ser o filho primogênito.

*Quetura, terceira mulher de Abraão*

A parte engraçada é que, como só nos focamos nos desastres e problemas, não notamos que Abraão teve outra esposa, além de Sara e Hagar. Na verdade, o caso é tão pacífico que não há problemas no texto. E Abraão, claro, queria ser pai de muitas nações, se dependesse somente de Isaque para isso seria um tanto quanto complicado...

*Desposou Abraão outra mulher; chamava-se Quetura. Ela lhe deu à luz a Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Isbaque e Suá. Jocsã gerou a Seba e a Dedã; os filhos de Dedã foram: Assurim, Letusim e Leumim. Os filhos de Midiã foram: Efé, Efer, Enoque, Abida e Elda. Todos estes foram filhos de Quetura. Abraão deu tudo o que possuía a Isaque. Porém, aos filhos das concubinas que tinha, deu ele presentes e, ainda em vida, os separou de seu filho Isaque, enviando-os para a terra oriental. (Gênesis 25:1-6)*

Este texto é usado para se dizer que o motivo de a Poligamia ser aturada na Lei era para que a Terra (o mundo) fosse povoado. E é verdade que aqui



temos uma circunstância assim, explicando bem o motivo para Abraão enviar todos os filhos para o Oriente. O grande problema que surge é que, após o mundo estar povoado (lá em Deuteronômio...) ainda vemos não só permissões para casamentos poligâmicos, mas mesmo a defesa deles (e isso por toda a Escritura). Não é possível que nenhum profeta ou sábio tenha notado que o mundo já possuía bastante gente...

### *Sara, exemplo de esposa submissa*

Em 1 Pedro 3:6 Sara é mencionada (basicamente a única mulher do AT mencionada como exemplo de submissão). A questão é que, sendo exemplo de submissão e procurando estes exemplos práticos no AT só encontramos basicamente 3 momentos:

1 – Sara chamando Abraão de senhor (não sendo mera cordialidade, do contrário, não faria sentido Pedro apontar isso – veremos isso em nosso texto sobre família).

2 – Sara omite informações a mando de Abraão (também trataremos em outro texto).

3 – Sara, pensando no plano de Deus, se submete a Abraão e lhe dá Hagar como concubina para que, submetendo-se a Abraão, tenha um filho. Ora, as mulheres acham muito bonito o exemplo de submissão de Sara, mas nunca param para pensar como ela exerceu ativamente esta submissão. Neste último caso, ela se submeteu sabendo que deveria dar uma descendência a Abraão (o senhor dela) e, portanto, não se tornou entrave para que Abraão possuísse outra mulher. Quantas mulheres dos movimentos de feminilidade bíblica teriam coragem de fazer isso? Certamente nenhuma, porque estão focadas em um modelo de mulher que foge ao padrão estipulado nas Escrituras.

### *O sepultamento de Abraão*

Tendo o nosso grande patriarca expirado, onde ele seria enterrado? (a) Com Hagar, que foi embora há anos?

(b) Com Quetura, que ele enviou para o Oriente contribuindo com o povoamento da Terra?

(c) Com Sara, que não foi enviada embora, mas foi mantida em conjunto *por causa de Isaque*?

Deixo a resposta com o leitor.

### *GÊNESIS 29, 30 – JACÓ, RAQUEL E BILA, LIA E ZILPA*

O texto é muito grande para colocá-lo aqui, então, sugiro que leia Gênesis 29 e 30.

### *Disputas, o argumento do mínimo*

Quantas vezes você não ouviu dizer: “Deus proíbe casamentos poligâmicos porque dão problemas”? Quero saber quando, num local onde há mais

peças, há menos problemas? Estes mesmos com frequência defendem que uma mulher deve ter uns 4 ou 5 filhos... se esquecendo que quando há mais gente embaixo do mesmo teto haverá mais problemas. Mas a hipocrisia não os permite notar que usam pesos e medidas diferentes.

Além disso, partem do princípio errado para interpretar o texto. Afinal, se Jacó teve muitos problemas por ter se casado com duas irmãs é porque casamentos poligâmicos estão sendo desestimulados, não é? Diga isso para o texto de Levítico 18:18:

*Não tomarás a irmã de tua mulher, de modo que lhe seja um rival, descobrindo a sua nudez com a de tua mulher durante a sua vida.  
(Levítico 18:18)*

Jacó passou a vida trapaceando, então Labão deu um problema para a vida de Jacó: terá duas mulheres que serão rivais sempre, **porque são irmãs**. Jacó sabia que sofreu, mas não podia voltar atrás. Casou-se com Lia (a quem não queria), mas seu contrato era por Raquel.

- Obs.: o texto de Levítico 18 tem passado por uma releitura muito grande. Muitos forçam uma tradução assim: “E não tomarás com tua mulher *outra*“, mas tal tradução ignora totalmente o termo [אָהוֹת - *āhôt*] (irmã), utilizado várias vezes na Lei neste sentido claro (Gn 4:22; 12:19; Gn 24:59; **Lv 18:11-13** [no mesmo contexto, inclusive]). Sem contar que o conceito de “tornar rival” é presente não só em Levítico, mas na própria história de Jacó, perfeitamente resumida neste versículo (e em Ezequiel 23, que voltaremos posteriormente).

O bizarro em tudo isso é que na história da teologia, os Pais da Igreja (péssimos em interpretação bíblica), sempre acharam que Jacó se casou com duas mulheres por causa “dos seus apetites e paixões”, quando, na verdade, Jacó quase não tem demonstrações sexuais fortes, sendo disputado pelas duas mulheres o tempo todo: as pessoas cheias de “paixões” no texto são Lia e Raquel e não Jacó, que não se registra ter buscado relações com todas as duas ao mesmo tempo – ele queria só Raquel, e levou 4 mulheres para casa.

Falando em quatro mulheres, mesmo Jacó se relacionando com as servas de Raquel e Lia, vemos alguma disputa entre elas? Não, claro que não, pois as servas não eram irmãs, e nem irmãs de suas senhoras. Além de não entrarem em uma circunstância tal como Hagar, que teve conflito por causa de Ismael e Isaque, e da atenção e desprezo da própria em relação à Sara. Portanto, qual o ensino da vida de Jacó com Raquel e Lia? Nunca se case com duas irmãs, você terá problemas.

Note um detalhe: todos os filhos de Jacó são tratados como bastardos ou como os fundadores da nação de Israel? Se fossem bastardos não poderiam ser filhos (Dt 23:2).

#### *Sepultamento de Jacó*

Jacó morreu e foi sepultado ao lado de Lia (Gn 49:31, 32; 50:13), a primeira esposa. Então – deduzem os crentes limpinhos romanos – Deus só

reconheceu Lia como verdadeira esposa de Jacó. Só esqueceram de contar que Raquel morreu muito longe de onde Jacó se encontrava, não sendo possível seu sepultamento em outro local (Gn 48:7; 35:16-20). Onde Lia morreu? Não sabemos, mas perto o suficiente para ser sepultada em Macpela, local onde Abraão e Isaque foram sepultados, e que seria relevante para a Terra da Promessa (e deste campo é que se começa a história de Israel...). Sem contar que, mesmo que o sepultamento com a primeira esposa fosse de mensagem relevante, o seria somente em relação ao que a Lei falará depois, em Dt 21, mostrando que mesmo se não amarmos a primeira esposa, não devemos tirar os direitos dela. Lembre-se que não nos guiamos por mensagens subliminares, deixe isso para conspiracionistas e tradicionais a respeito da monogamia.

### GÊNESIS EM GERAL

Notamos dois personagens em Gênesis que foram monogâmicos (não vou nem argumentar sobre a poligamia de Esaú, porque dirão que é ímpio, como fazem com Lameque...), foram estes: Isaque e José. Como observamos no início do texto, não existe obrigação 'moral' para o casamento poligâmico, na verdade, não existe obrigação 'moral' para o casamento (veja o texto sobre O Contrato de Casamento). Então, nada mais natural do que Isaque ter sido monogâmico prático. Aliás, há vários textos que dizem que Isaque conflitava com Rebeca frequentemente, apontando que o casamento deles teria sido conturbado... interessante, não é? Nenhum homem precisa justificar o motivo para ter uma única esposa (tanto quanto ser um eunuco ou não ter nenhuma). Não é da nossa conta, e o texto bíblico se silencia.

José é um caso à parte, pois ele era chefe no Egito e o Egito era uma nação monogâmica (apesar de aturar o concubinato). Que coisa, não? Dos casos claros de monogamia em Gênesis 50 % (dos casos claros) se explica pelo ambiente cultural... bem suspeito isso, tanto que voltaremos ao assunto no próximo texto. Podemos concluir, claramente, que Gênesis não oferece nenhuma mensagem contra a poligamia. Abaixo seguiremos em *Êxodo*.

### ÊXODO 1 – MULTIPLICAÇÃO ACIMA DA MÉDIA

*Eia, usemos de sabedoria para com eles [Israelitas], para que não se multipliquem, e aconteça que, vindo guerra, eles também se ajuntem com os nossos inimigos, e pelejem contra nós, e subam da terra. E puseram sobre eles maiores de tributos, para os afligirem com suas cargas. Porque edificaram a Faraó cidades-armazéns, Pitom e Ramessés. Mas quanto mais os afligiam, tanto mais se multiplicavam, e tanto mais cresciam; de maneira que se enfadavam por causa dos filhos de Israel. (Êxodo 1:10-12)*

Faraó era esperto. Sabia que um povo polígamo cresceria mais do que os egípcios (Jz 8:30), que eram monogâmicos. Povos dados à poligamia se multiplicam mais, pois um homem consegue ter mais esposas e engravidar mais mulheres do que uma mulher pode ter um filho (cf. Jz 8:30). O que tomamos por milagre em Êxodo é o meio normal para que um povo se mantenha em multiplicação. Mas a maior esperteza de Faraó estava em algo

que hoje em dia ninguém parece dar atenção: ele buscou colocar os homens para trabalharem mais fora de casa, evitando o máximo possível suas relações... coitado, isso funciona num mundo monogâmico, no qual o mercado de trabalho naturalmente diminuirá a tendência no interesse para se ter filhos, mas não funciona num mundo poligâmico, onde o homem pode contar, por exemplo, com duas mulheres para cuidarem dos filhos, dependendo menos dele (entre os judeus a mulher é que cuidava dos filhos – Pv 14:1; 29:15). Interessante, não?

Depois Faraó ordena que se matem os bebês meninos (não meninas) – Êx 1:15-17 -, pois, claramente, ele queria controlar a quantidade de pessoas nascendo a longo prazo. Ora, o fato de matar só homens prova novamente o ponto: uma mulher demora mais para ter filhos, então ele equalizaria a quantidade de pessoas entre os egípcios e hebreus (Êx 1:7), de forma que os hebreus ficassem numa taxa menor de reprodução. Ora, se a questão fosse somente matar todos os que nascessem, Faraó poderia, simplesmente, mandar matar a todos os bebês, algo que claramente não fez.

#### *ÊXODO 6 – NASCIMENTO EM ERRO (UM CONTRASTE)*

Em Êxodo 6:20 vemos de quem Moisés e Arão nasceram: de Joquebede, tia de Anrão e sua esposa. Espera, tia e esposa? Segundo a lei de Deus, tal relação é proibida (Lv 20:19) — **Deus proíbe a relação que trouxe Moisés à vida.** Assim, mesmo a relação que dá origem à vida do próprio Moisés é claramente proibida, mas não vemos a proibição da poligamia. Estes homens que vêm acusar-nos de pecado vivem a cavar na bíblia mensagens subliminares contra a poligamia (é o caso de um artigo no *Desiring God*, que literalmente diz isso), tirando os textos dos seus contextos, e afirmando aquilo que a Bíblia em momento algum afirma. O que aconteceu com “os textos mais claros interpretam os mais obscuros?” – nesse assunto você abre mão deste princípio?

#### *ÊXODO 20 – NÃO ADULTERARÁS*

*Não adulterarás. (Êxodo 20:14)*

Na mesma lei que se permite ter duas mulheres (Dt 21...), está escrito que é proibido adulterar. Será que estes homens que veem monogamia em tudo acham que Deus é esquizofrênico? Deus diz que o adúltero deve *morrer* (Lv 20:10), como, em sã consciência, a poligamia masculina seria adultério, se ninguém na relação morre por causa de pecado na lei?

Pense assim: Moisés, que recebeu de Deus este mandamento, não viu conflito entre ele e um homem ter várias esposas. Tal coisa seria absurda, pois seria uma contradição clara, direta e que não precisaria do Novo Testamento para ser conhecida. O mandamento é claro e deve ser compreendido como foi concebido (por Deus). Se, quando ele disse isso o conceito comportava a poligamia e o concubinato, não pode, depois de 2000 anos de escrito, significar algo diferente. Eu sei que muitos podem dizer, com o ar de superioridade que só o liberal teria, que no Novo Testamento Jesus esclareceu isso, revelando ser também contra a poligamia. Eu não li essa parte no Novo

Testamento, porém, se isso for verdade, e se a lei não esclarecia suficientemente o conceito, então a Lei não era competente para ensinar sobre Cristo e Deus, e nem expressar a natureza de Deus (como estes mesmos teólogos dizem), pois carecia de uma nova palavra que dissesse que aquilo antes podia e agora não pode mais, *baseado nas mesmas palavras*.

Mas façamos outro exercício mental: suponha que sou um crente fiel com duas esposas, crendo não adular. De repente, Cristo diz que ter duas esposas é adultério. Vou para o inferno, é a única explicação. A menos, claro, que estes homens suponham que se já estou casado então não há o que fazer, e não vou para o inferno (mesmo fazendo sexo com duas mulheres... suspeito isso, não?). Teria eu saído do *status* de amigo de Deus para inimigo de Deus ou continuaria amigo?

- Obs.: nestes assuntos a resposta coringa é sempre: “foi porque Deus teve misericórdia”, veremos mais sobre este argumento à frente.

### ÊXODO 21 – SE EU GANHAR OUTRA ESPOSA?

*Mas, se a casar com seu filho, tratá-la-á como se tratam as filhas. Se ele der ao filho outra mulher, não diminuirá o mantimento da primeira, nem os seus vestidos, nem os seus direitos conjugais. (Êxodo 21:9, 10)*

O pai deu ao filho uma esposa e depois mais outra. Nossa, Moisés, logo após ter proibido o adultério você vai autorizar um pai dar para o filho duas esposas? Não seria melhor dizer que quem já está assim que fique assim, mas que daqui pra frente tudo isso aí é adultério? O mais interessante que ambas as mulheres têm direitos conjugais, o que põe tanto o marido quanto a mulher em servidão, ou seja, devem estar prontos para darem sua força sexual ao outro quando for necessário.

Aqui também adiantarei outra coisa: o texto não está regulamentando a poligamia por esta ser uma coisa ruim. Ora, a lei se cumpre no amor, se um homem amar as mulheres que tem devidamente não diminuirá os mantimentos ou direitos conjugais da primeira. O que a Lei quer fazer é proteger a primeira esposa contra o desamor possível do marido, e não quer dizer em momento algum que por regular isso a poligamia é pecado – é o mesmo que dizer que, porque a lei regulamenta os pesos a venda de produtos seja pecado.

### ÊXODO 22 – CASAMENTO OBRIGATÓRIO?

*Se alguém enganar alguma virgem, que não for desposada, e se deitar com ela, certamente a dotará e tomará por sua mulher. Se seu pai inteiramente recusar dar-lha, pagará ele em dinheiro conforme ao dote das virgens. (Êxodo 22:16,17)*

Para alguns puritanos o mero flerte tornava o casamento obrigatório. Ainda bem que Deus nunca ouviu os puritanos para estabelecer suas leis. Aqui temos um casamento obrigatório que pode não se tornar casamento se o pai

quiser. Claramente, nem o sexo cria uma aliança forçada entre homem e mulher, mas perceba abaixo:

Notou que o homem não é morto? Pensava que o salário do pecado era a morte... mas aqui não temos morte, temos outra coisa, pois o homem não adulterou, e por esta razão o texto nem considera se ele era casado antes ou não. Se ele é casado e se deita com uma moça que mora sob autoridade do pai então é obrigado a se casar (a menos que o pai recuse). Ora, ora. Adultério? Não, possibilidade de um casamento acrescentado ao primeiro.

Se Êxodo não proíbe o casamento poligâmico, então, devo assumir que tais textos permitem-se ser praticados em um contexto de poligamia. É óbvio. Porém, note que nem muito é dito, pois o casamento poligâmico já é tomado como certo, semelhante ao que ocorre em Levítico:

### *LEVÍTICO 18 – NÃO ECONSTE EM TUA IRMÃ (MAIS CONTRASTE)*

*A nudez da tua irmã, filha de teu pai, ou filha de tua mãe, nascida em casa, ou fora de casa, a sua nudez não descobrirás. (Levítico 18:9)*

*Respondeu Abraão: Eu dizia comigo mesmo: Certamente não há temor de Deus neste lugar, e eles me matarão por causa de minha mulher. Por outro lado, ela, de fato, é também minha irmã, filha de meu pai e não de minha mãe; e veio a ser minha mulher. (Gênesis 20:11, 12)*

Será que a crise de Abraão e Sara não se deveu a isso? Não sabemos, o que sabemos é que Deus proibiu até este tipo de casamento, praticado por Abraão, mas não proibiu a poligamia. Como podemos aceitar uma interpretação tão ruim das Escrituras como os monogâmicos fazem? Se Deus quisesse, teria proibido a poligamia, e Levítico 18 era uma boa oportunidade. Note, porém, que Amnon pecou por se deitar com Tamar por quebrar esta proibição na Lei, temos exemplo claro de que Amnon foi punido com morte, ainda que quem o matou tenha pecado no ato (isso ficará para outro momento).

*A nudez da filha da mulher de teu pai, gerada de teu pai (ela é tua irmã), a sua nudez não descobrirás. (Levítico 18:11)*

Pode ser que seu pai tenha outra esposa, além da primeira, então, o texto bíblico já garante a proibição da sua relação com sua irmã, mesmo que só por parte de pai.

*E não tomarás uma mulher juntamente com sua irmã, para fazê-la sua rival, descobrindo a sua nudez diante dela em sua vida. (Levítico 18:18)*

Já explicamos este texto, mas é bom apontar dois detalhes aqui...

Na melhor chance de se proibir a poligamia, o texto bíblico apenas dá um alerta (sem pena de morte) de que o casamento com duas irmãs traria problemas para um homem – e não o casamento com duas mulheres em

geral. Isso é o mais próximo que o texto chega de dizer que algum casamento poligâmico seja pecado.

Além disso, a segunda parte do versículo “descobrimo a sua nudez diante dela” aponta o fato de que o sexo poligâmico poderia incluir duas mulheres (ou mais) ao mesmo tempo (que é o sentido de [“ על - diante”, “ao lado”, “sobre”] neste contexto, apontando a proximidade física das duas *enquanto nuas* – inclusive, essa é a mesma leitura da LXX sobre este texto). A frase: “toda mulher ou é bipolar ou ‘bissexual’” é uma coisa até engraçada de se ouvir, expressando, de certo modo, uma verdade. De qualquer modo, o texto não pode ficar solto no ar, provando que, apesar de dizerem que culturalmente isso não era comum, isso jamais foi proibido (caso você leia o nosso texto sobre a Poligamia no Novo Testamento verá a explicação das “mulheres *mudarem* o seu uso natural” em Romanos 1).

#### LEVÍTICO 19 – PENAS DIFERENTES

*E, quando um homem se deitar com uma mulher que for serva desposada com outro homem, e não for resgatada nem se lhe houver dado liberdade, então serão açoitados; não morrerão, pois ela não foi libertada. E, por expiação da sua culpa, trará ao Senhor, à porta da tenda da congregação, um carneiro da expiação, (Levítico 19:20, 21)*

O homem é culpado de pecado, mas como a mulher era escrava (ou seja, já tinha uma lei sobre seus ombros) Deus não permite que sejam punidos com a morte e por isso só é necessário o açoitamento e oferta pelo pecado (a morte de um animal). Mas note como a coisa muda: agora, com um homem se deitando com uma escrava noiva, já há pena... mas nada para a poligamia.

#### LEVÍTICO 20 – PENA PARA ADULTÉRIO

*Também o homem que adulterar com a mulher de outro, havendo adulterado com a mulher do seu próximo, certamente morrerá o adúltero e a adúltera. (Levítico 20:10)*

Quantos homens inocentes morreram baseado neste texto de forma errada! O texto só pune com morte se um homem se deitar com a **mulher de outro**, e como o pecado é transgressão da lei de Deus (1 Jo 3:4) não podemos supor que o texto condene como pecado o homem que se deita com uma mulher que é dele (ou que ainda não é, mas pode ser). Naturalmente a explicação está clara, não há nenhum adultério que se pratique entre um homem e duas mulheres que já são dele. Contradizer isso é contradizer os textos claros da Lei de Deus, bem como aos menos claros.

#### LEVÍTICO 20 – HOMEM COM HOMEM NÃO... MAS DUAS MULHERES PODEM

*Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles. (Levítico 20:13)*

Nem sempre as pessoas notam o que *falta* num texto. Veja que nem Levítico 20 (nem 18) condena a relação de duas mulheres, afinal, na poligamia, você

acha que um homem se deita com uma por vez? Assim, o texto mostra que se uma mulher casar com dois homens é adúltera e o homem é sodomita.

Por outro lado, não há necessidade de se proibir um homem com duas mulheres e nem duas mulheres de se deitarem, porque na poligamia duas mulheres certamente se deitarão com seu marido ao mesmo tempo! É claro que o texto permite de modo simples que mulheres se deitem porque estarão casadas com um único homem! Levítico ensina bastante por contraste.

### *NÚMEROS 5 – CIÚMES*

Provando que todos os textos aprovam diretamente e indiretamente a poligamia masculina chegamos neste, que é o único que descreve o ciúme de modo completo:

*Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Se a mulher de alguém se desviar e lhe for infiel, de maneira que algum homem se tenha deitado com ela, e for oculto aos olhos de seu marido, e ela o tiver ocultado, havendo-se ela contaminado, e contra ela não houver testemunha, e não for surpreendida em flagrante, e o espírito de ciúmes vier sobre ele, e de sua mulher tiver ciúmes, por ela se haver contaminado, ou o tiver, não se havendo ela contaminado, então, esse homem trará a sua mulher perante o sacerdote e juntamente trará a sua oferta por ela: uma décima de efa de farinha de cevada, sobre a qual não deitará azeite, nem sobre ela porá incenso, porquanto é oferta de manjares de ciúmes, oferta memorativa, que traz a iniquidade à memória. (Números 5:12-15)*

*Se a mulher se não tiver contaminado, mas estiver limpa, então, será livre e conceberá. Esta é a lei para o caso de ciúmes, quando a mulher, sob o domínio de seu marido, se desviar e for contaminada; ou quando sobre o homem vier o espírito de ciúmes, e tiver ciúmes de sua mulher, apresente a mulher perante o Senhor, e o sacerdote nela execute toda esta lei. O homem será livre da iniquidade, porém a mulher levará a sua iniquidade. (Números 5:28-31)*

Fique à vontade para ler o capítulo inteiro, o que, porém, eu lhe pergunto é: Quem tem ciúmes no texto?

Seguimos o mesmo princípio de Levítico 20:13: o que o texto *não fala*? Ele não fala de ciúmes da mulher! Claro que ela não pode ter ciúmes, o marido vai ter mais outras além dela, dá! A ideia de uma mulher que tenha ciúmes é tão contrário ao texto bíblico quanto o fato dela tentar ter dois maridos. Assim como Deus tem ciúmes de Israel, é só o homem que pode ter ciúmes da esposa (1 Co 10:22; Dt 32:16; Êx 34:14). Se a mulher tiver ciúme do marido, claro que ele não poderá ter outra esposa, ou dificultará muito a relação.

Ainda buscamos um texto que, ao menos indiretamente, contrarie a poligamia na lei. Por isso, vamos para Deuteronômio.

### *DEUTERONÔMIO 17 – O REI E SUAS ESPOSAS*



*Porás certamente sobre ti como rei aquele que escolher o Senhor teu Deus; dentre teus irmãos porás rei sobre ti; não poderás pôr homem estranho sobre ti, que não seja de teus irmãos. Porém ele não multiplicará para si cavalos, nem fará voltar o povo ao Egito para multiplicar cavalos; pois o Senhor vos tem dito: Nunca mais voltareis por este caminho. Tampouco para si multiplicará mulheres, para que o seu coração não se desvie; nem prata nem ouro multiplicará muito para si. (Deuteronômio 17:15-17)*

Finalmente! Achamos um texto proibindo alguém (o Rei) de multiplicar mulheres! Agora sim, um ideal apontado na lei, não é? Ah, quanta falta faz o contexto. Leia de novo e note isso: se é verdade que proibir multiplicar esposas implica que o Rei (só o rei) precisa ter uma só, devo supor que o rei deveria ter também somente um cavalo, pois ele está na mesma estrutura de proibição. Não foi dessa vez...

Mas veja, para consolo (não "aquele" consolo...), sugiro que note que este texto só fala do rei, apenas dele, então, mesmo que apontasse para uma monogamia o motivo estaria claro. Veja, nem o ouro o rei deveria multiplicar, e nem por isso queremos o rei com uma única pedra de ouro, não é mesmo? Talvez se pesar algumas toneladas possa ser uma única. O que o texto está dizendo? É só uma instrução administrativa: não multiplique estas coisas, pois quanto mais, maior a chance de o coração se corromper. Afinal, o mesmo vale para o dinheiro. Pode ter bastante, mas cuidado, se você crescer muito financeiramente pode ter o seu coração preso pelo que era para te dar liberdade.

#### **DEUTERONÔMIO 21 – DUAS MULHERES (AME A AMBAS)**

*Quando um homem tiver duas mulheres, uma a quem ama e outra a quem despreza, e a amada e a desprezada lhe derem filhos, e o filho primogênito for da desprezada, Será que, no dia em que fizer herdar a seus filhos o que tiver, não poderá dar a primogenitura ao filho da amada, preferindo-o ao filho da desprezada, que é o primogênito. Mas ao filho da desprezada reconhecerá por primogênito, dando-lhe dobrada porção de tudo quanto tiver; porquanto aquele é o princípio da sua força, o direito da primogenitura é dele. (Deuteronômio 21:15-17)*

Por favor, se você tiver duas esposas, faça o possível para amar a ambas, pois este texto está dizendo que se você amar uma e desprezar a outra correrá o risco de tratar de modo desequilibrado a situação. Veja, Deus não diz que é um amor falso, mas que um homem não só pode, mas *deve amar duas mulheres quando está casado com duas mulheres*. É a mesma instrução de Paulo: "Vós, maridos, amai vossas mulheres" (Efésios 5:25). A lei se cumpre no amor, portanto, se um homem despreza uma mulher, o que esta ordem de Deuteronômio quer impedir é que a falta de amor do homem resulte em penas para os filhos e para a desprezada. O que Deus quer regular não é o casamento poligâmico, mas as consequências da falta de amor a uma das duas esposas.

- Obs.: anteriormente Deus também regula a falta de amor, nos versículos 11 a 14. Se você, numa guerra, levasse uma moça para casa, não deve vender ela posteriormente, antes, deve agir com amor e libertá-la, caso não se agrade dela (v. 14). O amor é o cumprimento da Lei, então, é claro que quando Deus regula estes problemas, ele quer impedir que a falta de amor faça com que você aja de qualquer modo com outra pessoa. Notavelmente, ordenar o amor pelas duas mulheres regula a poligamia tanto quanto ordenar que um marido ame uma única esposa regula a monogamia – ou seja, não é a monogamia que está sendo regulada, e sim a falta de amor.

Um exemplo prático de como a falta de amor pela esposa que dá o primeiro filho pode ser ruim para todo mundo é o caso de Lia e Raquel. Jacó amava a Raquel, que não lhe dava filhos, enquanto Deus fez Lia, a primeira, lhe dar filhos (Gn 29:19-31). Mesmos assim Jacó persistiu em falhar, pois quando Raquel deu à luz quem nasceu foi José, a quem Jacó deu privilégios (Gn 37:3 [lembre-se que Benjamin ainda nasceu depois de José]) a ponto de os outros irmãos o invejarem, fazendo maldade a ele (Gn 50:20). Ou seja, aprendemos dessa história que a falta de amor resultará naturalmente em conflitos intrafamiliares. A ordem do amor do marido deve se iniciar com a primeira esposa, e é isso que a história bíblica ensina sempre.

É claro que o homem deve amar todas as esposas que têm. Não é, como pensam as pessoas influenciadas pela filosofia, que se você amar uma não amará a outra – elas não são inimigas tal como Deus e Mamom. Quanta briga de casal isso resolveria se simplesmente fosse compreendido que um homem pode amar quantas mulheres tiver! Essa dialética do amor do marido só existe pra quem não estudou o texto bíblico com calma:

*E o rei Salomão amou muitas mulheres estrangeiras, além da filha de Faraó: moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hetéias, (1 Reis 11:1)*

Você acha que Cristo viria e simplesmente acabaria com isso assim, como se não fosse nada?

### CONCLUSÃO GERAL

Jean-Marc Berthoud, teólogo teonomista, diz que Deus descartou a poligamia na lei e apontou a monogamia como modo ideal de amor e casamento. Infelizmente esqueceram de dar este recado a Deus, que claramente estabeleceu em sua Lei a poligamia, não como uma ordem, mas como uma permissão para um homem que assim desejar. O desejo, é claro, não é pecaminoso, não somos ascetas – nem gregos. Se os nossos desejos não contrariam a Lei de Deus, nada há contra eles, a menos, é claro, que meus desejos cheguem para cima da propriedade do meu próximo ou sua esposa (Êx 20:17).

Não temos como, neste texto, tratar dos argumentos contrários como as questões culturais, econômicas, teológicas etc., portanto, no próximo texto trataremos especificamente destes argumentos *antes* de continuarmos

explicando os outros textos bíblicos. Para nossa tristeza os homens se apegam demais às suas culturas e costumes, e por isso perdem o que Deus permitiu no texto bíblico para a alegria tanto dos homens quanto das mulheres.

## Conclusão

- Não há nada na Lei contra a poligamia masculina;
- Deus ordena que um homem ame suas esposas, com o fim de não haver injustiça;
- O Amor cumpre a Lei quando este é dentro do que ela permite.
- Portanto, a Poligamia Masculina é abençoada por Deus.

## *Poligamia na Lei de Deus – Parte 2*

Sabemos que além do que se trata na Lei de Deus há os argumentos econômicos, culturais, históricos e até teológicos para explicar a razão de haver Deus permitido a poligamia masculina e – supostamente – ter proibido depois. Na parte 1 deste texto tratamos de como a Lei bíblica defende ativamente a poligamia, contudo, defendemos o assunto somente em sua estrutura interna, da Lei. Fizemos assim porque mesmo o Novo Testamento diz que o pecado é a transgressão da Lei (1 Jo 3:4) e sem lei não há pecado (Rm 4:15 [ou seja, se Deus não proibiu, não é pecado]), então, nada mais natural do que tratar da poligamia na Lei de Deus primeiro. Contudo, surgem vários questionamentos externos à lei para buscar explicar o porquê Deus permitiria a poligamia naquela época e, magicamente, teria proibido depois, considerando ainda que ela não era nem uma lei ritual e nem relacionada ao governo civil da antiga Israel - coisas essas que normalmente se concorda que passaram.

No texto abaixo daremos mais um passo para provar que Deus nunca intencionou proibir a poligamia masculina, antes, nós é que fomos, por causa de certas circunstâncias e más interpretações, jogados nessa leitura cultural da bíblia. Porém, abaixo, não seremos extremamente sistemáticos, já que nos ocuparemos apenas com respostas curtas.

### CULTURAL

*Novamente, Jacó, filho de Isaque, é acusado de ter cometido um grande crime porque tinha quatro esposas. Mas aqui não há fundamento para uma acusação criminal: pois uma pluralidade de esposas não era crime quando era costume; e é um crime agora, porque não é mais o costume. Há pecados contra a natureza, pecados contra os costumes e pecados contra as leis. Em qual desses sentidos, então, Jacó pecou ao ter uma pluralidade de esposas? No que diz respeito à natureza, ele usou as mulheres não para gratificação sensual, mas para a procriação de filhos. Por costume, essa era a prática comum naquela época naqueles países. E para as leis, nenhuma proibição*

*existia. A única razão de agora ser crime fazer isso é porque o costume e as leis o proibem. Quem despreza essas restrições, mesmo que use suas esposas apenas para ter filhos, ainda assim comete pecado e prejudica a própria sociedade humana, por causa da qual é necessária a procriação de filhos. No atual estado alterado de costumes e leis, os homens não podem ter prazer em uma pluralidade de esposas, exceto por excesso de luxúria; e assim surge o erro de supor que ninguém jamais poderia ter tido muitas esposas, a não ser por sensualidade e veemência de desejos pecaminosos. Agostinho Contra Fausto, XXII.47*

### *A nossa cultura*

Sob a palavra "costume" podemos compreender o conceito de "cultura", de modo que ambos são utilizados quase que como sinônimos. E aqui temos o primeiro argumento contra a poligamia pensando neste âmbito cultural. Agostinho, buscando defender a escritura contra a sensibilidade romana e grega, cria uma lei esquizofrênica em Deus, de modo que uma coisa que não era luxúria passa a ser (baseada nas leis dos homens).

Como notamos no nosso texto anterior, não faz sentido acusar os hebreus de apenas seguirem a cultura da época em que viviam. Ora, quem não garante que a preocupação contra a poligamia não é, ela mesma, influência da cultura em que *eu vivo*, e de que os crentes do AT é que seguiam as permissões de Deus? O argumento cultural é uma mera suposição, pois não tem como provar que algo é da cultura deles ou nossa.

Sempre que estes homens alegam que algo é fruto da cultura de alguém e que a nossa cultura é distinta, sempre julgará como pecador aquele que tem uma cultura diferente da nossa. Isso explica muita coisa.

Além disso, Agostinho sujeita as permissões de Deus e o que é pecado ou não ao ambiente cultural – por isso é tão amado por homens que acusam os costumes nos outros. Veja, mesmo no Novo Testamento o pecado é aquilo que contraria a Lei de Deus (1 Jo 3:4; Rm 4:15 etc. – confira nosso texto "O que é a Lei de Deus?"). Se Agostinho diz que agora o pecado é também porque contrariamos costumes, o que ele faria quando o costume for contra algo que Deus não proíbe? O que dizer dos crentes que se levantam contra ordens estatais que não são pecaminosas em si (como, por exemplo, usar uma máscara)? Todos estes estão em pecado?

Por último, note que a preocupação de Agostinho (e de muitos teologuinhos) é a de que "prejudica a sociedade humana". Isso é a prova de o quanto ele era romano, e influenciado por sua própria cultura – assim como os homens atualmente. Deus permitiria e até concederia esposas se isso fosse ativamente prejudicial à sociedade humana?

### *A cultura deles*

Agora perceba o quanto este argumento é falho se formos considerar o âmbito cultural dos hebreus. Você até poderia dizer que o ambiente cultural até Jacó era poligâmico (o que já seria mentira), mas não poderia explicar como, mesmo depois dos egípcios favorecendo à monogamia, ainda havia

forte poligamia entre os hebreus a ponto de Deus nunca a contradizer. Veja, os egípcios eram *monogâmicos* (razão suficiente para explicar a monogamia de José) e não se permitia casar com mais mulheres de modo algum, exceto as relações comuns de concubinato sem casamento. Ora, após anos no Egito, em meio a uma cultura monogâmica, seria muito menos difícil Deus proibir a poligamia entre os hebreus, visto conhecerem e crescerem neste contexto. Deus, que exige que venhamos a fazer atos simples como dar graças pelo que comemos (1 Tm 4:1-5) até atos mais difíceis como dar fim aos ídolos e ao adultério (Js 24:14 [texto mostrando que os israelitas não deveriam adorar divindades egípcias]), jamais exigiu o fim da poligamia com vistas na cultura dos outros.

Poderíamos ainda apelar, e dizer que os cananeus eram poligâmicos e que, portanto, os hebreus absorveram isso da cultura deles. Mas em Levítico, que alerta para não se praticar as obras dos cananeus (Lv 18:3), não há alerta contra as práticas poligâmicas. Vejamos com calma:

*Não fareis segundo as obras da terra do Egito [que eram monogâmicos], em que habitastes, nem fareis segundo as obras da terra de Canaã [que provavelmente eram poligâmicos], para a qual vos levo, nem andareis nos seus estatutos. (Levítico 18:3)*

Não devo ser monogâmico ou não devo ser poligâmico? Bom, o assunto do texto não é este, pois quando Deus vai enumerar as obras sexuais praticadas pelos cananeus, entre nenhuma delas se encontra a poligamia masculina simples sendo proibida. Vemos a proibição para:

Não se relacionar com nenhum parente (v. 6) e nem a mãe (v. 7, 8); nem com irmã (por parte de pai ou mãe – v. 9 [Abraão fez isso]); nem com netos (v. 10); nem com sobrinhas (v. 11); nem irmã, filha de sua mãe e pai (v. 12 – já presumindo possível poligamia do pai); nem com tia solteira ou casada (v. 13, 14); nem com nora ou esposa de seu irmão (v. 15, 16); nem com filha e mãe (v. 17); e nem com netos e netas (v. 17); nem uma mulher com sua irmã (v. 18 [Jacó fez isso]); nem durante a menstruação (v. 19); nem com a mulher do próximo (v. 20); e, por fim, nem um homem com outro homem ou animal (v. 23, 24).

Quando o texto resolve falar das obras dos cananeus e egípcios, nenhum versículo condena a poligamia, antes, condena outras práticas destes povos que Deus chama de pecado. Este seria o momento perfeito para Deus proibir a poligamia, já que ele mesmo está buscando proibir o que os cananeus faziam entre si. Ainda assim, vemos que culturalmente Israel tinha bagagem para formar um povo monogâmico, e Deus não fez o mínimo de esforço para que isso fosse encerrado entre o povo dele.

- Obs.: alguns não dizem que todas as culturas eram poligâmicas porque aceitavam o concubinato. Mas isso é falso, o concubinato era prática comum entre gregos, romanos (pais da monogamia ocidental) e até senhores de escravos recentemente. O ponto é que concubinato (relação sexual e estável com escrava) é diferente de casamento (que implica libertação da escravatura). Um exemplo prático é Levítico 19:20, em que uma mulher noiva escrava não sofre pena de morte por adultério, mas, se liberta e ainda for noiva, sofre (como Tamar sofreria pena de morte em Gênesis). Do nosso ponto de vista monogâmico moderno, Israel permitir o concubinato e a poligamia contratual seria uma maldade até maior do que dos povos à sua volta, que só aturavam o concubinato. Isso mostra que se Deus quisesse, poderia regular somente o concubinato e evitar o progresso em contrato de casamento, mas Ele aprovou as duas coisas.

*Um lembrete de que a Lei de Deus é universal*

Veja que Deus está julgando os cananeus por uma lei que não tinha sido dada por escrito a eles (Lv 18:25). Deus mesmo diz que os cananeus estão sendo condenados por estas práticas (Lv 20:23). Inclusive, quando Deus se revolta contra os “costumes das outras nações”, ele claramente delineia em todo o capítulo quais são estes:

*E não andeis nos costumes das nações que eu expulso de diante de vós, porque fizeram todas estas coisas; portanto fui enfadado deles.  
(Levítico 20:23)*

Não querendo perder o debate para Fausto, Agostinho contradisse a Deus para estabelecer o próprio costume e não soar ao seu inimigo como um depravado sexual que os romanos pensavam ser os judeus. Porém, note, a Lei de Deus é universal e por isso Deus condena os cananeus mesmo sem nunca terem ouvido dos costumes hebreus. Como podemos ver, se a poligamia fosse condenada por Deus, o seria universalmente, e não somente por um costume.

Mais ainda, os povos babilônicos (que levaram Israel ao cativeiro posteriormente), gregos (que até tinham cálculo para provar que o casamento é entre 1 homem e 1 mulher, *mesmo se a mulher morrer*) e romanos eram todos monogâmicos – claro, tudo por imposição estatal, afinal, a curto prazo, a monogamia se mostra economicamente viável, e mais controlável. Não irônico, Roma só teve dificuldade de controlar os judeus e os persas (estes sim, poligâmicos). Israel estava com culturas maiores e mais desenvolvidas mergulhadas na monogamia, acha mesmo que teria sido “a cultura da época” aquela que criaria nos hebreus a necessidade pela poligamia?

- Obs.: entre os seguidores de Pitágoras se convencionou que o número 2 era feminino e o 3 era masculino, sendo o número 5 equivalente ao casamento, de modo que passar deste número ou ficar aquém dele seria uma deturpação do casamento (meu bom Deus, de onde tiraram isso?). Cf. essa informação aqui (<https://www.britannica.com/topic/number-symbolism/Pythagoreanism>). Os egípcios eram culturalmente monogâmicos; os babilônicos eram por necessidade econômica; os gregos por motivos filosóficos e os romanos por motivos jurídicos (imagine a dificuldade de dividir a herança na mão do Estado pra famílias poligâmicas?). Não estamos dizendo que a coisa era exatamente assim, afinal, em todos houve motivo jurídico, filosófico, econômico etc. Mas algumas coisas são mais evidentes em alguns ambientes, além de, historicamente, poder faltar informação (pode ser que os egípcios o eram mais por motivos jurídicos, mas pela falta de *acesso à materiais que provem*, se presume uma mera aceitação por costume).

## PAIXÕES

*E ela [Sara] deu a seu marido sua serva não para satisfazer a paixão dele, mas para lhe dar descendência. Agostinho, Contra Fausto, XXII, 33*

### Ascetismo grego

O ascetismo grego foi uma daquelas ideias de que o homem deve evitar suas "paixões". Não sem motivo, Agostinho equaliza "pecado" e "paixão", em seu livro *Do Livre Arbítrio*. Pois bem, diga-se que paixão é pecado, mas em que sentido isso? Porque, de acordo os teólogos atuais, toda paixão desordenada é pecado. Quando, na verdade, Deus ressoa fortemente que o pecado é transgressão de uma lei, ou seja, o ultrapassar **uma linha**. Quem pode dizer qual é o nível adequado de paixão? Contudo, o desejo pela mulher do próximo, forte ou fraco, é pecado, independente do nível de desejo. Vê como a Lei de Deus é clara e direta no que diz respeito às "paixões"? Paixão é só uma daquelas categorias filosóficas que entrou no Cristianismo e o tornou domesticado.

Augusto Comte, 'ateu', que cria que vivemos a fase racional da humanidade, era contra o recasamento, mesmo após a morte de qualquer um dos parceiros, algo que ele chamava de poligamia sucessiva (o que ele tinha em comum com os pais da igreja? A Filosofia Grega, claro) – tudo porque ele cria que a razão favorece a unidade e a simetria. A unidade e simetria é uma ferramenta boa para a ciência, mas não para a teologia, que se fundamenta em como Deus ordena as coisas e não em como queremos compreendê-las (que sempre é o caminho supostamente mais simples). Para a dialética deles, um homem não pode amar mais de uma mulher – muita tolice e contradição com o texto bíblico, principalmente se olharmos *Cântico dos Cânticos*, escrito por Salomão já após ter algumas esposas... o livro mais romântico e amoroso da Bíblia é fruto do amor poligâmico, diferente desse ascetismo dialético. No fim, a monogamia é favorecida pela *filosofia no Cristianismo* e não pelas Escrituras.

Como alguém pode dizer que há paixão quando um homem se casa com duas mulheres? Deus mesmo se casou com duas, ao se casar com Israel do norte e Judá (Ez 23), seria Deus condenado como pecador por “ceder” às paixões?

Além disso, essa baboseira presume que um homem precisa ser contido, ou seja, tem que se contentar com o que possui. Ora, em nenhum lugar nas Escrituras isso é dito, exceto, quando o seu desejo de possuir algo seja o desejo para possuir algo que é de outra pessoa, e não do que está à venda, por exemplo. Se o contentamento é se satisfazer com o mínimo, deixemos nossas casas, trabalhos e o ganho de dinheiro que é maior que o de qualquer época na história do mundo, e nos voltemos ao ascetismo “cristão”, que só serve para condenar inocentes.

### *Virgindade Romana – a deusa*

Além disso, o que você diria se soubesse que a principal divindade romana, por muito tempo, foi cultuada sendo “sempre virgem”? Vesta, a divindade romana que mais fazia sucesso, o fazia por propor um ideal de vida para as mulheres e no lar: ela era virgem, e a perda da virgindade poderia até custar a vida. Não é sem razão que em Roma é que os crentes ficam extremamente preocupados com a virgindade... Se você soubesse quanta coisa pegamos dos romanos ficaria assustado.

De qualquer modo, se a mulher deve ser virgem (na cabeça do romano) o deve ser o homem também, logo, se forem padres, com certeza não seria uma boa coisa se casar e também não o seria se relacionar sexualmente. A cultura romana, apesar de muito aberta sexualmente, tinha entre seus ideais a “pureza sexual”, algo que só não era mais popular porque precisava de uma religião que influenciasse suficientemente as pessoas. Agora, depois que essa religião chegou, todas as pessoas passaram a esconder sua vida sexual (tudo bem, é verdade que diminuiu a prática sexual desenfreada). Você acha mesmo que essas paixões sexuais seriam permitidas por Deus e, de repente, proibidas no NT, coincidentemente no meio romano? Suspeito, bem suspeito...

Essa deusa era tão relevante para os romanos que Lívio, Plutarco, Dionísio e Halicarnasso a consideram em grande estima; isso sem contar as Doze Tábuas de Roma (*Lex Duodecim Tabularum*) – fundamental para o Direito Romano – que na quinta tábua ainda se dedica a cuidar das posses das virgens de Vesta, tanto era o valor dessa deusa e da virgindade atrelada a ela. Algo que faz total sentido, visto que Vesta seria a mãe “fundadora” de Roma. Assim, toda a cultura romana girava por pressão em torno desse ideal de pureza. No fim, eliminamos a idolatria, pois ninguém nem sabe mais quem teria sido Vesta, mas o costume continuou, e ainda pensamos que o ideal é o que aprendemos da cultura romana.

Ah, os romanos passaram por crises populacionais, isto é, seu povo foi ficando muito velho e a taxa de nascimento começou a cair (ironicamente, em alguns momentos criam que o mundo estava muito cheio de gente... é muita gente para o Estado gerir, só isso). Povos monogâmicos que duram muito tendem a ter essa tendência à queda na taxa de natalidade. São excelentes para



crecerem economicamente e culturalmente rápido, mas morrem lentamente.

De qualquer modo, Vesta apontava um ideal de pureza, com a “fornicação” sendo um grande problema para os romanos, algo que incluía o casamento poligâmico, por extensão. Veja, o senso de pureza e falta de paixão vem da cultura romana e da filosofia grega, com os seus maiores ideais resultando numa suposta pureza sexual que evita a poligamia. Somos herdeiros da moral grega e romana – e por isso temos medo da poligamia masculina.

Ironicamente, os padres medievais tinham um pouco menos de medo. Baseando-se em passagens como 1 Tm 3:1 que proibiam ao bispo possuir mais de uma esposa, muitos, junto à esposa, incluíam concubinas. Mas claro, nem os reformadinhos e nem os catolicozões acrescentarão essa parte da história nos seus livros – algo que consideraremos ao fim deste capítulo.

### *Nojo e feiúra*

Alguns ainda poderão dizer como é nojento imaginar duas mulheres ao mesmo tempo na cama com um homem, ressaltando que isso é por pura paixão, visto que mesmo Jacó não se deitava com Lia e Raquel ao mesmo tempo. Claro que não se deitaria com ambas, elas disputavam entre si! Você não leu o texto anterior? Isso só é nojento para nossa cultura moderna, voltada para o conceito de que um desejo por muitas coisas é paixão e, portanto, é feio (aplicando estética às ordens de Deus) e até nojento.

Este argumento é característico de mulheres que assimilam as coisas pelo que veem e sentem, isto é, não conseguem ter um julgamento para além das aparências, ao menos, não normalmente (é bom colocarmos essas observações no final, porque sempre surge alguém com as exceções, que nada provam além da regra que estamos mostrando – se há exceção é porque “há regra”). Tal coisa é tão tola quanto fraca, e ressalta *nossa* sensibilidade e não o que o texto bíblico permite. Imagino Salomão tendo que ter relações com uma mulher por vez das mil... que vida complicada seria praticar essa regra.

## ECONOMIA E POLÍTICA

### *É óbvio que a monogamia favorece a economia em curto prazo*

Isso não deveria nem ser discutido! Não estamos falando de ciência política ou econômica, estamos falando do que Deus chama de pecado e do que não é pecado! Pode ser que comprar um carro te aperte financeiramente e, talvez, até te leve à falência, mas isso não é por causa de um pecado inerente a se comprar um carro, foi apenas uma forma ineficiente de gerir o seu dinheiro. Se a monogamia favorece a economia, não o é por motivos de santidade ou não, mas sim porque ela favorece o olhar familiar para fora.

Veja este exemplo de Paulo de como a monogamia e até a solteirice favorece um olhar para fora da família:

*Mas o que é casado cuida das coisas do mundo, em como há de agradar à mulher. (1 Coríntios 7:33)*

A Igreja perseguida jamais deveria se preocupar muito com grandes famílias, visto que, como Paulo trata em 1 Co 7, um homem casado se preocupa em como agradar à mulher (e quanto mais mulheres, mais precisa fazer pela família). O que Paulo instruiu não era algo exclusivo do conhecimento dele, já que os governos antes dele quiseram controlar o casamento e a natalidade, pois dessa forma as pessoas serviriam melhor ao Estado e aos fins sociais. Portanto, é natural que a monogamia favoreça qualquer objetivo externo à família, quer seja "o reino", quer seja a economia, o Estado, o PIB entre outras coisas fora do âmbito familiar.

- Obs.: poderíamos mudar ainda: o que é casado cuida de como agradar à mulher, e não de como servir ao Estado (pólis). Não ironicamente, Platão era contra a propriedade privada da mulher (de ser de um único homem – poliandria) para que, não detendo nada próprio, os homens se dedicassem ao máximo à Pólis. Isso está claramente em seu livro A República (423e–424a: “todas estas mulheres serão **esposas em comum com todos os homens**, e **nenhuma delas viverá privadamente com qualquer homem**; os filhos também devem ser mantidos em comum, de **modo que nenhum pai saiba qual é o seu próprio filho** e nenhum filho conheça seu pai.”). Para Platão (e os gregos), até mesmo ter uma mulher ou um marido seria impedimento se você é guardião da cidade. Bem intrigante, não é? A monogamia tira poder da família, e veremos isso ao comentarmos os profetas.

Chamar a poligamia de pecado por causa da economia prova que amamos mais o dinheiro do que a verdade e a Lei de Deus. Estes mesmos aí são os que amam quando os outros são pobres para o benefício da igreja, mas querem destruir a família que Deus nos permite ter.

*O Estado não permite, e devemos obedecer às autoridades*

É verdade que devemos obedecer a todas as autoridades que Deus pôs sobre nós, isso é inegável, principalmente baseado no fator de que as autoridades são instituídas por Deus (Rm 13:1 em diante). O problema começa com o limite de obediência. Ora, vimos no texto anterior que mesmo o Egito sendo monogâmico Israel se multiplicou poligamicamente sob o poder de Faraó, embora José se mantivesse monogâmico. Além disso, no NT é bem evidente o modo que Paulo argumenta, evitando atritos desnecessários com as autoridades.

Então, onde está a linha que permite eu me casar poligamicamente em um Estado contrário? A questão é simples: antes e acima de tudo é não considerar a poligamia masculina pecado. Se você fizer isso, não importa o que o Estado diga, você jamais julgará seu irmão de modo injusto, testemunhando falsamente contra ele; antes, saberá que, mesmo que possa estar desobedecendo uma autoridade humana, não estará quebrando nenhum mandamento de Deus no que diz respeito ao estabelecimento familiar.

Segundo, o texto de Êxodo 1 nos permite notar que a população comum tem o direito dado por Deus de ter suas esposas de modo poligâmico, enquanto as autoridades estatais (como José) devem ser modelo exemplar da estrutura do Estado, portanto, evitando a poligamia em um governo que a proíba. Quanto mais em evidência um cristão estiver politicamente, menor deve ser o anseio dele pelo casamento poligâmico, a menos que viva em um Estado que o permita (o contrário disso pode suscitar até mesmo perseguição religiosa).

Mas note como estes cristãos que proíbem o casamento poligâmico num estado monogâmico são hipócritas: o que fazem quando é dito que deve se pregar aos muçulmanos (que são poligâmicos)? Que o casamento que Deus ensina é monogâmico, mesmo com os estados muçulmanos permitindo um homem ter até quatro mulheres. Por este padrão hipócrita deles, em um estado assim só seria pecado se um homem tivesse cinco mulheres. O que farão estes homens caso o governo deixe de proibir a poligamia? Claramente não se submeterão à autoridade, condenando a si mesmos no que dizem aprovar.

- Obs.: lembre-se que, segundo a Escritura, o contrato de casamento se dá entre o marido (ou seus pais) e os pais da moça, portanto, o fato de o Estado não dar o contrato de casamento não significa que não há casamento. O casamento se dá *independente* do Estado e sua burocracia deve ser obedecida, mas não podemos confundir o que o Estado chama de casamento com o que a Escritura chama de casamento. Não queremos nos levantar contra os governos humanos, apenas separar as coisas devidamente entre o que Deus permite e o que o homem estabelece.

## TEOLOGIA

Os argumentos teológicos são tolos quase tão ruins quanto os anteriores. Mas eles costumam ter uma coisa que não há nos anteriores: aquele senso real de piedade, de abnegação e de sofrimento (desnecessário?) que todo crente deve ter. A aparência de piedade não deveria ser motivo para nos apegarmos às coisas, e nem se quer a aparência de maldade (que eventualmente achamos estar em algo que Deus não proibiu).

### *A necessidade de Cristo nascer*

Cristo tinha que nascer? É claro! É a promessa de Gênesis 3:15, de que viria da mulher. Note, porém, que alguns teólogos dizem que Deus garantiu a poligamia para dar vazão ao nascimento de Cristo (nem sei como isso faria sentido). Porém, o mesmo texto que é fundamental é o que os derruba. Veja, Gênesis 3:15 é o único texto que fala sobre a "semente da mulher" ao invés da semente do homem (a Abraão, por exemplo, se promete a descendência pela sua semente). Considerando que mulheres não ejaculam espermatozoides, isso deve significar algo, pois está eliminando o homem da equação (e, por lógica, a necessidade da poligamia) – e mostrando que o nascimento do Salvador seria, já provado aqui em Gn 3, virginal, sem a necessidade da semente masculina.

Não existe razão para crer que Jesus só nasceria por causa da poligamia, primeiro por causa do que vimos acima, já que não havia necessidade se quer de um homem para o nascimento de Cristo, segundo que basta lermos Mateus 1 para notarmos que a genealogia de Jesus nunca precisa de "duas mulheres ao mesmo tempo", mas somente uma após a outra, isto é, uma descendente da anterior.

### *Gênesis 2 é o ideal de Deus*

Já explicamos Gênesis 2, mas aqui cabe um detalhe: seriam os profetas burros? Ora, Jesus mesmo diz, em Mateus 19, que o que Deus criou é o modo que as coisas devem ser, e cobra dos fariseus e seus discípulos (lembre-se que Jesus ainda estava sob o AT), de modo que não faz sentido dizermos que Gênesis 2 era um mistério para os crentes do AT. A propósito, o texto é tão claro que deveria fazer os monogâmicos desconfiarem da monogamia presente no texto *sem que ninguém tenha notado isso em todo o AT*.

Todo mundo aponta para Gênesis 2, um texto que diz haver uma mulher para um homem somente. Não temos aqui nada que se assemelhe a uma grande obra oculta, misteriosa ou que precisasse de mais revelações: o texto estava lá. Assim, quem precisa provar como Gênesis 2 passou eras sem ser compreendido é justamente quem defende a monogamia.

Alguns ainda dirão que, como Deus tolerou o divórcio, assim ele tolerou a poligamia. Essa comparação é tola, pois, como argumentamos em nosso texto sobre Divórcio e Casamento, na lei estava claro que o divórcio foi dado pela dureza do coração, mas que a prática estrita dele não é e nunca será pecado em si (além do fato dele não anular o casamento). Ora, se essa é a conclusão do divórcio, certamente pode ser da poligamia, já que querem se valer das comparações. Além disso, Deus nunca deu o divórcio como presente a ninguém, mas deu mulheres a Davi como prêmio: ora, o que é isso? É a clara prova de que a comparação da poligamia com o divórcio não faz o menor sentido, a menos, é claro, que você creia de antemão que tanto o casamento poligâmico quanto o divórcio sejam pecados.

### *Crer na poligamia ao chegar no texto bíblico é receita para achar que ela está certa*

Mas o monogâmico chega ao texto crendo que a monogamia é o padrão de Deus, e acusa-nos de chegarmos no texto crendo na poligamia: hipócritas sempre acusam a si mesmos ao acusarem os outros. Não vê que você tem chegado ao texto bíblico crendo ser a monogamia o padrão de Deus? Ora, se ela é o padrão de Deus a própria análise do texto bíblico provará, mas isso não ocorre, porque quer cheguemos no texto crendo na poligamia ou não ela está lá. Se você pensa nisso não precisa ler os textos seguintes, pois já está fechado em seu entendimento cultural, e não concorda com o texto bíblico.

### *A misericórdia de Deus – que só teve misericórdia com este pecado: dois pesos?*

Outros ainda dirão que sempre foi pecado mesmo, mas por causa da misericórdia de Deus a coisa foi sendo adiada até o Novo Testamento. Tal

argumento, além de tolice, é indecente. Quando, no NT, Deus reconhece que a ignorância ou desconhecimento é um argumento para a misericórdia, isso é dito já se considerando a existência da lei sobre aqueles pecados (At 17:30), não faria sentido que Deus, o Deus perfeito, de repente mudasse de ideia, e começasse a tratar e ensinar as coisas distintamente.

Mesmo, por exemplo, não havendo pecado onde não há lei, os homens sofreram as consequências dos seus erros. Jacó, que se casou com duas irmãs, as teve o tempo todo em disputa (Lv 18:18), não sendo jamais algo que passou sem alguma consequência. Porém, a poligamia ainda é praticada até mesmo hoje no mundo sem consequência alguma. Deus e sua Lei é que são desprezados em suas permissões. Além disso, o que seria se Deus permitisse um pecado e não outro? Um peso e duas medidas?

Ora, o salário do pecado é a morte (Rm 6:23), logo, não podemos assumir que para todos os outros pecados Deus estabeleceu a *pena de morte*, mas deixou apenas este sem punição. Isso, inclusive, contraria aqueles que nos dizem, com frequência, que não podemos ter pecados de estimação! Se Deus permite este pecado por uma necessidade qualquer, então Deus tem um pecado de estimação. Como vimos, Deus condenou todo tipo de pecado sexual ainda em Levítico, e jamais absteve-se de condenar nada, por menor que parecesse. A conclusão dos homens sobre a falta de condenação de Deus para isso é só uma daquelas evidências de que o que fala mais alto neles é um senso moral herdado de pagãos e não de Deus.

#### *Cristo só tem uma esposa*

Cristo tem uma só esposa no Novo Testamento (só para garantir, já que no AT Deus tem duas...), então isso só pode apontar a necessidade de que o nosso casamento tem que concordar com o de Cristo – dizem os monogâmicos.

Mas em nenhum lugar é dito que temos que imitar o casamento de Cristo e a Igreja em todos os aspectos, e sim de que as mulheres devem se submeter aos maridos e os maridos amarem as mulheres. A relação numérica nunca foi apresentada como modelo do casamento de Cristo para o homem.

Estes mesmos que argumentam assim são contra as mulheres obedecerem cegamente aos seus maridos, embora na relação de Cristo e a igreja esta deva seguir a Cristo "cegamente". Eu poderia acrescentar um milhão de coisas que estes mesmos não aceitam na relação de Cristo e a igreja aplicada entre marido e mulher(es): poderia nossa união ser somente espiritual? Poderia o homem ir embora para "voltar depois de um tempo"? Certamente que não... mas por uma razão própria querem que o exemplo de Cristo e a igreja se aplique ao aspecto numérico.

Poderia até mesmo questionar de outro modo: se Cristo quiser não poderia ter outra igreja como Deus fez com Israel e Judá? Veja que o problema é claro e simples: a igreja pode sentir ciúmes de Cristo? Nem faria sentido perguntar isso, mas os inimigos são tantos com tantos questionamentos que não podemos ignorar algumas nuances.

Além disso, se Cristo fosse representado com duas esposas, isso confundiria tudo ainda mais! Veja, a igreja deve ter unidade. Como a unidade é representada no casamento entre Cristo e seu povo? Somente se Cristo tiver um "único povo", uma "única igreja" e, portanto, "uma única mulher". Deus mesmo quando se trata de seu casamento poligâmico com Israel e Judá, o faz porque havia divisão entre o povo, causando a necessidade de que isso fosse explicado deste modo. Sabemos que a divisão é ruim, de modo que no caso de Deus com seu povo duas esposas significam "divisão"; porém, quanto aos homens significa "multiplicação" (como notamos comentando Êxodo 1).

#### *Revelação Progressiva – o argumento intelectualzinho*

Não é incomum que se diga por aí que o progresso da revelação é que faça essa distinção entre a proibição no AT e no NT, mas como já argumentamos em outros textos no nosso site, revelação *não é igual lei*. Deus revelou a Paulo coisas que nenhum crente teve acesso, e Paulo continuou guardando isso para si (2 Co 12). Ora, se isso fosse uma lei, Paulo pecaria em guardar ela para si, visto que o conselho de Deus não pode ser restringido. Como estes homens não entendem que a Lei de Deus cessa em Deuteronômio, só conseguem ler a bíblia por uma ótica de "pecado / não pecado" e não de "pecado / sabedoria / administração" por exemplo, tornando os crentes pecadores de coisas que, eventualmente, a bíblia apenas diz que seria bom não fazermos (mas não por causa de pecado).

Mesmo assim, se ainda considerarmos a progressão da revelação, nada mudará, pois como provaremos nos textos seguintes (sendo o próximo sobre a poligamia nos profetas), Deus é consistente em permitir a poligamia tanto no AT quanto no NT, e o progresso da revelação *apenas reforça isso*, do contrário, não seria um progresso, mas um regresso. Em nossos textos sobre As Divisões da Escritura e sobre a Escritura no Primeiro Capítulo da Confissão de Fé de Westminster deixamos claro que não é sem motivo que somente a "Lei" (o pentateuco) é chamada de "lei", portanto, o que ela não proíbe, não pode ser pecado – estes textos estão no nosso livro sobre a Confissão de Fé de Westminster e sobre Falsos Pecados.

- Obs.: há um argumento, normalmente de liberais, de que a poligamia existia por causa do contexto tribal de Israel. Além do fato de "tribal" não significar nada como argumento, isso implicaria dizer que algo da "civilização" está certo. Porém, os civilizados Gregos e Romanos é que tinham festas idolátricas e faziam uso de magia em rituais aos falsos deuses. Por outro lado, os gregos, desde que se sabe, eram monogâmicos mesmo quando ainda eram tribos, portanto, qual relação seria realmente tribal?

#### HISTÓRICO-TEOLÓGICO

##### *A necessidade de povoar a Terra*

Deus teria permitido para povoar a Terra – o argumento do educadinho. O problema é que sabemos o que Deus permitiu para povoar a Terra. Por exemplo, sabemos que um irmão casar com outro é pecado (Lv 18:9, 11),

mas os filhos de Adão casaram entre si (porque, como Paulo cansou de dizer: onde não há lei não há transgressão – Rm 4:15 [justamente falando deste período antes de Moisés]). Assim Abraão se casou com Sara, sendo sua irmã, e o pai de Moisés se casou com a própria tia (Êx 6:20), sendo isso proibido em seguida (Lv 18:14) – tudo isso para que a Terra fosse povoada, do contrário, tudo acabaria nos filhos de Adão e Eva. Mas onde está a proibição da poligamia? Se estas coisas podem ter sido permitidas para que houvesse crescimento populacional, onde está a proibição de *todas* elas? Não faz sentido que Deus use dois pesos nisso... e só nisso.

Além disso, o único texto que realmente nos levaria a crer diretamente que o objetivo de Deus com a poligamia seria povoar a terra é Gênesis 25, no qual Abraão se casa com Quetura. Mas mesmo este texto não provaria que este é o objetivo *da poligamia*, pois ali Abraão já havia perdido Sara e, ainda por cima, não temos como saber se Hagar estava viva. Portanto, o único texto favorável ao entendimento não favorece este entendimento.

*A Igreja sempre viu assim, é a nossa tradição*

Este argumento está cheio de uma série de pressupostos, portanto, me deterei apenas em um ou dois pontos (além de este ser uma variação do primeiro argumento cultural):

Que a igreja sempre viu assim após o fechamento do NT não é surpresa. Como notamos, o ambiente filosófico e cultural favorecia este pensamento na igreja (acha que só os crentes do AT erravam?). Os Pais da Igreja, em uma revolta contra o judaísmo, também quiseram se desvincular das interpretações judaicas e, para não haver um vácuo hermenêutico, foi necessário adequar a filosofia grega e romana ao texto bíblico e vice versa. O que tivemos foi essa invasão, sem liberdade mental da noção grega de casamento.

E por qual motivo eu deveria preocupar-me com isso? Cristo mesmo mostrou que se não cremos na lei não é possível crer nele (Jo 5:46), jamais disse que deveríamos crer na história da igreja, ou nos membros em particular, como forma definitiva. A história da igreja não é boa juíza, pois temos desde homens que condenavam como adultério o casamento de um padre (dizendo ser ele casado com a igreja – tornando-a adúltera [pois é casada com Cristo]) até homens (crentes?) como Carlos Magno e a cidade de Múnster com a prática poligâmica. Essa loucura de que a história da igreja resolve as coisas só é possível para quem faz os recortes que quer da história para favorecer a sua própria filosofia e não para concordar com a Escritura.

- Obs.: seguimos um tipo de “Solo Scriptura”, mas não do tipo que nega que não se aprende com a história da igreja, afinal, só sabemos de algumas coisas porque outra pessoa nos contou, visto que não tínhamos notado no texto bíblico! Porém – argumentam os romanos – só a igreja atesta a Escritura. Mas eles mesmos dizem que o Catolicismo foi fundado pelas palavras de Cristo a Pedro, o tornando fundador do catolicismo romano (ICAR). Se isso é verdade, então a própria Igreja é fundada pela Escritura (onde está registrada tal fala), e não fará diferença estes argumentos de suficiência material etc. O contrário disso é cair no argumento da circularidade (que romanos odeiam [por causa da filosofia], mas que Deus usa sobre sua Escritura, que atesta a própria inspiração). Outro detalhe é que o AT só chegou a nós, em parte, por causa do cuidado dos fariseus, que o mantiveram com muito ‘carinho’. Veja, o mesmo texto que eles preservaram os contradisse tanto em sua letra quanto em seu espírito, então, não podemos supor que porque a ICAR possa ter sido relevante para a preservação do texto bíblico automaticamente significará que ela não possa ser contraditada por ele. A Escritura é o único livro que pode “cuspir no prato que comeu” (não é a bíblia que vivia condenando os israelitas, estes mesmos que receberam a Escritura de Deus?)

Por fim, estamos argumentando que claramente não houve defesa da poligamia que fosse consistente durante a história da igreja, portanto, como poderíamos citar “homens respeitáveis” sobre o assunto? Qual autoridade poderia nos auxiliar? Ademais, a autoridade do menor sempre vem do maior, e se a Escritura favorece a poligamia, ela é a autoridade maior sobre nossa crença, e não homens individuais durante a história da igreja – a autoridade deles nada acrescenta à Escritura. Só alguém estúpido esperaria argumentos a partir de outros homens em um assunto que *claramente não foi bem tratado durante a história da igreja*.

#### *A misericórdia de Deus para com as mulheres em uma sociedade patriarcal*

Oh, iluminados do século XXI, o que seria de Deus e sua Lei se não tivéssemos, só depois de pelo menos 6 mil anos de história humana, alcançado o fim desse modo de vida patriarcal. Somos os iluminados, únicos, a quem Deus revelou coisas que nunca foram ditas antes! – tolice.

Outros povos eram monogâmicos e ainda assim tudo dava certo em culturas patriarcais, não faz sentido que Deus tenha permitido isso a Israel por causa de algo que entre povos vizinhos não era praticado sob mesmas circunstâncias. Que situação feia estava Israel, que enquanto as outras nações não precisaram da poligamia para cuidar das mulheres os hebreus tinham que a praticar..

A misericórdia de Deus é demonstrada pelo fato de que tal relação poligâmica não é pecado e nunca será, não de que ela tenha existido para suprir uma necessidade contextual temporária.



- Obs.: há um livro que resume um pouco do assunto da poligamia na História da Igreja chamado *After Polygamy Was Made a Sin: The Social History of Christian Polygamy* [Após a Poligamia Virar Pecado: A História Social da Poligamia Cristã], de John Cairncross. A leitura pode ser interessante para se notar como que a poligamia foi vista pela igreja, mas não em se ela é correta ou não segundo as escrituras.

*Só ímpios praticaram a poligamia recentemente*

Tudo bem, eu sei que Lutero aprovava a poligamia, como ele mesmo diz:

*Confesso que **não posso proibir uma pessoa de se casar com várias esposas, pois isso não contradiz a Escritura**. Se um homem deseja se casar com mais de uma mulher ele deve ser perguntado se está satisfeito com esta decisão em sua consciência, para que ele o faça em acordo com a palavra de Deus. Em tal situação a autoridade civil não tem nada o que interferir. Martinho Lutero, De Wette II (tradução nossa)*

Mas isso não significa nada, pois é mais fácil os homens se virarem contra Lutero dizendo ser ele ímpio do que aceitar que nós é que estamos errados. Mas vamos colaborar com os monogâmicos:

A mulher considerada avó do Feminismo moderno aceitava a poligamia masculina, e o nome dela era Mary Wollstonecraft. Em 1772 se encontrava numa circunstância estranha com Henry Fuseli, de modo que chegou até a esposa de Henry a pedindo para que pudessem entrar em uma relação poligâmica (note que evito usar o termo 'poliamor', porque o termo é mais político e permite relação poligâmica tanto pelos homens quanto pelas mulheres). Contudo, Mary não forçou a esposa de Henry, que apenas não aceitou a relação. Infelizmente, poderiam ter tido um casamento muito feliz, e quem sabe o feminismo tivesse demorado mais para surgir (cremos que o feminismo é simplesmente um desenvolvimento natural de que como é nossa cultura relacionada ao casamento).

Quem lê os materiais de Mary notará que ela na verdade seria contra o feminismo moderno, pois defendia pureza sexual, casamento e exigia que as mulheres trabalhassem e estudassem bem, e não ficassem buscando brigas com homens e marido. Porém, nada disso fará diferença para o movimento monogâmico, que vê ideologicamente as coisas, e acha que toda defesa da poligamia é um pecado ou fruto de um pecado. Não existe argumento contra isso, não porque não tenhamos provas de homens fiéis poligâmicos, mas porque ser poligâmico automaticamente te joga para o espectro de pervertido sexual e imoral.

#### ALGUMAS ALEGRIAS DA POLIGAMIA

É evidente que não queremos fazer este texto grande, visto ser um mero complemento da parte 1, mas não podemos terminá-lo sem ressaltar alguns pontos que a própria experiência tem demonstrado na vida das famílias poligâmicas. Ah, e por favor, não confunda isso com a poligamia das seitas como o mormonismo, islamismo (que nada mais é do que uma seita "cristã")

e judaizantes, estes não conhecem a Lei de Deus de fato, pois oscilam em revelações e tradições inventadas.

E Deus não mais revela nada de novo desde o fim de Israel, no ano 70 d.C. E, como as profecias eram destinadas aos judeus e cristãos primitivos (Rm 3:1, 2; 1 Co 14:21, 22 [Paulo cita a Lei mostrando que estes dons eram para sinal do julgamento que ocorreria sobre os judeus], Dn 9:24 [‘selar’ a visão e a profecia é encerrá-las após o julgamento previsto em Daniel 9 {1 Co 13:9, 10 também prevê este mesmo fechamento das profecias e visões}]), não devemos esperar que Deus dê novas revelações, antes, que ele nos confronte com sua palavra.

#### *Fim da desconfiança e estresse*

No texto anterior vimos que Números 5 prova que somente o homem pode ter ciúmes no casamento, o que, de outro modo, mostra a falta de necessidade de que as mulheres vivam em ciúmes dos maridos, desconfiança e temor. Como o apóstolo Pedro mesmo coloca claramente, a mulher é o vaso mais fraco (1 Pd 3:7), então, espera-se que ela não consiga lidar com o sentimento de ciúmes, estresse e desconfiança do mesmo modo que eventualmente um homem lida. Ora, a poligamia não só produziria mulheres menos estressadas e ciumentas, mas mais felizes e contentes, por saberem que não precisam ficar conferindo roupas, celulares e cheiros no marido, na expectativa de que ele a esteja traindo. Num mundo onde a poligamia é comum, não é uma necessidade o sofrimento desnecessário por parte da mulher.

O mesmo vale, de certo modo, para os homens, que ficam tristes por desejarem moças (não mulheres casadas) que gostariam que fossem suas esposas. Lutas internas, conflitos de “identidade”, tristeza por um pecado que não existe e cansaço da vida são coisas comuns a um homem que não tem o direito de ter mais outra esposa, pois pensa de si mesmo só a maldade e do quanto é incapaz de seguir este mandamento de Deus (que nada mais é do que tradição humana).

#### *Ajuda em casa*

Outro caso interessante é o da ajuda em casa. Por exemplo, nos EUA, embora haja leis contra a poligamia, não é raro encontrar famílias cristãs poligâmicas, e em algumas, inclusive, o marido precisa ficar longos períodos longe de casa (estou falando dos que são convocados para guerras, por exemplo). Num caso como este, uma mulher sozinha (talvez com filho) fica à mercê de parentes distantes ou do cuidado de alguns(as) amigos(as). Nada disso é problema num relacionamento poligâmico, onde as duas esposas (ou mais) se ajudam mutuamente, com uma consolando a outra e ajudando em casa.

A Verdade é que, embora a monogamia favoreça um olhar do homem para fora do lar, é na poligamia que ele pode conseguir um melhor equilíbrio dos cuidados da casa. É claro que, por outro lado, terá maior necessidade de dividir a sua atenção, pois não pode esperar chegar em casa e sempre ter

uma ou duas mulheres para fazer sexo. Antes, deve ser cordial e viver a vida do lar (1 Pd 3:7).

Então, a poligamia garante que a necessidade de o homem produzir para dentro de casa diminua no sentido de não precisar cuidar dos afazeres domésticos tanto quanto na monogamia, por outro lado, há maior necessidade de "passar tempo de qualidade", já que agora terá duas ou mais mulheres com quem dividir atenção e momentos.

#### *Cuidado dos filhos*

O cuidado com os filhos é, sem dúvida, um dos mais difíceis, ainda mais dependendo do tipo de coisas que os pais desejem para eles. A Poligamia não causa confusão na cabeça dos filhos, antes, aponta para eles melhor ainda o papel de liderança masculina e submissão feminina – fica tudo muito mais claro. Também fica mais fácil em nível educacional (uma grande preocupação moderna, mas que não é pecado, claro), visto que agora ele pode ter a capacidade e ensino de "duas mães", ao invés de uma que, talvez, não daria conta ou não saberia algumas coisas. Famílias unidas tendem a ser mais fortes, ainda mais se a preocupação dessa família em particular for a de fazer *homeschooling*.

#### *Contentamento do homem*

Na nossa cultura aprendemos que contentamento é uma coisa meramente interna, algo que só existe se formos totalmente abnegados e entregues à disposição para a pobreza e o mínimo possível mesmo sexualmente (diriam alguns Pais da Igreja que o sexo só é para reprodução e nada mais – era um mal necessário). Herdamos isso, de certa forma, da Idade Média, em que a quantidade de festividades proibia as relações sexuais com frequência, tornando os homens mais dados à violência sexual, pela pressão imposta sobre eles, não só das guerras, mas também por causa das mais de 100 festas anuais que implicavam uma obrigação de 'castidade' (novamente, pressupondo a impureza do sexo). Ironicamente foram os puritanos que quebraram mais fortemente essa preocupação católica romana excessiva, embora tenham mantido vários níveis de 'pureza sexual' que não eram, também, necessárias.

Contudo, este não é o nosso assunto, o mencionei apenas para notarmos que temos uma grande dificuldade de aceitar que alguém (um homem em particular) possa ter um desejo sexual elevado e, portanto, precisa de uma satisfação maior. Isso era para ser algo normal, pois enquanto um não se satisfaz com uma quantidade de coisas e busca mais sem pecar por isso, é natural que alguém possa desejar na área sexual mais. Um homem com duas esposas pode ter problemas em dobro (como Jacó), porém, também, teria bênçãos em dobro, considerando que quem acha uma esposa acha uma bênção de Deus (Pv 18:22). Não podemos ignorar que um homem assim vive mais satisfeito, e poderá até mesmo ter mais filhos, criando uma família mais feliz.

#### *Foco no lar*

Uma das preocupações modernas é que as mulheres e os homens estão cada vez menos voltados para o lar. A novidade disso é que agora essa informação está sendo veiculada, mas, como notamos mesmo em A República de Platão, este objetivo era presente em sociedades mais antigas, nas quais se buscava o comprometimento máximo dos homens com a guerra ou com a política. O contrário, porém, que é o caso da poligamia, cria um foco interior, isto é, no lar, buscando o cuidado das esposas e filhos. Ora, isso não quer dizer que toda família poligâmica será assim tanto quanto não quer dizer que uma família monogâmica seja necessariamente voltada para fora de si. Estamos falando sobre foco *geral*, e a menos que você seja nominalista a ponto de não perceber influências gerais, é óbvio que não estamos falando de casos absolutos: o mundo não é quadrado.

Veja que mesmo que as mulheres trabalhem fora, não haverá necessidade que ambas trabalhem ou que tenham empregos de uma carga horária grande (como é comumente no Brasil: 8hrs). Veja que isso cria um ciclo: as mulheres dependem menos de trabalhar para fora, e podem ficar mais tranquilas em casa, com os seus afazeres comuns, numa vida mais tranquila. Não fomos chamados para uma missão vocacional no mundo dos negócios (no sentido popular que se tornou ideia comum por causa dos puritanos); somos somente pessoas querendo viver uma vida tranquila e comum (1 Tm 2:2). Chesterton mesmo diz algo curioso, relevante para o nosso contexto, que é a ideia (popular) de que as mulheres são escravas quando servem aos maridos, mas livres quando obedecem aos patrões – como se estes últimos tivessem como foco o bem estar *total* delas. Não precisamos nos render a este tipo de vida para fora do lar, numa missão que não é nossa, numa briga que não compramos.

O foco no lar será o resultado e a causa da nossa alegria num mundo em que a poligamia masculina é praticada e não acusada, dando às mulheres mais segurança de que as outras relações de seu marido serão dentro do contrato e diminuindo até mesmo a chance de trazer doenças de fora do lar.

Em nosso próximo texto retornaremos ao puro texto bíblico, expondo a poligamia nos Profetas (contando os livros chamados “históricos”) e veremos como podemos aprender com eles aquilo que Deus não proibiu em sua Lei.

#### *Uma última observação*

Porém, antes de concluirmos, preciso mencionar algo:

O fato de o assunto ser tão claro assim, isto é, de que a poligamia não é pecado, pode fazer você ter medo, afinal, parece que estamos inventando a roda. O problema é que não podemos ter tal medo, justamente porque sabemos que toda a nossa história é e foi assim: coisas esquecidas sempre são trazidas à tona.

Por outro lado, também não queremos que você vire um tipo de templário da poligamia, lutando contra conspirações que supostamente buscam a abafar este assunto. Embora possa haver uma supressão sistemática, é melhor você

viver uma vida tranquila sobre este assunto do que sofrer penas por causa dele agora.

Por isso, ao brigar com estes homens não discutimos como se fossem parte de um sistema religioso corrupto, estou muito mais disposto à paz do que ao conflito, ainda que eventualmente utilize uma linguagem mais forte, por conta do calor do argumento.

Assim, eu saio da frente do caminho da verdade de Deus, para que ela resplandeça sozinha. E se, por acaso, ela não chegar a ser um 'sucesso' agora, é porque não é a vontade de Deus que tal assunto ainda seja conhecido e defendido pela sua igreja. Pode ser que Deus queira deixar esta bênção para um outro momento ou para outra geração. Ainda que, creiamos, nenhuma obra que fazemos em Deus seja desperdiçada: portanto, ao menos, cremos que a obra atual será útil a alguém – a alguém que talvez sofra por causa de tal assunto e se desespera sozinho sem encontrar alívio para a própria alma nos homens.

Devemos ter paciência, pois o mundo não depende disso para existir. A injustiça, é verdade, nos deixa pasmos, tristes e cansados, mas devemos orar a Deus pedindo para que os homens tenham seu entendimento aberto para isso que está na Palavra do Senhor e que não pode ser ignorado. Seja homem.

Conclusão

- Vimos que nada sugere que a poligamia masculina seja contra a boa experiência;
- A maior parte dos argumentos contra a poligamia são míopes, por verem o mundo somente da nossa perspectiva;
- A poligamia masculina favorece a alegria e estabilidade no lar, quando praticada de acordo à estrutura permitida por Deus.

## *Poligamia nos livros Proféticos e Poéticos*

Tendo visto que a Lei (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) não só permite a poligamia, mas em alguns momentos a pressupõe como natural, seria bom que víssemos nos Profetas como essa lei tem continuidade. Afinal, se é verdade que a Bíblia não se contradiz, então precisamos esperar que essa não proibição na Lei tenha efeitos posteriores. Assim, agora, o que você verá é como Davi, Salomão, Ezequiel entre outros poucos lidaram com a Poligamia Masculina. Ah, e claro, assumimos aqui que "Profetas" incluem os chamados livros Históricos (como Reis e Crônicas) enquanto os "Poéticos" são os livros restantes (Jó e Salmos, por exemplo).

### *JUÍZES*

Considerando que Josué não possui nada de muito relevante para o caso da Poligamia, vamos para Juízes, que é um livro extremamente estigmatizado como retratando um dos piores períodos de Israel – algo que possui algum

erro, mas não trataremos. Por hora, é necessário notarmos os textos e o que eles significam de fato:

### *Mãe de Sísera*

*A mãe de Sísera olhava pela janela, e exclamava pela grade: Por que tarda em vir o seu carro? Por que se demoram os ruídos dos seus carros? As mais sábias das suas damas responderam; e até ela respondia a si mesma: Porventura não achariam e repartiriam despojos? Uma ou duas moças [lit. um ventre, dois ventres] a cada homem? Para Sísera despojos de estofos coloridos, despojos de estofos coloridos bordados; de estofos coloridos bordados de ambos os lados como despojo para os pescoços. Assim, ó Senhor, pereçam todos os teus inimigos! Porém os que te amam sejam como o sol quando sai na sua força. E sossegou a terra quarenta anos. (Juízes 5:28-32)*

Embora sejam as palavras de Débora na boca da mãe de Sísera, elas expressam claramente algo que estava presente na Lei de Deus:

*Quando saíres à peleja contra os teus inimigos, e o Senhor teu Deus os entregar nas tuas mãos, e tu deles lewares prisioneiros, E tu entre os presos vires uma mulher formosa à vista, e a cobiçares, e a tomares por mulher, [...] depois chegarás a ela, e tu serás seu marido e ela tua mulher. E será que, se te não contentares dela, a deixarás ir à sua vontade; mas de modo algum a venderás por dinheiro, nem a tratarás como escrava, pois a tens humilhado. Quando um homem tiver duas mulheres, uma a quem ama e outra a quem despreza, e a amada e a desprezada lhe derem filhos, e o filho primogênito for da desprezada, Será que, no dia em que fizer herdar a seus filhos o que tiver, não poderá dar a primogenitura ao filho da amada, preferindo-o ao filho da desprezada, que é o primogênito. Mas ao filho da desprezada reconhecerá por primogênito, dando-lhe dobrada porção de tudo quanto tiver; porquanto aquele é o princípio da sua força, o direito da primogenitura é dele. (Deuteronômio 21:10-17)*

Em nosso texto, na parte 1 sobre a Lei de Deus, comentamos este evento e, agora, em Juízes, vemos que Débora tinha conhecimento desta lei, e aplicou-a à esta senhora. Diferente de comentaristas que até dizem que este texto de Juízes é prova da imoralidade da época (Barry Webb), nós vemos Débora aplicando em uma canção o conhecimento que tem da Lei de Deus e nada mais.

- Obs.: muito se diz que em Israel não podia se casar com mulher estrangeira, e isso é verdade. Mas quando havia uma guerra Deus permitia que, no geral, Israel tomasse moças como despojos de guerra. A proibição era sobre nações específicas e povos cuja idolatria era, claramente, irreversível. Ademais, o contexto de Juízes 4 – 5 ressalta que era Débora quem cantava sobre Sísera, e não Sísera que cantava – portanto, embora este texto não resulte numa defesa clara da poligamia (por estar o cântico posto na boca do inimigo), ele claramente não é contrário à Lei de Deus neste sentido.

## *Gideão e outros*

*E teve Gideão setenta filhos, que procederam dele, porque tinha muitas mulheres. (Juízes 8:30)*

O que possibilita uma sociedade ter continuidade sem crise de natalidade? Este texto responde claramente: se tem mais filhos por se ter mais mulheres. É bem simples e claro. Sem contar que, como nos é mencionado em Hebreus 11, Gideão é um dos heróis da Fé do AT, o que torna este caso muito sugestivo para nós.

Claro, muitos dizem que Gideão falhou, até porque, permitiu meios para que Israel praticasse a idolatria por meio do sexo. Mas isso, como no caso de Lameque, não prova nada contra a poligamia dele, tanto quanto não provaria nada contra a monogamia se ele fosse monogâmico. Ou você acha que só polígamos propagavam a idolatria? (lembrando que os babilônicos, egípcios e gregos eram monogâmicos, e eram extremamente idólatras).

Também tiveram várias esposas Jair (porque teve 30 filhos – Jz 10:4), Ibzã (Jz 12:8, 9) e Abdom (Jz 12:13-15), dos quais ou nada de negativo é dito ou até são positivos ativamente! Ora, estes homens eram líderes em Israel, e mesmo assim tinham muitas mulheres, como pode você pressupor que Deus estaria aturando isso sem punir e/ou mandar algum profeta? Até a concubina que adulterou contra o levita morreu de forma horrorosa por meio de pecados sexuais (cap. 19), e você pensa que Deus ignoraria a poligamia assim?

Além disso, se a poligamia seria prova de que alguém é ímpio, e quando o indivíduo era santo? Porque a santidade dele não pode purificar a poligamia, mas a impiedade imediatamente é conectada à poligamia? É bem simples, nós chegamos enviesados nos textos impondo a nossa cultura (romana) sobre eles, tão somente isso.

Devemos ainda colocar uma observação a mais: toda sociedade monogâmica passa por um decaimento populacional inevitável (não é só por causa de tecnologia, conforto ou "individualismo" {que é o gerador da monogamia}) e os textos de Juízes (e Êxodo 1) vêm nos mostrar como Israel cresceu em Canaã justamente porque seus líderes e homens de renome se dedicaram a ter muitas esposas. Ainda hoje os países que mais crescem em população são os países poligâmicos (e nos EUA são os mórmons – que são poligâmicos), enquanto os monogâmicos já tiveram seu crescimento freado e estão agora em declínio. Se quisermos manter a consistência das ações que o próprio texto bíblico mostra, ter mais filhos vem do fato de se ter mais mulheres – solucionando a crise populacional do Ocidente.

## *1 E 2 SAMUEL*

Elcana, Ana e Penina

*Houve um homem de Ramataim-Zofim, da montanha de Efraim, cujo nome era Elcana, filho de Jeroão, filho de Eliú, filho de Toú, filho de Zufe, efrateu. E este tinha duas mulheres: o nome de uma era Ana, e o da outra Penina. E Penina tinha filhos, porém Ana não os*

*tinha. Subia, pois, este homem, da sua cidade, de ano em ano, a adorar e a sacrificar ao Senhor dos Exércitos em Siló; e estavam ali os sacerdotes do Senhor, Hofni e Finéias, os dois filhos de Eli. (1 Samuel 1:1-3)*

Apesar do casamento bígamo de Elcana ter trago certo sofrimento a Ana, visto que Penina não dava paz a ela por ser estéril (v. 6), notamos que Elcana era um homem piedoso, sempre adorando a Deus com sua família. E, naturalmente, o texto bíblico trata dessa forma: casado com duas mulheres, e piedoso, mesmo que Ana não pudesse dar filhos (acha que ele deixava de fazer sexo com ela por causa disso? Sexo não é só para procriar não, meu filho).

Note também que é desse casamento polígamo que nasce o primeiro grande profeta de Israel após Moisés: Samuel. Deus escolheu um casamento poligâmico para trazer este à vida e usá-lo para ungir Davi rei, sem contar os juízos de Deus contra Saul e os israelitas proferidos por este homem santo.

Isso também prova que nunca a poligamia foi necessária para o nascimento de alguém, visto que no AT, todas as vezes que alguém realmente tinha que nascer, Deus operou por meio de seu poder e promessa (como com Abraão e Sara). Dessa forma, não podemos dizer que a poligamia existiu para que Jesus nascesse, visto que sem ela teria ele nascido de qualquer modo por causa da promessa de Deus.

*Davi e suas esposas: o homem segundo Deus*

Davi teve, no mínimo, oito esposas: Mical, Ainoã, Abigail, Maacá, Hagite, Abital, Eglá e Bate-Seba, sem contar concubinas (Deus deu a Davi sete esposas, sendo a oitava fruto de adultério – isso será relevante abaixo). Agora, contudo, surge uma pergunta: das oito esposas, qual é a única que é fruto de adultério? 10 segundos para que dê a resposta: \ \ \ \ \ \ \ \ \ \ Bate-Seba.

A história dos dois está registrada nos capítulos 11 e 12 de 2 Samuel, e mostra como Deus claramente *não* chama de adultério um casamento que tenha uma moça solteira, não divorciada, como um acréscimo à primeira esposa. A resposta a isso, é claro, fica interessante na medida em que avaliamos os detalhes:

*Ouvindo, pois, a mulher de Urias que seu marido era morto, lamentou a seu senhor. E, passado o luto, enviou Davi, e a recolheu em sua casa, e lhe foi por mulher, e deu-lhe à luz um filho. Porém esta coisa que Davi fez pareceu mal aos olhos do Senhor. (2 Samuel 11:26, 27)*

Note que a maldade do ato de Davi é todo o contexto: a morte de Urias e o adultério, isso fica mais claro no capítulo 12, mas aqui temos um apontamento interessante. Visto que Bate-Seba perdeu o primeiro marido, ela *lamentou*. Perceba que a tristeza dela era profunda, de tal modo que o versículo ressalta isso. Mesmo assim Deus garante que o filho dela morrerá, acrescentando tristeza sobre tristeza. Diferente do que Deus faz com Hagar, a quem é dada a promessa de que seu filho seria grande nação e povo, sendo isso usado para consolá-la, temos aqui uma contradição com o desejo de



Bate-Seba e sua tristeza – de modo algum Deus a consola (e o filho morreu com 7 dias, antes da circuncisão – que seria no oitavo -, mostrando que Deus recusou de todo a relação [2 Sm 12:18]).

*Então disse Natã a Davi: Tu és este homem. Assim diz o Senhor Deus de Israel: Eu te ungi rei sobre Israel, e eu te livre das mãos de Saul; e te dei a casa de teu senhor, e as mulheres de teu senhor em teu seio, e também te dei a casa de Israel e de Judá, e, se isto é pouco, mais te acrescentaria tais e tais coisas. (2 Samuel 12:7, 8)*

Pense em um texto que é lido às avessas? Aqui claramente Deus menciona que **Ele mesmo deu a Davi as mulheres** (no plural). Deus fez de Davi um polígamo. Ora, sabemos que nenhum pecado é concedido por Deus e que todo dom perfeito vem de Deus em quem *não há mudança* (Tg 1:17), se, pois, a poligamia era algum tipo de maldade, como poderia Deus mesmo conceder a Davi mulheres? Alguns dizem que aqui o autor está dizendo que Deus deu essas coisas no geral. Não sei como isso altera o que está claro: o texto menciona as mulheres de forma específica, e não como um presente genérico abstrato: Deus não se dá a abstracionismos.

E se Davi ainda quisesse mais, Deus concederia. Ora, a Escritura não proíbe que alguém deseje mais, mas sim que deseje aquilo que é do próximo (como a própria história de Davi prova). A menos que você seja Agostinho lendo este texto, não faz sentido pensar que Davi iria querer mais mulheres meramente para reprodução e aumento da prole. A verdade é que se Davi achasse pouco (numericamente mesmo), Deus daria mais. E a pergunta seguinte é: mais o quê? Ora, mais liberdade, mulheres e reino – é disso que o texto trata. A propósito, se Davi pedisse isso a Deus em oração ele concederia, afinal, Deus não concede, na oração, o que for pecado, mas o que é de acordo a sua vontade (1 Jo 3:22; 5:14).

Ironicamente, o fato de Davi não querer mulheres *demais* é usado como exemplo para ser comparado ao fato de Salomão não ter tido muito freio neste sentido, mas voltaremos neste ponto.

*Assim diz o Senhor: Eis que suscitarei da tua própria casa o mal sobre ti, e tomarei tuas mulheres perante os teus olhos, e as darei a teu próximo, o qual se deitará com tuas mulheres perante este sol. (2 Samuel 12:11)*

Veja que agora Deus está dizendo a Davi que Ele mesmo fará com que um próximo dele tome *suas mulheres* (no caso, foi Absalão, seu próprio filho). Essa pena que Deus dá serve como prova de que ele pagou a Davi proporcionalmente, mostrando que o adultério é, para todos os efeitos, se deitar com a mulher *do próximo* e não com as suas próprias. Deus já havia dado a Davi sete esposas, demonstrando um certo grau de perfeição e bênção por parte dEle para com o rei Davi e, posteriormente, Isaías usará o mesmo valor numérico de esposas em suas profecias.

Note, porém, que Davi não era um pai ruim. Dizem que Davi era um pai ruim porque os filhos se levantaram contra ele, mas o texto está dizendo que os

filhos se levantaram contra Davi por ele ter adulterado e matado, e não por ser um pai ruim: pare de ler o texto com lentes romanos e de causa-efeito supostamente lógica.

Citam o caso de Amnon (2 Sm 13), que tomou Tamar contra a vontade dela, sendo ela irmã dele. Davi nunca puniu Amnon, apenas se irou. Tolice. Davi não podia ultrapassar a lei de Deus: Amnon era um homem, Tamar não pediu socorro, apenas se silenciou na casa de Absalão, e não houve testemunha que acusasse para Davi o pecado de Amnon a ponto de se porem contra ele. Davi não podia matar Amnon e nem fazer nada contra ele a esta altura, por isso o texto diz que Davi se irou, enquanto Absalão *odiou a Amnon*, ou seja, Davi não permitiu que o sol se posse sobre a ira dele, enquanto Absalão alimentou a ira por dois anos (2 Sm 13:21, 22, 23, 28), resultando no assassinato do irmão, e cometendo assim outro pecado.

Porém, agora vejamos um evento positivo da família de Davi e que nos lembra de Juízes 8:30:

*Durou muito tempo a guerra entre a casa de Saul e a casa de Davi; **Davi se ia fortalecendo**, porém **os da casa de Saul se iam enfraquecendo**. Em Hebrom, nasceram filhos a Davi; o primogênito foi Amnon, de Ainoã, a jezreelita; o segundo, Quileabe, de Abigail, viúva de Nabal, o carmelita; o terceiro, Absalão, filho de Maaca, filha de Talmi, rei de Gesur; o quarto, Adonias, filho de Hagite; o quinto, Sefatias, filho de Abital; o sexto, Itreão, de Eglá, mulher de Davi; estes nasceram a Davi em Hebrom. Havendo guerra entre a casa de Saul e a casa de Davi, **Abner se fez poderoso na casa de Saul**. Teve Saul uma concubina, cujo nome era Rispa, filha de Aiá. Perguntou Isbosete a Abner: **Por que coabitaste com a concubina de meu pai?** Então, se irou muito Abner por causa das palavras de Isbosete e disse: Sou eu cabeça de cão para Judá? Ainda hoje faço beneficência à casa de Saul, teu pai, a seus irmãos e a seus amigos e te não entreguei nas mãos de Davi? Contudo, me queres, hoje, culpar por causa desta mulher. 2 Samuel 3:1-8*

Vamos fazer um teste: o que o texto cita como *prova de que a família de Davi ia se fortalecendo*?

- (a) Davi conseguia mais armas?
- (b) Davi tinha mais cavalos?
- (c) Davi tinha mais filhos?

Se você disse "C" então acertou!!! Afinal, quando o texto mesmo diz que Abner se fortaleceu na casa de Saul isso é evidenciado por ele ter a concubina de Saul para si. Ora, se queremos famílias fortes diante de qualquer opressão, o melhor é ter mais filhos, e se tem mais filhos tendo-se mais mulheres (Jz 8:30). É por esta razão que o salmo diz que os filhos são herança do Senhor *contra os inimigos*, pois Deus deu para nós para nos valermos dos nossos filhos contra os inimigos de Deus (Sl 127:3-5). Os santos monogâmicos não aceitam o Salmo 127, pois não aceitam Juízes 8:30 e nem 2 Samuel 3:1-8.

- Obs.: Paulo diz que *tudo o que foi dantes escrito é para o nosso ensino* (Rm 15:4), se estas passagens não servem para nos ensinar o que é e o que não é adultério, para que servem então? Para serem ‘adulteradas’ pelos mestres modernos? Os homens dizem: “este texto só prova que Deus deu presentes a Davi, não que ele aprove a poligamia” – ó Céus! Onde já se viu? – os ‘presentes’ que Deus deu a Davi foram: (a) Bolos e brinquedos? (b) Mulheres e propriedades? (c) Nada. Se você perceber o ponto, notará que não existem presentes dados por Deus que não sejam eles mesmos coisas boas. Deus dá aos seus filhos provações, mas quando o contexto mostra que Deus deu algo por aprovar o que o indivíduo fez, é porque essas coisas são em si boas (como, por exemplo, bolos e brinquedos). Então, Deus, o nosso Deus, não se preocupa com essas coisas que temos medo...

## 1 E 2 REIS, 1 E 2 CRÔNICAS

### Salomão e seu desvio

*E o rei Salomão amou muitas mulheres estrangeiras, além da filha de Faraó: moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hetéias, Das nações de que o Senhor tinha falado aos filhos de Israel: Não chegareis a elas, e elas não chegarão a vós; de outra maneira perverterão o vosso coração para seguirdes os seus deuses. A estas se uniu Salomão com amor. E tinha setecentas mulheres, princesas, e trezentas concubinas; e suas mulheres lhe perverteram o coração. Porque sucedeu que, no tempo da velhice de Salomão, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses; e o seu coração não era perfeito para com o Senhor seu Deus, como o coração de Davi, seu pai, porque Salomão seguiu a Astarote, deusa dos sidônios, e Milcom, a abominação dos amonitas. Assim fez Salomão o que parecia mal aos olhos do Senhor; e não perseverou em seguir ao Senhor, como Davi, seu pai. Então edificou Salomão um alto a Quemós, a abominação dos moabitas, sobre o monte que está diante de Jerusalém, e a Moloque, a abominação dos filhos de Amom. E assim fez para com todas as suas mulheres estrangeiras, as quais queimavam incenso e sacrificavam a seus deuses. (1 Reis 11:1-8)*

Os tradicionais, reformados e conservadores sempre nos dizem que precisamos olhar o contexto, e usam com maestria o contexto contra movimentos carismáticos e neopentecostais em geral. Porém, note que quando é para tocar no assunto do casamento, defendem a própria cultura com unhas e dentes ignorando o contexto claro. A pergunta simples feita poderia ser: o que fez Salomão se desviar, as muitas mulheres ou o fato de serem mulheres que Deus havia proibido? Ora, o próprio texto de 1 Reis diz, e ainda cita outro texto da Lei:

*Quando o SENHOR teu Deus te houver introduzido na terra, à qual vais para a possuir, e tiver lançado fora muitas nações de diante de ti, **os heteus, e os gurgaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os perizeus, e os heveus, e os jebuseus**, sete nações mais numerosas e mais poderosas do que tu; e o Senhor teu Deus as*

*tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente as destruirás; não farás com elas aliança, nem terás piedade delas; nem te aparentarás com elas; não darás tuas filhas a seus filhos, e não tomarás suas filhas para teus filhos; pois fariam desviar teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses; e a ira do Senhor se acenderia contra vós, e depressa vos consumiria. (Deuteronômio 7:1-4)*

Ironicamente, o texto que é referência em 1 Reis 11, não é Deuteronômio 17:17, que alerta para o rei não ter muitas esposas, mas sim que não deve ter esposas de nações específicas. Naturalmente, Salomão amou todas elas, porque na Bíblia não existe essa coisa de "se ama a uma odeia a outra", exceto em questões realmente "morais" (amar a Deus ou ao pecado, por exemplo). O texto ainda completa, contrastando Salomão a Davi, seu pai: algo que é bem relevante, já que vimos que Davi teve várias esposas e *não se desviou por causa delas*. O contraste fica mais interessante quando notamos isso.

Claro, Salomão teve uma quantidade absurda de esposas com as quais não tinha como lidar, mas a Escritura não o acusa de luxúria (imagine: acha que ele fazia sexo com uma por vez em cada dia?), antes, Cristo o cita como um rei crente, apesar do pecado da idolatria que ele permitiu retornar para Israel. Novamente, toda essa preocupação emocional com os limites sexuais que temos é coisa nossa, não da bíblia (ao menos não neste assunto, claro).

#### *Casos gerais*

Faltaria espaço para mencionar Roboão (que procedeu contra a sabedoria, mas teve várias mulheres [2 Cr 11]), Abias, que temendo a Deus executou seu propósito contra o Norte de Israel (2 Cr 13) e Joás, reto diante de Deus (2 Cr 24). Todos estes são exemplos tanto de homens ímpios (Roboão) quanto de crentes (Joás), e a poligamia não exerceu nenhum papel relevante contra um ou outro, sendo que também a impiedade ou piedade deles não provou nada contra (ou a favor) da poligamia.

Temos também o caso de Ester, que se casou com Assuero mesmo este ainda sendo casado com a rainha Vasti (a quem proibiu de entrar em sua presença, e não que deu carta de divórcio – Et 1:19). Assim, a grande heroína do AT se envolveu de forma polígama com um rei, sem que isso fosse visto como algo ruim.

Além de tudo isso, como ressaltamos no texto sobre a Lei, até agora a tradição interpretativa dos profetas e reis jamais considerou a possibilidade de que muitas esposas seja contrário à vontade de Deus. O que podemos dizer? Seria Deus esquizofrênico? Claramente não.

#### *JEREMIAS, EZEQUIEL E ISAÍAS*

Precisamos entender, antes de tudo, que o papel do profeta era extremamente complicado. Ele estava sujeito a vários problemas no casamento como, por exemplo, Deus matar a esposa do profeta como um sinal e prefiguração de que Israel sofreria nas mãos de um inimigo (Ez 24:15-27), ou de que o profeta não deveria se quer se casar (Jr 16:1-4). Essas

questões mostram que os profetas tinham certas peculiaridades referentes ao próprio casamento.

Outro fator que dificulta tudo é o papel profético deles. Por exemplo, sabemos que Moisés teve duas esposas (talvez ao mesmo tempo ou não, o texto bíblico não diz – e Calvino achava absurdo ter sido ao mesmo tempo), mas os outros profetas normalmente vinham em momentos de juízo ou para anunciar juízo sobre Israel, enquanto que Moisés não era necessariamente este tipo de profeta de modo integral. Ora, se o profeta vinha em momento de juízo, era viável que não se casasse (Jr 16:1-4) ou que, sendo os crentes perseguidos, fiquem solteiros (1 Co 7:26, 27 [note a ênfase de Paulo em “presente necessidade”]). Tais elementos provam que os profetas não poderiam simplesmente ter quantas mulheres desejassem, pois sofreriam juntamente com eles ou impediriam que exercessem seu chamado profético completamente. E como Deus não tem preocupação de proibir alguém em particular de se casar..

Dito isso, não quer dizer que não haja elementos proféticos que capturem a poligamia de algum modo, e são estes elementos que veremos:

### *Deus bígamo em Jeremias*

*Disse mais o Senhor nos dias do rei Josias: Viste o que fez a rebelde Israel [o Norte de Israel]? Ela foi a todo o monte alto, e debaixo de toda a árvore verde, e ali andou prostituindo-se. E eu disse: Depois que fizer tudo isto, voltará para mim; mas não voltou; e viu isto a sua aleivosa irmã Judá. E vi que, por causa de tudo isto, por ter cometido adultério a rebelde Israel, a despedi, e lhe dei a sua carta de divórcio, que a aleivosa Judá, sua irmã, não temeu; mas se foi e também ela mesma se prostituiu. E sucedeu que pela fama da sua prostituição, contaminou a terra; porque adulterou com a pedra e com a madeira. (Jeremias 3:6-9)*

A divisão entre Israel e Judá é proposital. Os reinos estavam divididos em duas partes (cf. 1 Rs 12), nas quais reinavam reis distintos. Essa divisão era evidente mesmo antes, no período de Davi, visto que Davi reinou primeiro 7 anos em Judá e só depois foi eleito sobre o resto de Israel (2 Sm 5:5; 2 Sm 19:41-43). Essa divisão não passaria batida pelos profetas, que demonstraram que era obra de Deus que Israel estivesse *intencionalmente dividida por Ele* (1 Rs 12:24). Evidentemente, ressaltando uma falha no povo *naquele momento em particular*.

Dito isso, o que notamos é que se torna necessário descrever Deus não casado com uma nação bipolar, como se fosse uma única mulher, mas com duas mulheres que têm atitudes distintas. E aqui é preciso notar o caráter de que isso não é uma parábola, mas é a relação real de Deus com povo, que é uma aliança, como que de casamento (confira o nosso texto O Contrato de Casamento). A realidade é que o povo era um espírito com Deus, sendo um casamento real (1 Co 6:16, 17). Assim, não é mera explicação parabólica, como ocorre quando Jesus descreve a si mesmo como se fosse um ladrão (Ap 3:3). Ora, se Deus não comete pecado, e casou-se com ‘duas mulheres’, como pode a poligamia ser pecado? Note que Israel se deitar com outros deuses é adultério, mas Deus se “deitar” com duas partes da mesma nação não é.

Claramente *todo o AT distingue entre adultério e poligamia até mesmo em relação a Deus: se o povo cultua outro deus então é adultério, mas se Deus tem duas esposas é aliança de casamento.*

- Obs.: os teólogos amam fazer aquilo que se chama de *analogia entis*, para dizer que, porque Deus é belo (como?) devemos fazer coisas belas etc., mas ignoram quando isso se aplica, por exemplo, à poligamia: se Deus pode ter duas esposas, por que razão não podemos nós? Ele nunca nos proibiu, e ainda deu prova de que fez isso. O que temos é que Deus não se comunica assim só por Israel ter essa cultura, mas porque a aliança dele de fato dividiu o povo em dois, com Judá sendo a tribo de reis e que reinaria sobre as outras (Gn 49:8-10), portanto, no AT, a divisão do povo não era por pecado, mas interesse ativo de Deus.

### *Ezequiel e o Deus bígamo*

*Veio mais a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Filho do homem, houve duas mulheres, filhas de uma mesma mãe. Estas se prostituíram no Egito; prostituíram-se na sua mocidade; ali foram apertados os seus seios, e ali foram apalpados os seios da sua virgindade. E os seus nomes eram: Aolá, a mais velha, e Aolibá, sua irmã; e foram minhas, e tiveram filhos e filhas; e, quanto aos seus nomes, Samaria é Aolá, e Jerusalém é Aolibá. (Ezequiel 23:1-4)*

Quando comentamos sobre Levítico 18:18, que nos proíbe ter duas mulheres que são irmãs, ressaltamos que não havia, na lei, pena de morte para isso, o que mostra não ser um pecado, afinal, a punição seria a intriga entre as duas mulheres (como sucedeu com Raquel e Lia, que eram irmãs). Aqui em Ezequiel temos a razão disso: Deus não pode sofrer pena de morte, e não pode ser acusado de pecado, por isso, ao se casar com Aolá e Aolibá (irmãs) não poderíamos acusá-lo de pecado. Porém, claramente, Aolá e Aolibá disputavam entre si e entravam em conflitos frequentes (1 Rs 12 até 2 Crônicas mostra como isso era... crônico em Israel). Assim, diferente de Jeremias, Ezequiel quis dar ênfase até mesmo às disputas internas com sua profecia. De uma só vez vemos que nem a Lei considera Deus pecador (por não haver morte por se casar com duas irmãs) e nem foi ignorado o fato de haver um conflito perene entre o uma parte e outra de Israel.

Novamente, podemos notar que não se trata de uma mera parábola, porque a relação é tão real quanto as disputas que havia entre o Norte e o Sul de Israel. Deus, claramente, quer mostrar que não peca e que Israel era seu povo que vivia em brigas e (neste caso) prostituições (sexo com idolatria: Ez 23:19, 20).

### *Isaías e a poligamia como bênção para elas*

*O aspecto do seu rosto testifica contra elas; e publicam os seus pecados, como Sodoma; não os dissimulam. Ai da sua alma! Porque fazem mal a si mesmos. Dizei ao justo que bem lhe irá; porque comerão do fruto das suas obras. Ai do ímpio! Mal lhe irá; porque se lhe fará o que as suas mãos fizeram. Os opressores do meu povo*

*são crianças, e mulheres dominam sobre ele; ah, povo meu! Os que te guiam te enganam, e destroem o caminho das tuas veredas. (Isaías 3:9-12)*

Essa profecia de Isaías mostra que Israel estava, como Sodoma, pecando a ponto de as mulheres governarem os homens (homens efeminados produzem mulheres para os governarem). Assim, temos aqui um juízo: os homens abandonaram as mulheres e, portanto, as mulheres passaram a ganhar poder e força sobre eles.

Contudo, no capítulo 4 Deus prevê alegria, a de que o juízo passará e haverá uma bênção:

*E sete mulheres naquele dia lançarão mão de um homem, dizendo: Nós comeremos do nosso pão, e nos vestiremos do que é nosso; tão-somente queremos ser chamadas pelo teu nome; tira o nosso opróbrio. Naquele dia o renovo do Senhor será cheio de beleza e de glória; e o fruto da terra excelente e formoso para os que escaparem de Israel. (Isaías 4:1, 2)*

Não podemos ignorar que essa profecia espera "7 mulheres" em busca de um único homem, e de que só os homens que **não** foram julgados poderiam tirar a vergonha delas. Isso significa que os homens restantes (os santos – v. 3-4) é que poderiam salvar essas mesmas mulheres da tristeza! Não há equívoco no fato de que, de qualquer modo, a poligamia seria uma bênção por tirar, das mulheres que saíram de um julgamento, a vergonha e o sofrimento. Isso não é claro? A numeração implica um julgamento pleno por parte de Deus que resultaria na sobra de homens honrados para tirarem das mulheres a vergonha. No fim, a poligamia está beneficiando as mulheres após um julgamento, sendo este o significado claro do texto no AT. Lembre-se que Davi teve *sete esposas*, com a oitava sendo por causa de um pecado: assim como Deus abençoou Davi abençoaria os santos que sobreviveriam à provação.

Ainda, em relação ao NT, claramente isso prediz o fim da Antiga Aliança, visto que os judeus seriam destruídos e sobriariam somente (ou quase somente) os cristãos. As mulheres que escaparam poderiam recorrer a quem para ajudá-las? A previsão de julgamento neste contexto implica, pela ponta oposta, que só os homens santos poderiam salvar as mulheres da vergonha delas após o fim da nação de Israel (daí o "escaparem de Israel" no cap. 4:2, mas ainda continuando no monte Sião [que era em Israel...], e que simboliza os salvos na Nova Aliança [v. 4:3; Hb 12:22])

#### *Malaquias e o divórcio em série*

Alguns teólogos chegam em Malaquias e tentam provar que, pouco antes do NT, há uma reprovação de Deus sobre a poligamia. Na verdade, em Malaquias Deus diz que odeia o divórcio, e não a poligamia, visto que o que se sucedia era que os homens davam carta de divórcio para a mulher mais velha ("da sua mocidade") e se casavam com novas mulheres (Ml 2:14, 16). Isso é chamado de adultério por Cristo, baseado no fato claro de que a Escritura proíbe novo casamento.

Faltaria espaço para tratar de Oséias, que é um caso tão particular que não é possível considerá-lo neste texto.

Conclusão

- Os profetas não veem a poligamia como pecado ou fraqueza;
- Antes, a poligamia é até uma bênção;
- Deus é mostrado como polígamo;
- Portanto, a poligamia não é pecado.

## Livros “Poéticos”

Temos visto que Deus não proibiu a poligamia na Lei, e que os profetas até a tratam como uma bênção de Deus após julgamento (no caso de Davi e de Isaías profetizando), o que sugere, no mínimo, que os livros poéticos (Jó, Provérbios, Salmos, “Eclesiastes” e Cântico dos Cânticos) terão concordância com todo o resto da Escritura. Buscaremos, em título de exemplo, tratar os pequenos textos dos livros poéticos de forma a demonstrar os princípios que se aplicam nos outros (pois, do contrário, teríamos um texto gigantesco abaixo).

Uma observação: chamamos estes livros de poéticos apenas por causa de sua estrutura, mas eles são tão proféticos quanto os anteriores.

JÓ

*Um homem que não cobiça ‘virgem’*

*Fiz aliança com os meus olhos; como, pois, os fixaria numa virgem? Que porção teria eu do Deus lá de cima, ou que herança do Todo Poderoso desde as alturas? Porventura não é a perdição para o perverso, o desastre para os que praticam iniquidade? [...] Se os meus passos se desviaram do caminho, e se o meu coração segue os meus olhos, e se às minhas mãos se apegou qualquer coisa, então semeie eu e outro coma, e seja a minha descendência arrancada até à raiz. Se o meu coração se deixou seduzir por uma mulher, ou se eu armei traições à porta do meu próximo, então moa minha mulher para outro, e outros se encurvem sobre ela, porque é uma infâmia, e é delito pertencente aos juízes. (Jó 31:1-3, 7-11 )*

Lindo texto. Fazemos aliança com os nossos olhos para não olhar nenhuma outra mulher além da nossa (primeira) esposa... mas calma, é isso que diz o texto? O primeiro elemento curioso é o uso do termo “virgem” ou “moça” que depende do contexto para ser definido. Por exemplo, em Êxodo 22:16 o termo é claramente definido:

*Se alguém enganar alguma virgem, que não for desposada (Êxodo 22:16)*



A necessidade de definição é óbvia: a palavra era tanto um termo para “noiva” quanto para “solteira” (Dt 22:23, 28), portanto, dependemos inteiramente do contexto para saber que tipo de moça Jó não olhava.

Note o contexto geral: Jó está argumentando sobre sua justiça, buscando mostrar que é mais justo do que os amigos dele estão dispostos a reconhecer. Neste sentido, seria natural que ele estivesse dizendo que nem mesmo uma moça noiva é objeto de seus desejos, antes, somente alguém que nunca foi casada e que não possui noivo. Por contraste lembre-se de que aqui a poligamia era aceita, portanto, se a justiça de Jó fosse não olhar uma moça solteira, de nada adiantaria, antes, viraria chacota para os amigos neste ponto em particular, visto que todo mundo sabia que Poligamia não era um problema. Então, como Jó era mais justo que um homem comum em sua época no que diz respeito a isso? Simples: não desejando moça desposada!

Em segundo lugar, note o contexto imediato: ele contrasta olhar para uma moça virgem com a própria esposa e se refere, ainda em conjunto, à mulher do próximo. Algo bem característico do conceito de adultério (Lv 20:10). Jó era tão justo, portanto, que nem mesmo a uma noiva olhava, pois entendia que ela já era esposa do seu próximo exatamente como provamos no nosso texto sobre Contrato de Casamento. Aqui também fica claro algo que Jesus dirá no NT: não devemos desejar a mulher do próximo – que trataremos no último texto sobre Poligamia.

*SALMOS*

*A tua mulher (no singular)*

*A tua mulher será como a videira frutífera aos lados da tua casa; os teus filhos como plantas de oliveira à roda da tua mesa. (Salmos 128:3)*

A promessa está no singular sobre a mulher e – pensam os monogâmicos – portanto Deus não abençoa casamentos poligâmicos. Além disso contradizer o que vimos sobre Davi e Isaías, por exemplo, não permite um tipo de pensamento bem simples: onde há poligamia há monogamia. Tal ponto é tão evidente que não precisaria nem lembrar de Isaque e José, que foram monogâmicos mesmo em meio à poligamia. Assim, se o salmo prevê essa bênção, não podemos esperar que ele necessariamente esteja no plural.

Aliás, se estivesse no plural teríamos um problema semelhante à Gênesis 2: a mensagem passada seria de que a bênção só seria alcançada se tendo mais de uma esposa, quando na verdade a poligamia é uma permissão, e não obrigação (você tem permissão para trabalhar como gari, sapateiro etc. e nem por isso você necessariamente trabalha com estas coisas...). Assim, Deus evita a confusão de pensarmos que somente um homem com o mínimo de duas mulheres será abençoado com uma ‘videira frutífera’. Portanto, se você tiver somente uma esposa, poderá também ter uma videira frutífera em casa – e isso é lindo.

*PROVÉRBIOS*

Acima vimos que falar da esposa no singular não sinaliza nada contra a poligamia, antes, apenas presume que a bênção de Deus não depende dela para ocorrer. Porém, agora veremos como o livro de Provérbios trata o mesmo assunto, ainda mais se considerarmos que quem escreveu boa parte do livro foi Salomão, simplesmente o maior polígamo do AT. Assim, ao lermos o livro, devemos ter em mente essa informação, já que não se espera que ele condene a si mesmo no que aprovava ou reprovava.

#### *Não se deite com mulher estranha*

*Seja bendito o teu manancial, e alega-te com a mulher da tua mocidade. Como cervas amorosas, e gazelas graciosas, os seus seios te saciem todo o tempo; e pelo seu amor sejas atraído perpetuamente. E porque, filho meu, te deixarias atrair por outra mulher, e te abraçarias ao peito de uma estranha? (Provérbios 5:18-20)*

Confunde-nos o uso da tradução nas línguas modernas, já que o termo "mulher" em hebraico normalmente aponta uma pessoa madura e casada, ou em idade já posterior ao casamento. Como vimos em Jó, o termo para uma pessoa solteira seria "moça" ou "virgem" e isso dependendo do contexto. Aqui, porém, Salomão está ressaltando a necessidade de nos apegarmos à nossa esposa e não à outra esposa. Se essa explicação não lhe basta, veja o que ele diz no contexto:

*Longe dela seja o teu caminho, e não te chegues à porta da sua casa; para que não dêes a outrem a tua honra, e não entregues a cruéis os teus anos de vida; para que não farte a estranhos o teu esforço, e todo o fruto do teu trabalho vá parar em casa alheia; (Provérbios 5:8-10)*

A preocupação de Salomão é clara: se você se envolver com uma mulher estranha (de outro homem), terá que gastar cuidando do que você dará: como um filho, por exemplo. Assim, se você poderia ter filhos com a sua esposa e reter a honra para si mesmo, o que fará quando a mulher estranha engravidar e você não poder assumir para si o filho? Terá que, como Davi, tentar enganar o marido o fazendo pensar que o filho é dele?

Veja o uso do termo "estranha" no contexto seguinte para que você entenda, de uma vez por todas, a distinção:

*Para te guardarem da mulher vil, e das lisonjas da estranha. Não cobices no teu coração a sua formosura, nem te prendas aos seus olhos. Porque por causa dum prostituta se chega a pedir um bocado de pão; e a adúltera anda à caça da alma preciosa. (Provérbios 6:24-26)*

Provérbios 6:24-26 está mostrando uma diferença: enquanto uma prostituta lhe custa um pedaço de pão, a adúltera lhe custa a vida (a alma – Lv 20:10). Naturalmente o texto está fazendo um paralelismo entre "estranha" e "adúltera", provando que quando Salomão está usando este linguajar a preocupação dele é, finalmente, a mulher casada, e não a solteira ou prostituta. Pesado para nós? Que o seja.

Posteriormente, em Provérbios 23:27, Salomão nos alerta contra a prostituta (*zanah*), que, claramente, é o caso de uma mulher casada que se prostitui (cf. Jr 3 e Ez 23). Tanto que até mesmo os autores da Septuaginta entenderam ser este o caso, e se privaram de traduzir *zanah* por alguma variação de *porneia* (que seria prostituta em grego), e se valeram de um termo muito específico: τετραμήνος (*tetrêménos*), que mesmo entre os gregos (Xenofonte e Aristóteles, em sua *Metafísica*) são mulheres que mataram seus maridos... sugestivo, não é? Em resumo, “estranha” é a mulher de outro homem, e se apegar à sua mulher é contraste óbvio com isso. Salomão, certamente, fazia isso e não repetia o erro do pai dele, de modo que se apegou à cada uma de suas mulheres a fim de não se deitar com mulher estranha (de fora).

*Ter uma mulher é benevolência de Deus*

*Aquele que encontra uma esposa, acha o bem, e alcança a benevolência do Senhor. (Provérbios 18:22)*

Graças a Deus, já pensou se eu só alcançasse a benevolência de Deus tendo duas?

Além disso, o contraste é claro, visto que Salomão não quer destacar o número, mas a qualidade, já que em Provérbios ele declara que há esposa que é horrível:

*É melhor morar numa terra deserta do que com a mulher rixosa e irritadiça. (Provérbios 21:19)*

Você acha que ele está falando que casar com mulher rixosa é uma benevolência de Deus? Claro que não, antes, ele quer mostrar que encontrar uma *esposa* (boa e dedicada, não rixosa e briguenta), é a benevolência de Deus. O foco é a qualidade e não o número.

*CÂNTICO DOS CÂNTICOS E ECLESIASTES*

*As rainhas e concubinas elogiam a nova esposa*

Cântico também é um livro escrito por Salomão e que causou arrepios até mesmo nos judeus, razão pela qual ele demorou, mesmo entre os hebreus, ser aceito como “canônico”. Alguns até mesmo atribuíam a escrita deste livro aos momentos idolátricos de Salomão, provando que as pessoas não sabem separar sexo de idolatria na cabeça delas, como se todo interesse intenso sexual fosse igual à idolatria. Mas este ainda não é o nosso tema, apenas nos concentremos no fato de que o livro mais romântico da Bíblia foi escrito por um polígamo que já tinha várias esposas e concubinas:

*Sessenta são as rainhas, e oitenta as concubinas, e as virgens [noivas] sem número. Porém uma é a minha pomba, a minha imaculada, a única de sua mãe, e a mais querida daquela que a deu à luz; viram-na as filhas e chamaram-na bem-aventurada, as rainhas e as concubinas louvaram-na. (Cânticos 6:8, 9)*

Aqui vemos que numa situação em que não há ciúmes, até as esposas e concubinas elogiam uma nova esposa, crendo ser esta um acréscimo de beleza na relação já presente. Veja que aqui Salomão talvez estivesse ainda no meio da carreira dele até as mil mulheres, visto que menciona “apenas” sessenta rainhas e oitenta concubinas. As noivas de Salomão ainda estavam para consumarem o casamento, então podemos ao menos supor que era uma grande quantidade neste momento.

Ah, e o amor compartilhado... Provando outra vez que a Bíblia não é dialética no que diz respeito ao amor masculino, sabendo que havia para todo mundo, embora fosse possível haver as preferidas, claro (quem não tem?). Ao dizer “sim” para uma mulher (considerando a cerimônia de casamento comum) você **não** está dizendo “não” para todas as outras, é apenas questão de tempo ou de condições.

Novamente vemos com que amor e louvor o casamento poligâmico é visto. Mesmo que haja uma mulher linda e principal, por ser, talvez, a única filha ou porque ela tenha uma beleza descomunal. Disso sabemos que uma mulher a mais no casamento acrescenta mais beleza, e não feiura ou nojo. Só os homens limpinhos romanos e gregos é que veem sujeira nisso.

- Obs.: os elogios de Salomão a ela são eróticos em sua maioria, ressaltando o tamanho dos seios e o fato de serem “redondinhos” (Ct 7:3, 7; 4:5), ou o tamanho da bunda e pernas (7:1; 1:9 [‘éguas de faraó’: provavelmente o mais próximo à “mulher potranca” {um equino} em sua época, considerando todos os outros elogios]). Há muito que perdemos porque lemos a bíblia com o ascetismo e o puritanismo.

*Curta a sua esposa*

*Goza a vida com a mulher que amas (Eclesiastes 9:9)*

Imagine, pela centésima vez, se este texto estivesse no plural... só poderia curtir a vida quem tivesse mais de uma mulher? Ai, ai... por hora, porém, deixaremos com o leitor o papel de meditar estas coisas, e em nosso próximo texto trataremos do Novo Testamento, que certamente é onde todos acreditam que Deus mudou de ideia sobre a poligamia e descartou toda a beleza em volta dela no AT.

Conclusão

- Os livros poéticos não se mostram contra a Poligamia;
- Antes, ressaltam a chance de maior beleza nela quando todos entendem seu papel;
- Também não há dialética: um homem pode amar todas;
- Ainda que tenha preferidas por motivos específicos;
- Portanto, mesmo na poesia e no cântico a poligamia não é condenada no AT.

## *Poligamia no Novo Testamento*

Temos visto que Deus não proibiu a poligamia na Lei, que os profetas até a tratam como uma bênção de Deus (como no caso de Davi, por exemplo) e que os livros poéticos até embelezam a poligamia, o que sugere, no mínimo, que o NT terá concordância com todo o resto da Escritura. O Novo Testamento deve prever que não haja pecado atrelado à poligamia, se for verdade que nem no AT ela o seja. Essa mudança em algo que nunca foi proibido por Deus causaria uma ruptura muito grande entre o AT e o NT, algo que, claramente, não pode ocorrer, visto que a Lei de Deus (i.e., seus mandamentos) não mudam, embora a lei no seu sentido ritual ou cerimonial tenha chegado à sua plenitude com a vinda de Cristo e, portanto, não precisa mais ser posta em prática – ou seja, deveria se provar que a poligamia é parte da lei ritual do AT. Assim, o fato de tratarmos o NT em um texto separado não é por cremos que haja uma ruptura entre o AT e o NT, mas porque é preciso para que os textos não fiquem grandes demais.

### *JESUS NOS EVANGELHOS*

Precisamos fazer uma observação antes de iniciarmos: quando Cristo veio, a palavra “adultério” ainda significava o que significava no AT, afinal, Jesus não veio no Novo Testamento, visto que a Nova Aliança começa só *depois* dele e não antes. Assim, se a palavra “adultério” aparece, ela precisa ser vista, ao menos nos evangelhos, no sentido claro do AT (só é adultério se um homem se deita com uma mulher casada).

Além disso, note este texto:

*Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til jamais passará da lei, sem que tudo seja cumprido. Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus. (Mateus 5:17-20)*

Cristo não veio contradizer a Lei, mas sim os fariseus. Assim, Jesus está claramente dizendo que o que ele dirá no resto do capítulo até o 7 de Mateus não é sobre como superar a lei, mas sim aos fariseus, que inventaram sua própria lei (a “justiça” dos fariseus). Precisamos ter isso como pano de fundo, pois Jesus está dizendo para olharmos o que ele diz como contraste aos fariseus e não à Lei de Deus, que ele não pode *destruir*, do contrário, estaria mentindo.

*O suposto fim da Poligamia: não deseje outra mulher*

*Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo, que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela. Portanto, se o teu olho direito*

*te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti; pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque te é melhor que um dos teus membros se perca do que seja todo o teu corpo lançado no inferno. Também foi dito: Qualquer que deixar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. (Mateus 5:27-31)*

Jesus, claramente, não começa dizendo “Está escrito” (Mt 4:4, 7, 10), mas com um “foi dito aos antigos”. Essa fórmula mostra que os sábios antigos é que eram a fonte dos fariseus, e não o que estava escrito na Lei. Assim, Cristo está contradizendo não o ensino da Lei sobre adultério, mas o ensino farisaico, que se focava na prática *externa*: “se você não se deita com a mulher do próximo, não terá cometido adultério”, ignorando totalmente o décimo mandamento, que nos ordena a *não desejarmos a mulher do próximo* (Êx 20:17).

Ora, se Jesus não contradiz a Lei, por qual motivo poria fim à poligamia, aprovada na lei? Se Cristo estivesse acabando com a Poligamia, de pronto os fariseus diriam a ele que Davi, Salomão e até Deuteronômio 21 preveem a poligamia; porém, o que vemos é que todo mundo reconhece que o ensino de Cristo é verdadeiro e autoritativo, e não uma novidade dos “antigos” e “fariseus” (Mt 7:28, 29). Portanto, o que temos aqui só refuta o fato de que adultério não é o ato praticado, mas o desejo no coração, em relação à mulher do próximo.

- Obs.: a bíblia não pode proibir o desejo do homem por uma moça qualquer, pelo simples fato de que isso é natural e básico para haver algum interesse relacional (se eu proibir qualquer homem de olhar qualquer mulher com algum desejo, virtualmente estou impedindo qualquer relacionamento, o que a Bíblia não faz – pois proibir o casamento seria a única saída para impedir um homem de desejar uma mulher, qualquer que seja). Vimos isso em Dt 21, no qual sem conhecer a moça, sendo atraído apenas pela sua beleza, um homem pode se casar com ela. Somente se o texto dissesse que “maridos” não podem desejar “mulheres” é que poderia sinalizar o fim da poligamia. Isso é aceito como básico nas Escrituras. Só num mundo individualista é que os desejos são condenados como tais.

Veja, também, que falta um elemento no texto: não há qualquer termo que sinalize que desejar *outra* (isto é, mais uma) mulher seja o que Jesus tem em vista. Literalmente Jesus diz que não se deve desejar “mulher”, e não “outra” (ἄλλος [*allos*] – como em Marcos 10:12, em que a proibição após o divórcio é que não se pode casar com nenhuma *outra* mulher). Se Jesus estivesse proibindo desejar qualquer outra mulher além da nossa primeira esposa, bastaria acrescentar este termo ressaltando o contraste entre a “atual” e a “outra” mulher – algo que não ocorre neste texto! Jesus não quer que você deseje um tipo específico de “mulher”, e não qualquer tipo, daí, só o contexto e o termo específico utilizado para “mulher” pode nos esclarecer que tipo é este.

- Obs.: para Jesus proibir desejar qualquer outra mulher o texto deveria estar assim: “qualquer que atentar *outra* {ἄλλην} *mulher*” e não “qualquer que atentar [uma] *mulher*”. Como não há “outra” em contraste com a primeira (Mt 19:9; Mc 10:11), não existe razão para pensar que se proíbe o desejo por outra mulher!

E o contexto esclarece, pois em grego, tanto quanto em hebraico, há uma distinção entre mulher solteira e casada. Quando em nossas traduções aparecem a palavra “mulher”, normalmente se fala de casada. Essa forma é uma tentativa de passar a mensagem da palavra γυνή (*gyné*), que nos versículos seguintes é novamente utilizada para se referir a quem deixa a **sua mulher**. Não podemos abandonar o termo e o contexto que claramente mostra que Jesus está falando de mulheres *casadas*, não de solteiras. Caso Cristo quisesse proibir, por exemplo, o desejo por uma moça solteira, haveriam termos mais simples (como παρθένος – *parthenos*: moça, virgem).

E se isso não bastasse, Cristo está se valendo do termo “cobiçar”, claramente apontando a tradução grega do décimo mandamento (ἐπιθυμέω – cobiçar [o que é de outra pessoa]). Poderíamos até traduzir assim este texto:

*“Vocês ouviram o que foi dito aos antigos: “não cometerá adultério” Eu, contudo, lhes digo que qualquer que olhar para uma esposa [qualquer] a fim de cobiçá-la, terá cometido adultério em seu coração com ela. [...] Qualquer que deixar a sua [própria] esposa [...].”*

Claro como água.

Por fim, se Jesus diz que a poligamia agora é adultério, ele não estará trazendo uma melhor interpretação da lei, antes, a estará *contradizendo*. Veja a diferença:

AT = Poligamia não é pecado (portanto, sou crente enquanto polígamo) – sou *amigo* de Deus.

NT = Poligamia é pecado (portanto, sou ímpio se dizer-me crente e for polígamo) – sou *inimigo* de Deus.

Isso não é uma questão de grau, mas de contradição. Além disso, muito espantaria que Cristo dissesse que agora a poligamia é adultério sem nenhum protesto dos fariseus, que ao menos isso sabiam não ser pecado.

Veja que quando os apóstolos advogam pelo fim das sombras em Atos é claramente notado uma contradição contra o AT, visto que o AT ordenava a prática ritual e, portanto, dizer que ela chegaria ao fim seria equivalente a pôr fim à lei (At 6:13; 21:28 [as testemunhas eram falsas, mas a informação isolada era verdade]; Hb 8:13 [note o ensino teológico de Hebreus 8: é o fim das sombras {Lei}]). Se Cristo falasse *contra* a Lei de Deus isso seria facilmente notado, algo que não ocorre.

*O suposto fim taxativo da poligamia*

*Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que aquele que os fez no princípio macho e fêmea os fez, e disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois numa só carne? Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus juntou não o separe o homem. (Mateus 19:4-6)*

Se você já tiver lido nossa explicação sobre Gênesis 2 isso aqui poderá até ser levemente redundante, porém, evitarei repetir os argumentos e me focarei nos pontos *deste texto*:

Primeiro, Jesus não está falando sobre poligamia, antes, está falando sobre divórcio. Este é o assunto, e não faria sentido, de repente, Cristo misturar dois temas na mesma resposta, visto que os discípulos mesmo só se entristecem por não poderem se casar novamente após divorciados (v. 7 em diante). Se esta resposta de Jesus refutasse a poligamia, o questionamento dos fariseus, logo em seguida, incluiria a poligamia, mas até eles entenderam que Jesus só respondeu em relação ao divórcio, e não à poligamia. Veja:

*Disseram-lhe eles: Então, por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio, e repudiá-la? (Mateus 19:7)*

Você viu? Está aí no texto escrito: "Por que Moisés permitiu ao homem ter duas esposas? (Dt 21:15ss)". Não viu? É porque não tem, o único assunto é o divórcio e não a poligamia.

Segundo, Jesus menciona que os *dois* (não três) serão uma só carne. Mas isso deveria ser óbvio, mesmo na poligamia. Afinal, quando me uno à cada mulher sou uma só carne com ela (1 Co 6:16)! Ou, por acaso, você tem dois pênis para se unir com duas ao mesmo tempo? Claro que num casamento poligâmico há "vários dois" por uma simples necessidade anatômica básica.

Terceiro, se Jesus dissesse "se unirá às suas mulheres" ele seria acusado de adulterar o texto bíblico, afinal, em Gênesis está tudo no singular, e já explicamos em outro texto sobre os versículos de casamento (no que comentamos sobre a poligamia na Lei de Deus). No fim, a explicação de Jesus é somente sobre o divórcio e não entra em mérito algum no que diz respeito ao papel da poligamia. Lembre-se de que nessa altura os homens comuns de Israel não eram ricos, portanto, naturalmente, a poligamia nem entrava no campo de interesse deles, visto não poderem pagar os dotes de várias mulheres e muito menos sustentá-las ao mesmo tempo. O que, porém, não era o caso das autoridades, que possuíam muitas mulheres.

*As dez virgens (noivas)*

*Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo. E cinco delas eram prudentes, e cinco loucas. As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo. Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas. E, tardando o esposo, tosquenejaram todas, e adormeceram. Mas à meia-noite ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro. Então todas aquelas virgens se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas. E as loucas disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque*



*as nossas lâmpadas se apagam. Mas as prudentes responderam, dizendo: Não seja caso que nos falte a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós. E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta. (Mateus 25:1-10)*

Essa parábola é curiosa e sugestiva em alguns níveis. A resposta comum para ela é a de que Cristo está falando sobre uma festa de casamento com as virgens convidadas que comemoram. Alguns até veem um eco do salmo 45:9, o que tornaria elas as auxiliares da noiva. Contudo, como vemos na parábola, elas acompanham o noivo e não a noiva, embora, é verdade, alguns ainda digam que elas se encontravam com a noiva em seguida.

O problema é que a leitura é anacrônica, já que não temos registro de uma cerimônia neste molde naquela região. O que é provável ter ocorrido é o seguinte:

- 1 – Não temos relato desse tipo de casamento, e somos monogâmicos;
- 2 – Cristo conta essa parábola, e Cristo é defensor da Monogamia;
- 3 – Portanto, essa parábola está relatando uma festa que não temos mais hoje, mas de um casamento monogâmico.

A conclusão não se deve ao registro histórico, mas de uma leitura forçada do texto. Agora, porém, vamos apontar alguns detalhes interessantes:

Primeiro, o termo “virgens”, assim como no AT, normalmente sinaliza moças noivas, e não meramente virgens, dependendo inteiramente do contexto para a sua definição mais clara.

Segundo, em João 2:5 o suporte dado na festa é por “servos” e não noivas – considerando que elas (as virgens) se quer são mencionadas em João soa estranho.

Terceiro, o registro mais próximo de um evento semelhante com virgens indo a algum lugar é o caso de Ester (Et 2:2-4) que claramente mostra que todas as mulheres ali eram possíveis esposas do rei. No caso da passagem de Mateus 25 essa escolha acabou por ser automática, já que as 5 noivas tolas não entraram no tempo esperado para a festa.

Quarto, mesmo se considerarmos o contexto geral ainda, notamos outro problema: suponha que as virgens vão participar da festa do noivo, que é comemorada com *outra pessoa* (a noiva – claramente a igreja no NT), como pode as virgens de uma festa aleatória representar a igreja se ela estaria sendo representada pela noiva do noivo na festa? Assim os discípulos participariam da festa, mas não seriam eles a noiva de Cristo...

Claro, dirão alguns por aí, não podemos interpretar parábolas literalmente... evidente que não podemos, mas também não fazemos como Agostinho, que dizia que cada virgem era um sentido do corpo, que deveria estar livre dos seus desejos e vícios (precisamos rir muito dessa interpretação grega de Agostinho...).

Quais elementos na parábola não são 'literais'? O fato de ser cinco virgens ou dez claramente não é tão relevante diretamente, já que a igreja é uma só, embora seus membros estivessem, naquela época, sob risco de serem surpreendidos pelo momento da volta de Cristo. O fator relevante para o número 10 pode significar a completude da igreja e o risco de uma parte dela não estar pronta para a volta de Cristo. Então, mesmo que a parábola não tenha elementos literais em todos os aspectos, algumas coisas soam estranhas.

Referente ao noivo, em grego, embora a palavra "noivo" pudesse estar no dativo ou até acusativo, se encontra no genitivo. Na prática o genitivo significa algum nível de posse, de modo que podemos entender que a passagem está dizendo algo assim: "ao encontro do seu noivo" e não "do noivo"; se a passagem estivesse em algum outro modo, sua tradução poderia ser "encontrar o noivo" ou "encontrar a um noivo". Sem contar que "virgem" é o contraste de "noivo" nas escrituras, demonstrando que mesmo no contexto mais amplo a leitura mais natural do texto sugere que o noivo é para as virgens, e não as virgens no vazio.

Por último, mesmo que essas virgens fossem assistentes da noiva final, elas o poderiam ser como Zilpa e Bila, que eram auxiliares de suas senhoras para também servirem como meio de aumentar a descendência do marido delas.

O fato é que não há evidência de que isso sinalize uma festa de casamento tradicional na época que Cristo andou sobre as terras de Israel, nos sobrando tão somente o texto. Sim, eu sei, há muitos livros e comentários que citam certas fontes sobre este evento... mas você já conferiu as fontes destes comentários onde dão? Elas não resultam em nada.

#### *APÓSTOLO PAULO*

Agora chegamos onde interessa para quem nega que a poligamia continua como aprovação por parte de Deus. Se a lei, os profetas, os poéticos e Cristo não contradisse a poligamia, Paulo, magicamente, contrariando tudo visto até agora, será contra, certo? Não? Vejamos abaixo:

#### *A proibição da Sodomia*

*Por isso Deus os abandonou aos desejos ardentes infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. (Romanos 1:26, 27)*

O ponto é simples: argumentamos que o fato de a bíblia não proibir que uma mulher se deite com outra favorece o fato de que a poligamia permitia um homem se deitar com duas mulheres. Porém – dizem os monogâmicos – Paulo está proibindo uma mulher se deitar com outra bem neste texto acima.

Como já vimos, o NT não pode proibir algo que o AT não proibia, pois, além de isso violar o fato de que só é pecado o que está na Lei, ainda tornaria os autores do NT inventores de novas tradições. Então, precisamos ver o texto considerando que entre os judeus a poligamia era praticada e, portanto, havia a possibilidade de uma mulher se deitar com o marido ao mesmo tempo que outra. Isso não seria mais absurdo do que um homem se deitar com a própria mãe ou irmã, que o texto de Levítico 18 e 20 proíbe. Ora – dizem – uma mulher se deitar com outra era tão absurdo na época da escrita de Levítico que nem foi proibido. Mas num mundo poligâmico como aquele era mais absurdo uma mulher se deitar com outra do que um homem com a mãe, irmã, tia, sobrinha ou qualquer outro parente? Seria muito mais provável que uma mulher se deitasse com outra do que um homem com a própria mãe, justamente porque um homem sai de casa, mas uma mulher numa relação poligâmica dificilmente não tocará na outra.

Mas nos voltemos novamente ao texto de Romanos: o que Paulo diz que é “desejo ardente” ocorre entre os gentios (v. 16, 23-25), assim sendo, não pode ser a poligamia que Paulo tem em mente, visto que entre gregos e romanos ela era proibida e até cidadãos comuns achavam algo absurdo (como o caso de Fausto, inimigo do Cristianismo e que usou a poligamia dos Patriarcas contra ele). Desse modo, devemos ter em mente que *Paulo não pode estar proibindo o que a Lei não proibiu*.

Outro problema é que esse texto de Romanos é o único no texto bíblico com essa linha de raciocínio (a forma escrita em grego) e que aparentemente proíbe uma mulher de se deitar com outra, enquanto que há outros textos que reforçam a proibição de um homem se deitar com outro (1 Co 6:10, por exemplo). E se formos olhar o texto, notamos que falta algo pra ele condenar uma mulher se deitar com outra:

*Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza, [se inflamaram em sua sensualidade, mulher com mulher]. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza. (Romanos 1:26b,27)*

Em colchetes acrescentamos a informação que supostamente faltaria, pois Paulo deixa o abandono do uso natural da mulher incompleto, crendo que os seus leitores entenderiam facilmente – afinal, todo mundo sabe que não existe sexo entre mulheres, já que seus órgãos sexuais não são externos, por esta razão, como proibir algo que simplesmente não acontece? Paulo não poderia proibir uma mulher “se deitar” com outra porque é impossível tal coisa ocorrer em qualquer nível real.

Além disso, os homens “deixaram” as mulheres, enquanto elas “mudaram” o próprio uso. Elas não deixaram os homens, antes, mudaram algo que estava nelas, e utilizaram contra o objetivo inicial do que possuem. O texto é claro, e Paulo diz que as coisas seguem essa linha: mulheres mudaram (μεταλλάσσω) o uso do que tinham – homens deixam (ἀφίημι) as mulheres. Claramente Paulo não quer deixar dúvidas: as mulheres não abandonaram os homens para deitarem-se umas com as outras, antes, mesmo com homens,

mudaram o seu próprio uso natural e os homens deixaram as mulheres e se deitaram com outros, deixando o uso natural das mulheres.

- Obs.: muitos abestalhados chegam nesse texto dizendo que a proibição é somente em relação à idolatria, ou seja, de que um homem se deitar com outro é pecado só se for para glória de alguma divindade. Isso é mentira, o texto continua dizendo quais práticas são condenáveis como, por exemplo, desonrar pai e mãe, e a menos que só seja pecado desonrar pai e mãe em contexto de glória a outra divindade não fará sentido pressupor o mesmo do resto do texto.

Vejamos um texto que foi escrito próximo à época de Paulo, também por pessoas com mentalidade hebraica:

*[...] não se torne como Sodoma, que mudou sua natureza, contrária a ela. Semelhantemente os Observadores mudaram sua natureza. (Testamento de Naftali: ἴνα μὴ γένησθε ἢ ὡς Σόδομα, ἥτις ἐνήλλαξε ἡ τάξιν φύσεως αὐτῆς ὅ, αὐτῶν Ὁμοίως δὲ καὶ οἱ Ἑγρήγοροι ἐνήλλαξαν τάξιν φύσεως αὐτῶν).*

Os Observadores seriam anjos que se deitaram com mulheres (assunto irrelevante para nós agora); estes anjos, assim como Sodoma, teriam mudado a sua natureza, fazendo contrário a ela. Note que Sodoma mudou sua natureza, agindo contrário a ela, ou seja, fazendo com que homens se deitassem com outros homens. Os anjos, **de modo semelhante mudaram sua natureza**, mas, ao invés de se deitarem com outros anjos, **se deitaram com mulheres**.

Perceba que o conceito de “semelhantemente” no texto não significa que a mudança seja a igual em ambos os casos, isto é, que se homens se deitaram com homens então anjos se deitaram com anjos – isso não faz sentido no texto. O problema é abandonar o estado em que fomos criados no que diz respeito ao tipo de corpo que temos, assim, um homem não pode abandonar a própria natureza, e só pode se deitar com mulheres e jamais com outro homem – no qual usaria o ânus para ter relações sexuais.

Isso aqui é interessante de se observar: o que é usado no homem *contra a natureza* quando um se deita com outro? Claro que é o ânus. O que, portanto, seria usado na mulher *contra a natureza*?

No mundo grego e romano era comum, muito comum, que uma mulher grávida (lembre-se, era um mundo monogâmico) fizesse sexo anal com o marido devido ao fato de estar grávida, além de, para aqueles que não tinham vísceras de animais para utilizarem como “camisinhas”, o sexo anal era uma ‘boa escapatória’. Percebe que o contexto dos ouvintes de Paulo esclarece, um pouco, o nosso ponto?

Mais interessante fica se notarmos que, por padrão, na sociedade grega e romana o sexo anal era mais comum entre mentor e aprendiz, o que torna o “até as suas mulheres” muito sugestivo no texto de Paulo, ressaltando não a incapacidade delas de praticarem isso, mas de mesmo os homens fazendo

sexo anal entre si e as mulheres já tendo vagina, até elas deixaram de se valer da própria vagina para utilizarem o ânus. A preocupação de Paulo não é que as mulheres habitualmente são puras, já que justamente por *não serem* é que elas são, também, proibidas de pregarem (1 Tm 2:12-14; 4:7), e sim de que tendo os meios naturais para o sexo permitido por Deus abandonaram eles.

Vamos reforçar dois pontos: primeiro, o "semelhantemente" e, segundo o "até".

Permanece a dúvida em muitos de que se Paulo diz "semelhantemente" no texto de Romanos então está dizendo que o equivalente de as mulheres mudarem seu uso natural é os homens se deitarem uns com os outros, fazendo com que ambos estejam, na verdade, sendo homossexuais (tanto as mulheres quanto os homens). Mas note isso: o "semelhantemente" se refere ao "contrário à natureza" e não ao "mudaram" e "abandonaram". A semelhança entre o caso das mulheres e dos homens no contexto é o fato de terem feito coisas contra a natureza.

Um exemplo pode esclarecer: você ganhou dinheiro na empresa A que mexe com papel, eu, semelhantemente, ganhei dinheiro após ganhar uma herança. Ora, o semelhantemente se refere ao quê? À empresa? Não, pois eu herdei o dinheiro e você trabalhou pelo seu – porém, ambos os casos houve ganho monetário, e é isso que é semelhante nos casos.

Sobre o termo "até" suas mulheres... Paulo não pode estar falando que as mulheres são guardiãs da moralidade, querendo dizer que os homens se corrompem primeiro. Isso é um erro: Eva pecou primeiro, mulheres foram responsáveis pelo desvio de Israel em Baal-Peor (Nm 25) Salomão se desviou por causa das mulheres, e o mesmo Salomão diz que entre os homens encontra um, mas entre as mulheres não acha nenhuma [justa] (Ec 7:28, 29). É evidente que este "até" tem que significar não que até as mulheres supostas guardiãs da moralidade pecaram, e sim que não faz sentido elas deixarem de usar vagina e passarem a usar o ânus, já que é básico e racional se usar a vagina ao invés do ânus (lembre-se de que o contexto de Rm 1 é provar que os homens idólatras são irracionais também).

Crer que as mulheres são as guardiãs da moralidade faz apenas os homens serem guiados por elas, como se pudessem ser luz no nosso caminho, para evitar essa confusão é que Deus não permite a mulher pregar e nem exercer domínio sobre o marido (veremos em textos posteriores).

Ora, a conclusão que tiramos é que ir contra a natureza numa mulher é usar a única coisa que ela tem em comum com um homem: o ânus. Assim, quando a Lei proíbe ao homem de se deitar com outro (pois só se usaria para "deitar" o ânus) está também proibindo isso em relação às mulheres, visto ser o mesmo órgão necessário para essa perversão sexual. Dessa forma, o que temos aqui não invalida a poligamia, antes a reforça claramente, visto não tocar de nenhum modo no assunto.

*Porque até as mulheres mudaram o seu uso natural, utilizando o ânus, de modo semelhante, os homens, deixando o uso natural da mulher [...] se deitaram com outros homens.*

#### *Mulher do marido e não marido "da mulher"*

*Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido, está livre da lei do marido. De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera se for de outro marido; mas, morto o marido, livre está da lei, e assim não será adúltera, se for de outro marido. (Romanos 7:2,3)*

*A mulher casada está ligada pela lei todo o tempo que o seu marido vive; mas, se falecer o seu marido fica livre para casar com quem quiser, contanto que seja no Senhor. (1 Coríntios 7:39)*

As pessoas olham o que a Escritura diz, mas se esquecem do que ela *não diz*. Você nunca verá uma passagem assim: "o marido está ligado por todo o tempo que vive a mulher", porque, afinal, é ela que é chamada de adúltera se casar de novo, e não ele. Paulo é consistente com a Lei, provando que é a mulher que está ligada ao marido e não o marido que está ligado à mulher (no singular). Pois, enquanto o marido vive, não poderá a mulher se casar novamente, mas enquanto a mulher vive nada é dito sobre o marido, visto que este poderá, naturalmente, se casar, *conforme a lei* – aqui vemos que Paulo pensa sobre o casamento conforme **a lei**, e não de acordo o costume, e já vimos que a lei aprova a poligamia.

#### *Paulo finalizando a poligamia*

Vimos acima que em 1 Co 7 Paulo claramente ensina que a mulher é quem está ligada ao marido (e não o contrário), então – devemos presumir – nada há nos seus escritos contra a poligamia. Mesmo assim há quem aponte o início do capítulo 7 como contradizendo a poligamia:

*Ora, quanto às coisas que me escrevestes, bom seria que o homem não tocasse em mulher; mas, por causa da fornicação [prostituição cultural], cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido. (1 Coríntios 7:1, 2)*

Se fizermos uma boa avaliação de 1 Co 7, saberemos que este capítulo é extremamente contextual, isto é, está ligado ao momento em que os crentes em Corinto viviam, de tal modo, que Paulo sugere que nem pessoas noivas se casem, pois o fim estava próximo (próximo para aquelas pessoas que liam a carta). Isso pode ser visto aqui:

*Ora, quanto às virgens, não tenho mandamento do Senhor; dou, porém, o meu parecer, como quem tem alcançado misericórdia do Senhor para ser fiel. Tenho, pois, por bom, por causa da instantane necessidade, que é bom para o homem o estar assim. Estás ligado à mulher? Não busques separar-te. Estás livre de mulher? Não busques mulher. (1 Coríntios 7:25-27)*

Ora, se Deus nos instrui a casar, por qual motivo particular neste momento o casamento é visto como negativo? Simples, "a instante necessidade". Um homem teria muito mais sofrimento casado do que solteiro no contexto de perseguição:

*Mas, se te casares, não pecas; e, se a virgem se casar, não peca [pois não há mandamento contra isso]. Todavia os tais terão tribulações na carne, e eu quereria poupar-vos. Isto, porém, vos digo, irmãos, que o tempo se abrevia; o que resta é que também os que têm mulheres sejam como se não as tivessem; (1 Coríntios 7:28, 29)*

Como vemos, Paulo quer deixar o casamento no mínimo possível em 1 Co 7, tudo por causa do sofrimento (ora, ora, soa bem utilitarista para os pregadores atuais). A instrução dele não é, como pensam alguns católicos romanos, que o sexo e o casamento seja um problema necessário, mas que problemas adversos de perseguição e destruição nos levem a evitar o casamento (Jr 16:1-3). Como os apóstolos diziam que Cristo ainda retornaria com os coríntios vivos (1 Co 15:51) e os apóstolos não eram falsos profetas (Dt 18:22), então nada mais sábio do que sugerir que evitem o casamento naquele momento (sim, Cristo já voltou, mas tratamos no nosso livro sobre a Confissão de Fé de Westminster).

Poderíamos ainda concluir mostrando que essa instrução do capítulo 7 como um todo é contextual ao apontarmos como Paulo quer que ninguém se case aqui, mas em 1 Timóteo 3:1, 2 espera que o bispo seja casado. Ora, não temos contradições na Bíblia, e Paulo apenas quer mostrar que o sofrimento dos coríntios no casamento é algo particular, buscando-se o mínimo possível de relações com mulher.

Mas voltemos aos versículos 1 e 2: vimos que Paulo quer que ninguém toque em mulher: os mesmos que dizem que este texto estabelece como mandamento o homem ter uma só mulher não aceitam como mandamento que devemos proibir o homem tocar em mulher. Claro que não, porque este assunto (de mandamento) não é o foco de Paulo, de tal modo que no resto do capítulo ele repete que não tem mandamento do Senhor sobre algumas coisas (v. 6, 25). Acha que o homem que está preocupado com os mandamentos de Deus proibiria a poligamia masculina *contra* os mandamentos de Deus? (1 Co 7:19).

Além disso, o versículo 1 diz que "é bom que o homem não toque em mulher", o que, se for um mandamento, contradiz frontalmente Gênesis 2, que diz que não é bom que o homem esteja só (Gn 2:18). Isso sozinho deveria reforçar o valor contextual e específico dessa passagem.

Como não estamos no fim, nem sob perseguição intensa, a instrução de Paulo não se aplica a nós... nem mesmo a de que não devemos tocar em mulher ou evitar o casamento. Precisamos avaliar que as instruções de Paulo se valem para uma igreja perseguida, algo que só fará sentido num âmbito de sofrimento intenso, e de fugas iminentes, além da perda repentina de bens.

Se aplicássemos o texto de 1 Co 7 fora do seu contexto, nem mesmo o casamento deveríamos estimular entre nós!

Por fim, veja: o problema que Paulo está lidando é a prostituição cultural (que trataremos em outro texto), portanto, para impedir que os homens fiquem desejando as prostitutas, o que Paulo dirá?

“Cada um tenha as suas mulheres e cada mulher seu marido”. Claro que não, afinal, ele estaria se contradizendo, e afirmando que o homem deveria ter no mínimo duas esposas! Ora bolas, ele quer que a pessoa nem se case neste capítulo, e estaria ele dizendo que cada marido tivesse “mulheres”? Ou, pior, como ficaria quem tem só uma mulher? Por irônico que seja, dizer “cada um tenha a sua mulher” é a única forma de **permitir** a poligamia, visto que dizer isso no plural a torna **obrigatória** de imediato.

- Obs.: por que parece que o NT não é tão claro quanto o AT sobre o assunto? Primeiro porque o NT *assume* o que o AT não condena como pecado; segundo, porque o próprio ambiente cultural não favorecia isso, já que, no geral, os crentes vinham do mundo monogâmico, não poligâmico; terceiro, a necessidade circunstancial da igreja pré ano 70 d.C. tornava inviável até mesmo o ser casado, quanto mais ter mais de uma esposa! Assim, não devemos nos assustar pela aparente falta de clareza do NT, mas reconhecer o contexto do próprio Novo Testamento e o seu público principal.

*Bispo, marido de uma só mulher*

*Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher (1 Timóteo 3:2, cf. o v. 12 e Tito 1:6)*

Lembra-se de 1 Coríntios 7? Pois bem, lá Paulo dá um princípio bem interessante:

*E bem quisera eu que estivésseis sem cuidado. O solteiro cuida das coisas do Senhor, em como há de agradar ao Senhor; mas o que é casado cuida das coisas do mundo, em como há de agradar à mulher. (1 Coríntios 7:32, 33)*

A lógica é bem simples: quanto mais mulheres um homem tem, menos ele pode se dedicar ativamente às “coisas do Senhor”. Assim, seria no mínimo contraditório que Paulo quisesse que os bispos tivessem mais de uma esposa, já que a meta dele é que o bispo tenha tempo e meios de cuidar da igreja, e não só da própria família:

*Que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia (Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus? ); (1 Timóteo 3:4, 5)*

Deveria ser simples e compreensível isso.

Por outro lado, há algo sendo ignorado neste texto, que é o fato de que 1 Timóteo é sobre instruções *administrativas* e não sobre pecados ou



mandamentos. Mandamentos são dados a todos os crentes (1 Co 6:9-11), instruções administrativas são dadas *somente* aos líderes. Por exemplo, se esta lista for sobre pecado, então é pecado um crente ser recém convertido (v. 6), ou ter algum lucro com o que faz (v. 3). Portanto, o que Paulo está dizendo não é para proibir, e sim para que o cuidado da igreja seja otimizado (v. 4, 5), fazendo com que a poligamia seja permissível a todos, menos ao bispo (embora, novamente, não haja pecado em ordenar um bispo polígamo, visto que o foco não é o pecado, mas sim a administração melhor ou não).

Paulo é consistente em seus conselhos administrativos tanto para os indivíduos (1 Co 7) quanto para a liderança (1 Tm 3), pois evitando o casamento ou muitas mulheres, um crente sofre menos durante a perseguição e um bispo tem mais tempo e disposição para governar a igreja. O oposto disso é só aquela insatisfação do homem com a Lei de Deus, recortando os textos dos contextos, e fazendo eles significarem o que a própria cultura do indivíduo diz.

- Obs.: em 1 Tm 4:12 é mostrado que o presbítero (presumivelmente) deve ser modelo do rebanho. E, é claro, precisamos ver sobre modelo em quê, visto que sabemos que, por exemplo, não tem como um presbítero ser modelo por não ser neófito meramente (já que depende da passagem de tempo). Além disso, as características do “modelo” dadas em 1 Tm 4 lidam com  *piedade, santidade* e atributos que  *todos os crentes devem ter*, e não aquilo que é exclusivo dos bispos. Ler o texto de modo diferente disso é forçá-lo a querer dizer o que não disse em momento algum.

Por último, como muitos sugerem, se Paulo diz que o bispo tem que ser assim, é porque na igreja havia outros que eram poligâmicos quando esta passagem foi escrita. Graças a Deus essa passagem ainda significa algo a mais, que é justamente o de permitir que não só haja cristãos neófitos (recém convertidos), mas que haja também poligâmicos, ao estipular essa regra **somente** para os bispos e diáconos (v. 12). A regra claramente está permitindo que os membros comuns tenham mais mulheres, e que o bispo somente seja restrito na quantidade de esposas.

Se essa lista for sobre pecado, claramente é pecado não ter filhos e não ser casado (v. 2, 4, 5), e muitos pastores eleitos sem esposas ou filhos o foram em pecado. O motivo de uma lista administrativa é para que se diminua a chance de erro, e não para que se exclua da igreja os que não se enquadram nela. Assim, um homem casado com filhos terá sido experimentado para saber como administrar uma igreja, de forma mais prática do que alguém sem. É possível que alguém sem filhos administre melhor a igreja? Claro! É justamente por isso que é uma lista administrativa e não sobre pecados.

Antes de finalizar, abaixo há um trecho do nosso texto “Presbíteros e Diáconos” comentando os versículos do capítulo 3 de 1 Timóteo:

>>>

Se essa lista fosse sobre “pecado x não pecado”, o que teríamos seria uma redundância, pois bastaria que todos os crentes fossem iguais nessas

características. E, embora Pedro diga para que os presbíteros sejam modelo do rebanho (1 Pd 5:3), este exemplo não está baseado nas características administrativas, mas na resistência e perseverança na fé (1 Pd 5:8, 9). Paulo, pois, está exigindo dos presbíteros algo que ele *não exige necessariamente dos crentes em geral*. Isso ficará mais chocante na medida em que você acompanhar o texto:

*Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher, vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, apto para ensinar;*  
(1 Timóteo 3:2)

**Irrepreensível:** Note que Paulo começa não com a ideia de que o bispo deve ser “piedoso”, mas irrepreensível. Alguém repreensível é aquele que comete erros públicos. Por exemplo, embora Davi tenha sido repreensível, seu pecado tinha sido em secreto, diferente de Saul, que praticou publicamente seu pecado (e por isso perdeu o reino). A ideia de Paulo é que o bispo seja um homem que não costume errar publicamente, algo que entre outros crentes, naturalmente, seria mais comum.

**Marido de uma só mulher:** a ordem de Paulo pressupõe que os crentes tinham mais de uma esposa, com certa frequência. Ora, tal ordem é clara e evidente por si mesma como prova de um ambiente deste modo. Porém, como dissemos, não é a respeito de pecado, portanto, não devemos supor que seja pecado ter mais de uma esposa. Paulo está dizendo o tempo todo que quer que estes homens cuidem da igreja de Deus. Como cuidarão se tiverem que dar atenção a mais de uma mulher e a muitos filhos? Quem tem esposa cuida das coisas do mundo e em como agradar a esposa, quem não tem cuida das coisas do reino (1 Co 7:32-34). Porém, Paulo quer ensinar que só pode ser um presbítero aquele que tiver sido testado no governo do lar (1 Tm 3:5), e como será alguém assim testado se não for primeiro casado? Assim, Paulo equilibra o cuidado da vida pessoal (dando o dever de ter esposa) com o máximo de cuidado da igreja (limitando a uma esposa).

- Obs.: Muitos homens tolos, que querem defender a poligamia masculina acima de tudo, dizem que no grego o termo “uma” significa “primeira”, dizendo que Paulo está ordenando que antes de mais nada um homem precisa ter a primeira esposa. Mas essa leitura não faz sentido dentro do fato de que Paulo quer que o presbítero seja comunicável e tenha dedicação à igreja.

**Vigilante, sóbrio:** ambas as coisas formam um conjunto. Ser vigilante é o estar atendo ao que ocorre (em especial em relação à igreja) e sóbrio significa a capacidade de pensar com calma (pense isso num contexto de perseguição, o quanto seria necessário...). O crente comum não é chamado de ovelha sem motivo, já que tem a tendência de não raciocinar bem (ovelhas são animais muito estúpidos). O presbítero precisa, portanto, ser melhor no uso de sua capacidade de avaliar as circunstâncias.

**Honesto, hospitaleiro:** a honestidade, no contexto, se refere a um tipo de modéstia, no sentido de ser alguém tranquilo, que não busca chamar atenção.

Enquanto que a hospitalidade, embora seja prática devida a todos os crentes (Hb 13:2; Rm 12:13), o bispo deve praticar amando totalmente esta mesma hospitalidade – buscando receber a todos que pode e até os que não pode.

**Apto para ensinar:** são todos os crentes aptos? Evidente que não. A meta é buscar mostrar que somente quem tem capacidade de ensinar seja presbítero, enquanto os outros crentes ficam com as cargas normais da vida, não precisando serem capazes de tal ensino. (Exigir dos outros crentes tal coisa é absurdo, e o fato de a lista exigir isso claramente do bispo reforça o papel administrativo dessa lista).

*Não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância, mas moderado, não contencioso, não avarento; (1 Timóteo 3:3)*

**Não dado ao vinho:** como já dissemos em nosso livro Falsos Pecados sobre Gula e Embriaguez: não há pecado na embriaguez enquanto não gera contenda. O problema é que quem se dá ao vinho pode se esquecer da Lei de Deus (Pv 31:4, 5), deixe que somente os que passam por muita necessidade se embriaguem para esquecerem um pouco o sofrimento (Pv 31:6, 7).

**Não espancador:** cremos ser autoexplicativo. Um homem dado a brigas (de punho mesmo) poderá, por acaso, contribuir para a paz da igreja? Enquanto um crente pode lutar boxe etc., um presbítero não teria motivo para ser aceito assim. Paulo poderia dizer “não iracundo”, ou não dado à ira, mas ele mesmo já mostrou que a ira não é pecado, se limitada (ou seja, enquanto não vira vingança). Porém, o espancador pode ser alguém dado a brigas (devo lembrar que na Lei a mera briga nunca resulta em morte, apenas em compensação médica – Êx 21:18, 19 – mostrando que há absolvição de pecado caso a briga não resulte em maiores problemas).

**Não cobiçoso de torpe ganância:** essa tradução causa um espanto. A lógica de Paulo na verdade é aquela de Êxodo 18:21. Homens que aceitam suborno não podem ser presbíteros. E caso pense que não, imagine que tenha que excluir um indivíduo rico que se deitou com a esposa de outro homem... alguém “cobiçoso” de suborno dificilmente conseguirá executar esta tarefa.

**Moderado, não contencioso:** a moderação aqui nada mais é do que uma paciência distinta da sobriedade. Aqui Paulo quer ressaltar que o presbítero deve ser paciente com os outros (enquanto a sobriedade é algo “para si mesmo”). Um bispo impaciente não conseguirá fazer os problemas serem resolvidos. Ainda mais se for contencioso. Novamente, outro termo traduzido de um modo que parece ser algo muito mais grave. A lógica de Paulo é que se precisa ser um homem educado, ou seja, não áspero. Você pode ser naturalmente um crente áspero, mas um presbítero deve ser gentil, aquela gentileza “educada” (não utilizamos “educação” no sentido de conhecimento aqui, mas de comportamento e relações tranquilas).

**Não avarento:** Paulo diz-nos em Colossenses que a avareza é idolatria (Cl 3:5), apenas esqueceram de te dizer que em Colossenses Paulo se vale de um

termo que implica uso da violência na aquisição de lucro, enquanto aqui em Timóteo Paulo fala apenas de alguém que é dado ao lucro de modo simples (desejando sempre ter mais). Um crente, como Salomão ou qualquer outro, pode desejar fazer negócio para crescer financeiramente de modo exponencial, o presbítero, por outro lado, não terá tempo de governar a igreja se estiver cuidando dos próprios negócios.

Como se pode notar, é o serviço mais abnegado que existe, e por isso demandar que um presbítero não receba salário e ainda tenha que trabalhar com as próprias mãos em outros afazeres é abusar destes homens. Note que a instrução toda de Paulo orbita em torno do versículo abaixo, e tudo o que ele quer que o presbítero seja é por causa deste princípio que ele passa agora:

*Que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia (Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?). (1 Timóteo 3:4, 5)*

Ora, vemos aqui que um presbítero primeiro passa por um teste em um seminário bem específico: o seu lar. Um presbítero solteiro é um contrassenso administrativo, pois primeiro precisa ter governado esposa e filhos (no plural, afinal, precisa resolver demandas entre um e outro) para poder ter a mínima noção do que é governar a congregação de Deus. Em Tito 1:6 Paulo ainda complementa, dizendo que os filhos não podem ter sido acusados de excessos (apesar da tradução comum ser 'dissolução', não é o que se favorece no contexto) ou desobediência (portanto, os filhos precisam ter já certa idade capaz de autonomia, não sendo bebês). Não é um ato mágico ter-se um filho e tornar-se presbítero: só filhos crescidos sendo administrados pelos pais é que permite o teste do presbiterado – e por isso só homens mais velhos são presbíteros (que é exatamente o que o termo significa).

*Não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo. Convém também que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em afronta, e no laço do diabo. (1 Timóteo 3:6, 7)*

Por fim, deve ser antigo na fé, pois um novato, mesmo tendo todos os recursos anteriores, pode acabar não sabendo como se esquivar da condenação pública do diabo (o diabo antes da segunda vinda de Cristo ainda detinha certo poder político no mundo), de forma que Paulo conecta isso ao testemunho dos que são descrentes, para evitar que seja acusado diante das autoridades por motivos quaisquer. Ah, note, claramente, que não ser novo na fé não pode ser modelo para o rebanho (1 Pd 5), tanto quanto apto para ensinar. Se este texto for compreendido neste sentido imperativo de modelo do rebanho, o rebanho terá sobre si uma carga maior do que pode suportar.

<<<

Notamos, pelos casos citados que não se trata de pecado, mas de administração, algo que jamais será cobrado de nenhum crente comum (por mais que a mente moderna não queira aceitar). Estamos absortos na ideia de excelência, algo que fez Saul mesmo pecar, e que tem feito muitos homens

sobrecarregarem a igreja com atividades e ordens falsas e quebras de mandamentos que não foram ditas por Deus. No fim, o modelo do presbítero é apenas na piedade, na paciência e nas coisas que sofre pelo evangelho, e jamais nas capacidades administrativas – a menos, é claro, que você confunda piedade e administração (o que seria uma estupidez profunda).

Aceitar o que está na Escritura deve ser o requisito básico dos homens, e se não aceitam, provam quanto orgulhosos são, visto que se apegam ao que “aprenderam desde sempre” e não ao que Deus diz.

Conclusão

- O AT não é contra a poligamia masculina;
- O NT não é contra a poligamia masculina
- Logo, não há pecado na poligamia masculina

## *Submissão da Esposa em Gênesis 1 – 3*

Trataremos, em alguns textos, sobre o papel do marido e da(s) esposa(s) de acordo com as Escrituras. Tal empreendimento será duro, considerando o ambiente cultural em que vivemos e que, por promover o orgulho de crer que vivemos na plenitude dos tempos, faz parecer que todas as culturas anteriores eram atrasadas e que influenciaram o ponto de vista bíblico a respeito das mulheres – com respostas sempre sendo: “isso era para àquela época”, “a bíblia não podia ir de cara contra a cultura, porque aumentaria a perseguição”, “você é machista se crer em certas coisas” etc.

Porém, nossa proposta, passando de largo os questionamentos culturais (veja o nosso texto Poligamia na Lei de Deus – Parte 2 sobre isso), é lidar com os textos bíblicos desde a criação do homem até a consumação em Apocalipse, portanto, essa série de comentários e explicações textuais nos levará a ter uma visão que não seja isolada (como habitualmente é, somente se tratando de Efésios 5, por exemplo). Doerá aos olhos e ouvidos até dos que são chamados de machistas; é claro, pois o texto bíblico, que quer mostrar que as coisas não são culturais, começa a tratar deste assunto já na criação do homem. Mas não se desespere, não queremos fazer nenhuma mudança política e nem mudar nenhuma lei específica, antes, queremos expor o texto bíblico e mostrar o seu significado, independente do que hoje pensemos dele.

Nos valeremos dos comentários do Novo Testamento (NT) que eventualmente expliquem passagens específicas, já que, naturalmente, iniciaremos nosso estudo de Gênesis, e não do NT, como é habitual na maioria dos autores. Se uma prática não é estimulada pelos dois Testamentos, algo suspeito deve ser notado nisso, de modo que nos recusamos a olhar com uma percepção caolha para o texto sagrado.

GÊNESIS 1 – A CRIAÇÃO

*O problema da Hierarquia*

O primeiro problema é pensarmos que a hierarquia existe por causa do pecado, tal absurdo só é possível para homens que têm uma mentalidade na qual a liberdade individual é o fator dominante, e ignora que a obediência a Deus é, em si, um ato de hierarquia e submissão *plena e completa*, sem restrições. Deus, que não peca, é o primeiro em toda a hierarquia do mundo, ao qual se sujeitam anjos e homens, sem que isso em si possa ser pecado. Se a hierarquia for um problema inserido pelo pecado no mundo, também devemos ser livres do governo de Deus para fugir do pecado – o que é absurdo.

Outro ponto é que mesmo entre os anjos existe hierarquia:

*Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e um dias, e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia. (Daniel 10:13)*

O texto é claro por si só, e enfatiza o papel do Arcanjo Miguel (ele não possui o título de “anjo”, mas “arcanjo”, acrescentando uma informação à sua categoria). Claramente temos governos ao estilo *top-down* (cima-para-baixo) entre os seres mais puros que conhecemos, o que também demonstra que uma submissão completa não é fruto de pecado (ou você acha que algum anjo discordaria de Miguel em alguma ordem? Se discordasse, o que acha que se sucederia?).

Não seria, portanto, inviável que Deus utilizasse a linguagem de governo na criação do mundo, e isso não somente em relação aos seres racionais, mas também irracionais:

*E para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas; e viu Deus que era bom. (Gênesis 1:18)*

O conceito de governo é muito claro em relação às coisas criadas, mesmo as que não podem comandar audivelmente qualquer coisa. Para nós, Ocidentais, tal informação parece apenas um efeito poético do fato de este texto demonstrar elementos poéticos (mesmo em hebraico). Mas sabemos que cada letra na Lei tem um significado no sentido de haver um motivo para estar escrito daquele modo e não de outro (Mt 5:18).

O sol e a lua governam porque todas as estrelas foram criadas para agir de acordo com estes astros principais. Como exemplo disso, no versículo 14, nos é dito que os luminares servem para *sinais*. Como sinais funcionam? É bem simples, as festas do AT eram marcadas com base nas posições do sol e da lua sobre as estrelas: a Páscoa ocorria quando o sol estava sobre Áries (o cordeiro celeste) e o mês de Tishrei ocorre em libra (a balança do julgamento [cf. Dn 5:27]), pois é o mês do julgamento e das trombetas finais.

Ora, sem o sol e a lua não há referência às constelações e, portanto, não há governo, e elas andam soltas. É o sol e a lua que *determinam quando algo ocorre*. Portanto, Deus estabeleceu essas coisas mostrando-nos que mesmo os astros apontam para estruturas de governo (cf. Gn 37:9, 10 [note que as estrelas são os irmãos de José, o sol é o pai e a lua é a mãe]).

Ora, tendo visto que tudo no mundo, mesmo em pureza está enraizado no conceito de governo, não devemos nos surpreender que Deus tenha criado o homem para dominar as coisas, a ponto de que elas se sujeitem a ele:

*E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. (Gênesis 1:28)*

Este texto praticamente finaliza o capítulo 1 de Gênesis (que é uma explicação *geral* da criação do homem), mostrando que o papel deste é sujeitar todas as coisas e dominá-las – isso num mundo sem pecado ainda. Dessa forma, enquanto o sol e a lua governam o céu, o homem e a mulher governam a terra – e isso prediz Cristo, o Sol da Justiça, que governa com a igreja ao céu e a terra.

Isso não quer dizer, porém, que homem e mulher governam *igualmente* a terra, pois a criação do homem está *resumida* no capítulo 1. No capítulo 2 as etapas são mostradas e o que fica evidente é que este é o papel do homem, com a mulher recebendo este papel por derivação, ou seja, a mulher sujeita e domina porque o homem sujeita e domina – e isso ficará claro abaixo.

De qualquer modo, os animais irracionais estavam sujeitos ao homem e à mulher de modo geral, e isso não é possível ser ignorado. Como não temos espaço para explicar o que isso significa por sombras apenas diremos de modo direto: Adão é Cristo, a mulher é a Igreja e os animais são os povos e Estados do mundo (cf. as profecias de Daniel e At 10, equivalendo os animais aos gentios).

## GÊNESIS 2 – HOMEM E MULHER

### *Submissão da mulher antes do pecado*

*E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente. (Gênesis 2:7)*

A ordem em que as coisas acontecem tem relevância em Gênesis, pois elas levantam perguntas. Por exemplo, por qual razão Deus criou o homem primeiro e o deixou sem Eva até “perceber” que precisava dela? Ora, evidentemente, porque o mundo tinha sido criado para o homem governá-lo e não a mulher (assim como o mundo é para Cristo, e não inicialmente para a igreja). Isso é tão notável que mesmo Paulo aponta isso:

*Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. (1 Timóteo 2:12, 13)*

Ora, antes de dizer que Eva pecou primeiro (v. 14), ele diz que a submissão da mulher ao marido se deve não ao pecado, mas sim à ordem em que as coisas foram criadas. Aqui, claro, ele está falando da ordem das coisas no âmbito humano, e não no âmbito geral (afinal, os animais não governam o homem, e para deixar isso claro Deus diz no cap. 1 que é o homem que os

domina!). A estrutura do mundo já demonstrava que o homem vinha primeiro, assim como o arcanjo Miguel “é o primeiro” (Miguel é dos “primeiros”), sinalizando sua governança sobre o que quer que venha depois (mulher e filhos). O ensino é simples assim para perturbar os que se acham sábios culturalmente.

Mas as coisas não param aí, pois Deus, ao dar a ordem, diz somente ao homem:

*E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente (Gênesis 2:16)*

Isso é semelhante a todos os casos seguintes: Deus se comunica com Abraão (e não primeiramente com Sara), se comunica com Jacó, José, Moisés (e não com sua esposa ou irmã), Davi (e não com suas 8 mulheres) até chegar o momento do cumprimento da promessa, em que se dirige a Maria ao invés de primeiramente a José (afinal, Gênesis 3 promete que a semente *da mulher* e não do homem é que geraria a salvação [explicando que a semente do homem estava impura para tanto, e mostrando-nos o motivo de Lv 15 existir]), nada mais natural do que tal comunicação chegar à Maria primeiro – veremos isso melhor quando tratarmos do NT, incluindo o ato do anúncio da Ressurreição de Cristo).

- Obs.: note que Deus é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, e não de Sara, Rebeca e Raquel/Lia – não que Deus não fosse o Deus delas, mas que a estrutura de hierarquia que Deus criou é representada pelo homem, não pela mulher.

De todo modo, antes do pecado Deus não quis se comunicar com a mulher sobre as ordens, mas com o homem, e deixou ao cargo do homem repassar isso para a mulher (logicamente, na hierarquia do Jardim se segue Deus > Homem > Mulher ::: Mundo). O que podemos dizer? Prosseguiremos:

*E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele. (Gênesis 2:18)*

É a primeira vez que Deus diz que algo não é bom em relação à criação do mundo, mostrando que o que viria após isso (a ajudadora), viria para sanar o problema de o homem estar só. Ora, Deus criou a mulher *por causa* do homem, e não o homem por causa da mulher. Assim, o texto claramente mostra que a existência da mulher é para a subordinação ao homem e isso aponta mais outra coisa: a Igreja foi criada por causa de Cristo, e Cristo não existe por causa da igreja. Assim, o paralelo continua perfeito, pois nunca, jamais, devemos supor que a interdependência de ambos tenha relação com hierarquia: um rei precisa de súditos, um chefe de subordinados, mas os súditos não são maiores que o rei ou iguais a ele. A lógica do texto é mostrar que, mesmo que haja dependência do homem (“não é bom *estar só*” – “ajudadora”), ela é que foi criada por causa do homem, e não o contrário, de modo que deve estar sujeita ao propósito dele e não ele ao dela:



*Porque o homem não provém da mulher, mas a mulher do homem. Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem. [...] Porque, como a mulher provém do homem, assim também o homem provém da mulher, mas tudo vem de Deus. (1 Coríntios 11:8, 9, 12)*

Os leitores atuais de 1 Coríntios acham que Paulo era bipolar, pois ele acabara de dizer que as mulheres devem se submeter porque foram *feitas para o marido* e, então, diz que o homem também provém da mulher, como se isso aniquilasse o que foi dito logo anteriormente. Seria uma contradição logo após 3 versículos, o que seria absurdo. Então, vejamos primeiro o que importa:

Paulo está pontuando a submissão feminina ao marido focando no fato criacional (e não do pecado), provando que o fato de a mulher vir do homem e ser criada *para* o homem a deve tornar submissa a ele, e não pode haver igualdade de poder entre ambos de modo algum (ao explicar o NT entraremos em mais detalhes do texto). Contudo, quando Paulo fala sobre o fato de o homem vir da mulher ele está tornando a situação de hierarquia em uma situação de dependência (v. 13). Deus quis mostrar que ambos dependem um do outro, de forma que sem a mulher a salvação não nasceria no mundo e não haveria continuidade do homem no próprio mundo, no Senhor. Se Deus não desse a mulher ao homem, o homem estaria só e se pecasse morreria só, sem continuidade, pois não teria uma ajudadora.

E falando em ajudadora, voltemos ao texto: embora seja verdade que Deus mesmo seja chamado de "ajudador" e "auxiliador" na Lei, pois ele auxilia o povo a alcançar as promessas, o texto de Gênesis tem a intenção de focar em outro aspecto dessa mesma palavra: ora, o homem não foi criado para **ser ajudador** da mulher, mas ela dele, portanto, o papel é de que ela subordina *tudo* dela ao marido, e não o marido à mulher. Diferente de Deus que governa e ajuda os seus, a mulher é governada para ajudar ao marido. Devemos seguir a narrativa de Gênesis 2, que claramente não diz ser o homem auxiliador. Quem auxilia tem seu auxílio subordinado ao propósito daquele que é auxiliado, se adequando a ele, e não ele a quem auxilia.

- Obs.: note que chamamos a Deus de Senhor, e não de Auxiliador. Ora, quer dizer que Ele não nos auxilie? Claro que não! Mas isso se deve à circunstância, não ao papel de Deus, que é de Senhor. Assim, diferente de Deus que é primeiro Senhor, Eva foi criada para **ser auxiliadora e não senhora** ou igual ao marido. Deus nos auxilia a alcançar suas promessas e salvação em Cristo, o marido auxilia na santidade da mulher – mas a mulher auxilia em tudo ao marido, pois pra isso ela foi criada.

E se não bastasse, vejamos o que diz ainda mais o texto:

*Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; e da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. (Gênesis 2:21, 22)*

Diferente do que pensamos, embora homem e mulher sejam à imagem de Deus, ambos não são igualmente imagem de Deus. E isso é claro mesmo aqui: Deus criou o homem do pó da terra diretamente, mas a mulher foi feita de modo derivado da imagem do homem, e isso não somos nós que dizemos, mas o próprio Paulo:

*O homem, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem. (1 Coríntios 11:7)*

Enquanto o homem expressa a glória e a imagem de Deus, a mulher expressa a glória do marido. Isso é tão claro em Gênesis quanto em 1 Coríntios 11. Se Deus quisesse dois iguais os criaria do mesmo modo, mas como não quis, fez a mulher a partir de uma derivação da sua glória – o homem. É claro que Paulo omite a parte referente à “imagem” em relação à mulher, pois ela é a imagem de Deus de fato (como já dissemos – Gn 1), porém ela não é a glória de Deus, e sim do homem. O que isso significa?

O que é dito claramente em Gênesis: o homem é a imagem de Deus expressando o seu poder e domínio sobre o mundo, a mulher é a imagem do homem, expressando o seu poder e domínio sobre o mundo: por isso os filhos (mesmo homens) devem se submeter ao pai e a mãe (Êx 20:12) e não só ao pai. Na mulher, por haver uma derivação da imagem de Deus, há maior fraqueza do que no homem sendo, portanto, vaso mais fraco e não podendo liderar (1 Pd 3:7 [não somente fisicamente, mas mentalmente e emocionalmente, pois Adão expressa a força e o poder de Deus, visto ser o primeiro criado, enquanto a mulher expressa menor força, por vir depois e do homem])).

- Obs.: se o homem é mais fraco do que Deus, pois não é igual a Ele, imagine a mulher, que é feita a partir do homem! Alguns dirão, claro, que conhecem mulheres mais fortes do que homens, mas não é disso que estamos falando. Estamos dizendo que habitualmente não é assim que as mulheres são. Além disso, como pode ser notado, o homem é quem domina e a mulher o faz apenas em segundo plano *por causa do homem*. Se o homem não dominasse tão pouco poderia a mulher. O contrário seria como dizer que Cristo não dominava nada antes da Igreja e que só domina com ela – seria absurdo.

*E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. (Gênesis 2:23)*

Ora, Deus deu o nome de “Adão” a Adão, mostrando sua soberania sobre ele. Adão não se nomeou, pois não poderia exercer poder sobre si – e nas Escrituras, quem dá nome é quem tem autoridade sobre o outro (por isso os filhos levam os nomes que os pais dão, visto os pais serem autoridade sobre eles, e não eles mesmos). Vemos um exemplo claro na vida de Abraão, que teve seu nome mudado por Deus para Abraão, e Jacó, que teve seu nome mudado para Israel. Estes claramente demonstram que nomear é sinal de autoridade sobre o que é nomeado.

Mais ainda, em Gênesis 2:19, 20 Deus dá a Adão a incumbência de nomear os animais, provando que Adão tinha autoridade sobre estes. Deus não quis, de modo algum, que a mulher desse nome aos animais, para ressaltar que a autoridade começava no homem, tanto no governo do mundo, quanto no governo sobre ela – e isso é provado também pela nomeação de Adão a ela. Se ela chamasse a si mesmo de mulher (note, não foi um nome pessoal dado a ela, Adão deu o nome de *categoria* – como fez com os animais) seria uma autoridade igual ou superior ao homem.

Como vemos, ainda, Adão não chamou a mulher de Eva senão somente depois da Queda (Gn 3:20), mostrando que o nível de submissão era tão grande *antes da Queda* que nem ao menos um nome pessoal como Adão ela tinha. Ora, permita-nos dizer que isso é um absurdo para qualquer ouvido feminino e masculino hoje, mas a escritura não tem interesses de defender a minha ou a sua cultura, e sim o que Deus diz. Vejamos ainda um último ponto interessante:

*Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne. (Gênesis 2:24)*

Note que este texto é focal, visto determinar a natureza do casamento: ele é para enquanto durar a carne (*serão uma carne*), e é entre homem e mulher. Porém, o que passa despercebido é o significado de *sua* mulher, já que não só ela é dele antes de se tornarem especificamente uma carne, mas que **só ela é dele** e não o contrário. Sabemos que mesmo o NT quando fala disso de algum modo resalta que a mulher está ligada ao marido, e não diz que o marido está ligado a mulher (no singular – Rm 7:2, 3; 1 Co 7:39). Isso demonstra que a mulher é do marido e, portanto, só pode ser dele, enquanto ele pode se casar com mais de uma mulher, provando que a remoção da poligamia é a remoção de parte da autoridade do homem. Se não parece claro, sempre que um texto bíblico fala de adultério, o foco é uma mulher casada (Lv 20:10) e não um homem – sugestivo, não?

É claro que antes da Queda a submissão parece mais fácil, afinal, não há pecado, não há transtornos e não há dúvidas. Mas a verdade é que esta submissão original é permanente, independente do que nós atualmente pensemos, e isso nos leva ao capítulo 3 de Gênesis.

### GÊNESIS 3 – A QUEDA

#### *As maldições de Deus sobre os pecadores*

A leitura comum de Gênesis 3 (em especial os versículos que falam sobre a vontade da mulher) é de que devemos vencer essas coisas por meio da mudança delas, isto é, vencer as maldições pela verdade de Deus no Novo Testamento, em que não há mais homem ou mulher. Porém, como já notamos, a estrutura hierárquica entre homem e mulher não vem da Queda, mas sim da Criação de Deus, sendo o esperado que a mulher se submeta. E isso já é mostrado mesmo quando Deus decide tomar satisfação de Adão ao pecar:

*E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? (Gênesis 3:8, 9)*

Deus chamou a mulher? De modo nenhum, pois o representante e o cabeça dela é Adão, não ela mesma. A lógica do tratamento do texto é mostrar que, mesmo antes de Deus "saber" do que houve, não tinha interesse em tratar primeiramente com a mulher, pois esta não era responsável pelas ordens de Deus e sua guarda como Adão o era. Ora, vimos ainda no capítulo anterior que Deus só dá a ordem para não comer do fruto a Adão e, portanto, Deus de nenhum modo se comunicava com a mulher, exceto por meio de Adão ou quando este mesmo apontava para ela (que é o que houve no cap. 3). Assim, o que temos, é Deus tratando a mulher como submissa e hierarquicamente inferior ao seu marido, sendo isso provado claramente neste texto.

Contudo, agora vejamos as maldições de Deus sobre ambos:

*Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás. (Gênesis 3:14-19)*

Pelo fato de se ignorar o contexto e a estrutura do texto metemos os pés pelas mãos na interpretação. Aqui, portanto, não consideraremos somente a maldição de Deus sobre a vontade da mulher, mas sim o contexto amplo para então definir do que se trata essa maldição de Deus. E o primeiro elemento que deveria ser notado é que toda a maldição tem anexa a si um ato salvífico. Por exemplo, no caso da serpente, após dizer que ela andarás no ventre, e comerá pó (maldição), além da inimizade dela com a mulher, Deus afirma que a semente da mulher feriria a cabeça dela (salvação).

- Obs.: é por isso que em 1 Tm 2:15 Paulo diz que a mulher seria salva dando à luz filhos. Isso é um comentário de Paulo (não uma afirmação sobre o caso de todas as mulheres) do contexto de Gênesis 3, pois a mulher seria salva dando à luz filhos, mostrando que a semente da mulher mesmo a salvaria, e não que a gravidez em si salve alguma mulher em particular. Comentaremos este texto ao falarmos da submissão no NT.

Assim, precisamos dividir, no texto, a salvação da maldição:

MALDIÇÃO	SALVAÇÃO
Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente	esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar
Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor darás à luz	à luz filhos [lembre-se que filhos existiriam sem pecado]
e o teu desejo será para o teu marido	e ele te dominará
maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá	e comerás a erva do campo
No suor do teu rosto	comerás o teu pão
até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás	[Não há salvação da morte aqui {cf. Hb 2:15}]
6 blocos de maldição.	5 blocos de salvação, faltando ainda um ser apresentado.

Independente do que signifique as outras feras sofrerem (a serpente será *mais* maldita, e não a única – o pecado da serpente amaldiçoou *todos* os animais), sabemos que a serpente perdeu algo, isto é, suas patas, se reduzindo a um animal rastejante. Além disso, se olharmos a solução fica claro que para *este problema* Deus dá um caminho: a serpente será esmagada (e o foi).

Já a primeira maldição sobre a mulher é a *multiplicação das dores*, e isso é relevante aqui porque Deus já havia dito, antes da Queda, que a mulher teria filhos e, portanto, ter filhos não pode ser uma maldição, e sim um ato salvífico (Gn 1:27, 28); logo, é conclusivo que as dores dela é que são a maldição referente a ter filhos.

Porém, Deus acrescenta outra maldição sobre a mulher, visto que o próprio texto muda o assunto (primeiro falou de filhos, agora é sobre o marido). O desejo dela será sobre o marido (ou para ele), mostrando que, qualquer que seja o significado disso, é algo ruim; em seguida, porém, vemos a salvação disso: e ele te dominará. Lembre-se novamente que já vimos que antes da

Queda isso havia, pois a mulher já era hierarquicamente inferior ao homem, não podendo ser isso aqui uma maldição, e sim salvação.

Podemos continuar a notar os pontos: a terra foi amaldiçoada, sendo que os espinhos passam agora a serem produzidos, porém, a erva do campo comeremos, pois é a salvação de Deus após lidarmos com o espinho; comer do suor é uma maldição, mas ter o pão é salvação (contra a morte). A única maldição que não possui contraparte é a morte, visto que, mesmo Deus garantindo a derrota da serpente, ele não prometeu, neste texto, a vitória sobre a morte, tornando impossível haver real salvação disso, provando que a vitória sobre esta maldição seria a maior de todas (Os 13:14; 1 Co 15:55). E por isso Cristo é exaltado, Senhor sobre todos, pois foi o primeiro a vencer a morte e essa maldição.

E isso nos leva a um ponto interessante sobre as maldições: elas são mais descritivas do que impositivas. Ora, uma mulher não precisa necessariamente sentir todas as dores de se ter um filho, nem o homem necessariamente precisa sofrer para comer, nem o desejo da mulher precisa ser sobre o marido. Por outro lado, as salvações são essenciais: sem a semente vencer a serpente não há vitória, sem filhos de Eva Cristo não nasceria (e ela não seria salva), sem o marido dominar a mulher se perde, sem comer "ervas" e "pão" não há vida. E sabemos disso porque Cristo reverte a maldição da morte, provando que as outras maldições podem ser revertidas. Por esta razão, o que quer que signifique o desejo da mulher ser para o marido, ele não precisa ser assim.

Tendo notado isso, a pergunta que surge é: qual é exatamente o significado do "desejo"?

*O desejo "para" ou "sobre"*

A leitura descuidada do texto não nos permite entender os contextos porque não comparamos um texto com outro. Graças a Deus temos na Escritura outro versículo escrito quase exatamente igual a este (em hebraico):

*e sobre ti será o seu desejo, mas sobre ele debes dominar. (Gênesis 4:7)*

- Obs.: A forma hebraica muda basicamente o direcionamento do desejo ("teu marido" / "ti") e quem o governa ("ele" / "tu"), o que por si só também mostra que a primeira parte da maldição é o problema, e não o domínio (afinal, Caim dominar o próprio desejo é justamente o que Deus está ordenando a ele – para o bem dele).

Veja que o foco no texto de Gênesis 4:7 é provar para nós que este desejo "sobre" alguém é um problema, mas o domínio sobre ele é a solução. Deus nos mostra nessa passagem de Caim o que disse para Eva e sobre ela: seu desejo para o teu marido é ruim, mas ele dominar você é a solução.

Agora precisamos verificar qual especificamente era o desejo de Caim que precisava ser dominado:

*E o Senhor disse a Caim: Por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante? Se bem fizeres, não é certo que serás aceito? E se não fizeres bem, o pecado jaz à porta, e sobre ti será o seu desejo, mas sobre ele deves dominar. E falou Caim com o seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel, e o matou. (Gênesis 4:6-8)*

Qual era o pecado de Caim? A Ira *contra* seu irmão; é o desejo dele de matar Abel que era o problema. Note que este desejo é chamado de pecado, e precisava ser dominado, pois querer a morte de alguém é um pecado quase incontrollável, daí a necessidade de domínio. Como você pode notar, não sabemos que "desejo" é este sem olhar o contexto e, presumivelmente, esta é a solução para Gênesis 3, texto no qual há a mesma descrição do problema do desejo de Eva. Vejamos o que nos diz o contexto:

*Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? [...] E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher... (Gênesis 3:12, 13, 17)*

As pessoas chegam aqui e dizem: Adão pecou por colocar a culpa na mulher! Ora, se não é culpa da mulher tão pouco é culpa da serpente, que a própria mulher diz ter a feito comer do fruto! Além disso, não é mentira o que foi dito, pois nenhuma passagem bíblica afirma tal coisa: Adão realmente comeu por dar ouvidos à mulher, e o próprio Deus diz isso no versículo 17. Não só isso, no versículo 13 Deus pergunta por qual razão a mulher fez o que fez! O que temos aqui? Mesmo o apóstolo Paulo diz que quem pecou primeiro foi a mulher e nada diz sobre o homem a culpar (1 Tm 2:14). Nós é que somos sensíveis e temos dificuldade de aceitar que Adão não mentiu ao culpar Eva.

Porém, qual é o desejo que está em foco? Claramente é o desejo de Eva, que governou o próprio marido, e Deus a amaldiçoa fazendo com que o desejo dela fosse frequentemente contra ele. Isso não só é notado pelo contexto de Gn 3, mas é o mesmo caso de Caim, no qual o desejo era contra ele. A mulher tem, desde o início do mundo, o desejo de controlar o marido e a salvação para isso é deixar ser dominada por ele. Desse modo sabemos que a tradução "contra" pode substituir muito bem o sentido de "para" ou "sobre" nos textos: "o seu desejo será *contra* o seu marido" (Eva) / "o seu desejo será *contra* você" (Caim). Discorde o quanto quiser deste ponto, mas é o que está claro no próprio texto bíblico, não podendo ser alterado. Melhor é que você diga não querer se submeter a isso (e se você for mulher provará justamente o ponto do texto).

- Obs.: note que, embora Eva é quem tenha pecado primeiro, sempre que se fala da entrada do pecado no mundo, é dito que este veio por meio de Adão, de modo que se prova que a autoridade maior implica responsabilidade maior, tendo atribuído a si os erros dos subordinados e, provando por todos os meios, que Adão representa Eva até mesmo em termos da Queda.

### *Algumas colocações*

Vimos acima que tanto antes da criação quanto depois da Queda a submissão feminina é a ordem e estrutura de Deus. Ora, para aqueles que estão ansiosos por reverterem os efeitos da queda, devem iniciar não só facilitando o trabalho dos homens, mas também com as mulheres crentes (só falo dessas) vencendo o próprio desejo. Antes ela precisava apenas se submeter ao marido, agora, para sua tristeza, precisa vencer o desejo pessoal de controle para uma submissão plena. Se querem tanto "redimir" os efeitos da Queda, redimam os seus desejos para que haja submissão sem desconfiança.

Além disso, muitos adoram dizer que Adão deveria assumir a culpa de Eva, porém isso seria mentir para Deus e Adão não mentiu. A glória de salvar a esposa ficou para Cristo, com este sim assumindo a culpa pelo pecado dela, mas não mentindo, e sim repreendendo e disciplinando (Ap 3:19). Contudo, independente (como as mulheres amam dizer) do que fosse a solução para a crise entre Adão e Eva, é evidente qual foi o medicamento que Deus deu: o marido dominando sobre a esposa, e não sendo igual ou abaixo. Toda a tentativa de igualar é efeito dessa maldição de Deus sobre a mulher (pois ou ela conseguiu dominar o marido, ou há conflito entre ambos pela tentativa de dominação).

Poderíamos evidenciar que desde muito existem sociedades matriarcais, ou minimamente igualitárias. Tudo isso porque o homem só consegue olhar o que vê com os olhos: ambos nascem do mesmo modo, portanto – pensam eles –, nascem iguais. Contudo, o fato de um vir do outro não serve para acabar com a hierarquia, e sim com a independência de ambos. Ora, o homem precisa da mulher e a mulher precisa do homem, sem um ou outro não há continuidade, há apenas tristeza. Olhar pela fé é enxergar essa relação pela escritura, e não pelos nossos costumes ou pelo que vemos a olho nu.

Se as mulheres descrentes não forem submissas ou as leis não favorecerem essa relação dentro das famílias não temos nada com isso. Afinal, Deus deu o mundo aos homens para que o administrem; porém, no que diz respeito exclusivamente às mulheres crentes, a submissão é papel fundamental de sua relação com seus maridos, com o contrário disso causando sofrimentos no casamento, sendo evidentemente causado pelas mulheres.

Em um texto posterior trataremos sobre o papel do marido, mas veja que a princípio Deus está preocupado com as soluções para os problemas e, por esta razão, não há aqui nenhuma menção ao marido amar a esposa etc., visto que a solução para o desejo fora de controle não é amor, mas domínio (Gn 4:7). Assim, se um homem não ama, não há desculpa para que uma mulher o desobedeça; tanto quanto não há razão para o homem deixar de amar a esposa se ela for insubmissa (algo que trataremos no caso da história de Oséias). Por essa razão, em nosso próximo texto, trataremos da submissão feminina no restante do AT e, quando comentarmos o NT, trataremos melhor ambas as coisas (o amor masculino e a submissão feminina).

Conclusão



- Não é pecado haver hierarquia e governo;
- Portanto, isso não é fruto do pecado;
- A mulher foi criada em submissão ao marido;
- Portanto, o pecado não causou sua submissão;
- Depois do Pecado a submissão da mulher se tornou mais difícil;
- Portanto, o que precisa chegar a um fim é o conflito inserido na submissão, e não ela mesma.

## *A Submissão da Esposa no Antigo Testamento*

No texto abaixo nos valeremos dos comentários do Novo Testamento (NT) que eventualmente expliquem passagens específicas, já que, naturalmente, iniciaremos nosso estudo de Gênesis, e não do NT, como é habitual na maioria dos autores. Se uma prática não é estimulada pelos dois Testamentos, algo suspeito deve ser notado nisso, de modo que nos recusamos a olhar com uma percepção caolha para o texto sagrado.

### A GENEALOGIA

#### *O silêncio das genealogias e a razão disso*

Já dissemos, em vários textos, que o fato de que algo *não é dito* na Lei significa alguma coisa. Por exemplo, o fato de a Lei não proibir você de trabalhar à noite ou de dia, implica que você *pode* trabalhar de noite ou de dia – algo simples e claro. O ponto é que não é somente sobre isso que a Lei se silencia: ela se silencia sobre as mulheres em genealogias. E isso se deve, de modo geral, a dois fatores na própria lei:

1 – O pecado entrou no mundo pela mulher. Isso é muito claro. Não faz sentido que, aquelas que estão sendo consideradas “mortas”, venham a fazer parte da genealogia de modo explícito. Ironicamente, as mulheres só passam a ter relevância genealógica no Novo Testamento, provando que a salvação de Cristo as alcançou, dando a elas vida. Ora, este é o motivo do porquê, por exemplo, a genealogia não trata do tempo de vida dos descendentes de Caim, e sim da semente santa. Para Deus a descendência de Caim estava morta, e não poderia, portanto, viver diante dele (o que explica, em parte, a falta de genealogias femininas).

2 – Deus se comunica por meio de homens de modo geral – com raras exceções, como Débora. Isso vemos na Criação, com Deus se comunicando com Adão sempre primeiro e com Abraão, situação na qual Deus claramente mostra que o cabeça do lar é que se responsabiliza pelos comandos de Deus. Não faria sentido que, se comunicando com homens, Deus registrasse mulheres nas genealogias como se fossem chefes das famílias. Por esta razão, você nunca verá, nas escrituras, se dizer que Deus é o Deus de Sara, Rebeca e Raquel, mas sim o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, porque é com

homens que Deus lida e, portanto, a genealogia se foca neles – além do fato de apontar que estavam vivos diante de Deus.

## AS MULHERES EM SILÊNCIO

*O que o texto não diz*

Outro exemplo de silêncio é, literalmente, o silêncio das mulheres na Lei. Em geral elas não falam ou suas falas apresentam suas disputas, fraquezas ou, ao menos, sua incompreensão de alguma informação (como ocorre com Sara). A lei quer sempre ressaltar que, em geral, as mulheres não estão preparadas para governarem e não podem, de modo algum, exercer o ensino entre o povo (cf. 1 Tm 2:14, 15). Sim, existem falas femininas na lei, como o cântico de Miriã ou o pedido dos direitos das moças em Números, mas isso são, como se diz, exceções, e não podem permitir regras.

Isso aponta, é claro, apenas aspectos gerais, mas abaixo notaremos aquilo que é claramente e explicitamente dito no texto bíblico.

## SARA

*Meu senhor*

*Sara em seu íntimo, considerando: "Agora que estou velha e velho também está o meu senhor [...]" (Gênesis 18:12)*

*Como Sara obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor (1 Pedro 3:6)*

Cada palavra na Lei tem seu objetivo, e aqui não é diferente. Sara obedecia Abraão e o chamava de "senhor". Antes que muitos pensem que isso é um sentido bonito de educação, é preciso dizer: Sara se refere a Abraão como "meu" senhor, e não meramente como 'senhor' num sentido genérico de respeitabilidade. Além disso, como Pedro quer enfatizar a obediência de Sara (e não a sua educação), é óbvio que o que ele tem em vista é que este tratamento titular trata de obediência e não meramente de 'respeito'.

Sara foi o maior exemplo de submissão, pois não ficou numa obediência furtiva, às ocultas, mas expressava na forma em que tratava seu marido. Diferente do que nos ensinam por aí, Sara foi o exemplo perfeito de esposa no AT porque se submetia a Abraão até mesmo no modo do tratamento, não o chamando como se fosse um igual, mas sim de "meu senhor".

E isso é sugestivo, porque no mesmo capítulo Abraão usa a mesma expressão para dizer:

*Meu Senhor, se agora tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que não passes de teu servo. (Gênesis 18:3)*

O texto quer ensinar que Abraão se sujeita a Deus Pai, enquanto Sara se sujeita a Abraão. Pedro, comentando este texto, reconhece o seu ensino claro, de que o senhorio de Abraão sobre Sara é semelhante aquele que Deus tem sobre a Igreja (Abraão). E isso já deve nos mostrar em linhas gerais algo que seria, no NT, especificamente relacionado a Cristo e a Igreja.

De qualquer modo, o que vimos foi como um único termo (no hebraico) sinaliza a submissão de Sara, e como o mesmo termo sinaliza a submissão de Abraão. Se queremos casamentos reais, com aquela relação que Deus instituiu entre os seus mais elevados servos, é importante não só que tenhamos fé como de Abraão, mas que as esposas sejam submissas como Sara.

- Obs.: é até engraçado que quando a palavra ‘ezer’ (auxiliar) aparece se referindo a Deus e à esposa, sempre se enfatiza o fato de Deus ser auxiliador e, portanto, tal termo não significa que a mulher “serve ao homem”, por outro lado, o fato de Sara chamar Abraão de “senhor”, com o **mesmo contexto** sinalizando que Senhor é Deus, ninguém leva em consideração! É hipocrisia que se chama isso?

#### *Dando Hagar – pela promessa*

*Ora Sarai, mulher de Abrão, não lhe dava filhos, e ele tinha uma serva egípcia, cujo nome era Agar. E disse Sarai a Abrão: Eis que o Senhor me tem impedido de dar à luz; toma, pois, a minha serva; porventura terei filhos dela. E ouviu Abrão a voz de Sarai. Assim tomou Sarai, mulher de Abrão, a Agar egípcia, sua serva, e deu-a por mulher a Abrão seu marido, ao fim de dez anos que Abrão habitara na terra de Canaã. E ele possuiu a Agar, e ela concebeu [...] E disse: Agar, serva de Sarai, donde vens, e para onde vais? E ela disse: Venho fugida da face de Sarai minha senhora. Então lhe disse o anjo do SENHOR: Torna-te para tua senhora, e humilha-te debaixo de suas mãos. Disse-lhe mais o anjo do Senhor: Multiplicarei sobremaneira a tua descendência, que não será contada, por numerosa que será. (Gênesis 16:1-4, 8-10)*

O que temos diante de nós é um caso distinto do adultério de Davi, pois Deus cumpriu a sua promessa a Abraão, mostrando que toda a descendência dele (quer por Hagar quer por Sara) seria multiplicada. E aqui temos o nosso segundo ponto a respeito de Sara: ela se submeteu à promessa de Deus dando Hagar a Abraão.

Muitos, lendo esta passagem, dizem que Sara fracassou e Abraão do mesmo modo, pois a sua esposa era Sara, e não Hagar. Porém, quem entendeu o que houve no capítulo 15 sabe que a promessa de Deus não estava restrita à Sara, e sim, à descendência (qualquer que fosse) de Abraão. E isso difere de Davi, que adulterou com Bate-seba e teve o filho morto por Deus. Aqui temos a clara e verdadeira mensagem: Sara – diferente de quase todas as mulheres do Ocidente – estava disposta a se submeter a Abraão concedendo a ele a própria serva para que tivesse uma descendência – e isso não é visto como falta de fé ou fracasso por parte de nenhum dos dois, pelo contrário, Deus abençoa Ismael para que este seja poderoso descendente de Abraão e seja multiplicado (Gn 17:18-21), de acordo à própria promessa de Deus.

- Obs.: note que somente no capítulo 17 Deus diz que será *por meio de Sara* que a promessa será mantida, embora Ismael a tenha em parte, mas sem a aliança de Deus (Gn 17:19).

É incrível que quando se fala por aí de as mulheres imitarem a Sara quase nunca se menciona este grande passo. Você estaria (se for uma mulher lendo isso) disposta a dar ao seu marido outra mulher a fim de que tivesse uma descendência? Dificilmente.

*Obedecendo quando tudo é duvidoso e contrário*

*E aconteceu que, chegando ele para entrar no Egito, [Abraão] disse a Sarai, sua mulher: Ora, bem sei que és mulher formosa à vista; E será que, quando os egípcios te virem, dirão: Esta é sua mulher. E matar-me-ão a mim, e a ti te guardarão em vida. Dize, peço-te, que és minha irmã, para que me vá bem por tua causa, e que viva a minha alma por amor de ti. E aconteceu que, entrando Abraão no Egito, viram os egípcios a mulher, que era mui formosa. E viram-na os príncipes de Faraó, e gabaram-na diante de Faraó; e foi a mulher tomada para a casa de Faraó. E fez bem a Abraão por amor dela; e ele teve ovelhas, vacas, jumentos, servos e servas, jumentas e camelos. Feriu, porém, o Senhor a Faraó e a sua casa, com grandes pragas, por causa de Sarai, mulher de Abraão. Então chamou Faraó a Abraão, e disse: Que é isto que me fizeste? Por que não me disseste que ela era tua mulher? Por que disseste: É minha irmã? Por isso a tomei por minha mulher; agora, pois, eis aqui tua mulher; toma-a e vai-te. (Gênesis 12:11-19 [cf. cap. 20])*

Os homens que leem a Bíblia estão tão dispostos a acusarem, que até a Abraão acusam de mentir, quando, na verdade, ele apenas omitiu uma informação (Gn 20:12), e omissão de informação *não é pecado* (cf. nosso livro sobre Falsos Pecados). De qualquer modo, quando o Novo Testamento comenta sobre Sara, o que ele diz?

*Como Sara obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor (1 Pedro 3:6)*

Quantos registros há de Sara obedecendo a Abraão? Pedro não tirou essa informação do vazio, da cabeça dele, antes, fez por onde para que seus leitores/ouvintes compreendessem, com base na história que conheciam, que deveriam ter a obediência de Sara espelhada nas mulheres. E então a pergunta retorna: qual caso de obediência explícita temos de Sara? Quando Abraão mandou-a omitir uma informação que a pôs em risco de adultério.

Já dissemos que obediência não é anuência. Uma mulher não deve obedecer a um homem somente quando sua "consciência está tranquila", não existe isso nas Escrituras referente à obediência da mulher ao marido. Ou você acha que Sara estava em paz com a decisão de Abraão? Ora, para que as mulheres sejam capazes de lidar com a obediência duvidosa é que Pedro completa sua instrução para as mulheres dizendo:

*e não temendo nenhum espanto. (1 Pedro 3:6)*

É claro que o temor seria natural numa situação como esta e, portanto, Pedro se adianta para que as mulheres não temam. E aqui veremos a parte fundamental do argumento do apóstolo Pedro ao comentar sobre a submissão da mulher ao marido com Sara sendo o caso exemplar:

*Semelhanamente, vós, mulheres, sede sujeitas aos vossos próprios maridos; para que também, se alguns não obedecem à palavra, pelo porte de suas mulheres sejam ganhos sem palavra; (1 Pedro 3:1)*

Deus tem tanto interesse em que a hierarquia seja mantida no casamento, que mesmo a pregação do evangelho não é dada às mulheres, pois, quando o marido não obedece à palavra, ou seja, é descrente, a mulher deve ser sujeita a ele, de tal modo, que o seu porte (comportamento) o ganhe para o evangelho e não a palavra dela ("sem palavra"). Isso é um contraste claro no texto, e ecoa também a vida de Sara, que não protestou contra Abraão mesmo com este a pondo em risco.

- Obs.: lembre-se de que na época um marido descrente não era como hoje. Com frequência estes homens iam para cultos idólatras, que incluíam até mesmo sexo cultural. Em nenhum momento Paulo ou os apóstolos espera que as mulheres se divorciem destes homens (cf. o cap. 7 de 1 Coríntios [que Paulo chama de Belial, ou seja, dedicados a outros deuses]). Imagine uma instrução dessa hoje em dia? As mulheres entram em curto.

Ora, você pode discordar se quiser, porém, é extremamente claro no texto bíblico que Pedro não distingue entre "submissão" e "subserviência", pois Deus quis que as mulheres se quer pegassem o evangelho para seus maridos, tal é o nível de submissão que exige delas. Esta é a razão para Pedro contrastar o "porte" à "palavra": se a mulher se portar como uma crente, em submissão ao marido, a expectativa é que ele se converta vendo o comportamento dela, não suas palavras. E de onde Pedro tira isso? Do total silêncio de Sara em relação à ordem de Abraão.

Mas vejamos o que Pedro continua a dizer da submissão da esposa:

*Porque assim se adornavam também antigamente as santas mulheres que esperavam em Deus, e estavam sujeitas aos seus próprios maridos; (1 Pedro 3:5)*

Posteriormente trataremos das vestimentas, porém, note que aqui Pedro destaca que a beleza feminina está em se submeter ao marido. Alguns dirão, claramente, que tal coisa é absurda, pois onde já se viu tal coisa? Obedecer até mesmo um marido descrente que provavelmente não ama a esposa como deve! Mas veja que a obediência da mulher não está condicionada ao conhecimento do marido em relação às Escrituras e, portanto, ele não a ama "como Cristo amou a Igreja". Deus não põe condições: ou você obedece-o, até quando é questionável, sem palavra, ou não se porta como Sara e as mulheres piedosas que obedeciam aos seus maridos. Fato provado se considerarmos o quão pouco as mulheres têm voz no AT, e que Pedro não tem medo de recorrer como evidência de submissão. Sara deve ser estudada em seu comportamento, se as mulheres quiserem imitar o seu porte.

- Obs.: é interessante reparar que em Levítico 12:1-8 havia o período de impureza pelo parto. Como efeito da Queda, uma mulher que tinha um menino ficava impura por 40 dias, mas por uma menina permanecia 80 dias (o dobro) em impureza; demonstrando que se esperava haver maior impureza ao dar à luz a uma mulher do que a um homem. Com o NT, porém, não há homem ou mulher (neste sentido em especial), por isso, ninguém nasce impuro no sentido ritual do termo, não havendo mais necessidade de purificação. Algo que deveria ser claro para nós.

## SUBMETENDO-SE COMO A DEUS E A EXPECTATIVA DE INFIDELIDADE

Em nosso texto sobre O Contrato de Casamento argumentamos assim:

>>>

Nas Escrituras Deus não atua como um animal, ele atua como um marido, *sempre*. Geralmente confundimos os conceitos, e pensamos que a aliança do Sinai com Israel é do tipo comum no Oriente Médio entre reis e vassalos. Mas não é assim que os próprios profetas viam aquela aliança. Embora estivesse presente o conceito de rei-servo, o destaque central é de marido-esposas (Ez 23:1-9). Deus fez com Israel aliança de casamento (Jr 31:32; Jr 3; Ez 23:1-9) e isso precisa ser levado em conta quando se fala de casamento.

Precisa-se também não confundir os conceitos. Quando Deus quer ressaltar o papel de salvador e de rei, a aliança carrega em si o sangue, pois sem sangue não há remissão de pecados (Hb 9:22), mas quando Deus quer destacar suas promessas e a conseqüente relação com o povo, o sangue fica em segundo plano, e o contrato fica em primeiro plano. Como sabemos disso? Ora, a aliança que Deus fez com Adão não possuía sangue, visto que era feita apenas em termos de promessas e ameaças. A própria Torah tem certa estrutura semelhante, com suas festas apenas figurando a aliança final de Deus com o povo, que, de fato, se daria por meio do sangue de Cristo, e deixaria o sangue em segundo plano, focando na relação posterior. Mas não devemos nos perder nas comparações. Deus fez com Adão uma Aliança, e essa aliança é base das relações humanas: Deus nos fez para nos relacionarmos com alianças.

Também é importante notarmos o papel de cada parte da aliança: Deus sempre é o marido (nunca é mulher) e a Igreja (incluso Israel) sempre é a esposa (ou esposas, a depender do que está sendo ensinado). As passagens de Jeremias 3 e Ezequiel 23 são os melhores exemplos do caso plural (esposas) e Oséias 1 é o melhor exemplo do caso singular (esposa). Perceba que os próprios profetas interpretam a aliança do Sinai e de Abraão não como uma aliança de soberano, mas de casamento. Não é metáfora. É a relação real. Prova disso que quando Paulo reafirma a proibição da relação com uma "prostituta cultural" ele reforça que somos um espírito com Cristo (1 Co 6:17, 20). Metáforas não podem ser doutrinas que dividem o certo do errado, logo, é essencial notarmos que há, *de fato, um casamento entre Deus e o seu povo*.

Seria absurdo se fosse algo diferente. Pois, pense em Oséias. Se o casamento entre Deus e o seu povo é uma metáfora, então Oséias está fazendo uma metáfora de uma metáfora (ele se casa com uma prostituta para simbolizar a relação de Deus com seu Povo no AT), e nunca pode alcançar a realidade. Até onde sabemos, o AT é *sombra* da realidade, e não uma *sombra de outra sombra* (Cl 2:17 – mas note que o texto fala da lei, presumindo que o casamento de Deus no AT é uma sombra).

Agora confira Ezequiel 16. Ezequiel 16 descreve o percurso de Israel desde quando surgiu até o cativeiro egípcio, sua multiplicação em Êxodo 1, seu crescimento, o amadurecimento para a libertação e até, em fim, o casamento (no Sinai). É importante notar que o profeta não descreve isso tudo como uma linda metáfora de Deus e seu povo, pois no fim de Ezequiel 16 Deus diz que tratará Israel como a uma adúltera, sim, com pena de morte, e é isso o que ocorre ao povo: Israel é morta por outros povos. Se tudo for uma metáfora, nem a morte poderia ser real. Além disso, Deus não mataria o povo por uma metáfora.

Em perspectiva, é mais fácil dizermos que o casamento entre homem e mulher é que é, de fato, uma “metáfora”. Por qual motivo? Sabemos pela Escritura que o casamento *sela* o fato de ambos se tornarem *uma só carne*, isso quer dizer que a morte da carne põe fim ao casamento. Considerando que somos casados com Deus espiritualmente, e isso não terá fim, o casamento no mundo atual é que figura o casamento de Deus com seu povo, e não o contrário. O que é temporário, por definição, não pode ser a *realidade*. Pensemos de outro modo: Cristo mesmo diz que no céu não há casamento (Mc 12:25), o que é lógico, mesmo a partir da Torah, pois ela apenas conecta o casamento à carne – apenas se a carne continuasse a existir é que o casamento continuaria. Ora, não é isso a prova de que, na realidade, Deus criou o casamento para expressar a relação *dele conosco* e não que o casamento entre Deus e seu povo seja um reflexo do casamento entre homem e mulher?

Também, Deus como bom marido que é, disciplina e repreende Israel. Ensina ao povo e o povo, por sua parte, tem o contrato de submissão a Deus e suas ordens. Este é o contrato de casamento. Se o povo viola este contrato, Deus o busca. A verdade é que o contrato não deixa de existir, pelo contrário, mesmo Deus dando carta de divórcio (Jr 3:8) não diz que Israel deixa de ser sua esposa, apenas prevê que dará a Israel melhor contrato, com menor carga e maior misericórdia (Jr 3:12). Na verdade, Deus nunca abandonou Israel, pois salvou o remanescente da destruição do Templo de Jerusalém, tendo convertido os primeiros judeus em Atos 2 – 3. Deus, de fato, fez o novo contrato com Israel (nação) representada como Judá e incluiu no contrato a igreja gentílica (o restante de Israel). Depois tornou ambas em uma única igreja. Assim, toda a igreja e Deus tornaram-se um só espírito.

Ora, o casamento só pode ser desfeito com a morte da carne, mas com Deus somos casados espiritualmente. Se o espírito não morre e, em especial, o nosso marido nunca morre, o casamento nunca é desfeito com Deus, garantindo ao seu povo plena salvação. Aqui nos é mostrado, portanto, que

a relação do casamento mais ainda evidencia a transitoriedade do casamento físico: Deus não fez Adão com intenção de que o casamento dele durasse eternamente. Antes, Deus tencionava apenas ensinar algo pela criação de Adão – de que o último Adão viria (1 Co 15).

Veja que a relação de Deus é matrimonial (Os 2:19, 20). Por isso, tudo o que é verdade sobre a relação de Deus com Israel/Igreja, é verdade com relação ao casamento Marido – Mulher(es). O casamento é a plena expressão da relação de Deus com o seu povo.

<<<

Isso foi o que dissemos, e agora complementamos para o objetivo do texto atual: nós, a igreja, devemos nos submeter em tudo a Deus (Dt 6:2; cf. Ef 5:24b) e, portanto, confiar nas ordens dele em tudo o que nos passou. Assim, não podemos duvidar que a Escritura queira que, da mesma forma como o povo de Deus se submete a ele, deve também a mulher se submeter ao marido, pois o marido representa Deus (Cristo) e a mulher representa a igreja – e até onde saibamos, nem Cristo e nem a Igreja são elementos culturais.

#### *Infidelidade e o Amor do Marido no AT*

O mais intrigante é que no AT Deus sempre espera que Israel seja infiel, algo como um tipo de “hipergamia idolátrica”, no qual Israel continuava tendendo a ter outros deuses além do Deus verdadeiro. Ora, isso deveria apontar algumas coisas, e uma delas é que, independente da época, é esperado que a mulher tenha alguma dificuldade em sua fidelidade ao marido. Tal coisa é evidente na relação que Deus estabelece com seu povo, mostrando que este se esforça pra se submeter a um único Deus tanto quanto uma mulher se esforça para se submeter ao próprio marido (cf. nosso texto sobre a submissão da mulher em Gn 3).

Veja a História de Oséias: Casou-se com uma prostituta que nunca largou a prostituição, diferente de Raabe (simbolizando uma igreja arrependida), a mulher de Oséias não se conteve, mas foi amada até o fim. E aqui está a razão de a Escritura ordenar o amor do marido pela mulher: ela será difícil, e você deverá amá-la mesmo quando ela for insubmissa e infiel.

A dificuldade de entender isso é porque raciocinamos em forma de ciclos, mas a Escritura trata como duas linhas paralelas: o marido deve amar a esposa independente dela; e a esposa deve se submeter ao marido, independente dele. Não é “submeta-se ao seu marido se ele a amar”, afinal, como vimos em 1 Pedro 3, pode ser que seu marido não obedeça à Palavra, o que significa que ele pode não a amar. De mesmo modo, uma mulher descrente dificilmente se submeterá bem ao marido, e mesmo assim ele não pode deixar de amá-la até mesmo se fizer como a esposa de Oséias. É claro que em alguns casos pode parecer insuportável, e é por isso que Deus dá carta de divórcio à Israel (Jr 3, Ez 23), mas nunca a deixou de amar, a ponto de prometer uma aliança melhor, com menos exigências (algo que será considerado).



Hoje em dia, porém, quando alguém prega, sempre enfatiza que o marido deve amar a mulher sob qualquer circunstância, mas para a mulher obedecer ao marido há infinitas questões, que vão desde a suposta imoralidade da ordem até o marido supostamente não demonstrar amor. Esqueça estes questionamentos.

Ironicamente, o amor do marido não encontra na mulher qualquer motivo para ele. Infelizmente o romantismo distorceu isso tanto, que hoje toda mulher quer ser amada por um motivo, quando o maior amor na Escritura é o amor *sem motivo*. Provando a honra do que ama e a fraqueza ou incapacidade da amada. Porém, quando a amada possui algo a oferecer, isso apenas aumenta a confiança ou o prazer do amor manifestado pelo homem (algo presente em Provérbios 31 e que veremos em outro texto). Como sabemos que isso é assim *normalmente*? Ora, porque Deus e Cristo (de quem somos chamados para imitar o amor) não via nada na Igreja (Do AT e do NT) para os atrair, visto que a igreja, antes de ser de Cristo, era uma série de nações idólatras e povos insubmissos que foram vencidos pela palavra. O que é isso senão um amor incondicional? Deus Pai mesmo não deixa de descrever seu amor pela igreja em termos de prostituição desta, que foi salva por Deus, ou de um bebê sujo incapaz de nada fazer (Ez 16:4-6).

Portanto, mais belo, do ponto de vista das escrituras, é o amor sem causa, o homem que apenas ama a mulher, e que não precisa de nada dela ou nela para isso.

Oséias ainda aponta outros detalhes:

*E desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo, e em benignidade, e em misericórdias. E desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás ao Senhor. (Oséias 2:19, 20)*

A promessa de Deus para a sua esposa é um casamento sem rituais, isto é, sem a lei. A verdadeira lei permanecerá (em justiça); mas as exigências diminuirão (At 15:10). O que fazia com que Israel achasse os outros deuses atraentes não eram somente os rituais sexuais e alimentares que envolviam, mas a maior simplicidade e a menor exigência – havia descompromisso com eles. Deus, portanto, mostra que terá misericórdia, e faria com Israel uma aliança de benignidade, de modo que ela tenha prazer em Deus e o conheça de fato. Assim, claramente, um homem que quer ter a fidelidade de sua mulher, se colocar sobre ela cargas exageradas, pode sofrer com a infidelidade dela, sabendo que ela encontrará em outros homens maior leveza. Isso não quer dizer que o homem não mande na mulher, apenas que uma carga menor facilita a submissão, porque o fardo fica leve.

O que é que aprendemos do amor do homem no AT? Que deve amar a esposa mais do que a própria honra (do medo de ser chamado de “chifrudo”), porém, e em conjunto, uma mulher deve se submeter ao marido mais do que qualquer coisa neste mundo – acima dos medos, desconfianças e interesses próprios. O raciocínio é claro e simples, e assim vemos que nenhum dos movimentos modernos para libertação das esposas ou dos “direitos do

homem” têm qualquer relevância bíblica. Na escritura tudo funciona em duas mãos separadas, independente da resposta do outro.

## ALGUNS QUESTIONAMENTOS

### *Débora*

Muitos argumentam que Débora é um exemplo de que Deus não só dá poderes às mulheres, mas de que elas podem ser superiores aos homens a ponto de os ensinar. A leitura, porém, falha, primeiro, porque ela não era sacerdotisa ou levita (que eram responsáveis pelo ensino da Lei – Dt 33:10) e, segundo, porque o profetismo cessou e, portanto, não sobra nenhum cargo semelhante às mulheres atualmente. Por último, Débora não era juíza (um cargo caracteristicamente masculino), mas julgou a Israel pelo profetismo que exerceu (Ez 22:1-3 [Ezequiel não era juiz, mas julgou a Israel pela profecia, sendo sua profecia julgamento e profecia ao mesmo tempo]).

Veja que juízes eram principalmente militares:

*E os filhos de Israel clamaram ao Senhor, e o Senhor levantou-lhes um libertador, que os libertou: Otniel, filho de Quenaz, irmão de Calebe, mais novo do que ele. E veio sobre ele o Espírito do Senhor, e julgou a Israel, e saiu à peleja (Juízes 3:9, 10).*

Débora foi chamada por Baraque à guerra, pois ela não iria (Jz 4:8, 9) sem o seu chamado: porém, como pena por Baraque querer envolver uma mulher na guerra, a profecia de Débora sinaliza que uma mulher é que venceria Sísera (v. 9). Essa questão é tão problemática que até a Septuaginta diz que quem foi juiz durante o período de Débora foi Baraque (1 Sm 12:11[em português a versão ARA da bíblia segue a LXX, porém, pela cronologia das citações dos juízes, é muito mais provável que sinalize Sansão, e não Baraque [depois de Gideão], conforme se lê, por exemplo, no Talmude Rosh Hashanah 25a:16).

De qualquer modo, Baraque era o juiz, porque ele é quem foi à guerra e libertou a Israel durante o período de Débora, e ela apenas profetizava os julgamentos de Deus e seus juízos, cumprindo, claramente, um papel de juíza. E, mesmo que ela tivesse sido uma juíza, o que seu papel provaria, é que a igreja pode enviar mulheres a pregar em nível de missões, conquistando outros povos (que era o papel dos juízes), e não que ela prega para a igreja, no sentido claro e direto. E, ainda que pudéssemos considerar algo distinto, ela é somente *um* exemplo de mulher exercendo algum poder, algo que nem de longe é tratado na Escritura como o modelo de esposa (afinal, vários textos disseram o contrário, e você não pode pegar um texto e apontar ele como se simplesmente destruísse o significado dos outros versículos já tratados – e que são muito mais claros, com aplicação pronta e tudo o mais).

- Obs.: no capítulo 2 (v. 16-18) o papel do juiz era livrar Israel da mão dos inimigos e não julgar questões jurídicas, estar às portas da cidade, ou algo assim. Assim, é como se o juiz julgasse não as ações de Israel, mas as ações dos outros povos contra Israel (Jz 2.18 ). Como fica claro, o julgamento mais propriamente interno, se dava pelos anciãos (homens) e às portas da cidade (Dt 25.7). Portanto, Débora não podia ser juíza no sentido estrito do termo, visto que Deus mesmo deu os inimigos de Israel nas mãos de Baraque e não nas de Débora (Jz 4.7).

### *A mulher que obedeceu a Davi e não ao marido*

O primeiro erro referente à interpretação de 1 Samuel 25 é achar que houve alguma desobediência da mulher em relação ao marido. Isso nunca ocorreu no texto, porque ele nunca ordenou nada a ela referente a Davi. A única coisa que ocorreu (e você pode ler a passagem) é que, sabendo ela que Davi vinha para matar a Nabal, pôs a própria vida em risco, buscando preservar a vida do marido e da família com os servos. Ora, se te parece estranho isso, veja essa lei:

*E seu marido o ouviu, e se calou para com ela, e não lho tolheu, todos os seus votos serão válidos, e toda a obrigação, com que ligou a sua alma, será válida. Porém se seu marido lho anulou no dia em que os ouviu; tudo quanto saiu dos seus lábios, quer dos seus votos, quer da obrigação da sua alma, não será válido; seu marido lho anulou, e o Senhor lhe perdoará. (Números 30:11, 12).*

Um marido pode, assim que fica sabendo, cancelar o voto da esposa (veja que é o único voto quebrado que Deus perdoa por padrão); ora, se ele nunca o souber, nunca poderá cancelar, mesmo que diga, de modo genérico, que todos os votos da esposa estão cancelados, visto que a lei condiciona o rompimento do voto ao conhecimento do marido. Ora, como pode ver, a lei bíblica é extremamente material: uma mulher só tem o voto quebrado de modo justo pelo marido se ele o souber. Do mesmo modo, uma ordem só é obedecida por uma mulher se for dada pelo marido. Nabal nunca ordenou nada a Abigail referente a Davi e, portanto, ela nunca o desobedeceu. Nabal apenas disse que *ele* não daria nada a Davi e não estava, de modo algum, proibindo sua esposa de fazer isso (até porque, ela não tinha conhecimento de nenhuma ordem dele referente a ela – 1 Sm 25:11).

- Obs.: retomemos a passagem de Números 30. Ela é completa a respeito dos votos da esposa, e prova que nenhuma mulher pode ser culpada por um voto que o marido a impediu de praticar, a protegendo, e também garantindo que o homem tem mais autoridade do que uma mulher até nessas coisas. Deus quer mostrar que *Ele considera a palavra do marido de maior valor do que da mulher, por isso um homem não pode cancelar os próprios votos, mas pode cancelar os da esposa*. Nós é que achamos que os votos de quaisquer pessoas são iguais, Deus mesmo não trata assim. O Senhor, até nos votos feitos, mostrou que a hierarquia (homem > mulher) é mais importante do que os compromissos firmados pela mulher com *Ele mesmo* – doa a quem doer.

### *Ester*

A rainha Ester não prova nada sobre a mulher ter maior hierarquia, a propósito, quantas mulheres estariam dispostas a casarem com um homem que ainda está casado com a primeira mulher e – olhe só – a proibiu de entrar em sua presença no pátio real (tendo ela obedecido muito bem)? Para *nossa* cultura, isso seria sinal de objetificação (“pecado” que não existe na bíblia) e de má índole, porém, para Ester, foi o marido a quem ela se sujeitou – sem contar que ela só agiu a mando de outro homem, que tinha autoridade sobre ela. Leia o livro que leva o nome dela e perceba o papel de humildade que ela tem.

### *Rute*

Rute, em silêncio, buscou um resgatador pra ela; se submeteu a ele antes mesmo do casamento. Ela não serve como prova de uma mulher “forte” ao estilo que pensamos (Rt 2:8- 13) – para nós, o ato dela é algo que uma mulher atualmente jamais deveria fazer, afinal, toda mulher se deve respeito, não é mesmo? (ah, o “respeito”, conceito amplo e genérico, principalmente aplicado às mulheres, podendo significar qualquer coisa que *elas queiram* e que te torna, automaticamente, um ‘mala’ e alguém em quem não se pode confiar – graças a Deus a Escritura trata de modo distinto essas coisas).

No fim, tudo o que vimos comprova por todos os meios o quanto uma mulher deve se submeter ao marido, e não um tipo de complementarismo fraquinho, de quase igualdade. O que temos nas Escrituras dói nos ouvidos de homens orgulhosos e mulheres fracas (porque só mulheres fortes conseguem confiar que tudo o que o marido a ordena é correto de se obedecer – as fracas desconfiam de tudo, e só fazem se sentirem seguras {o oposto da força}). No próximo texto, trataremos sobre as mulheres no Novo Testamento propriamente dito.

### Conclusão

- O AT é concordante que a mulher deve ser submissa ao marido, independente da fé dele;
- O AT é concordante que o marido deve amar a esposa, independente da conduta dela.

## RESUMO E ADIANTAMENTO DE INFORMAÇÕES:

1. Na criação, Deus fez o homem antes da mulher: este é o ponto de partida do Apóstolo Paulo sobre a posição feminina na igreja (1 Tm 2:12, 13) antes de falar do pecado (1 Tm 2:14). Quando o homem e a mulher pecam, Deus se dirige *primeiramente* ao homem (Gn 3), mantendo o padrão de que não eram iguais entre si. Inclusive, embora a mulher tenha pecado primeiro, *sempre*, na Escritura, o pecado é atribuído à raça humana por meio de Adão (Rm 5:12; 1 Co 15:22). Se fossem iguais, a Escritura trataria da imputação do pecado de modo a atribuir à Eva e a Adão a entrada do pecado no mundo. Afinal, maior na hierarquia = maior na responsabilidade.

1.1. A hierarquia pode existir perfeitamente num mundo sem pecado. Entre Deus e os anjos há claramente uma hierarquia, e entre um anjo e outro também é óbvio que há hierarquia. Hierarquia não existe por causa do pecado.

2. A ordenação hierárquica dos sexos *não* é consequência da desobediência deliberada de Adão e Eva; o que vemos após a queda é a dificuldade da subordinação da mulher (Gn 3:16).

3. Jesus claramente se encarna como homem, não só para preencher o tipo original (de que Deus criou primeiro o homem como representante), mas porque em nenhum lugar da Escritura alguma mulher pode representar a família (Deus sempre se comunica com os homens para revelar algo às famílias – por isso é dito “Deus de Abraão, Isaque e Jacó” e não “Deus de Sara, Raquel e Rebeca”).

4. Em Atos 2, Lucas afirma que a nova era surgiu com o dom do Espírito Santo para todos os crentes. Na nova comunidade dotada do Espírito, Lucas cita Joel dizendo: “Teus filhos e *tuas filhas* profetizarão” (Atos 2:17-18). Quando o Espírito está presente, homens e mulheres podem proclamar a palavra do Senhor com poder. Porém, isso não muda a estrutura original da criação (sem pecado) e nem pós queda (com pecado), pois sabemos que mesmo no Antigo Testamento houve profetisas (como Débora), e mesmo assim elas não exercem papel de autoridade. Profetismo é diferente de autoridade.

5. O ensino do apóstolo Paulo claramente nos diz que as mulheres não podem exercer nenhuma liderança na igreja, embora possam, de algum modo, auxiliar na pregação do Evangelho para povos que não conhecem a Palavra. Ainda que ele reconheça o papel delas de profetizarem (e aqui o que mais faz sentido é naquele nível que Débora fazia, de modo que se o dom cessou este papel cessou junto), não permite que falem outras coisas ou exerçam papel de homem. Paulo sempre teve uma teologia “discriminatória” extremamente profunda, destacando apenas que homem e mulher, na nova aliança, têm

acesso igual ao trono da graça (Gl 3:28 – que trata do acesso à promessa de Deus, e não da posição na igreja; promessa essa que no AT era somente de *um povo*, por meio da descendência de *um homem* [Abraão]).

6. Em 1 Coríntios 11, Paulo insiste que homens e mulheres devem ser diferenciados quando oram e profetizam na igreja pelo que têm ou não em suas cabeças. A principal razão de Paulo para escrever essas palavras foi insistir que quando as mulheres na congregação profetizam ou oram, elas o fazem como mulheres, e os homens o fazem como homens. Porém, o mais interessante, é que Paulo começa o capítulo dizendo que a mulher foi criada *por causa* do homem (v. 8, 9). Não só isso, Paulo mostra que claramente há uma hierarquia entre homem e mulher quando diz que Cristo é o cabeça do homem, e o homem é o cabeça da mulher (v. 3): Cristo é o cabeça do homem não só por ser quem comanda, mas por estar hierarquicamente acima; o que é igual para o homem em relação à mulher no mesmo texto.

7. A forma como os apóstolos ordenam a submissão das mulheres é prova clara de um modo que deve extrapolar a cultura e época, pois em momento algum as ordens são condicionadas ao momento. A própria Queda e Pecado é algo transcultural, que não se limita à sociedade hebraica ou “patriarcal”.

8. Em 1 Tm 2:11-12 a proibição de mulheres exercerem autoridade e ensinarem na igreja *não* é dirigida a uma situação particular. Como pode-se notar, Paulo diz no capítulo sobre como Deus criou o homem *antes* da mulher, e depois sobre como a mulher pecou *antes* do homem – isso não é um caso particular, mas o modo como Deus registra a Queda de *toda* a raça humana. Dizer que é uma situação particular é sabotar a própria base que Paulo dá para dizer que a mulher deve se submeter ao marido e não liderar na igreja.

Assim, podemos “resumir o resumo” do seguinte modo:

A. Esses textos são reguladores e devem ser entendidos como lidando de modo atemporal com os problemas da igreja, quer seja numa cultura patriarcal ou não.

B. A profecia, mesmo que não tivesse cessado, não poderia ser utilizada como prova de que uma mulher tem alguma autoridade próxima a do homem, haja vista que havia profetisa mesmo num contexto extremamente “patriarcal” (Juízes) e ninguém estranhou isso.

C. Ao afirmar que Paulo, Pedro ou a Torah cede à cultura para essas ordens, é preciso avaliar se *nós* não cedemos à cultura e queremos fazer o texto dizer algo que não diz. Por qual razão nós, “seres iluminados”, não somos quem cedeu à cultura? É sempre a bíblia que cede à cultura? Além disso, a pergunta que fica é: como saber que um texto é cultural e não outro? Se essa ordem de Paulo/Pedro/da Torah é cultural, todas as outras podem ser, não há nada que possa distinguir essas coisas.

# *Mulheres e Maridos no Novo Testamento*

Vimos, no nosso texto sobre a submissão da esposa no Antigo Testamento, os comentários que o próprio Novo Testamento tece a respeito da submissão tomando como base o caso de Sara, esposa de Abraão. Aqui, neste texto, lidaremos propriamente com o Novo Testamento, porque, com a crescente tendência em se dividir as mensagens dos dois testamentos, não só se têm ensinado que a submissão da esposa é algo do Antigo, mas ainda têm deturpado o contexto claro e direto do Novo Testamento a respeito da beleza envolvida nessa submissão e, também, do amor verdadeiro dos maridos.

## O NOVO TESTAMENTO

Claramente não poderíamos deixar o assunto sem contexto, e isso é o que primeiro consideraremos antes dos textos bíblicos propriamente.

### *Contexto cultural e as Cartas aos Gentios*

Deveria ser motivo de espanto o fato de que, no Novo Testamento, somente cartas aos gentios é que possuem alertas fortes para a submissão das esposas aos maridos, além disso, também devemos considerar que as cartas costumam tratar de problemas ou dificuldades da igreja. Por exemplo, quando Paulo chama a atenção dos Coríntios a respeito da Ceia (cap. 11), vemos claramente que era um problema *naquela igreja* e, por estar ausente de outras cartas essa preocupação, fica claro que a ceia era corretamente praticada nas outras igrejas. Da mesma forma, quando se ressalta algumas ordens em particular para evitar os da circuncisão (Gálatas), é evidente que o problema comum naquela igreja se relacionava à disposição daqueles crentes em darem ouvidos a esse tipo de ensino, e não que era normal as igrejas aceitarem este ensino.

No que diz respeito ao nosso assunto, somente 1 Coríntios, Efésios, 1 Pedro e 1 Timóteo (cartas a gentios) é que tratam estritamente do posicionamento da mulher, e o motivo é claro: entre as mulheres gentílicas era muito mais difícil haver submissão. E isso por vários fatores:

1 – Entre gregos as mulheres eventualmente cuidavam das cidades quando os homens iam para a guerra, a ponto de administrarem a justiça (embora em conjunto com os anciãos). Em Israel isso nunca foi permitido, pelo contrário, mesmo com homens indo à guerra, sempre permaneciam homens no poder e na administração das cidades. Assim, as mulheres tinham maior facilidade de entenderem o papel do homem em Israel, enquanto entre os gregos não tanto.

2 – Entre os gentios era comum a imposição estatal da monogamia. Isso significa que as mulheres tinham um valor muito próximo ao de um homem, de modo que, com exceção do concubinato, nenhum casamento era autorizado entre um homem e várias mulheres, fazendo com que, em termos de relações, elas se sentissem muito maiores do que as mulheres judias – que aceitavam sem reclamar mais uma mulher para o marido.

3 – Entre os gentios era comum mulheres em batalhas, em Israel elas atuavam apenas acidentalmente (como em Juízes). Isso somava valor e orgulho às mulheres entre os gentios.

4 – Entre os gentios mulheres eram mestras, sacerdotisas e serviam como medianeiras entre homens e deuses (como as prostitutas cultuais); em Israel o único ofício que uma mulher poderia ter seria o de profetisa (que não existe mais), enquanto o sacerdócio, o reinado e a liderança familiar só podia ser exercida por homens, portanto, tornando muito mais difícil que uma judia se orgulhasse.

5 – Agora veja isso tudo de modo inverso: o contexto de Efésios 5 diz que o marido deve amar a esposa como Cristo ama a igreja porque, claramente, entre os gentios os homens não tinham o hábito de amar as esposas, e o mesmo ocorre com o caso da esposa no mesmo texto! Ora, se Paulo ordenar que a mulher se submeta ao marido apontar um aspecto cultural daquela época, também o é o marido amar a esposa um aspecto cultural daquela época (o que seria absurdo, afinal, por qual razão ordenar algo que já é feito?)! O fato é que o texto só serve para provar que culturalmente estas coisas *não ocorriam* normalmente entre os gentios.

6 – Entre os gentios as mulheres eram rainhas; mas nunca houve uma rainha em Israel registrada na Escritura, exceto a que visitou Salomão e que era gentia.

7 – Por fim, enquanto entre os hebreus Deus sempre é “Pai”, “Senhor”, “Marido” (atributos sempre masculinos), entre os gregos e romanos haviam uma infinidade de deusas, como que sendo mulheres que guiavam povos e que decidiam destinos inteiros – “grande é a Diana” (At 19). Você acha que as mulheres tinham um *status* tão baixo entre os gentios? Enquanto Jesus se encarna homem e o Espírito Santo é de Cristo e de Deus Pai (portanto, não é “feminino”), entre gentios deuses e espíritos bem como heróis se voltavam para o feminino – mesmo que cressem ser, o feminino, caótico.

O resultado de tudo isso é óbvio: as mulheres nunca, jamais, foram absolutamente desprezadas entre os gregos, tendo até (olha só), mais direitos do que entre os judeus, eventualmente. Isso apenas soma ao fato de que não é possível isolar os textos que tratam da submissão da esposa dos contextos culturais claros em que se encontram. Abaixo, portanto, trataremos especificamente de cada texto em particular a respeito da submissão feminina ao marido:

### *1 Coríntios 11 – Submissão desde a criação*

*Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo. Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. Toda mulher, porém, que ora ou profetiza com a cabeça sem véu desonra a sua própria cabeça, porque é como se a tivesse rapada. Portanto, se a mulher não usa véu, nesse caso, que rape o cabelo. Mas, se lhe é vergonhoso o tosquiarse ou raparse, cumpre-lhe usar*



*véu. Porque, na verdade, o homem não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem. (1 Coríntios 11:3-7)*

Paulo não é burro. Ele começa o texto estabelecendo os critérios de autoridade que *não são culturais*: Cristo é o cabeça de todo marido e o marido é o cabeça da mulher, e Deus é o cabeça de Cristo. Ora, Paulo não quer que os coríntios confundam e, por isso, põe, entre a afirmação de que Cristo é o cabeça do homem e de que Deus é o cabeça de Cristo a informação de que o marido é o cabeça da mulher. O que é verdade para uma dessas cabeças é para ser aplicada às outras. Mais interessante fica se considerarmos o significado geral de "cabeça" no AT (Dt 28:13), apontando um sinal de liderança e poder. O marido, portanto, é cabeça da mulher porque Cristo é o cabeça do marido. É uma determinação eterna, que não depende de nenhum governo ou cultura.

Porém, em seguida, Paulo mostra que o que ele vai tratar depois disso não é sobre uma estrutura de mandamentos especificamente, pois ao invés de usar o sentido de "peca contra a própria cabeça", ressalta que "um homem que ora ou profetiza com a cabeça coberta a **desonra**". E isso é relevante, já que Deus instituiu o sacerdote, que orava e, eventualmente, podia profetizar, utilizando uma mitra cobrindo a cabeça (Êx 28:4). Ora, Deus não pode instituir o pecado, portanto, tal coisa é uma desonra, mas não um pecado.

É claro que há desonras que são pecaminosas: um filho amaldiçoar ao pai é uma desonra, e é pecado porque se levanta contra a autoridade clara da Escritura (Êx 21:17; Lv 20:9) – embora um pai possa amaldiçoar um filho (como vemos Noé amaldiçoar no cap. 9 de Gênesis um de seus filhos). No fim, a desonra é uma *confusão* (ironicamente, também é o significado da palavra grega utilizada por Paulo). Confundir os papéis dos indivíduos e das autoridades. Por esta razão, um homem cobrir a própria cabeça é desonra, pois viola o princípio de que foi criado diretamente por Deus da Terra, sem derivar de outra pessoa e, portanto, não pode cobrir a cabeça, que reflete a glória de Deus (veremos abaixo).

A mulher, entretanto, deve usar o véu, pois ela é a glória do homem, e a glória do homem não é para ser exibida, mas oculta – e a glória de Deus é que pode ser exibida. Isso é claro pelo contexto de 1 Co 11 que estamos acompanhando. Por isso, quando a mulher (casada) não usa véu (em público), está expondo o próprio marido à desonra e isso fundamentado no fato de ele ser o cabeça dela (e não num ambiente cultural). Por outro lado, graças a Deus, que a desonra neste texto não é um pecado – embora confunda a estrutura hierárquica fundada por Deus.

E temos a clara evidência disso quando consideramos que Paulo diz: é vergonhoso a mulher rapar a cabeça, portanto, melhor que use o véu. Está claro que não está falando de véu simbólico e nem de rapar simbolicamente a cabeça, pois são coisas muito táteis no texto sem nenhuma linguagem figurada.

Assim, em conclusão a isso, é claro que o papel de líder do lar pertence ao homem como o papel de líder do homem pertence a Cristo.

*Porque o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, do homem. Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher, por causa do homem. Portanto, deve a mulher, por causa dos anjos, trazer véu na cabeça, como sinal de autoridade. No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher. Porque, como provém a mulher do homem, assim também o homem é nascido da mulher; e tudo vem de Deus. Julgai entre vós mesmos: é próprio que a mulher ore a Deus sem trazer o véu? Ou não vos ensina a própria natureza ser desonroso para o homem usar cabelo comprido? E que, tratando-se da mulher, é para ela uma glória? Pois o cabelo lhe foi dado em lugar de mantilha. Contudo, se alguém quer ser contencioso, saiba que nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus. (1 Coríntios 11:8-16)*

Paulo fundamenta, mais uma vez, sua estrutura hierárquica não no ambiente dos coríntios, mas sim na criação: quem, do gênero humano, foi criado primeiro? O homem ou a mulher? Claramente foi o homem (o que prova, em parte, a literalidade da ordem das coisas em Gênesis) e, por isso, mesmo horizontalmente, um homem vem antes da mulher, sendo, portanto, seu cabeça. De igual modo, quando a mulher foi criada, ela o foi *por causa do homem* e não o homem *por causa da mulher*, sinalizando para nós que a mulher existe para o homem, e o homem existe para Deus (eu sei que vocês aí podem pensar em “objetificação”, mas a bíblia não está nem aí).

Assim, até aqui, o argumento é triplo: 1 – Cristo é o cabeça do homem como o homem é da mulher; 2 – O homem foi criado primeiro; 3 – A mulher foi criada *por causa do homem*. Portanto, temos 3 argumentos principais a favor da hierarquia clara entre marido e mulher. Isso tudo resulta no sub argumento, de que é por isso que a mulher deve usar véu.

- Obs.: note que “por causa dos anjos” é acrescentado após o “portanto” (no grego é conclusivo, e não no meio da passagem), que é a conclusão dos argumentos anteriores. A pergunta levantada, assim, é: O que isso tem a ver com anjos? A resposta não tem a ver com a mulher ser menos sensual para o anjo, pois o assunto não é este, antes, apenas avisa para ele que ela tem uma autoridade acima dela (pois este é o assunto). Assim, por causa da *autoridade* (v. 1 Co 11:10 [“poderio”, “autoridade”]) do homem (veja quão grande é a questão da autoridade entre os anjos) os anjos nada podem fazer *contra ela* (se os anjos aceitam a aliança como forma de provar isso também não é possível saber – mas é bem provável, considerando que ter uma aliança não era a coisa mais fácil na época, embora signifique mais ou menos a mesma coisa que um véu para uma mulher casada [de que ela é casada e tem uma autoridade sobre si]). Se você duvida que os anjos respeitam autoridade, veja que até mesmo contra Satanás Miguel não ousou pronunciar juízo (Jd 1:8-10) sabendo que o diabo era uma autoridade no AT (autoridade que ele perdeu, após sua derrota final durante o cerco de Jerusalém).

Em seguida, Paulo diz que, no Senhor, nem a mulher e nem o homem são independentes. E aqui está o contraste: "todavia". Paulo argumentou todo este tempo provando que há hierarquia, porém, diferente do que um homem pode pensar, ambos dependem um do outro *assim como um rei depende do povo*. Essa relação entre homem e mulher também vigora entre Deus Pai e Cristo, pois um não há sem o outro (sendo Deus Pai o cabeça de Cristo – como Paulo já disse). O ponto focal é que havendo dependência, não há anulação da hierarquia, apontando que Paulo apenas quer mostrar que, a despeito de a mulher ser criada por causa do homem, o próprio homem não consegue viver sem a mulher e vice versa.

De repente Paulo pula para a descrição do homem com cabelo comprido, mostrando ser isso desonroso. Ora, Deus mesmo ordenava que o nazireu não cortasse o cabelo, e Sansão mesmo tinha cabelo grande até formar tranças (Jz 16:19) e, mesmo em desonra, ele era um santo dedicado a Deus. Provando, novamente, que os sinais externos apenas apontam a disposição interna, mas eles podem ser quebrados sem que, necessariamente, internamente haja rompimento das partes essenciais. Por esta razão, apesar de uma mulher desonrar o marido sem o véu, não peca – tanto quanto um homem de cabelo comprido também não peca. Mas ambos desonram a autoridade (o homem a si mesmo e a mulher ao marido).

Por esta razão, Paulo não parte da "lei", mas da "natureza", do mundo físico, pois na Lei Paulo jamais encontraria tal ordem para o uso do véu entre as mulheres, ou a proibição do cabelo longo nos homens. E "natureza" aqui tem um sentido bruto e geral de que normalmente os cabelos dos homens não crescem como o das mulheres. Na Escritura a única coisa que se deduz dela é aquilo que é patente e evidente, do qual não se necessita conhecimento filosófico algum (como Paulo também aponta em Romanos 1, demonstrando que um homem se deitando com outro é uma violação da natureza, pois é patente que o ânus não serve para sexo).

Por último, Deus deu à mulher o cabelo em lugar do véu. Sim, parece confuso porque não lemos com cuidado – Paulo está falando ainda da "primeira mulher". Deus, quando criou Adão e Eva, não deu outro véu a Eva senão o próprio cabelo, o que, por si só, prova que o véu só surge depois da Queda e nunca foi parte da estrutura do mundo como tal, exceto no fato de já ser parte do corpo da mulher. Assim, o cabelo é o seu véu, e uma mulher que rapa a cabeça desonra, por isso, o marido. Dessa forma, assim é a estrutura:

Homem > sem véu : cabelo curto = honra e glória de Deus

Mulher > véu : ou cabelo longo (no mínimo) = honra e glória do marido

Finalizando, Paulo ainda diz que se alguém quer continuar a disputar tal assunto, deve saber que nenhuma igreja tem "este costume". Ora, a lógica é bem simples neste texto: Paulo está discutindo sobre uso do véu e, portanto, está dizendo que alguém ainda pode continuar questionando. Essa pessoa precisa saber que não há igreja em que o costume fosse o não uso do véu, algo que bate com o conceito de "tradição" mencionado no v. 2, que foi passada pelo apóstolo.

Claro que, no fim, a preocupação de Paulo parte da hierarquia e, só depois, entra nas expressões externas dela, sem que essas expressões sejam, em si, o fundamento total (afinal, prostitutas cultuais também cobriam a cabeça eventualmente [como Tamar também fez] – diferente do que dizem por aí....). A verdade é que quem continua a disputar essas coisas precisa ver, *também*, qual é o costume geral e não o ignorar. Contudo, este é o último ponto do raciocínio de Paulo, provando que nós deixamos o costume de demonstrar a submissão feminina aos maridos.

- Obs.: novamente, a aliança no dedo é um equalizador, pois trata homem e mulher como iguais, o véu, porém, era somente para a mulher casada, de modo que traçava uma clara distinção entre ambos. Por outro lado, e como já dissemos, o não uso do véu não é pecado, tanto quanto o uso de aliança não é obrigatório. O foco do texto é apenas apontar que o véu é uma demonstração externa da hierarquia real que há entre marido e mulher (por isso, o véu só se trata de mulher casada, e não de mulher em geral – o que seria uma estupidez).

### *1 Coríntios 14 – nem falem*

*porque Deus não é de confusão, e sim de paz. Como em todas as igrejas dos santos, conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina. Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja. (1 Coríntios 14:33-35)*

Para aqueles que questionam o contexto das mulheres ficarem caladas, pontuarei apenas isso: na mentalidade de Paulo, Deus não é Deus de misturar as coisas, portanto, se ele diz que uma mulher deve ficar calada na igreja, o que ele está vendo é que isso confunde os ambientes, pois a mulher não está em casa, local no qual pode falar com o marido mais abertamente, mas na igreja; e no meio da igreja quem fala é liderança e, apenas excepcionalmente, uma profetisa ou mulher que ore coberta (volto a isso já). Assim, se Deus não é Deus de confusão, para Paulo faz sentido que a mulher nem fale no meio da igreja, pois misturaria as coisas.

Importante notar que “nas igrejas” não se refere a um local, mas ao conjunto dos crentes mesmo. Então, quando os crentes se reúnem para culto, este momento é “na igreja” e, portanto, a mulher deve permanecer em silêncio. E aqui, diferente do capítulo 11, Paulo diz que a submissão é como a lei determina, e onde a Lei determina? (já explicamos no texto sobre a submissão em Gênesis 1 – 3). Não é o costume que Paulo está tratando, é a Lei de Deus que está em jogo. O véu é uma questão da natureza, mas a submissão e o silêncio é algo da Lei de Deus. Quem infringe isso peca.

O que o texto ainda sugere? Assim como no capítulo 11 conhecemos que havia um debate sobre o uso do véu e também da submissão feminina, aqui vemos problema semelhante. Ao que tudo indica, Corinto era uma cidade (grega) onde as mulheres eram extremamente tendentes à liderança, e isso se traduzia na dificuldade de a igreja estabelecer critérios para que as

mulheres permanecessem caladas. Outro ponto, porém, é que em 1 Co 11, no início do capítulo, não foi mencionado nada sobre culto, deixando em aberto se Paulo estaria ou não falando do momento em que a igreja se reúne (note o v. 17 que parece contrastar o momento em que se reúnem com o que estava falando antes, dando a entender que as mulheres *não profetizariam ou orariam na igreja*)

- Obs.: a maioria dos defensores da “igualdade” ressalta que a passagem de Joel 2:28-32 afirma que as “filhas” (ou seja, mulheres) profetizariam “naqueles dias”. Porém, não é isso o que a passagem diz: “depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos **filhos** e vossas **filhas** profetizarão, os vossos **velhos** terão sonhos, os vossos **jovens** terão visões”. (Joel 2:28). A promessa é de que determinados sujeitos profetizariam: os filhos (solteiros), as filhas (solteiras), os idosos (homens) e os jovens (homens), e isso não gira em torno da mulher casada, embora elas profetizassem (conforme o texto de 1 Co 11 – [mas confira Atos 21:8, 9 e 2:17 relatando somente *filhas* como moças solteiras]). Dessa forma, Paulo não está proibindo todo gênero feminino de falar na igreja, apenas as casadas e as que **não tinham profecia** – sem profecia não há razão pra se falar (e sem véu não se deve orar). Além disso, com o fim do profetismo, não há razão alguma para que moças falem na igreja. E não, “profetizar” não é igual “pregar”, apesar de muitos acharem isso.

Parece radical, mas os textos bíblicos devem ser compreendidos dentro da estrutura em que foram concebidos. Do contrário, diremos coisas que não estão lá, apenas porque queremos ter um viés que nos aprove ou aceite a característica cultural que cremos ser absoluta ou ordem de Deus.

#### *Efésios 5 – submissão em tudo*

*Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus. Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos. (Efésios 5:21-24)*

Esse texto é extremamente distorcido, pois – dizem – Paulo estaria falando de uma sujeição corporativa, no qual um se sujeita ao outro, as mulheres aos maridos e os maridos às mulheres. O problema com essa interpretação é que as mulheres **são as únicas que devem se sujeitar como a igreja se sujeita a Cristo** (enquanto a sujeição um ao outro é “no temor de Deus”). E não só isso, elas **são as únicas que são ordenadas a se sujeitarem em tudo**.

Como 1 Co 11, Paulo diz que o marido é o cabeça da mulher, exatamente como Cristo é da igreja (mudando, aqui, o fato de Cristo ser o cabeça do homem). Neste momento este argumento tem um apelo distinto: Paulo quer mostrar que, do mesmo modo que a igreja obedece a Cristo *em tudo*, deve a mulher obedecer ao marido *em tudo*. Em 1 Co 11 Paulo quer mostrar uma

estrutura criacional e como a obediência se externaliza, aqui, ele quer apontar a *extensão* da obediência.

Paulo não espera que as mulheres sejam submissas apenas em parte, ou em razão de interesses particulares, pois a igreja, que não é cultural, se submete a Cristo em todos os lugares e épocas e, portanto, a mulher deve imitar a igreja. Por isso essa passagem não pode ser efeito da cultura, porque está buscando estabelecer algo não comum entre os gentios, já que, suponho, entre os gentios as mulheres não se submetessem aos maridos como a igreja a Cristo (e nem os maridos amassem as mulheres como Cristo amou a igreja).

*Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim devem os maridos amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém odiou a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja; porque somos membros do seu corpo, da sua carne, e dos seus ossos. Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja. Assim também vós, cada um em particular, ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido. (Efésios 5:25-33)*

Se a ordem anterior é só cultural, essa também deve ser, afinal, o marido amar a esposa era só uma ordem para aquela época, não é mesmo? Nós, entretanto, temos interesses mais elevados do que briguinhas culturais que morrem e se repetem de outros modos. Vejamos:

1 – O marido deve imitar a Cristo em seu amor. Ora, se a mulher deve obedecer ao marido, então, amar a mulher não significa que ele fará o que ela quer ou deseja, nem que se submeterá a ela ou será agradável ao gosto dela. O marido é chamado a imitar a Cristo no amor, e o Senhor Jesus nunca quis agradar a igreja de acordo os desejos dela, mas sim *dele*. Para Paulo, não há romantismo no que diz respeito à estrutura do casamento, tanto que quando ressalta o objetivo de Cristo com a igreja (e que deve ser imitado) é que ele faz o que faz à igreja para que ela estivesse gloriosa para *si mesmo* e não “para ela”. Parece egoísta? Não importa, Deus não se interessa com nossas preocupações morais adquiridas, e Paulo ainda acrescenta: “assim”, ou seja, do mesmo modo que Cristo ama a igreja para que ela fique bela *para ele, ao gosto dele*, deve o marido amar a mulher, e não a deixar largada por aí ao gosto dela ou de outro.

2 – Cristo se entregou pela igreja para a santificar (ou seja, separar do pecado), purificando pela palavra. Do mesmo modo, os maridos devem se entregar pelas suas esposas, fazendo que elas entendam que devem se separar do pecado, sofrendo o pecado delas, mas, pela Palavra (claramente em termos de instrução) a ensinando como evitar o pecado para ser exclusiva do seu marido (interessante, que o foco de Cristo é purificar a igreja da

idolatria [adultério], que é o foco do homem também, neste caso). Se “entregar” pela mulher não tem a ver com ficar fazendo o que ela pede ou supostamente necessita, mas sim buscando entender e aprender como a santificar, ou seja, separar do pecado! É incrível como mulheres convertem maridos em serviçais utilizando essa passagem, que diz o oposto: o marido sofre o pecado da mulher, santificando-a (lembre-se de Oséias), não a agradando quando e como quer – a santificação do marido sobre a mulher é para a separar de outros homens ou mulheres que as levantem contra ele, tão somente isso.

3 – Amar a mulher *como a si mesmo* é profundo, porque novamente o homem deve olhar para sua esposa por amor de si, assim como Deus faz coisas a Israel por amor de si (cf. Is 48:11; 43:25 Ez 20:9, 39). Novamente, soa como orgulho e egoísmo, mas as Escrituras ensinam que o homem deve ter honra, e honra implica em que até a sua esposa ele ama porque quer e porque é a si mesmo que deseja cuidar.

4 – Não havia nada na igreja para Cristo amá-la, do mesmo modo, não se deve procurar na mulher nada demais para amá-la, por esta razão, é que o homem a ama por causa de si mesmo. Ora, os romances buscam focar nas qualidades das mulheres, confundindo a mulher de Provérbios 31 com as comuns. A verdade é que comumente um homem ama a(s) mulher(es) independente dela(s), sem jamais buscar interesses nela que o levam a amá-la. Acima de tudo é o interesse próprio em cuidar dela e de si que o leva a amar. Isso é um amor muito mais verdadeiro, pois se não depende dela para existir, tão pouco dependerá dela para ser mantido: um verdadeiro amor em graça. Nada disso somos nós que estamos dizendo – está no texto que você e eu podemos ler.

5 – Cristo sustenta a igreja e a alimenta. Creio que o significado disso seja óbvio. Mas cabe uma nota: isso não quer dizer que a mulher não trabalhe fora de casa, porém, voltaremos ao assunto ao comentarmos Provérbios.

### *1 Timóteo 2 – Criação e Queda*

*A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação. (1 Timóteo 2:11-15)*

A essa altura deve estar claro como o apóstolo Paulo era “machista”, afinal, não permitia que a mulher ensinasse na igreja, mesmo em uma cultura em que mulheres podiam ser até sacerdotisas. E, para provar que o foco de Paulo não é cultura, ele diz que primeiro Adão foi formado e, somente depois, Eva. Ora, por qual razão Adão veio primeiro? Porque o mundo foi criado para ele dominar, porém, sem uma mulher, ele não pode fazer isso bem, portanto, Deus deu Eva. Este é o raciocínio de Paulo e nada mudará o que está no texto!

Mas se não bastasse a criação, a Queda também testifica contra a capacidade de liderança da mulher, pois, mesmo sendo criada depois, pecou primeiro. Veja que isso é só um acréscimo ao argumento anterior, e não é, em si, algo que funciona sozinho. Paulo não era estúpido, mesmo que os moderninhos assim o considerem.

A parte final, que afirma que a mulher seria salva dando à luz filhos, é um comentário de Paulo ao estado de Queda de Eva, pois é isso que Deus promete a ela: a semente dela esmagará a cabeça da serpente. Ora, nada mais é do que uma prévia de salvação para a mulher, que só poderia ser salva dando à luz descendentes até que chegassem a Cristo. Esta não é a primeira vez que Paulo comenta um “versículo”. Em 1 Co 11:26 ele afirma que tomar o cálice anuncia a morte do Senhor após dizer o que Cristo disse no fim do seu ministério terreno. De mesmo modo, em 1 Co 15:45, em sua primeira parte, temos o texto de Gênesis sendo citado e, no mesmo versículo, um comentário de Paulo invertendo a passagem. Isso ocorre mais vezes, mas duas evidências devem ser suficientes para que entendamos que isso não era novidade.

No fim, este comentário de Paulo não é dizendo que as mulheres que não têm filhos serão condenadas (pois é isso o que é oposto à salvação), mas que tendo filhos Eva seria salva – e isso ensina para as mulheres o quanto a Queda as impede de qualquer poder sobre o homem.

- Obs.: note que aqui temos a introdução do assunto dos presbíteros. Paulo quer que as mulheres dos presbíteros fiquem em silêncio na igreja, mesmo com eles sendo a liderança. Por esta razão ele entra imediatamente neste assunto logo em seguida.

### *1 Pedro 3 – Submeta-se a qualquer custo*

*Semelhantemente, vós, mulheres, sede sujeitas aos vossos próprios maridos; para que também, se alguns não obedecem à palavra, pelo porte de suas mulheres sejam ganhos sem palavra; considerando a vossa vida casta, em temor. O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura dos vestidos; mas o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus. Porque assim se adornavam também antigamente as santas mulheres que esperavam em Deus, e estavam sujeitas aos seus próprios maridos; como Sara obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor; da qual vós sois filhas, fazendo o bem, e não temendo nenhum espanto. Igualmente vós, maridos, coabitai com elas com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus coherdeiros da graça da vida; para que não sejam impedidas as vossas orações. (1 Pedro 3:1-7)*

O “semelhantemente” que Pedro utiliza aqui é o resultado de uma longa linha de argumentação em que afirma várias coisas sobre submissão. Agora ele quer mostrar que, mesmo se o marido for descrente, a mulher deve obedecê-lo sem tentar convertê-lo utilizando palavras. Este é o contraste claro nos



versículos. Se um marido não é crente, não é responsabilidade da mulher convertê-lo, apenas obedecê-lo. Deus se interessa muito mais no como as coisas são feitas do que estamos dispostos a perceber.

Já vimos como Pedro comenta as passagens do AT, portanto, não é necessário muito mais aqui a respeito das mulheres, exceto reforçar esta informação: a obediência das mulheres não tem relação com o amor do marido. Numa época em que havia sexo cultural por todos os lados, a mulher deveria se submeter ao marido que certamente não a amaria como Cristo ama a Igreja e, portanto, devemos entender que é esta a ordem de Deus – que soa pesado para nós, porque queremos liberdade acima de tudo e não a verdade e o amor à Lei de Deus.

Por último, os maridos devem amar suas esposas, vivendo com elas de modo inteligente (algo que só serve para os crentes, claro), de modo que ela seja honrada *como vaso mais fraco*. Sabe o que isso significa? É que ela seja protegida, tendo os seus mantimentos e direitos conjugais mantidos (Êx 21:9, 10), fazendo o possível para que ela não seja também enganada por qualquer vento de doutrina falsa; pois ambos herdam a mesma vida, embora sejam distintos filhos de Deus. Um homem que quebra este princípio impede as próprias orações de serem ouvidas.

Ora, Deus só não ouve orações de ímpios e maus que não querem ter sua sabedoria (Pv 28:9) – portanto, um homem que não trata uma mulher com a dignidade que a lei o ordena, dando os devidos cuidados, não será ouvido por Deus *ainda que também não possa ser desafiado pela própria esposa*. Dê a devida honra à sua esposa, evitando que ela seja posta em circunstâncias que exijam dela acima da força que possui (como, num contexto grego, evitando que elas ficassem a governar cidades inteiras ou ir para guerra) ou dando a ela o direito conjugal, isto é, quando ela quiser fazer sexo, faça – do contrário, quebra a Lei (Êx 21:9, 10) e por isso não terá orações ouvidas.

- Obs.: veja que Sara obedeceu a Abraão pondo-se em risco, mesmo de adultério, e isso é contado como obediência. O risco a que Pedro diz que o homem deve evitar sobre a mulher é o de desonrá-la ele mesmo (por exemplo, tirando os direitos conjugais dela).

#### *Quando a mulher pode falar*

*Quanto às mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias em seu proceder, não caluniadoras, não escravizadas a muito vinho; sejam mestras do bem, a fim de instruírem as jovens recém-casadas a amarem ao marido e a seus filhos, a serem sensatas, honestas, donas de casa, bondosas, sujeitas ao marido, para que a palavra de Deus não seja difamada. (Tito 2:3-5)*

O contexto em que uma mulher pode ensinar a outra é quando ela é mais velha; ela mesma pode ensinar outras mulheres, embora tenham sido ensinadas por homens (afinal, Tito era um homem). E – note – qual é o ensino que as mulheres idosas devem passar para as mais novas? Amar o marido e

filhos, ter sensatez, ser honesta, boa dona de casa, bondosa e sujeita ao marido.

**Amar:** é algo bem simples, a mulher não deve amar outro homem, somente o marido, pois quem ama, de fato, cuidará no que lhe for possível, por esta razão Paulo inclui os filhos sob a tutela do amor das recém-casadas. Além disso, num contexto como aquele da Antiguidade em que não era incomum um homem nu andando por aí, era extremamente necessário que a mulher amasse o marido, evitando qualquer contato com estes outros homens.

**Sensatez:** ela precisa ser capaz de avaliar as circunstâncias em que se encontra. E isso está aqui não sem motivo, já que moças novas recém-casadas têm grande dificuldade de pesar realmente a intensidade dos acontecimentos e qual o nível de seriedade deles. Um marido com mulher insensata sofre porque não pode confiar nas descrições que a esposa nova dá dos problemas. Se ele for molenga, cederá e se desesperará junto com ela.

**Honestidade:** na verdade o conceito reforça pureza, sem mistura ou hipocrisia. A verdade é que uma mulher deve ser honesta no sentido de não se misturar com aquilo que a poluiria (como outro homem) e ter a transparência devida de uma esposa.

**Lar:** a bíblia nunca proibiu a mulher de trabalhar fora de casa (algo que trataremos ao comentar Provérbios 31), porém, normalmente, as mulheres que trabalham fora de casa não conseguem dar conta do que ocorre dentro, portanto, qual é a instrução geral para as mulheres? Serem donas de casa (dona de casa é cuidar dos filhos – já que uma casa da época não tinha quase nenhuma vasilha, móveis e coisas semelhantes).

**Boas:** isto é, dispostas a ajudar até mesmo os de fora. Não irritadiça com as necessidades dos outros.

**Sujeitas:** naturalmente, Paulo conclui a lista reforçando o papel principal da mulher: obediência aos maridos. Isso é o que uma mulher deve ensinar a outra e qualquer coisa fora disso atrapalha a boa administração da vida feminina. No fundo, enquanto os homens precisam lidar com várias coisas e várias capacidades, a mulher precisa ter basicamente 6 habilidades simples e relativamente gerais.

Em nenhum momento Paulo exige que as mulheres sejam incríveis teólogas, maiorais do conhecimento ou habilidosas costureiras, nem exige que sejam cheias de habilidades na cozinha, andar sempre bem vestidas dentro de casa e coisas que só o marido pode ou não exigir. De modo algum. Ele deixa liberdade, apenas apontando as linhas gerais para que as esposas (pois é dessas que ele fala) sejam capazes de servirem melhor ao marido e, por isso, melhor a Deus.

- Obs.: note que as cartas no Novo Testamento foram escritas quando não haviam “direitos da mulher” ou coisas semelhantes entre o povo comum. Mesmo assim, os autores do Novo Testamento não ficam colocando várias observações, mesmo que naquela época houvessem mais abusos do que hoje – proporcionalmente. Não somos mais sábios do que Deus, portanto, não nos focaremos nestes problemas.

## OUTROS CASOS

Depois de tudo o que vimos, certos indivíduos ainda apontam três casos específicos no NT sobre mulheres exaltadas: Maria, as que viram Jesus ressurreto e as apóstolas. Veremos brevemente.

### *Maria*

Deus deu a Eva a promessa de que a semente dela (não do homem) geraria o salvador, portanto, nada mais natural que uma mulher, ‘sozinha’, gerasse o Messias, de modo que ali a promessa já era para uma virgem e também de que o que nasceria dela já seria o Cristo. Ora, o pecado entrou no mundo por uma mulher, seria lógico que por meio de uma mulher a salvação também entrasse. Além disso, a semente do homem estava impura, razão suficiente para que o Messias não viesse da sua semente (Lv 15) – portanto, não podemos esperar que Deus ficasse se comunicando com José, que se quer vivia com Maria nesta altura do campeonato – eram apenas noivos, e não tinha se unido ainda.

O ponto é que Maria recebe o anjo diretamente, sendo comunicada da justiça de Deus, porque Eva também foi comunicada por Deus de sua perdição. Você acha que isso muda o *status* feminino? De modo nenhum no que diz respeito ao marido, mas sim no que diz respeito a Deus. Pois, antes, ela estava separada pelos rituais que sobrecarregavam as mulheres mais do que aos homens, porém, agora, porque a salvação entrou no mundo por uma mulher, ela tem o mesmo acesso que um homem tem a Deus, sem necessidade de purificar-se da menstruação, da concepção ou da relação sexual com o homem (algo que ocorria em Lv 12 – 15). Maria é a primeira liberta, embora ainda tivesse que praticar os rituais da Lei até que Cristo morresse.

### *As primeiras no Túmulo*

Também as mulheres foram as primeiras a verem que Cristo ressuscitou e anunciaram aos apóstolos tal ocorrido, de modo que eles duvidaram delas – afinal, mulheres realmente não costumam ser confiáveis em informações desse modo. O problema é que nenhuma mulher nunca foi proibida de falar a verdade, e de mesmo dizer algo a outro homem (que não é seu cabeça) ou fora do contexto da igreja. A Escritura é tão clara que espera que a mulher de Provérbios 31 seja capaz de ensinar a lei de Deus. Acha que anunciarem aos apóstolos a ressurreição de Cristo foi uma quebra de paradigma? Nunca o foi.

A bíblia nunca proibiu que uma mulher em particular dissesse algo em geral para algum homem, ou até mesmo o ensinasse. O problema é que quando

lemos “mulher” na bíblia tendemos a pensar em um “gênero”/sexo, quando a bíblia tende a pensar em uma estrutura: solteira, casada ou viúva. A casada não tem direito de ensinar ao marido por simplesmente querer – este é o ponto. Além do mais, faria sentido que as mulheres fossem as primeiras a verem que Cristo ressuscitou, pois o paralelo precisava ser completo: Eva trouxe morte, Maria trouxe a vida, e o *túmulo vazio* primeiro pelas mulheres – fim.

Existe uma mentira aqui. Jesus não apareceu às mulheres no geral, mas sim à Maria Madalena – de quem havia expulso sete demônios (Mc 16:9, 10) – e à outra Maria (Mt 28:1-9). Isso é relevante, porque elas são as primeiras a verem Jesus ressurreto (se quer apareceu à Maria, sua mãe, primeiro).

Depois disso, o aparecimento de Cristo se centra nos homens, discípulos, a quem ativamente ordena que puguem (Mt 28:16-20 [dito *somente aos homens, apóstolos, não às mulheres*]). Os discípulos não acreditavam em nada que vinha sendo dito sobre Jesus ter ressuscitado, quer dito por homem, quer dito por mulher (Mt 28:17; Mc 16:10, 11-13 [aqui fica provado que os discípulos não tinham problemas que mulheres anunciassem pra eles, pois o problema era incredulidade, e não qualquer coisa contra as mulheres – v. 14]; Lc 24:24, 25). Elas (as mulheres) foram incumbidas de anunciar a somente ressurreição, e não em como guardar os mandamentos e as palavras de Cristo – o que foi dado somente aos apóstolos.

### *Apóstolas*

*Saudai Andrônico e Júnias, meus parentes e companheiros de prisão, os quais são notáveis entre os apóstolos e estavam em Cristo antes de mim. (Romanos 16:7)*

Primeiro, mesmo que Júnia tivesse sido uma apóstola, apóstolos não existem mais, logo, essa passagem perderia qualquer relevância em nosso debate. É o mesmo problema com profetisas, que de fato existiram, mas seu papel cessou e, portanto, qualquer apelo à existência delas não ajuda em nada sobre como a igreja lida *hoje* com as mulheres – já que ser profetisa não é igual ser ‘presbítera’ (algo fortemente contraditado por Paulo em 1 Tm 2).

Segundo, a única passagem que sugere a existência de apóstolas é esta (Júnia) contra várias passagens que reforçam o papel de silêncio das mulheres na igreja. Ora, mesmo que possam haver mulheres que puguem o evangelho fora do seio da igreja, é evidente que o que temos aqui é único e, portanto, não pode ser utilizado como se derrubasse toda a estrutura de *toda* a bíblia contra a liderança feminina em especial em relação ao marido.

Terceiro, a tradução “notáveis entre os apóstolos” (lhes pouparei dos intensos debates do sentido dessa parte), sugere não que eram apóstolos, mas sim que eram conhecidos muito bem por eles, a ponto de serem tidos em grande estima – o que faria sentido neste contexto, já que Paulo está reforçando as relações dos indivíduos aos quais saudações devem ser enviadas (v. 3, 8, 17).

Quarto, o fundamento da Muralha da Igreja são os Doze Apóstolos (Ap 21:14), separando o que está dentro do que está fora (Ap 22:14, 15 [interessante que os cães só ficam fora da cidade, não é?]). Ora, certamente Júnia não está neste fundamento, portanto, no máximo, ela seria “apóstolo” no sentido amplo do termo, como uma enviada a pregar para os povos. De qualquer modo, nada favorece essa ideia tola de apostolado feminino *hoje*. Assim, o que vimos, é que não existe qualquer coisa que favoreça qualquer posição de liderança/pregação feminina no meio da igreja, salvo de mulheres mais velhas para mais novas. E não podemos derivar do suposto apostolado de uma mulher qualquer autoridade em geral de outras.

## JESUS SOBRE AS MULHERES

Alguns apelarão a como Jesus tratou as mulheres, mas, antes disso, vamos considerar os erros abaixo:

### *Erros comuns:*

1 — De que só o que Jesus falou importa. Quem afirma isso, não sabe tudo o que Jesus falou, pois, se considerasse cada afirmação dele, levaria em conta essa:

*Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam; [...] Porque, se vós crêsseis em Moisés, creríeis em mim; porque de mim escreveu ele. Mas, se não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras? (João 5:39, 46, 47 — confira Lucas 16:29–31; 24:25–27)*

Observe cuidadosamente o que Jesus está dizendo aqui: sem crer nos Escritos de Moisés, como podemos crer em Jesus? Assim, no mínimo, se os Evangelhos são essenciais para sabermos o que Jesus pensa e ensina, a Lei de Moisés é essencial para se crer e entender o que ele pensa e ensina. Não falta contexto (pode se aventurar a ler todo o capítulo). Cristo mostra que os fariseus não criam na Lei de Moisés e não examinavam corretamente as Escrituras (a soma da Lei, Profetas e Poéticos). Assim, portanto, se “só o que Jesus disse importa”, então toda a Lei importa — pois foi ele mesmo quem disse. Poderíamos somar a isso várias coisas ditas por Jesus que não são levadas em conta, mas não temos espaço para tanto.

2 — De que falar com mulheres e tê-las como seguidoras implica mudança de status. Considerando o que Jesus diz da Lei, vejamos o que a escritura demonstra positivamente sobre as mulheres: primeiramente, a própria lei mostra como elas foram fundamentais, como no caso dos espias que foram salvos por uma prostituta em Canaã (essa prostituta, inclusive, faz parte da genealogia de Jesus — Raabe); ou, no caso o papel de Sara e Hagar na geração de duas grandes nações ou povos; segundo, vemos que há livros dedicados a mulheres — como Rute, Ester ou até Judite, se considerarmos o apócrifo. Terceiro, em várias batalhas em Juízes mulheres foram essenciais, como no caso da profetisa Débora e da que jogou o moinho sobre a cabeça de um inimigo. Poderíamos prolongar os exemplos, mas outra afirmação negativa da lei deve ser suficiente: em lugar algum, na Lei, há qualquer

proibição para se falar com alguma mulher ou tê-las como seguidoras. Se a cultura na época de Jesus era "antifeminina", não o foi por causa da lei de Deus. Este era o status da mulher ou moça diante de Deus – e é o que uma mulher poderia fazer.

Assim, Jesus se comunicar com mulheres e tratá-las bem nada tem em desacordo com a Lei e nem impõe um novo padrão de como lidar com elas. Antes, expressa a fluência de como a lei previa e já falava de Cristo (Jo 5:39).

#### *O que Jesus "diz" das mulheres*

**Em sua encarnação:** Antes, e acima de tudo, Jesus não se encarnou como homem por um motivo cultural. É preciso notar que mesmo Eva tendo pecado antes de Adão (1 Tm 2:11–14; Gn 3) é sempre Adão que recebe a culpa pelo pecado (Jó 31:33; Os 6:7; Rm 5:14; 1 Co 15:22). E o paralelismo bíblico é claro: Adão equivale a Cristo e Eva equivale à Igreja (1 Co 15:22; Ef 5:24). Se uma mulher morresse na cruz, a mensagem seria de que a igreja poderia morrer pelo seu próprio pecado para pagar por ele. Só um homem poderia ser aquele que pagaria pelo pecado, pois é ao homem que foi atribuída a culpa. Se o homem tem autoridade sobre a mulher, as transgressões dela são atribuídas, de certo modo, a ele — é assim que um marido mesmo ama sua esposa, sofrendo as dores das consequências dos pecados dela, mesmo que, como Cristo, ele a repreenda e corrija (Ap 3:19).

Em segundo lugar, a promessa na Lei era de que a semente seria um homem (Gn 3:15), e até mesmo Moisés prevê que "O Profeta" (masculino) viria e seria como ele (Dt 18:15). Considerando que essas mensagens vêm de Deus, é Deus mesmo quem está ensinando ao povo que quem viria seria um homem, não uma mulher.

Além disso, Êxodo 18:21,25 mostra que os anciãos só podiam ser homens. Jesus, como Juiz e Ancião de dias no fim da História do Antigo Testamento, só poderia ser um homem, portanto (Is 33:22; Jr 33:15; At 17:31; 2 Tm 4:1; 2 Co 5:10). Quem se nega reconhecer isso, não percebe que a encarnação e o julgamento só poderiam ser executados por um homem. Mulheres não têm lugar no julgamento, na condenação, e até mesmo em relação à salvação tornam-se dependentes de um homem (Cristo) – sobre escatologia, comentamos em nosso livro sobre a Confissão de Fé de Westminster.

**Na escolha dos discípulos:** Como se avalia a vida de Jesus deslocada do Antigo Testamento, as pessoas tendem a pensar que tudo o que ocorreu foi como um acidente, improvisado. Mas, por exemplo, o traidor, o homem que pecou contra Jesus, para que cumprisse o que Deus determinou, precisava ser um homem (Sl 41:9; Mt 26:23; At 1:16–20[bispado: masculino]). A questão é que as profecias de Deus são determinações dele, de modo que Deus é quem decide que homens fossem colocados em tais cargos (Jo 15:16, 17). Isso, mais do que tudo, prova que Cristo, em acordo com o AT, agiu e designou homens. Não por pressão cultural, nem por limites outros. Se Deus quisesse, poderia, desde a Queda de Adão, ir anunciando que mulheres salvariam a humanidade, e assim todos teriam o coração mais disposto para isso — o que não ocorre. Além disso, e nos lembrando do fato de Êxodo 18:21, 25, os

apóstolos também tiveram papel de juízes sobre Israel. Jesus diz que eles julgariam as doze tribos de Israel (Mt 19:28), mostrando que o papel deles não poderia ser tomado por mulheres. A Lei, de certo modo, predisse a estrutura de julgamento do fim da História do Antigo Testamento. Jesus está claramente apontando seu ensino ao estilo patriarcal.

**Eventos gerais:** quando Jesus foi misericordioso com prostitutas, foi contra a condenação de uma *suposta* adúltera (que não se enquadrava na pena da lei por falta de evidências e que o próprio Jesus não podia julgar), falou com uma samaritana... nada disso mudou o *status* da mulher em relação à lei, pois a Lei nunca ordenou a morte de uma prostituta comum (nem de um cobrador de imposto), jamais permitiu o julgamento de uma adúltera sem o homem e sem os juízes instituídos, jamais proibiu que um judeu falasse com uma mulher ou um samaritano, pelo contrário, deveriam ser amados, pois a Lei manda amar o próximo (Lv 19:18).

A relação de Jesus com as mulheres expressa a relação da lei com elas. E se queremos saber como Jesus lidaria sendo o marido de uma mulher, basta vermos como Jesus lida com a igreja: dando ordens, repreendendo, amando e se sacrificando, sem que ela nada pudesse fazer – e aí, está disposto a imitar o casamento de Cristo?

## FECHAMENTO

**A missão da mulher:** a pergunta geralmente feita é “qual a missão da mulher?”. Ora, a missão dela é ser submissa ao marido. A isso se questiona o que ela deve fazer com “dons” que por acaso possua, e a resposta é fácil: ela mesma é um dom para o marido, portanto, se pensa ter algum dom, deve utilizá-lo em acordo com a “missão” do marido. O fato é que a “missão” do marido não é uma coisa que cai do céu, é uma coisa muito mais corriqueira e comum do que parece, pois, pode ser que ele seja simplesmente um gari o resto da vida e a esposa lhe auxilie não só cuidando dele, mas em casa e, talvez, até trabalhando com as próprias mãos (algo que era comum nos tempos bíblicos – embora não te digam isso). Isso quer dizer que “a missão da mulher” não é necessariamente ter muitos filhos, pois tal missão era particular das mulheres judias que seriam salvas pela semente santa. Desse modo, não podemos confundir: a “missão dela” é a “missão do marido” – qualquer que seja esta (pode ficar mais claro em nosso texto em que trataremos da mulher em Provérbios).

**Submissão e subserviência:** então, naturalmente, perguntam: “mas isso aí não é ‘sub-missão’, e sim subserviência”. Ora, é exatamente isso. O fato de o português distinguir entre uma coisa e outra não significa que o texto bíblico faça essa distinção e, se você leu até aqui, claramente pode notar isso. A mulher não tem uma missão separada e à parte do marido (ou seja, só vale para casadas), mas o marido é a missão dela, pois para isso ela foi criada: como dom de Deus para o marido. A Bíblia não conhece este assunto de “individualidade” no que diz respeito a marido e mulher, pois não só ambos são uma só carne, mas nem o corpo da mulher pertence a ela e nem o do marido a ele (no que diz respeito ao sexo) – 1 Co 7:4.

**Excelência do homem:** para finalizar, nos dizem que uma mulher só pode se casar com um homem que, de fato, seja homem e consiga já se virar sozinho, que seja um excelente trabalhador, quando, na verdade, é justamente o oposto, já que a mulher foi dada ao homem porque sozinho ele não seria excelente no que faria: "Não é bom que o homem fique só [...] auxiliadora" – ou seja, sem alguém que lhe auxiliasse, ele não daria conta devida das coisas e jamais seria excelente em nada. Não podemos inverter o texto bíblico: o que faz um homem se tornar um homem de fato é quando, tendo diante de si o que precisa executar, tem ao seu lado uma auxiliar.

**Casamento do homem:** aqui cabe um caso extra: era comum homens se casarem tarde nos tempos bíblicos: ou por causa de guerras, ou por causa de 'curtição' (nunca te contam essa parte), ou por causa de trabalho. Na realidade, era extremamente comum um homem de, digamos, uns 35 anos se casar com a primeira esposa de 16. É provável que tal relação tenha sido assim não só porque um homem mais velho frequentemente tem noção dos problemas e como encará-los, mas porque uma mulher de 16 anos é mais facilmente ensinável se não tiver praticado sexo ainda – sem contar que dificilmente você encontraria uma mulher com mais de 20 anos que nunca tivesse feito sexo, daí, o papel da virgindade jogar o casamento das mulheres para baixo na idade, enquanto que não existe assunto de virgindade para homens na bíblia (veremos mais sobre isso).

Conclusão

- O AT e o NT concordam plenamente com a submissão feminina;
- O AT e o NT ordenam que o homem ame sua esposa
- Porém, nem o marido e nem a mulher depende do outro para executar o próprio dever.

## *Mulheres em Provérbios*

Este texto possui instrução para homens que, claramente, se preocupam em não só encontrar uma esposa, mas que também querem lidar com a(s) que já têm com sabedoria. A sabedoria de Provérbios é dupla: de um lado, sabedoria significa conhecer a Lei de Deus (Dt 4:6) e, do outro, também significa fazer leitura das circunstâncias e evitar as que são pragmaticamente ruins. Por isso, com Provérbios o homem aprenderá como evitar algumas coisas e como reconhecer outras.

Explicaremos o assunto de modo a sair de um extremo a outro, tratando da mulher ímpia até aquela que é virtuosa. No caso de Provérbios ainda é relevante que consideremos que o texto dele é o que mais chama "mulher" de "mulher", pois quase sempre está considerando casadas. Não podemos confundir esta informação, que será relevante: o texto não se preocupa em descrever moças solteiras, mas mulheres que se casam, daí, raramente Provérbios falará de "virgem" ou "moça" (solteira), enquanto que o foco dele é aquele tipo de moça que já se casou e, portanto, é mulher. Diante disso,



em alguns casos, o que ele diz da mulher casada eventualmente pode ser percebido *antes do casamento*, e é aí que está a sabedoria do ensino do texto.

A propósito, já notou que não há nenhuma passagem que trate de “homens rixosos” ou “homem bonito sem critério”, ou “homem virtuoso”? É claro que não há, pois a bíblia foi escrita para homens, e tão somente homens que precisam saber dessas coisas ditas em Provérbios, em especial. A mulher é quem está em foco para ser estudada aqui, e não os homens – o que, naturalmente, quer dizer que este texto não é feito para mulheres, e sim homens (casados) e rapazes (solteiros).

## ESTRANHA E ÍMPIA

*Para te afastar da mulher estranha, sim da estranha que lisonjeia com suas palavras; que deixa o guia da sua mocidade e se esquece da aliança do seu Deus; Porque a sua casa se inclina para a morte, e as suas veredas para os mortos. Todos os que se dirigem a ela não voltarão e não atinarão com as veredas da vida. (Provérbios 2:16-19)*

Quem é essa mulher? A estranha, como Provérbios a chama, é a mulher de outro homem, aquela que abandona o próprio guia, que cuidou dela desde a mocidade. Essa mulher, que é casada, tem a habilidade de elogiar um homem e vencê-lo pelas suas palavras que o elevam. Não caia nessa baboseira: uma mulher casada que passa a te elogiar deve ser evitada (embora o texto nada diga contra uma mulher casada que apenas tem uma conduta amistosa para contigo). Fuja, como José, da mulher do outro. Inclusive, muito cuidado, pois, como Gênesis 39 mostra, este tipo de mulher tem alto poder para fazer você ser punido mesmo que nada tenha feito. Para evitar que caia no enlace de uma mulher casada, o capítulo 5 nos diz:

*Porque os lábios da mulher estranha destilam favos de mel, e o seu paladar é mais suave do que o azeite. Mas o seu fim é amargoso como o absinto, agudo como a espada de dois gumes. Os seus pés descem para a morte; os seus passos estão impregnados do inferno. (Provérbios 5:3-5)*

A morte aqui apontada é para nos mostrar que, mesmo que o homem não lhe puna com a morte, Deus te considerará morto, conforme Levítico 20 nos mostra. Os pés dessa mulher te levarão ao abismo. Fuja de qualquer elogio seu. E se o fator negativo não lhe for suficiente, veja o estímulo positivo:

*Bebe água da tua fonte, e das correntes do teu poço. Derramar-se-iam as tuas fontes por fora, e pelas ruas os ribeiros de águas? Sejam para ti só, e não para os estranhos contigo. Seja bendito o teu manancial, e alegre-te com a mulher da tua mocidade. Como cerva amorosa, e gazela graciosa, os seus seios te saciem todo o tempo; e pelo seu amor sejas atraído perpetuamente. (Provérbios 5:15-19)*

Salomão, que já tinha várias esposas, separava uma moça solteira de uma mulher casada, afinal, sabia que o pecado seria flagrante se pecasse como seu pai, Davi. E a instrução dele é qual? Ora, se apegue ao peito da sua esposa, beije-o, se apegue à sua esposa e não à de outro. A sua tem

suficiente para te saciar e, se não te for suficiente, case com mais uma (2 Sm 12:8) – mas nunca, jamais, encoste em uma casada – pois essa que quer te levar para a cama é ímpia, e te tornará ímpio como ela (Pv 23:27, 28 [nossa língua não capta bem o sentido de “prostituta” neste texto, que se refere a uma mulher casada que se prostitui, e não a uma solteira]). Leia o capítulo 7 de Provérbios para mais informações sobre esta mulher (cf. o cap. 9:13-18).

*O caminho da mulher adúltera é assim: ela come, depois limpa a sua boca e diz: Não fiz nada de mal! (Provérbios 30:20)*

Irônico como na nossa cultura o homem que somente olha para outra mulher (solteira) já se sente culpado (sem motivo), mas a mulher que adultera ou é “hipergâmica” mesmo sendo casada nada sente. Esqueça o assunto de sensibilidade feminina, pois ela só funciona no que convém (embora, claro, o texto esteja falando da *adúltera* e não da mulher em geral, cuidado).

## RIXOSA

*É melhor morar numa terra deserta do que com a mulher rixosa e irritadiça. (Provérbios 21:19)*

*O filho insensato é uma desgraça para o pai, e um gotejar contínuo as contendas da mulher. (Provérbios 19:13)*

Veja, não é pecado (diferente da mulher estranha) se casar com uma mulher rixosa, por isso Salomão diz ser *melhor* viver numa terra deserta, e não que é a única opção. Você pode viver e conviver com uma mulher rixosa, mas irá sofrer tanto que preferirá morar num lugar sem ninguém por perto.

A mulher rixosa é aquela que vive a discutir, e sua discussão é como uma gota de água que fica caindo e nunca para (ou seja, se prolonga e irrita). Como identificá-la? Ora, é simples: se você vê uma mulher reclamando de tudo e se chateando por qualquer coisa, está diante de uma mulher rixosa.

Ela é chata, cansativa e gasta a energia do marido – qualquer coisa é motivo de reclamação, qualquer coisa a torna um porco espinho. Uma mulher como esta te faz preferir viver até mesmo num lugar pequeno, sem bens e grandes coisas:

*É melhor morar num canto de telhado do que ter como companheira em casa ampla uma mulher briguenta. (Provérbios 21:9)*

O texto se explica sozinho.

## BONITA, MAS NÃO CAPAZ

*Como jóia de ouro no focinho de uma porca, assim é a mulher formosa que não tem discrição. (Provérbios 11:22)*

Este tipo de mulher existe aos montes, e precisamos reconhecê-las: elas são belas, mas não sabem julgar as coisas (é isso que o termo “discrição” significa em hebraico, algo, infelizmente, perdido na tradução). Ora, o que é um porco com uma joia de ouro no focinho? É um animal sujo, incapaz de reconhecer o valor da joia diante de si. Como podemos ver, a escritura reconhece que a

beleza feminina é alguma coisa e, portanto, uma mulher bonita é desejável, é aprazível, contudo, se ela não souber fazer os devidos julgamentos mínimos (como Abigail, que conseguiu impedir Davi de derramar sangue [1 Sm 25]), sujará a própria beleza e a tornará repulsiva.

Normalmente tais mulheres são inúteis, apesar de sua beleza. Estas não necessariamente são rixosas ou ímpias, porém, têm muita dificuldade de serem úteis aqueles homens que precisam de uma mulher mais distinta, que sabem cuidar do que é dele (e sim, existem mulheres feias que não tem “discrição”, o ponto de Provérbios, porém, é não deixar que a beleza te engane, já que naturalmente os homens evitam as feias). Estas mulheres, na medida em que ganham liberdade, mais utilizam da beleza do corpo para sobressair. É pecado? Claramente não, mas ela suja tudo em volta, tornando tudo bagunçado e confuso em torno dela. A instabilidade será presente.

- Obs.: é claro que podemos dividir as mulheres em qualquer quantidade ou tipo, mas Deus, em sua sabedoria, as dividiu primariamente na forma como se encontra em Provérbios, para que entendamos quais são preferíveis e quais são evitáveis. Note que algumas mulheres não estão presentes, como, por exemplo, as interesseiras (as que se casam, literalmente, por dinheiro), e isso tem um motivo que veremos ao comentar o capítulo 31 de Provérbios. O ponto é que Provérbios não encerra as categorias, mas diz quais são os tipos principais a serem evitados e os almejados.

## COMUM

Há outra categoria de mulher que está presente em Provérbios também, mas não percebemos porque só lemos o texto como “está”. Veja abaixo:

*Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede ao de rubis.  
O coração do seu marido está nela confiado; assim ele não necessitará de despojo. (Provérbios 31:10, 11)*

Antes de tratar propriamente de Provérbios 31, note que o texto quer mostrar que a mulher virtuosa é rara, difícil de encontrar. Perceba que, por claro sentido e óbvio significado, Provérbios 31 está dizendo qual é o tipo de mulher *comum*. Em outras palavras, basta inverter o texto para que essa mulher comum seja encontrada. Além disso, precisamos ter em mente o que vimos até agora, pois o próprio livro nunca disse, por exemplo, que a mulher rixosa ou a adúltera é a comum – na verdade, os textos claramente mostram que elas não são exatamente a maioria (por isso, cuidado ao generalizar – pode ser que por uma situação da Providência você esteja cercado de mulheres ruins).

Assim, já que logo abaixo veremos qual é a mulher virtuosa, diremos apenas diretamente como é a mulher comum: o marido não pode confiar que ela fará tudo o que ele espera, ela carrega algum nível de sofrimento ao marido (lembre-se do nosso texto sobre a Submissão da Mulher em Gênesis 1 – 3), não consegue trabalhar (bem) fora e dentro de casa ao mesmo tempo; não possui habilidades de negociação muito elevadas, e nem é extremamente

capaz de fazer bondade a todos os pobres que encontra; seu marido é comum, não é um homem destacado e não é rico; essa mulher não conhece muito bem a lei de Deus, e seu marido não tem o hábito de elogiá-la (afinal, não há muito o que ser elogiado mesmo). Tudo isso é um resumo nivelando a mulher rara de Provérbios 31.

Longe de isso ser ruim, é apenas a prova de que Provérbios deixou este campo cinzento de propósito, falando mal das mulheres incompetentes e ímpias e exaltando as que estão acima da normalidade. De outro modo, ser uma mulher normal e comum é uma honra, pois não há condenação nem irritação, tanto quanto não há expectativas exacerbadas sobre esta. Em outras palavras, Provérbios, pelo silêncio, ensina como admirarmos também e em especial a mulher comum, e como ela deve se satisfazer com isso, pois não precisará arcar com o sofrimento da ímpia, a solidão da briguenta ou a estupidez da bonita que nada tem internamente, tão pouco precisará se cobrar e viver sempre "acima da média". Encontre ou seja (se quem ler este texto for uma mulher) essa mulher comum, apenas com as 6 exigências gerais de Paulo.

## A MULHER SÁBIA

*Toda mulher sábia edifica a sua casa; mas a tola a derruba com as próprias mãos. (Provérbios 14:1)*

Como vimos, não há passagem que diga "homem rixoso", pelo mesmo motivo que não há "homem sábio edifica a sua casa", pois a sabedoria do texto é pragmática, isto é, está considerando atitudes das mulheres em relação aos maridos e filhos. Por exemplo, quando um homem diz "eu destruí o meu casamento por causa da pornografia" está assumindo a culpa de uma mulher tola, visto que, na verdade, o casamento "acabou" por causa dela, e não dele (entraremos neste assunto em outro texto). De qualquer modo, a mulher sábia lida com as coisas e as contorna, enquanto a tola é barulhenta e bate de frente, derrubando o próprio lar. O homem é o líder do lar, portanto, as decisões dele podem causar sofrimento, porém, casamentos geralmente "acabam" por causa de mulheres, e não de homens. Retornaremos a este texto em breve ao comentar sobre filhos.

## ALGUMA VIRTUDE

*Muitas filhas têm procedido virtuosamente, mas tu és, de todas, a mais excelente! (Provérbios 31:29)*

Além disso, existem as moças e mulheres que possuem algum nível de virtude, ainda que não como a mulher virtuosa. Ora, neste caso é bem simples, basta apenas diminuir o nível de "perfeição" com a qual a mulher virtuosa é descrita. Assim, uma mulher relativamente virtuosa consegue vender as coisas com algum lucro, além de ser boa para o marido, mas não o suficiente para sempre ser considerada virtuosa no sentido único e estrito do capítulo 31 de Provérbios.

## VIRTUOSA

*Palavras do rei Lemuel, a profecia que lhe ensinou a sua mãe. Que te direi, filho meu? Ó filho do meu ventre? Que te direi, ó filho dos meus votos? (Provérbios 31:1, 2)*

- Obs.: algumas versões trazem “de Massá” ao invés de “a profecia”, pois em hebraico ambos os termos se escrevem igual. Porém, seguimos a LXX, a tradução grega do AT de antes de Cristo.

Primeiro ponto importante: a mulher virtuosa não aprende a sê-la, apenas é encontrada. Ora, como sabemos disso? Porque quando a mãe de Lemuel ensinou a ele sobre esta mulher, o que ela disse era uma profecia, e não um escrito para que as mulheres em volta dele se adequassem. Neste caso, é evidente que a mãe de Lemuel não disse isso para uma mulher, mas para um homem (e é assim que Provérbios 31 deve ser lido); pois não é o homem que deve se ajustar à mulher, e sim a mulher ao homem, em especial, a mulher virtuosa existe *por causa de um homem específico*.

*Não dê às mulheres a tua força, nem os teus caminhos, às que destroem os reis. Não é próprio dos reis, ó Lemuel, não é próprio dos reis beber vinho, nem dos príncipes desejar bebida forte. Para que não bebam, e se esqueçam da lei, e pervertam o direito de todos os aflitos. Dai bebida forte aos que perecem e vinho, aos amargurados de espírito; para que bebam, e se esqueçam da sua pobreza, e de suas fadigas não se lembrem mais. Abre a boca a favor do mudo, pelo direito de todos os que se acham desamparados. Abre a boca, julga retamente e faz justiça aos pobres e aos necessitados. (Provérbios 31:3-9)*

Ora, não só a mulher virtuosa é para um tipo de homem, mas o tipo de homem para quem ela serve é aquele que exerce poder e domínio, como reis, governantes ou homens investidos de autoridade que precisam exercer julgamento. É por esta razão que a mãe de Lemuel fala sobre evitar as mulheres e, em seguida, trata da bebida (que não falaremos aqui, pois já tratamos em nosso texto da Gula e da Embriaguez no livro Falsos Pecados). A bebida em excesso na boca dos reis os faz perverterem a justiça, tanto quanto mulheres abaixo da virtude também podem perverter a justiça do rei. Um homem acaba dando mais ouvidos às esposas do que parece, e isso num âmbito jurídico é perigosíssimo. Por esta razão Lemuel é alertado.

A preocupação da mãe dele é que ele não consiga exercer sua própria missão de juiz e, por isso, pede para que fuja de todo o tipo de mulher, exceto de uma. Lemuel deveria evitar mesmo as mulheres comuns ou as que tinham alguma virtude, ele deveria procurar a mulher virtuosa, pois as outras o impediriam de ter tempo e cabeça para julgar – e assim o é hoje, pois a mulher virtuosa não existe para os homens crentes, mas para os homens que estão investidos de autoridade discriminatória (tanto dentro quanto fora da igreja, claro).

*Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de finas joias. O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho. (Provérbios 31:10, 11)*

Agora, porém, sua mãe passa a destacar que Lemuel terá dificuldade de achá-la, mas é possível, pois logo em seguida diz que ela é cara – algo que só permitiria a um rei ou um homem rico possuir. Ora, num contexto onde haviam dotes sendo cobrados para se casar com uma mulher, é óbvio que um pai com uma filha com tantos atributos e habilidades cobraria um dote maior, razão pela qual ela é cara: qual pai quer perder uma filha habilidosa por tão pouco? Hoje, entretanto, no Ocidente, a prática de dotes não existe mais, mas não significa que se tornou mais barato.

- Obs.: sobre pagamento de dotes: você deve saber que todo casamento implica gasto, mas o que talvez não saiba é que no passado o dote equalizava um pouco as coisas, pois nada era subjetivo: todo homem sabia que tinha que pagar um dote, e que mulheres mais bonitas eram mais caras, portanto, eles aceitavam mais facilmente que não conseguiriam um tipo de mulher. Porém, com a mulher detendo o poder financeiro em si, um homem nunca entende direito porque alguém mais feio consegue uma mulher que ele, mais bonito e esforçado, não consegue. A razão é simples: quando a autoridade paterna limitava mais os filhos o dote tornava os homens compreensíveis com este caso, fazendo com que compreendessem que mulheres custavam dinheiro antes de qualquer coisa.

Provérbios nunca acusou uma mulher de ser interesseira por querer um homem com dinheiro, tanto quanto a bíblia nunca acusou um homem de querer casar com uma mulher (mesmo estrangeira) por causa da aparência (Dt 21:10, 11). A razão é que isso é natural em ambos, e se ambos aceitarem isso, todo mundo vive em paz (tanto se reclama da suposta objetificação das mulheres, enquanto elas mesmas vendem suas imagens nuas na internet – pois é assim que se lida com a beleza delas, o que é natural [não para a virtuosa, entretanto]).

De qualquer modo, a mulher virtuosa (que saberá ser assim), dificilmente se casará com um homem que não tenha condições de pagar financeiramente alto para tê-la. Como resultado, seu marido confia nela e por isso não será desperdício este investimento. Ele paga pela confiança nela, pois guardará seus segredos de julgamentos, suas falhas e também executará o que precisa sem que haja dúvidas do seu procedimento honesto em relação ao marido. Por isso, homens, desistam dessa mulher se não se enquadrarem neste marido.

*Ela lhe faz bem e não mal, todos os dias da sua vida. Busca lã e linho e de bom grado trabalha com as mãos. É como o navio mercante: de longe traz o seu pão. É ainda noite, e já se levanta, e dá mantimento à sua casa e a tarefa às suas servas. (Provérbios 31:12-15)*

A lei bíblica nunca proibiu uma mulher de trabalhar fora, pois poderia ser que, fazendo isso, impedisse a existência da mulher virtuosa. Por esta razão, o que vemos é que a mulher virtuosa é capaz de lidar com animais e comprar comida, trabalha com as mãos (esqueça o padrão europeu de mãozinha delicada – a mulher virtuosa não é focada na beleza, embora possa tê-la) e

sempre faz bem ao marido, pois não entrará em contradição com ele nestes interesses (enquanto uma mulher comum acaba discutindo com o marido justamente porque o trabalho fora de casa a estressa e atrapalha). Por último, ela acorda ainda de madrugada, prepara a comida e (olha um motivo para ser rica), já ordena às servas (que eram escravas, mas aceitaremos o sentido de empregadas) os afazeres de casa (uma casa grande, certamente). Tenho certeza que ninguém nunca te explicou em detalhes este texto, não é?

*Examina uma propriedade e adquira-a; planta uma vinha com as rendas do seu trabalho. Cinge os lombos de força e fortalece os braços. Ela percebe que o seu ganho é bom; a sua lâmpada não se apaga de noite. Estende as mãos ao fuso, mãos que pegam na roca. (Provérbios 31:16-19)*

Essa mulher, sem precisar consultar o marido, sabe comprar uma propriedade (rica!) e, já com o dinheiro do seu trabalho, aumenta a própria prosperidade (uma mulher comum geralmente apenas consome); além de trabalhar fora, consegue também cuidar de um jardim que dá alimento (no caso, vinho – daí o alerta da mãe de Lemuel para ter cuidado). Ela prepara seus braços e costas para suportar o trabalho (talvez vá na academia, talvez faça CrossFit hoje em dia, quem sabe?). O mais interessante é que ainda por cima consegue fazer os cálculos e notar que tem ganhado bem (para decidir se continua a investir no que tem feito). Mesmo depois dessa rotina, porém, ela está sempre pronta para acordar no meio da noite, seu descanso não é desatento. No fim, ela tem habilidades com as mãos (não “aquela” habilidade, essa outra é da mulher de Cântico).

*Abre a mão ao aflito; e ainda a estende ao necessitado. No tocante à sua casa, não teme a neve, pois todos andam vestidos de lã escarlate. Faz para si cobertas, veste-se de linho fino e de púrpura. Seu marido é estimado entre os juizes, quando se assenta com os anciãos da terra. Ela faz roupas de linho fino, e vende-as, e dá cintas aos mercadores. (Provérbios 31:20-24)*

Disposta a ajudar o necessitado, qualquer que seja e, mesmo cuidando dos de fora, ainda consegue cuidar de casa, de modo que todas as crianças e filhos sempre estão bem vestidos para o frio, agasalhados para o inverno (vestidos em púrpura, porque são ricos, claro). E o marido dela? Ora, é um juiz, e é dos melhores! Por isso a riqueza. Mesmo com tudo isso, ela ainda consegue, olha só, vender o que produz. Essa mulher é extremamente rara.

*A força e a dignidade são os seus vestidos, e, quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações. Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua. Atende ao bom andamento da sua casa e não come o pão da preguiça. (Provérbios 31:25-27)*

Essa mulher não é preocupada como a maioria, pois se adianta ou tem força mesmo em sua mente para lidar com as incertezas. Além disso, num ambiente em que as mulheres pouco conhecem a Lei de Deus (afinal, os pais eram obrigados a ensinarem a lei somente os filhos homens [Dt 11:19 {“filho” é apenas masculino nesta passagem, o que não quer dizer que filhas não podiam ser ensinadas, do contrário, não existiria a mulher virtuosa – mas o

dever mínimo é o ensino aos filhos homens}]), ela conhece a sabedoria da Lei, e instrui com a bondade que há nela (pois a lei é boa [1 Tm 1:8; Rm 7:12]). Mesmo assim, continua acompanhando tudo o que ocorre em casa, de modo que não tem preguiça (hmm... parece que boa parte das mulheres tem sim preguiça; graças a Deus isso não é pecado).

*Levantam-se seus filhos e lhe chamam ditosa; seu marido a louva, dizendo: Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas. Enganosa é a graça, e vã, a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos, e de público a louvarão as suas obras. Provérbios 31:28-31*

Seus filhos a exaltam, seu marido fala bem o tempo todo e, comparando-a com outras mulheres, sabe que ela está acima de todas. Por isso, é dito que a beleza é vã, pois passa, mas a mulher que teme ao Senhor (pois a maioria não é como a virtuosa no temor) continua a ser louvada mesmo depois de sua morte, de modo que publicamente é reconhecida (claramente Provérbios nunca teve problema em reconhecer quando uma mulher merece exaltação pública – depois chamam a bíblia de “machista”).

A mulher virtuosa é a forma perfeita para se concluir um livro cujo parte dos primeiros assuntos é evitar a mulher ímpia – e acaba com o romantismo de muitos maridos, afinal, sua esposa não é virtuosa se não se encaixa nesta estrutura. É evidente que muito mais poderia ser dito de cada mulher, porém, como nosso foco é somente chamar atenção para os textos e mostrar a explicação direta deles, não nos ateremos às minúcias. Que o leitor se dedique a estudar com mais atenção as passagens tratadas.

Assim, o que vimos até aqui, foi uma série de mulheres a serem evitadas, algumas contras as quais nada é dito especificamente, e outras que são boas. Mas no fim, só se trata de mulheres, pois os homens é que precisam saber que tipo de mulher podem suportar ou que precisam. Não tem a ver com “o valor que o homem se dá”, mas sim o que o homem é de fato: aquele que deve dominar. Para exercer isso, é preciso ser sábio e ouvir os conselhos de Provérbios.



- Obs.: em Eclesiastes 7:25-28 há uma forte crítica à mulher. Muitos comentaristas simplesmente acham que é um efeito da experiência pessoal de Salomão que não se aplica à todas as mulheres, contudo, o termo “mulher” pode muito bem se referir às mulheres casadas que se entregam ao pecado (adultério), mas não voltam atrás. Os homens que pecaram assim, contudo, eventualmente voltam o caminho (como Davi). O texto mesmo diz que não se encontra uma mulher entre “estas”, isto é, as que são ímpias (cf. v. 24). A comparação da mulher com a morte ecoa Provérbios, em que se diz que a mulher (adúltera) leva à morte (contudo, ela é pior do que a morte por levar um homem à miséria). Outro ponto é que no final Salomão fala sobre justiça, ressaltando que mulheres *não sabem ser justas*, ou seja, enquanto entre os homens Salomão encontrava um com senso de justiça coerente e equilibrado, entre as mulheres ele não encontrou nenhuma. Pode ser que a intensidade deste problema mude entre antigo e novo testamento (como explicamos no comentário à CFW), mas é evidente que homens são muito mais confiáveis do que mulheres – por isso a confiança que um marido tem na mulher virtuosa é louvável: pois isso é muito raro.

## Conclusão

- Existem vários tipos de mulheres;
- Os homens precisam saber escolher as que melhor se enquadram em seus objetivos;
- Escolher fora deles pode resultar em muito desagrado e sofrimento;
- Há, porém, mulheres que não são para qualquer homem;
- E há uma mulher que é feita somente para um tipo específico de homem

## *As Vestimentas Femininas*

O quanto este assunto causa divisões atualmente é absurdo. Não só por causa de alguns padrões inventados (e outros verdadeiros), mas também e, principalmente, porque não são feitas distinções simples necessárias para a compreensão do texto bíblico. Distinções como, por exemplo, mulher e moça (ou virgem), pecado e desonra (ou vergonha); sem contar os conceitos nossos e os bíblicos, como, também, o fato de as mulheres raciocinarem erroneamente a beleza de acordo padrões europeus e, ao mesmo tempo, pessoas tolas as acusarem de “eurocentrismo” (que não é pecado em lugar algum na Bíblia, e jamais pode sê-lo).

Tudo isso se acumula sobre nossas cabeças, que precisam lidar com pensamentos que classificamos como legalistas, liberais (teologicamente), culturais ou somente errados mesmo. Por conta disso, começaremos traçando algumas distinções básicas, somente para que tudo fique mais claro.

### DISTINÇÕES

#### *Mulher e Moça*

A primeira coisa que as pessoas não costumam perceber é que as exigências a respeito das vestimentas são feitas sempre considerando as mulheres *casadas*, e isso é bem simples de perceber, até mesmo pela linguagem bíblica e contexto em que elas aparecem sendo ordenadas a se vestirem de determinado modo (veja o contexto de 1 Tm 2, por exemplo, ou 1 Pd 3 – sempre sinalizando o marido em conjunto).

Como já dissemos em outro texto, a escritura não está preocupada primeiro com as questões de sexo masculino e sexo feminino, mas sim com hierarquias: marido – esposa | governantes – governados | senhores – escravos | Deus – homens | pais – filhos etc., pois Deus criou o mundo, e inclusive os anjos, fundamentados em estruturas hierárquicas. Por isso, quando o texto bíblico quiser ressaltar algo referente a uma mulher não casada, normalmente o termo aparece como “moça” ou “virgem” e, apenas em poucos casos, moças não casadas são referidas como mulheres (uma exceção seria o caso de prostitutas, que também são chamadas “mulheres” [1 Rs 3:16], mas não se deve esperar que as regras de vestimentas tenham se destinado a elas).

Assim, é importante que você não esqueça de sempre lembrar do que normalmente se tem em vista quando se fala de mulheres na bíblia: mulher = casada; moça/virgem = solteira (dependendo mais do contexto para se saber se não se fala de noiva). Isso será notado também nos textos que tratarmos.

### *Pecado e Desonra*

Outro problema ignorado é que nem todos os atos de desonra são considerados pecado na bíblia, e nem todos atos de pecado são chamados de desonra. A nudez é uma desonra, mas se fosse um pecado, estar nu ao tomar banho ou para um médico seria pecado. Vamos explicar melhor:

**Pecado:** o pecado é aquilo que exige pena de morte (veja o nosso texto O que é a Lei de Deus?), e cujo sem derramamento de sangue não podemos ser limpos (Hb 9:21-23). Assim, por exemplo, impurezas rituais não eram pecado, pois exigiam banho ou mero período curto até ficar limpo novamente. O pecado é desobediência à ordem ou rompimento das proibições de Deus – em outras palavras, é quebrar a Sua lei (1 Jo 3:4 [que é somente a Torah]).

**Desonra:** a desonra é uma vergonha, vergonha é mera exposição de alguma coisa que nos faz sermos humilhados ou que confunde hierarquias. Por exemplo, fazer qualquer coisa contra pai ou mãe é desonra por confundir hierarquias (embora também seja pecado). Por outro lado, um homem de cabelo comprido comete desonra (1 Co 11:14), mesmo que Deus tenha definido o voto de nazireu permitindo o cabelo longo (Nm 6:5; Jz 16:19) – ou seja, Deus pode ordenar algo que desonra um homem, pois desonra não é, necessariamente, pecado. Claro que desonrar alguém também pode ser uma injustiça (Dt 25:1-12 é sobre desonra e injustiça, por exemplo), mas tal ponto não será necessário no contexto específico que tratamos.

As perguntas que surgem, portanto, são: 1 – **uma mulher ou moça que não se veste de determinado modo peca ou comete desonra?** 2 – **Quando alguém do sexo feminino precisa se vestir de determinado modo, isso implica toda pessoa do sexo feminino ou somente uma categoria de mulher?** Essas perguntas principais serão respondidas abaixo. No entanto, é preciso observar que o nosso texto não se voltará para “se” a bíblia exige algo – pois exige -, mas qual o nível dessa exigência (pecado ou desonra) e a quem ela atinge (mulheres em geral ou um grupo delas).

### *Inspiração cultural não bíblica e acusação falsa*

Por último, atualmente há um reboiço buscando-se o estilo “tradicional” das mulheres. Tal coisa, em si, não carrega nenhum problema bíblico, já que qualquer que seja o estilo (europeu, asiático ou americano dos anos 40), não há pecado em nenhum deles. Por esta razão, quem acusa estas mulheres de serem miseráveis pecadoras por reviverem coisas de povos colonialistas, é o verdadeiro pecador. Não há razão para acusação, já que a falha aqui está em não entender que “esposa tradicional” **não** equivale à mulher dos anos 40 americana – isso é só uma tolice, não um pecado.

Assim, tanto quem acusa é miserável quanto quem se acha sendo excelente por causa do modelo que busca é tola(o). A bíblia não nos deu um modelo europeu ou americano, mas também não permitiu que acusássemos a imitação destes modelos de pecado. Pecado é somente a transgressão da lei de Deus, e não regras de conduta culturais e humanas. Fora disso só temos uma série de discussões de opiniões que não levam a lugar algum, exceto à divisão e briga.

### ROUPAS NO AT

#### *Roupa e pecado*

Intrinsecamente, não é possível dizer que o não uso de roupas é pecado, ou que determinado tipo de roupa o seja. Primeiro, por causa da criação do homem, na qual não havia vestimenta. Segundo, porque pecado o é em todos os contextos (não existe contexto em que adultério seja permissível, ou mesmo a blasfêmia contra Deus) – assim, se é pecado o não uso ou determinado uso de vestimentas, então alguém, ao tomar banho, ou dormir com menos roupas, estará em pecado – algo absurdo e que só passa pela cabeça de pessoas que não têm misericórdia.

- Obs.: adultério não é errado só porque caímos em Adão, mas porque Deus estabeleceu na criação que a mulher é de um homem, portanto, não sendo permitido por Deus desde a criação do mundo à mulher ter dois maridos.

No caso da mulher, porém, Deus deu os cabelos, como Paulo mesmo argumenta em 1 Co 11, mostrando que em lugar do véu ela tinha este modo como sinal de autoridade do homem sobre ela. Contudo, com a queda, este sinal por alguma razão não tinha mais efeito, de modo que se tornou necessário o uso de uma vestimenta de véu como meio de sinalizar aos anjos que determinada mulher pertence a um homem. Assim, mesmo o uso do véu

não poderia entrar estritamente na estrutura de pecado, pois nunca houve lei bíblica que o estabelecesse, apenas o costume baseado na *natureza* da relação entre homem e mulher e da própria mulher e do próprio homem.

Além disso, não existe lei sobre vestimenta masculina (eu sei que você pensou Deuteronômio, mas chegaremos lá), o que prova que a preocupação com a vestimenta feminina (da qual também não há lei, mas sempre há instruções sobre) tem relação com seu pertencimento ao marido. Ora, do mesmo modo como a Igreja pertence a Cristo, a esposa pertence ao marido e, por isso, quando a Escritura fala sobre novo casamento, apenas a mulher é vedada de ter novo casamento enquanto o marido está vivo (Rm 7:2, 3; 1 Co 7:39). O fator é óbvio: a própria mulher não tem que vestir algo apenas por ser mulher, mas sim por ser casada – o que exclui as solteiras das instruções sobre vestimentas.

Se isso não esclarece muito bem como a vestimenta é uma questão de honra/desonra (para o marido, não para a mulher), e não de pecado, veja o caso de Isaías:

*Nesse mesmo tempo falou o Senhor por intermédio de Isaías, filho de Amós, dizendo: Vai, solta o cilício de teus lombos, e descalça os sapatos dos teus pés. E ele assim o fez, indo nu e descalço. Então disse o Senhor: Assim como o meu servo Isaías andou três anos nu e descalço, por sinal e prodígio sobre o Egito e sobre a Etiópia, assim o rei da Assíria levará em cativeiro os presos do Egito, e os exilados da Etiópia, tanto moços como velhos, nus e descalços, e com as nádegas descobertas, para vergonha do Egito. (Isaías 20:2-4)*

Deus *ordena* que Isaías ande nu por três anos, sinalizando o juízo do Senhor contra o Egito. Muitos, porém, afirmam que Isaías tirou apenas a “capa de profeta”, algo que não é verdade, pois o texto compara (com um “assim”) a nudez de Isaías com a nudez dos que seriam levados para o exílio: com nádegas de fora. Claro, se você conferir o texto hebraico, não haverá dúvidas de que “curvas de fora” significa “nádegas” e, portanto, temos Deus ordenando Isaías ficar por três anos entre o povo totalmente nu, sem esconder suas vergonhas.

- Obs.: além dessa profecia se referir literalmente ao Egito da época de Isaías, também se refere à Israel, no Novo Testamento, que foi destruído pelos romanos (Ap 11:8 [o Senhor foi crucificado em Israel, não no Egito, mostrando que espiritualmente outro nome da antiga Israel era Egito]). Isso é assim porque uma profecia tem, no máximo, dois cumprimentos: o literal, em sombra, e o real, espiritual – exceto quando se refere diretamente ao Messias, pois não há outro Messias ou outra vinda do Cristo, posterior à profetizada.

Para nossa mente que possui moralidade grega, Deus jamais poderia ordenar isso. Mas isso não é pecado, pois, como o texto aponta, andar nu causa apenas vergonha, humilha, desonra (o homem a si mesmo, e a mulher ao marido). Deus, que não se contradiz, nunca estipulou na lei detalhes sobre

usos de vestimentas para o povo comum (o sacerdote possuía, mas porque a sua roupa era uma sombra em si, apontando para uma realidade espiritual futura, sendo, portanto, uma lei que caducou).

A respeito das mulheres, quando se fala do sexo, sempre se relaciona a nudez dela como sendo, na verdade, do marido (Lv 18:8, 16). Por esta razão, quem desonra uma mulher vendo sua nudez ou tendo relações com ela, está, na verdade, desonrando seu marido, que possui autoridade sobre ela.

O ponto é que, primeiramente, uma mulher nua desonra o próprio marido, e o homem que deseja uma mulher nua (casada, claro), comete adultério – ou seja, o adultério dele está desonrando o marido da mulher (aqui é quando a desonra se torna pecado, mas somente para o que deseja, e não estritamente para a mulher [que terá falta de misericórdia, se continua aparecendo nua para outros homens a desejarem, conduzindo-os ao pecado]). Deus não é estilista, mas tem interesse em preservar os sinais externos que apontam a submissão da esposa ao marido.

## VESTIMENTA NA LEI BÍBLICA

### *Adão e Eva*

Sabemos que quando Adão e Eva pecaram, *sentiram vergonha de sua nudez* (Gn 3:7). Ora, como pode ver, a nudez se tornou um problema para o homem porque o pecado entrou no mundo. Veja que a Lei não diz: “Adão passou a pecar por estar nu”, mas sim que estava com *vergonha* de sua nudez. Nunca foi um problema de pecado, e sim de humilhação.

A lei ensina, em Gênesis 3, não só que a morte tira a carne do homem deixando nu (2 Co 5:1-8 [na época de Paulo, morrer era ficar nu, pois ainda não havia um corpo de glória pronto para os crentes]), mas que o problema com a nudez não existe por haver qualquer maldade nela – já que Deus criou o homem nu, e tudo o que Deus criou é bom. A mensagem espiritual do texto de Gênesis 3 nos leva à compreensão da necessidade de vestes espirituais, já que o corpo de carne e sangue não pode sê-lo (1 Co 15:50).

No fundo, o problema de Adão e Eva era *conhecer* que estavam nus, e não o estarem nus. O conhecimento do pecado, por uma razão espiritual, nos fez perceber a nudez da carne, como sinal da nudez que os crentes enfrentavam em sua morte no AT (Ap 7:9 [veja que sem pecado têm vestimentas, pois a mensagem da vestimenta é outra: a da pureza]).

As vergonhas de Eva e Adão se tornaram, de fato, vergonhas, por serem os meios de a raça humana se propagar. Aquilo que era um orgulho para eles, pois mostrava que podiam gerar filhos à própria imagem (Gn 5:3), como Deus fez com o homem (Gn 5:1), tornou-se em humilhação e, por isso, a vergonha atrelada ao pênis e à vagina se tornou ampla: agora a geração de filhos produzia impurezas (Lv 12 e 15 [não é o sexo que gerava impureza, mas o ter filhos e o contato com sêmen]). De Gênesis 3 é tudo o que podemos saber.

- Obs.: note Êxodo 19:10 ordenando que se lavem as roupas dos israelitas, sinalizando a purificação do corpo (novo) dos crentes, e não somente da roupa (cf. Zc 3:3-5). A mensagem não tem relação com roupas em si, não é para lavarmos as roupas quando formos orar, e sim uma purificação do pecado ou o sinal de que teremos novo corpo (não de carne e sangue) no céu.

## O véu

*Rebeca também levantou seus olhos, e viu a Isaque, e desceu do camelo. E disse ao servo: Quem é aquele homem que vem pelo campo ao nosso encontro? E o servo disse: Este é meu senhor. Então tomou ela o véu e cobriu-se. (Gênesis 24:64, 65)*

Mesmo com um homem a vendo (o servo), ela não se cobria com o véu. Contudo, ao se aproximar Isaque, notou a necessidade de cobrir-se, apontando que ela se preparava para o noivado com ele (ela entendeu imediatamente para quê Isaque tinha vindo vê-la). Ora, Rebeca é uma prova não só de que a solteira podia andar sem véu, mas que o véu apontava, já em Gênesis, uma submissão presente somente a quem é casado ou noivo – e no versículo 67 já estão casados! O que temos aqui é o claro sinal de que somente o noivado (sabendo Rebeca que Isaque veio para tomá-la por esposa) e casamento é que impõem regras de vestimentas sobre as mulheres.

*Então o sacerdote apresentará a mulher perante o Senhor, e descobrirá a cabeça da mulher (Números 5:18)*

Em Números 5 temos o caso do ciúme do marido sobre a mulher. E o que vemos? Naturalmente, o sacerdote precisa *descobrir* a cabeça da mulher para que esta fique diante de Deus, a expondo para Deus e desonrando o marido (que não tem provas se a mulher realmente adulterou, neste texto). Isso mostra que a mulher casada utilizava véu e, isto, em honra ao marido.

Há um caso, porém, em que uma mulher não casada se vale do véu:

*Então ela tirou de sobre si os vestidos da sua viuvez e cobriu-se com o véu, e envolveu-se, e assentou-se à entrada das duas fontes que estão no caminho de Timna, porque via que Selá já era grande, e ela não lhe fora dada por mulher. (Gênesis 38:14)*

Tamar acaba por enganar Judá, visto que este não lhe dera Selá em casamento. Judá a trata como uma prostituta cultural (este é o sentido do termo hebraico utilizado por ele aqui). E como ele sabia que ela era supostamente uma prostituta cultural e não uma prostituta comum? Pelo fato de ela se cobrir com véu e estar em um caminho específico. Somente uma prostituta cultural cobriria a cabeça neste contexto. Como este tipo de prostituta não é mais comum, torna-se difícil de se entender esta passagem (note, porém, que Judá não ofereceu nenhum culto a outra divindade por meio dela, pois a usou como uma prostituta comum [zanah] e não sagrada [qedesha] – o que explica a pequena variação do uso do termo no texto hebraico).

## *A única regra para vestimenta geral na Lei*

*Não haverá traje de homem na mulher, e nem vestirá o homem roupa de mulher; porque, qualquer que faz isto, abominação é ao Senhor teu Deus. (Deuteronômio 22:5)*

Primeiro, o contexto deste texto tem a ver com misturas (não são “várias leis”, elas apenas estão organizadas de um modo que *nós habitualmente não raciocinamos*): não se deve misturar a propriedade do próximo com a minha ou de outro (v. 1-4); não se deve misturar uma ave fêmea com seus filhotes (v. 6-7); deve-se separar a beirada do teto do resto da casa (v. 8); não se deve misturar sementes (v. 9); nem se deve misturar dois animais no arado (v. 10); nem tão pouco vestimentas distintas (v. 11) etc.

Entre estas leis, algumas são sombras (como dois animais no mesmo jugo [2 Co 6:14 {cf. 1 Co 9:9}]) e outras são mandamentos (restituir o animal ao seu próximo). Assim, primeiro precisamos compreender duas coisas: esta lei sobre algo que é de mulher e de homem tem a intenção de separar entre o que cada um pode utilizar do outro (algo claro no contexto), e por ser tratado como abominação em absoluto, deve ser visto como um pecado em qualquer época – ou seja, não estamos diante de uma sombra, mas de um mandamento.

Porém, o que seria roupa de mulher? Pois Paulo, ao dizer que o homem desonra a própria cabeça se orar com ela coberta, não diz que isso é uma abominação, nos fazendo crer que tal lei de Deuteronômio não tem a ver com uso de véu ou não. Note que Paulo teria este texto para recorrer em 1 Co 11 para dizer que um homem não pode usar cobertura de cabeça, contudo, escolhe não o fazer, pois a cobertura de cabeça não é algo propriamente feminino e porque o texto também tem outro significado.

Veja, o que seria um “traje de homem” e “de mulher”? Um kilt das regiões escocesas seria roupa de homem ou de mulher? E uma calça, seria roupa de homem ou de mulher? Como já dissemos, não faz sentido definirmos para a lei linhas demarcatórias culturais; portanto, este texto de Deuteronômio não pode estar afirmando algo sobre vestimentas que podem mudar culturalmente (do contrário, até hoje deveríamos utilizar as roupas daquela época e região, não acha? – algo do qual não há mandamento).

O primeiro ponto é que a tradução está errada. A tradução correta (que até o grego pegou) é: “Uma mulher não pode utilizar sobre si coisas de guerreiro, e nem um homem pode vestir vestimentas de mulher”. Notou que o sentido é diferente? A fraseologia não tem interesse em que a mulher não possa utilizar uma calça, por exemplo, mas que ela não utilize coisas próprias dos homens – mais propriamente objetos, e não roupas em si.

Além disso, o termo para ‘homem’ utilizado neste texto é *geber*, ou “homem forte”, “homem de guerra” [Gn 6:4; Ex 12:37; Js 10:2] mostrando que é esse tipo de masculinidade que a mulher não pode se associar. Daí, fica evidente por qual razão não se deve dar às mulheres armas ou ferramentas de guerra masculinas. Isso não depende de cultura, pois é evidente que uma arma o é

em qualquer lugar – razão pela qual Sísera, sendo morto por uma mulher, não o foi com instrumentos masculinos, mas neutros (Jz 4:21; cf. Jz 9:53 [nunca uma mulher santa mata um homem com alguma ferramenta de guerra masculina – **por isso Juízes sempre descreve quais ferramentas as mulheres utilizaram, para provar a santidade da ação**, e mostrar que as mulheres mantiveram submissão à Lei de Deus]). Suponho que se dissermos hoje que só homens têm direito ao porte de armas imediatamente as mulheres mudarão o argumento, dizendo que têm direito em conjunto (ao invés de dizer que “armas matam”).

No caso do homem, não lhe está sendo proibido usar uma parte da roupa feminina, mas inteira. Por isso, o texto não proíbe “jóias” ou maquiagem femininas, mas, sim, “vestimentas”, sinalizando que somente quando um homem se veste integralmente como uma mulher é que ultrapassa essa proibição. Assim, os romanos, que passavam lápis no olho, ainda não pecavam, e nem sul coreanos que cuidam da pele não pecam. Porém, os homens que se vestem completamente como mulheres (algo reconhecível em qualquer cultura) quebram esta lei, e são abomináveis ao Senhor.

- Obs.: veja que a lei nunca tratou homem e mulher iguais. À mulher é permitido ficar mais próximo de um jeito masculino do que o homem da mulher (ou seja, não foi vedado à mulher uma roupa masculina, mas sim instrumentos de batalha masculinos). E, ainda assim, há elementos que são permitidos em ambos os lados. Por outro lado, bobagens talmúdicadas que proíbem o homem até mesmo de raspar os pelos pubianos devem ser descartadas, já que o texto proíbe não a remoção de algo, mas o acréscimo de um conjunto de coisas. E quando este conjunto de coisas se torna pecado? Quando cobre tanto a parte superior quanto inferior do homem com roupas femininas.

No fundo, uma mulher pode utilizar roupas de homem, desde que não se utilize dos acessórios masculinos; um homem, porém, pode utilizar acessórios femininos, mas não suas roupas (em conjunto). Um homem ficar nu é vergonha para si, e há alguma contra indicação – uma mulher nua desonra o marido e há muita contra indicação. Se te parece estranho, pergunte por qual razão uma fruta poderia ser proibida e todas as outras não. A lei de Deus não é simétrica e não tem essa intenção. Moral e ética simétrica é o modo grego e romano de raciocinar as coisas.

## PROFETAS E POÉTICOS

### *Roupa de ímpias*

Já vimos como Isaías é tratado a respeito da sua própria roupa, mas vejamos o que ele fala das roupas femininas:

*Diz ainda mais o Senhor: Porquanto as filhas de Sião se exaltam, e andam com o pescoço erguido, lançando olhares impudentes; e quando andam, caminham afetadamente, fazendo um tilintar com os seus pés; portanto o Senhor fará tinoso o alto da cabeça das filhas de Sião, e o Senhor porá a descoberto a sua nudez, naquele dia tirará*



*o Senhor os ornamentos dos pés, e as toucas, e adornos em forma de lua, os pendentes, e os braceletes, as estolas, os gorros, e os ornamentos das pernas, e os cintos e as caixinhas de perfumes, e os brincos, os anéis, e as joias do nariz, os vestidos de festa, e os mantos, e os xales, e as bolsas. Os espelhos, e o linho finíssimo, e os turbantes, e os véus. E será que em lugar de perfume haverá mau cheiro; e por cinto uma corda; e em lugar de encrespadura de cabelos, calvície; e em lugar de veste luxuosa, pano de saco; e queimadura em lugar de formosura. (Isaías 3:16-24)*

Este texto de Isaías nada diz contra os enfeites ou véus. Ora, a própria lei demonstra que as mulheres casadas usam véu, portanto, por qual razão o véu poderia ser algo ruim? O mesmo podemos dizer dos espelhos. Não existe, neste texto, um julgamento contra os objetos, mas contra as pessoas que os utilizam. Se este texto proibisse essas coisas, por consequência, deveríamos proibir todas elas – desde os ornamentos de pés até os véus. O problema é claro no texto: as filhas de Sião se exaltam, e é por isso que o juízo veio sobre elas. Na bíblia, exaltar-se não é meramente sentir-se grande, de modo genérico, mas tem ações práticas (2 Cr 32:25; Jr 13:15 [mostrando que orgulhoso é quem não ouve a Deus em suas ordens]). Essas mulheres, portanto, se exaltavam e enriqueciam para si mesmas (cf. v. 15), ganhando para si, comprando enfeites para si, e ignoravam o pobre. Normalmente, aquelas que muito exibem de sua beleza esquecem-se da piedade, porém, jamais podemos condenar como pecaminosa nenhum nível de beleza ou acessórios em si.

Além disso, o termo traduzido como “impudente” na verdade sinaliza desejo de ter algo. Os olhares dessas mulheres continuavam desejando ter mais (não que necessariamente olhassem outros homens). O juízo de Deus sobre elas é tirar as coisas que nunca foram erradas se possuir. Portanto, o ensino deste texto é: jamais cuide uma mulher da aparência a ponto de ignorar a piedade.

### *Roupas de prostituta*

Veja o contraste abaixo no que diz respeito à mirra:

*E eis que uma mulher lhe saiu ao encontro com enfeites de prostituta, e astúcia de coração [...] Já perfumei o meu leito com mirra, aloés e canela. [...] Porque o marido não está em casa; foi fazer uma longa viagem. (Provérbios 7:10, 19)*

Essa mulher de Provérbios se valia de enfeites de prostituta e era casada. Porém, o que são tais enfeites? Ora, não são coisas necessariamente ruins, pois essa mulher prostituta também utilizava tapeçaria em sua casa (v. 16), e nós sabemos que a mulher virtuosa também cuida do seu lar com tapeçarias (Pv 31:22). Linho fino estava presente no tabernáculo, além de que mirra é deliciosamente utilizada para a relação sexual entre o amado e a amada em Ct 5:5. Portanto, sabemos que o preparo da casa para receber um adúltero não equivale a dizer que estas coisas em si fossem ou sejam impuras. Como na lei não existe separação entre “roupa de prostituta” e “roupa comum”, tal

coisa só pode ser contextual: ou seja, se tornou de prostituta porque a mulher saiu com os enfeites, mas se permanecesse em casa, entre ela e o marido, seriam enfeites para marido e mulher.

*Eu me levantei para abrir ao meu amado, e as minhas mãos gotejavam mirra, e os meus dedos mirra com doce aroma, sobre as aldravas da fechadura. (Cânticos 5:5)*

Veja, por exemplo, como essa passagem de Cânticos utiliza a mirra: ela é óleo sobre todo o corpo da mulher (pois por qual razão estaria somente nos dedos?); o gotejar sinaliza que a mulher estava, literalmente, “besuntada no óleo para o sexo”. Porém, imagine se ela saísse assim? Ora, se fosse uma mulher casada poderia, literalmente, apanhar dos guardas, pois atuaria como prostituta (Ct 5:7). Aqui vemos que o ambiente separa o que é característica de prostituição do que é próprio para o leito matrimonial. No leito, tudo o que é “de prostituta”, pode ser utilizado (lingeries, óleos, enfeites, perfumes, meias sensuais, cintas ligas etc.). Como já vimos, uma prostituta utilizar um véu não a torna mais santa, e o contrário é verdade: uma mulher casada utilizar itens “de prostituta” não a torna menos santa, desde que nos limites próprios da propriedade ou em ambientes para ela e seu marido somente (até porque, a bíblia não proíbe nem mesmo sexo ao ar livre, desde que somente entre o marido e a[s] mulher[es] {Ct 7:12}).

É evidente que poderíamos estender o tratamento, mas tanto a passagem de Isaías responde pelos usos dos profetas, quanto a passagem de Provérbios responde pelos livros poéticos. Confira também Ezequiel 23:26 que mostra a punição para o que os judeus fizeram em Ezequiel 16:17, mostrando que transformaram as joias em imagens de homens (ou deuses) para adorarem (cf. Juízes 8:24-27). Estes textos apontam mais a preocupação de o ouro se tornar em objetos de idolatria (literalmente em deuses falsos em algum formato) do que por si só ser um problema.

## ROUPAS NO NT

O Novo Testamento é mais direto, o que, se não chegarmos com o devido preparo a partir do Antigo, nos fará os mais faltos de misericórdia entre os homens. Não existem leis novas após a Torah, portanto, as instruções do NT precisam ser vistas dentro dos propósitos que os contextos sinalizam, além, é claro, daquilo que o AT já disse: mulher casada é que precisa se preocupar com o que veste.

Além disso, devo comentar que nos Evangelhos não há qualquer coisa relevante sobre vestimentas. Sabemos que Cristo tinha uma túnica sem costura, e que ele foi crucificado nu (seus adversários queriam que ele fosse envergonhado), mas isso não aponta muitas coisas sobre vestimentas (há que se dizer que é provável que em Jo 13:4 Jesus tenha removido totalmente as próprias vestes, em sinal de auto humilhação – cf. Mt 27:35 [onde fica claro que o termo grego pode servir para a roupa inteira]). Nada, porém, saiu da boca de Cristo sobre vestimentas, pois a Lei também não trata disso tanto quanto parece e as mulheres judias, ao que tudo indica, ainda tinham hábito

de utilizarem véu em sua época. E isso explica parte do motivo do porquê somente em cartas gentílicas há alertas sobre vestimentas.

### *Somente aos Gentios*

O primeiro detalhe que precisa ser notado é o fato de, em geral, essa preocupação com as vestimentas se centrar basicamente em tudo que se direciona aos gentios. E isso tem motivos claros: os gentios não tinham tantas regras de vestimentas quanto os judeus no que diz respeito às mulheres (casadas). Ora, não seria incomum, por exemplo, uma mulher casada sair para treinar luta fora de casa totalmente nua, à vista de outros homens (desde que nos arredores de casa, a locomoção era habitualmente limitada à propriedade para as mulheres gregas). Tal atitude de desonra para com os maridos era fortemente presente, principalmente entre gregos (que ironicamente não achavam mulheres com grandes bundas e peitos bonitas). Isso justifica e explica em muito os motivos por trás dos tratamentos do assunto somente em cartas gentílicas.

### *O véu*

Já tivemos o tratamento do véu em dois momentos. Assim apenas apontaremos que, em 1 Co 11, Paulo realmente está argumentando pelo uso do véu, mas com base *na natureza* e, portanto, não diz ser um pecado o seu não uso, mas somente uma desonra *para o marido*. É evidente pelo próprio texto que ele trata somente de mulheres casadas e, portanto, ficam de fora as solteiras (e aqui de acordo com a lei, visto que não há evidência de mulheres solteiras utilizando o véu).

### *Vestindo-se bem*

*Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda. Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos, mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras. A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. (1 Timóteo 2:8-12)*

O contexto aponta duas coisas: a primeira é de que Paulo fala de mulheres casadas somente, e a segunda é de que o foco de Paulo é a santidade, pois é isso que ele aponta ao dizer: "mãos santas [...] do mesmo modo", ou seja, a vestidura das mulheres apontam santidade... mas será exatamente isto? Infelizmente por não se saber grego suficientemente as pessoas não entendem o contraste que Paulo quer fazer. Ele quer dizer que o foco das mulheres não deve ser o traje, mas sim as boas obras. Em português isso poderia ser mais ou menos assim:

"Os homens orem... com mãos santas... **Do mesmo modo**, quero que as mulheres se vistam de modo simples, não querendo transparecer riqueza, e sim demonstrando boas obras". É claro que isso não é uma tradução alternativa, queremos apenas apontar qual é o interesse de Paulo na

passagem, pois mulheres que se preocupam com a própria aparência se esquecem do amor ao próximo e das boas obras (como vimos em Isaías 3). Mas vejamos a passagem, para notarmos o que ela prova detalhadamente:

“Traje honesto”: nada mais é do que uma vestimenta ponderada, sem exageros. Qualquer um que entende como a lei de Deus funciona, sabe que isso não é uma legislação, pois o que é uma roupa ponderada? Ela claramente obedece o que é socialmente aceito como ponderado. Uma mulher não deve exagerar – é basicamente isso que Paulo está dizendo, sem especificar exatamente o que é ser “ponderado” ou “honesto”.

“Pudor e Modéstia”: Pudor, na verdade, é reverência. Transmite a ideia de honra. E já vimos a quem a mulher deve honrar. Contudo, é outra característica geral, que não pode ser bem delimitada sem cair no “legalismo”. Já a modéstia se foca no sentido de algo bem pensado, não de qualquer modo, nem exibindo qualquer coisa. É o outro lado do “traje honesto”. Enquanto o traje honesto se foca na organização, a modéstia da mulher se foca em entender os limites do que pode mostrar e os momentos que pode mostrar (afinal, uma mulher podia tirar o véu para o sacerdote).

Agora, porém, vem a primeira parte do contraste que todo mundo parece ignorar. Ora, se tudo aqui for um mandamento, assim que uma mulher fizer uma trança no cabelo irá pecar, ou usar algo de ouro, ou usar vestido caro (o foco é econômico mesmo). Mas aqui vai outra pergunta: o que é um vestido caro? A partir de quando passa a ser caro? E se ele for caro pra você e não pra mim? Veja que Paulo está dando termos que não são exatamente delimitadores. Portanto, ele tem em vista aquilo que é distinto. Ele quer mostrar que uma mulher que se foca nestas coisas esquece das boas obras. E agora podemos notar de outro modo o argumento dele:

Traje honesto, pudor e modéstia: o modo ideal de se vestir para não se preocupar > não usar coisas caras, pois > assim terá como se dedicar às boas obras.

A preocupação de Paulo não é se uma mulher usa trança, mas se ela deixa de fazer boas obras por se focar na trança e nos cuidados dela. Por esta razão, ele contrasta com aquilo que é comum às mulheres, e que toma seu tempo e dinheiro. O padrão de modéstia das mulheres na bíblia não tem fins sexuais como ponto principal, mas sim *utilitários*: as boas obras. Basta que você se lembre de Isaías 3.

*O enfeite delas [das mulheres] não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de joias de ouro, na compostura dos vestidos; Mas o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus. Porque assim se adornavam também antigamente as santas mulheres que esperavam em Deus, e estavam sujeitas aos seus próprios maridos; (1 Pedro 3:3- 5)*

Interessante que Pedro, tendo a chance de contrastar o uso de roupas grandiosas com mais simples, resolveu dizer que o adorno das mulheres é interno (e não numa quantidade de roupa específica). E aqui isso é mais claro

porque Pedro é mais simples do que Paulo, pois Pedro não era letrado como Paulo. Mas voltemos: o que se contrasta a uma preocupação com usar cabelo frisado, joias de ouro e vestidos belíssimos? O vestir-se de um espírito manso (que não busca discussão) e quieto (que fica em silêncio – cf. 1 Pd 3:1). E Pedro justifica isso, pois na Lei e nos Profetas como as mulheres se vestiam? Com este mesmo espírito, se sujeitando aos maridos.

- Obs.: em um texto sobre prostituição trataremos da “lascívia”. Sobre o fato inegável de que um homem irá desejar uma mulher e uma moça com menos roupas veja nossa explicação sobre Mateus 5 no texto “Poligamia no Novo Testamento”.

Ora, se o marido a manda usar uma determinada roupa, é claro que ela deve ouvi-lo, pois isso é parte da sujeição dela a ele. Mas o que Pedro ensina é que uma mulher que prioriza a aparência tende a não ter espírito manso e quieto, e nem submissão ao marido. Geralmente mulheres vaidosas não se submetem bem, pois se preocupam mais consigo do que com a obediência devida. Por essa razão mulheres mais simples têm maior facilidade de obediência e mansidão do que mulheres que são cheias de vaidade.

#### *Vaidade*

E falando em vaidade, é verdade que ela é pecado? Claro que não, pois, como diz o sábio, “tudo é vaidade” (Ec 1:2), e mesmo assim fazemos tudo, inclusive, trabalhamos, mesmo o trabalho sendo vaidade (Ec 1:3, 4). Ora, todos nós somos vaidosos, pois vaidade significa apenas fazer algo que não dura para sempre. Não se espante que eu lhe diga: vaidade não é pecado, pois até mesmo olhar algo e ouvir algo está incluso em vaidade (Ec 1:8). Pior, buscar a sabedoria (intelectual) também é vaidade (Ec 2:15). Afinal, vaidade é aquilo que passa, e não a maldade. A vaidade como maldade é somente quando em prol de uma vaidade eu faço injustiça a outro, pois a justiça é algo de Deus, e não do tempo, ou da vida comum. A bíblia nunca falou das vestimentas como uma vaidade no sentido de ser algo malicioso, exceto, é claro, no fato de que a prioridade a elas impeça as pessoas de fazerem boas obras.

Ironicamente as vestimentas “modestas” têm feito muitas pessoas deixarem de praticar boas obras. Em parte, porque muitas mulheres estão tão preocupadas com a “vestimenta certa” (ignorando que Paulo apenas diz para ser simples), que deixam de ajudar os outros em prol de uma suposta pureza pessoal. Pior, há mulheres que deixam de ajudar moças por crerem que estas são ímpias em seu modo de vestir – o que é uma completa tolice e injustiça. Mais ajudariam se não se preocupassem com a vestimenta antes de se preocuparem com as boas obras. Novamente, uma mulher pode ter a roupa que quiser, mas no momento em que a vestimenta atrapalha suas boas obras deve ser abandonada como qualquer nível de prioridade.

#### QUAL O NÍVEL DE EXIGÊNCIA?

Podemos responder à pergunta: é pecado ou desonra?

É desonra, pois uma mulher desonra o próprio marido ou noivo ao se vestir se mostrando por aí; e nada diz da solteira nas escrituras.

#### A QUEM ELA ATINGE?

Como acima, somente as mulheres casadas estão em vista quando se fala das vestimentas, não havendo qualquer regulamento específico para moças que nem noivaram. Isso, é claro, está assim para confundir a mente dos homens, que pensam entender da lei de Deus e ignoram a misericórdia e a justiça.

Isso não quer dizer que leis humanas não possam punir falta de vestimentas, porém, elas estarão acima da exigência de Deus, faltando, assim, com a misericórdia. Claro, a ordenação humana deve ser seguida o quão possível for (pois sabemos que várias ordens se contradizem, mesmo sob um governo de um único homem). Nós, contudo, estamos apenas tratando sobre o que é e o que não é pecado, nada mais além disso.

#### Conclusão

- Há pouca coisa sobre vestimenta feminina nas Escrituras;
- Não é pecado um vestir-se mal;
- É pecado acusar falsamente alguém (por se vestir bem ou mal);
- As escrituras não ensinam nada sobre vestimenta das moças solteiras;
- As escrituras delimitam como devem se vestir as casadas;
- Contudo, a vestimenta é controlada pensando na honra do marido e nas boas obras da mulher.

### *Filhos e Filhas*

Agora faremos uma breve consideração sobre o cuidado dos filhos, e precisamos fazer isso principalmente tendo em mente a disciplina que, de um lado, nos ensinam ser pecado abrir mão e, do outro, que na Bíblia não existe disciplina com vara literalmente. Ora, ambas as posições estão erradas, e isso porque ambos não conseguem entender o que dizemos no início deste livro: pecado é o que se aplica a pena de morte no texto – portanto, embora as escrituras nos instruem a corrigir os filhos com vara, elas jamais nos ensinam que é pecado negligenciar isso. Mas vamos por partes:

#### O QUE É EDUCAÇÃO NA BÍBLIA?

Muitos têm distorcido, em prol da intelectualidade e da 'herança cristã intelectual', os textos bíblicos que falam sobre educar os filhos. Não existe um texto que prove, por exemplo, ser dever dos pais ensinarem as matérias em geral para as crianças, porém, é dever dos pais ensinar algo às crianças de fato. Mas vejamos primeiro o que dizem por aí:

*Não os encobriremos aos seus filhos, mostrando à geração futura os louvores do Senhor, assim como a sua força e as maravilhas que fez. Salmos 78:4*

Muitos dizem que o Salmo 78 prova que devemos ensinar aos nossos filhos sobre a criação de modo geral, apontando, por exemplo, história, ciências e linguagem. Contudo, o texto é tão óbvio que só se esforçando alguém consegue ver algo diferente do que diz. O texto fala sobre a lei (v. 1) e os eventos que ocorreram na antiguidade (v. 2, 3). Ora, a prova disso está nos versículos 12 a 16, por exemplo, no qual se relata eventos do livro de Êxodo. Para o autor do salmo, 'educar' (se é que podemos usar este termo) é nada mais nada menos do que ensinar a Lei de Deus, e os eventos que nela estão registrados.

Isso quer dizer que é errado os pais ensinarem ciências, história ou qualquer outra matéria? Não. Não somos dialéticos. Apenas queremos dizer que não é isso que a Escritura quer passar à responsabilidade principal dos pais para com os filhos. Aos filhos se disciplina no Senhor, e ensinar no Senhor é ensinar as coisas do Senhor, registradas na Lei do Senhor, e não na ciência mutável humana.

Mas se não bastasse isso, a lei claramente nos diz o que deve ser ensinado aos filhos e como:

*Ponde, pois, estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma; atai-as por sinal na vossa mão, para que estejam por frontal entre os olhos. Ensinai-as a vossos filhos, falando delas assentados em vossa casa, e andando pelo caminho, e deitando-vos, e levantando-vos. Escrevei-as nos umbrais de vossa casa e nas vossas portas, para que se multipliquem os vossos dias e os dias de vossos filhos na terra que o Senhor, sob juramento, prometeu dar a vossos pais, e sejam tão numerosos como os dias do céu acima da terra. Deuteronômio 11:18-21*

Muitos ao lerem este texto supõem que ele ensina qual é o método didático em geral: repetição. Mas isso é uma tolice. A repetição está ligada ao conteúdo, e Deus quer que a repetição seja somente dos materiais que ele nos deu, isto é, da sua Palavra (no caso, a Lei em particular). Quer dizer que se isso se aplica à lei se aplica a outras áreas? Não, porque a Lei de Deus não muda, mas os achados históricos, científicos e a linguagem muda, portanto, é possível que a repetição seja até mesmo nociva nestas outras áreas.

Não existe na Escritura um método didático abrangente para outras áreas. O que podemos observar é que a Escritura se preocupa com o ensino dela mesma, e tão somente isso.

Além disso, o não ensino da lei não é caracterizado como pecado. O objetivo de Deus ao passar aos pais a responsabilidade de ensinar é que os filhos pratiquem a lei – e se, por acaso, praticarem sem o ensino, estarão fazendo o certo, ainda que não compreendam completamente. De outro modo, os pais não recebem *nenhuma punição por não ensinarem os filhos, antes, os filhos é que serão punidos caso não sejam ensinados pelos pais, por isso a disciplina é fruto de amor*, visto que os pais pensarão nos filhos e na preservação deles, não sendo isso contrastado com a negligência dos pais – pois pais *podem* ser negligentes (Pv 3:12; Hb12:6; Dt 8:5; Pv 13:24).

Portanto, fica claro que a Lei de Deus se preocupa pura e simplesmente com a educação no Senhor, isto é, sobre as coisas do Senhor – e não se envolve em nada com a educação *Construtivista* ou *Tradicional* ou *Clássica* – essas coisas são meros métodos, tão somente isso, e tornar sua aprovação ou reprovação uma questão de fé é subverter o texto bíblico.

#### DE QUEM É O DEVER DE EDUCAR?

Ora, vimos que previamente o texto parece não indicar quem deve ensinar a lei de Deus, afinal, tanto o pai quanto a mãe estão envolvidos em graus no ensino. Contudo, não podemos ignorar que no texto bíblico as mães parecem mais presentes do que os pais no ensino pessoal, e isso por alguns motivos:

Primeiro, porque os pais executavam os trabalhos mais extenuantes e distantes do lar, enquanto, por exemplo, numa guerra, *todas as mulheres continuavam no lar*.

Segundo, porque numa estrutura poligâmica, é impossível que o pai dê atenção individual a cada filho todo o tempo, sendo isso muito mais fácil por parte materna.

Terceiro, porque temos exemplos práticos disso na Escritura.

#### *O Pai como quem dá a instrução inicial e a mãe como educadora*

É importante você entender que o casamento frequentemente era feito com a mulher sendo muito mais nova, ainda em fase de 'aprendizagem' da lei. O que, naturalmente, implica que ela seria ensinada pelo marido durante algum tempo. Além disso, caso o pai estivesse com os filhos, deveria ensinar-lhes a lei e serem corrigidos pelos pais caso a quebrassem (Pv 3:1, 11 [Salomão claramente se direcionando de modo paterno]). E isso de tal forma que um filho que cai em pecado é uma desgraça para o pai (Pv 17:21). Contudo, é sugestivo que você não vê em Provérbios uma preocupação com homens que não são sábios com a lei em relação *ao lar*, mas sim mulheres (embora o próprio livro seja para homens conhecerem a Lei de Deus).

Veja este exemplo:

*A mulher sábia edifica a sua casa, mas com as próprias mãos a insensata derruba a sua. Provérbios 14:1*

Uma mulher só edifica uma casa ou a derruba se o seu papel interno no lar for maior do que estamos dispostos a aceitar. E aqui é importante você se situar em relação ao básico de um lar:

Uma mulher naquela época não ficava o dia limpando a casa e lavando vasilhas. Na realidade, era habitual se comer com as mãos (já que o garfo como tal só se tornou popular há pouco mais de 200 anos), e nas casas não era comum haver pratos e mais pratos e copos. Em geral, uma mulher se preocupava em costurar e preparar comida, fora disso podia sair para negociar e até mesmo vender itens dentro do limite das habilidades dela (Pv 31:13, 16, 22 [o que implica até mesmo ficar com o dinheiro dentro da casa, já que só com dinheiro para poder negociar numa época em que não haviam



celulares ou coisas do tipo). O ponto é que com este poder em mãos, e mais tempo com os filhos em casa, quem acabava sendo responsabilizada pela falta de ensino da Lei aos filhos era a mulher:

*A vara da correção dá sabedoria, mas a criança entregue a si mesma envergonha a sua mãe. Provérbios 29:15*

Como pode ver, a ideia de corrigir no texto não é do pai, pois por qual motivo a falta de correção do pai seria vergonha para a mãe? A razão é simples: é porque a primeira instância de correção dos filhos era a mãe e não pai. Os dois pais entravam em ação contra o filho apenas em casos mais extremos (Dt 21:18-21 [o filho é morto por quebrar o mandamento de "honrar pai e mãe" após a vida adulta e ainda morando com ambos {não, não era habitual um homem se casar tão cedo quanto fazem parecer atualmente, o casamento cedo foi um fenômeno relativamente recente}]).

De qualquer modo, o pai pode não se contentar em um filho tolo (que quebra a lei de Deus), mas é a mãe que se envergonha pelo fato de um filho não seguir a lei de Deus, visto que ela é que seguiu de perto a disciplina do filho.

Mas temos mais uma prova de como a mulher até mesmo se envolvia no ensino de coisas práticas da vida de um filho (homem): Provérbios 31 é escrito por uma mãe para seu filho (v. 1, 2), portanto, sabemos que mulheres além de ensinar a lei também ensinavam aos filhos como identificar outras mulheres boas para o casamento. Mulheres são ótimas em identificar outras, só precisam estar direcionadas pela lei de Deus, e não pelos costumes da época.

#### QUEM DEVE SER EDUCADO?

Aqui falaremos de algo que todos ignoram: na lei a 'obrigação' é de ensinar os filhos homens, não as filhas. Por esta razão, entre as habilidades únicas da mulher virtuosa está o conhecer a Lei de Deus (Pv 31:26). Por qual motivo essa habilidade é tão louvada nela se fosse comum nas mulheres? A razão é simples: as mulheres não eram o primeiro objetivo do ensino da Lei, e sim os homens (por isso a bíblia é escrita para homens, e não mulheres).

Isso quer dizer que é pecado ou errado os pais ensinarem às filhas? Não. Pois como a mulher virtuosa saberia a lei se não lhe fosse ensinado pelos pais? O objetivo é mostrar que os meninos são a prioridade no ensino da Lei de Deus, enquanto as moças podem ser ensinadas em segundo plano. Ironicamente, invertemos totalmente isso, hoje nos focamos em cuidar das moças mais do que dos rapazes, o que é prova de quão sensíveis somos, pois temos sido guiados em função de quem é mais sensível, e não de quem é mais forte *naturalmente*.

#### A VARA

*Não hesites **em disciplinar a criança**; ainda que precisas corrigi-la **com a vara**, ela não morrerá. **Castiga-a**, tu mesmo, **com a vara**, e assim a livrarás do Sheol [...] Provérbios 23:13, 14*

***Corrige** a teu filho enquanto há esperança; [...] Provérbios 19:18*

*A **vara** da disciplina e as **palavras** da repreensão dão sabedoria [...] Provérbios 29:15*

*A **tolice** mora **naturalmente** no coração das **crianças**, mas a **vara** da correção as livrará dela! Provérbios 22:15*

Tendo notado que a correção é naturalmente conectada ao amor em relação ao filho, não se deve pensar que quanto mais um pai ou mãe corrige o filho mais o ame. E aqui teremos que fazer uma distinção: existe disciplina por quebrar a lei de Deus e disciplina por desobedecer primeiro aos pais (o que ainda será uma transgressão da Lei, mas você compreenderá em breve).

Uma transgressão imediata da lei de Deus é uma criança furtar, murmurar contra os pais, demonstrar interesse na idolatria, prestar falso testemunho ou qualquer outra coisa que Deus condene. Neste caso, quando uma criança é corrigida em relação a estas coisas, sua alma está sendo livrada do *Sheol*, isto é, da morte de fato. E a morte é a punição pelo pecado. Assim sendo, considerando que os pais ensinam a lei de Deus, eles mesmos têm o papel de corrigirem os filhos no que diz respeito à lei de Deus.

Nessa atuação o que temos é que é preciso fazer este tipo de correção enquanto houver esperança, pois depois de o filho crescer ou de morrer não há o que fazer mais. Os filhos, portanto, precisam ser disciplinados em relação às quebras dos mandamentos de Deus.

Contudo, existe um segundo caso: e se um filho não quebra um mandamento de Deus, mas desobedece aos pais? Por exemplo, suponha que você tenha ordenado ao seu filho que não jogue água sobre um eletrodoméstico. Caso ele o faça, na realidade, não terá pecado, não por causa do eletro, já que a lei nada diz quanto a jogar água em objetos pela casa. Porém, o filho terá pecado por desobedecer aos pais neste sentido.

Neste nível de desobediência a Escritura não passa nenhuma instrução, o que permite os mais variados tipos de punição/repreensão ou falta dela. Ora, uma criança que assim procede, mas é disciplinada sempre no mesmo nível, pensará que tudo é lei de Deus, o que é mentira. Por isso, o ensino da Escritura sempre gira em torno de: ensinar os filhos guardarem a lei e discipliná-los se falharem nessa guarda.

Boa parte dos conflitos entre quem acha que deve se disciplinar os filhos pelo menor desvio e os que creem que não se deve disciplinar os filhos por nada é porque não sabem diferenciar entre o que é e o que não é pecado: ou seja, lhes falta sabedoria por não conhecerem a lei de Deus.

Por isso, a Vara é essencial, embora não impositiva em termos de pecado ou não. Se quer ver seu filho livre da morte, isto é, longe do pecado, use a vara, se não o ama o suficiente, você só não usará a vara quando o ver furtar ou qualquer coisa semelhante.

De qualquer modo, o foco da existência dos filhos é os pais, de modo que negligenciar a correção aos filhos é menos grave do que os filhos

desobedecerem aos pais – voltaremos ao assunto dos filhos existirem para os pais.

Poderíamos ir além: todos os Provérbios que falam de vara realmente falam de vara, isto é, algo que você utiliza para bater nos filhos, porém, os Provérbios se focam no pecado imediato, e não em falta de educação ou civilidade. Os pais, por causa do seu poder podem disciplinar por qualquer coisa, mas lhes é exigido apenas que cumpram em relação à lei de Deus.

- Obs.: por qual motivo Provérbios fala de “vara” e não de “mão” – não posso bater com a mão? Obviamente que pode, porém, o objetivo de Provérbios é ensinar a utilizar a vara para que a criança tenha medo da vara, e não de você – embora te tema por ter o poder de utilizar a vara. Crianças que apanham para as mãos dos pais tendem a replicar mais violência, enquanto crianças que apanham por meio de outros objetos tendem a não replicar violência (como socos, tapas e coisas semelhantes). Além disso, o excesso corretivo também tem resultados ruins, considerando que os filhos passam a ficar chateados com os pais, ficando mesmo irados com eles.

Nossa sugestão pessoal é que os filhos sempre saibam por qual motivo estão sendo disciplinados, e se tal disciplina é por uma transgressão de um mandamento de Deus ou por uma ordem específica dos pais. Com a disciplina se dando sempre com calma, e não em momentos de ira ou raiva, evitando-se tapas (Ef 6:1-4 [“disciplina do Senhor” quer dizer “não os disciplinar ou evitar disciplinar por coisas que não sejam do Senhor”, por isso o alerta para não se provocar os filhos à ira, já que os disciplinar por coisas acima do que Deus exigiu provocará ira e pode ser justificada quando inocentes são punidos {o que não quer dizer que filhos possam matar o amaldiçoar pais}]).

Por qual motivo eu sei que os pais podem disciplinar filhos por coisas que não são pecado? Por causa do que Dt 21:20 diz: ‘comilão e beberrão’ – e na bíblia não existe pecado de gula ou embriaguez (para mais sobre isso veja nosso livro Falsos Pecados). Por qual motivo o exemplo particular do texto é que o filho morra por gastar os bens dos pais em bebida e comida? Porque ele tem a intenção de mostrar que os pais possuem poder sobre os filhos, mesmo naquilo que não é pecado. Por isso, por exemplo, o voto de Ana comprometeu Samuel a um voto por toda a vida (1 Sm 1:9-11, 24-28). Não era pecado não dar o filho ao Senhor, mas Ana o fez em voto, tornando obrigatório Samuel obedecer a tal voto até mesmo após ser adulto. Os pais, na bíblia, têm mais poder sobre a vida dos filhos do que nós mesmos estamos dispostos a reconhecer (razão do porquê Noé pode amaldiçoar um filho, mas um filho não pode amaldiçoar ao pai, não importa como este pai seja [Lv 20:9; Pv 20:20]).

Assim, só é importante sabermos distinguir entre o que é ordem nossa e ordem do Senhor, já que nossas ordens, se quebradas, podem ser corrigidas das mais variadas maneiras e sob as mais variadas disciplinas, mas para a quebra das ordens do Senhor ele nos instrui ao uso da vara.

Isso, portanto, prova que tanto quem obriga ao uso da vara como quem é contra ela erram, e erram porque leem a Bíblia pela ótica nossa, às vezes científica e às vezes teológica, e não bíblica.

### *Filhos são herança do Senhor*

O que te passa pela mente ao ler isso:

*Herança do Senhor são os filhos; o fruto do ventre, seu galardão.  
Salmos 127:3*

Se você pensou: "os filhos devem ser bem cuidados porque Deus me deu". Você está enganado, visto não ser este o significado do texto. Ora, para quê serve uma herança e um galardão? Para ser usado. A lógica é que filhos são herança dada pelo Senhor, para que nós usufruamos deles, e por esta razão o salmo continua:

*Como flechas na mão do guerreiro, assim os filhos da mocidade.  
Feliz o homem que enche deles a sua aljava; não será envergonhado, quando pleitear com os inimigos à porta. Salmos 127:4, 5*

Deus deu os filhos aos pais para que os filhos protejam e guerreiem pelos pais. A ideia do texto é que, tendo os filhos como herança do Senhor, eles farão uma guarda para mim, sendo fiéis a mim, obedientes e protetores. Portanto, se os filhos não amam os pais a tal ponto, é porque algo no nosso ensino e cuidado tem dado errado. Na realidade, algo na nossa estrutura de autoridade está errado. Pois se os filhos não veem aos pais como instrutores a quem se sentem gratos, por qual motivo lutarão pelos pais ou cuidarão deles?

De qualquer modo, e para resumir, é preciso distinguirmos o fato de que na lei não existe pena para a não disciplina do filho, mas o filho sofre as consequências de não ser disciplinado em relação ao pecado, o que prova falta de amor por parte dos pais.

### Conclusão

- Filhos homens são prioridade no ensino da lei
- A disciplina bíblica se limita à quebra dos mandamentos
- Ela é feita com vara
- Deve-se evitar disciplinar por coisas fora do Senhor

## *Prostituição e Pornografia*

Tendo descrito todas as coisas que foram chocantes acima, pensamos por bem que vale mais dois capítulos: um sobre prostituição e outro sobre escatologia. O primeiro é por um motivo óbvio – todos pensam que prostituição é o rompimento do laço familiar. O segundo, porém, é o fechamento da introdução deste livro, sobre a lei, visto que precisamos esclarecer as bases sobre as quais estamos escrevendo, e que é necessário

fechar o ciclo deste livro com o assunto de modo semelhante para reforçar os pontos relevantes.

Além disso, tudo o que você viu espalhado pelo livro está aqui de algum modo, sendo uma leitura consequencial e natural do assunto após tudo o que vimos.

## PROSTITUIÇÃO

### *Termos e Palavras*

No português é comum se usar o termo fornicação para nos referirmos ao sexo sem casamento. Normalmente não há compensação financeira por isso. Nos valemos do termo prostituição quando queremos enfatizar alguém que recebe pagamento ou que é extremamente fornicador. Outra palavra é o incesto que, para nós, aponta aquelas relações com graus de consanguinidade, como, por exemplo, uma mãe ou até madrasta (mesmo que esta não tenha o mesmo sangue que você [1 Co 5:1, 2]).

Por último, há a palavra adultério que, em português, vale para homem ou mulher que tenha relação sexual sem ser com o parceiro com o qual se está casado. Eventualmente ocorre de que uma mulher casada seja prostituta, assim, ela pratica a prostituição e comete adultério (como a primeira esposa de Oséias); não é que este termo seja intercambiável com adultério, mas que aqui temos o caso de um adultério cujo foco é, também, receber dinheiro em troca.

Na escritura não é muito diferente. Em hebraico há termos para adultério e prostituição (apesar de não vermos o termo "incesto"). O problema é que, para um judeu, qualquer ato sem contrato de casamento (recebendo dinheiro ou não) ou que seja com algum parente recebe a mesma palavra: zanah. Assim, sozinha ela pode ser traduzida como prostituição, fornicação e incesto; enquanto adultério possui um termo próprio.

O que não te contam é que existe outro termo para prostituição, o "qedesha", que seria algo como "sagrado", "dedicado". Como não temos o contato comum com prostitutas que fazem sexo em honra a alguma divindade, este termo normalmente é traduzido só por "prostituição" mesmo, perdendo o sentido original – algo que não é exclusivo do português. Em grego, também, na versão Septuaginta (LXX) do Antigo Testamento, tanto "qedesha" quanto "zanah" recebem a mesma tradução, "porneia" (e suas variações). Contudo, uma tradução viável para o termo "qedesha" seria "prostituta/prostituição cultural" ou "prostituta/prostituição sagrada", enquanto para zanah e porneia não existe bom equivalente, pois depende do contexto ou pano de fundo para se definir o seu significado. Repare, agora, isso no código de Hamurábi:

*Se um pai consagra [sua filha] a deus [como] uma serva do templo [qadištum] ou uma virgem (código de Hamurábi, lei 181)*

Note que mesmo entre os povos do Oriente Médio há termos semelhantes para prostituta cultural – a semelhança não é mero acidente neste caso, sinalizando que as "qadištum" eram bem vistas pelos povos vizinhos à Israel,

enquanto para Israel estas mesmas qedesha deveriam ser vistas como ímpias e perversoras do culto.

Outra situação é que zanah eventualmente é utilizada para a prática da idolatria em Israel (ou fora). Isso é importante ser notado, pois Israel é a esposa de Deus e adulterava praticando a prostituição. O problema que muitos não notam é que este termo não foi escolhido sem motivo, já que o culto a outros deuses frequentemente envolvia sexo – de forma que, quando se diz que Israel se prostituiu, o que se tem em mente é o sexo cúltico praticado pelo povo (cf. Jz 8:27 [separando a idolatria do sexo cultural]).

Isso levanta um sério problema, pois devemos proceder com o texto como ele foi concebido, e devemos condenar o que o texto condena, e não esticar o sentido dele até o que desejamos: isso fazem os poetas e mestres da literatura. A Lei de Deus, porém, precisa ser lida e compreendida no sentido em que condena as coisas, para não julgarmos indevidamente ou desproporcionalmente uma pessoa. Veremos em termos práticos como as palavras mal utilizadas podem confundir e atrapalhar o sentido que o texto quer passar. Portanto, preste bastante atenção, pois exploraremos cada caso possível (não cada caso particular) passado na Escritura.

## PROSTITUIÇÃO CULTUAL

A lei claramente condena a prostituição cultural, primeiro, nos dez mandamentos, ao dizer, já no primeiro, que devemos ter um único Deus, e este é verdadeiro. Ora, como Deus nunca exigiu como culto o sexo, fica óbvio que a princípio o sexo num culto estava atrelado a outro deus ou a uma forma não permitida pelo Pai. O resultado, é claro, veremos abaixo:

### *Números 25*

*E Israel deteve-se em Sitim e o povo começou a prostituir-se com as filhas dos moabitas. Elas convidaram o povo aos sacrifícios dos seus deuses; e o povo comeu, e inclinou-se aos seus deuses. Juntando-se, pois, Israel a Baal-peor, a ira do Senhor se acendeu contra Israel. (Números 25:1-3)*

O texto atual não está condenando a prostituição no seu sentido estrito, mas sim o pecado do sexo cultural (Nm 31:15-18). O problema foi o culto a Baal-peor pelo sexo, e não o ter relação com moças de outros povos, já que o próprio Moisés autoriza aos israelitas se casarem com as moças solteiras (Nm 31:18, 19), pois a lei não proibia que se casasse com moça estrangeira (Dt 21:10-14), apenas com as especificadas (Dt 7:1-4). Ora, no capítulo 7 de Deuteronômio fica claro o motivo do sexo/casamento ser proibido com estas mulheres: “Pois fariam desviar teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses” (v. 4). No fim, o que temos aqui é, com clareza, a proibição do sexo como culto. Essa é a mensagem do capítulo 25 de Números (cf. 1 Co 10 onde Paulo claramente relaciona isso ao sexo cultural presente no contexto dos coríntios). Quem afirma que este texto se aplica a qualquer tipo de prostituição precisa, em conjunto, provar como isso está neste texto.

Note, como última observação, que “casar-se com descrente” não era pecado na Lei, apenas a indução à idolatria que era (algo que comumente vem como efeito de um casamento com descrente). Isso já impediria que uma igreja disciplinasse alguém por se casar com uma pessoa descrente, exceto caso, por causa deste casamento, o indivíduo caia em idolatria ou pratique pecado que realmente é condenado na lei. Fora disso, o casamento com um idólatra é sempre desestimulado, mas jamais punido exceto em contextos específicos, como o caso de Dt 7 aplicado posteriormente em Números. Em geral, as mulheres destes povos todas já haviam oferecido seu corpo em culto a outra divindade, daí a dificuldade de uma relação sem pecado, ainda mais com um corpo maculado pela idolatria – pois este pecado é contra o corpo.

### *Deuteronômio 23*

*Não haverá prostituta [קִדְּשָׁה - qedesha] dentre as filhas de Israel; nem haverá sodomita [שִׁקְטָה - "qades"] dentre os filhos de Israel. Não trarás o salário da prostituta ["zanah"] nem preço de um sodomita ["cão", em hebraico] à casa do Senhor teu Deus por qualquer voto; porque ambos são igualmente abominação ao Senhor teu Deus (Deuteronômio 23:17, 18)*

Já explicamos na introdução: infelizmente a tradução nos atrapalha aqui: o que está sendo proibido é a prostituta cultual, e ela é abominável para Deus, tanto quanto o prostituto cultual (que veremos em Ezequiel). Depois, por paralelismo, o texto se refere ao prostituto como cão e à prostituta como “zanah”. Ora, já vimos que o texto definiu a prostituta como “qedesha”, então, a única coisa que está em vista aqui é mostrar que esta mulher que faz sexo cultual em troca de dinheiro (aqui está o motivo do uso de zanah) é abominável ao Senhor nosso Deus.

### *Jeremias e Ezequiel*

*Quando eu já há muito quebrava o teu jugo, e rompia as tuas ataduras, dizias tu: Nunca mais transgredirei; contudo em todo o outeiro alto e debaixo de toda a árvore verde te andas encurvando e prostituindo-te. (Jeremias 2:20)*

*Todavia ela multiplicou as suas prostituições, lembrando-se dos dias da sua mocidade, em que se prostituíra na terra do Egito. E enamorou-se dos seus amantes, cuja carne é como a de jumentos, e cujo fluxo é como o de cavalos. Assim trouxeste à memória a perversidade da tua mocidade, quando os do Egito apalpavam os teus seios, por causa dos peitos da tua mocidade. (Ezequiel 23:19-21)*

Em ambos os textos o que se tem claramente em vista são atos sexuais de culto, a tal ponto, que em Ezequiel se enfatiza até mesmo que a ejaculação dos homens ímpios é como a de cavalos. Ora, isso é uma ênfase dada para mostrar não que ejacular fortemente seja pecado, mas porque isso se acrescentava ao culto, com o fluxo maior sinalizando a fertilidade apresentada

no culto aos outros deuses. O que temos, portanto, é um ato de adoração com sexo.

Oséias

*O princípio da palavra do Senhor por meio de Oséias. Disse, pois, o Senhor a Oséias: Vai, toma uma mulher de prostituições, e filhos de prostituição; porque a terra certamente se prostitui, desviando-se do Senhor. (Oséias 1:2)*

*Contendei com vossa mãe, contendei, porque ela não é minha mulher, e eu não sou seu marido; e desvie ela as suas prostituições da sua vista e os seus adultérios de entre os seus seios. (Oséias 2:2)*

Por qual motivo quis Deus que Oséias figurasse por meio do casamento com uma prostituta comum a prostituição de Israel? Ora, porque a prostituição de uma esposa sinaliza a prostituição sagrada de Israel. Até a ênfase nos seios se faz presente, mostrando que Israel vinha se prostituindo de todos os modos, tornando o sexo aos outros deuses seu modo de culto comum (Mq 1:7). Para que Oséias não tivesse que lidar com uma prostituta cultural dentro de casa (com a qual a lei proibia se casar), Deus ordenou uma comum – consegue já notar algumas coisas?

Novo Testamento

Aqui é preciso lembrar que o conceito de qedesha e zanah foram transportados para o Novo Testamento sob um único termo: porneia. Assim, quando Paulo, Pedro ou qualquer autor do NT falar em prostituição ou imoralidade sexual, é preciso verificar o contexto em que se insere a palavra na carta ou conferir o contexto do público alvo, para que tal alerta faça sentido.

*1 Coríntios*

*Mas o corpo não é para a fornicção, senão para o Senhor, e o Senhor para o corpo. Não sabeis vós que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, pois, os membros de Cristo, e os farei membros de uma meretriz? Não, por certo. Ou não sabeis que o que se ajunta com a meretriz, faz-se um corpo com ela? Porque serão, disse, dois numa só carne. Mas o que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito. Fugi da fornicção. Todo o pecado que o homem comete é fora do corpo; mas o que fornicca peca contra o seu próprio corpo. (1 Coríntios 6:14c-18)*



- Obs.: não deixe de conferir outros textos em 1 Coríntios em que o termo “imoralidade”, “fornicação”, “prostituição” ocorrem, mas que, claramente, se referem ou ao que explicaremos abaixo ou ao caso de incesto (1 Co 5). A propósito, no capítulo 5 Paulo diz que não se deve associar-se com os que se prostituem (v. 9), mas, no contexto, “prostituição” é incesto (v. 1) – assim, o que Paulo quer garantir é que os coríntios se afastem das práticas do incesto, e não da prostituição (nada justificaria essa mudança repentina de assunto); por isso, não devemos nem comer com alguém que seja incestuoso (cf. Lv 18).

Estamos diante de uma passagem que, via de regra, é ensinada como se falasse de prostitutas de modo geral, porém, não é isso que o texto está nos contando. O assunto de Paulo é o fato de nosso corpo ser templo do Espírito Santo (v. 19), e este corpo não pode dividir-se de templo do Espírito para o templo de outra coisa (2 Co 6:15 [o mesmo raciocínio da mesa do Senhor e dos demônios]). Além disso, vemos que o contraste claro é para quem o corpo é: se para o Senhor ou não (v. 14). Ora, o que é o contraste do texto? Já sabemos que porneia (termo a que Paulo recorre) naturalmente significa, entre os judeus, sexo cultural ou incesto, porém, como do incesto Paulo tratou no cap. 5 (v. 1), aqui fica claro que o objetivo é mostrar que o corpo não é de outro deus, mas do Senhor, que fez habitar em nós seu Espírito. Dessa forma, “Fugi da fornicção” é “fugi da prostituição cultural”.

Por esta razão, Paulo, ironicamente, diz que todo pecado é fora do corpo, mas este é com o corpo. O que é isto? Ele quer mostrar que na prostituição cultural nós entregamos o próprio corpo no culto, enquanto que os outros pecados **cúlticos** não fazem isso (veja como o assunto é culto, já que incesto e marcar-se pelos mortos é algo feito com o corpo, porém o assunto de Paulo é cúltico, e não de pecados em geral). Como referência, veja que embora o incesto seja com o corpo, não o torna de outra divindade – aliás, de certo modo, todo pecado é com o corpo (ou você profere falso testemunho com a alma?) – e isso prova que a “prostituição” que Paulo trata aqui não é a comum, e sim a cúltica, tornando o adorador um com a meretriz e a falsa divindade.

E claro, a união com uma prostituta torna ambos uma só carne, mas não marido e mulher. Para mais sobre isso veja nosso texto sobre Casamento, Divórcio e Recasamento.

*E não nos forniquemos, como alguns deles fizeram; e caíram num dia vinte e três mil. (1 Coríntios 10:8)*

Este caso já tratamos, ao comentar Números 25 – é o mesmo evento, do qual Paulo diz: “não forniquemos” (não pratiquemos sexo cultural). É preciso entender que, em especial o contexto dos coríntios, exigia tal ênfase no afastamento do sexo sagrado, pois a cidade era conhecida, justamente, por sua loucura sexual em relação aos deuses (embora dizer que havia “mais de mil prostitutas culturais no templo” talvez seja um exagero). É importante que se entenda que estes versículos não servem contra a prostituição de modo geral, algo que veremos nas partes a seguir do texto quando formos falar dela – aqui nosso foco é mostrar a malignidade deste pecado, que não pode

ser convertido em outro, e deve ser lido como concebido nos textos. Este pecado é desolador, e destruiu povos, além de ter feito Israel cativo repetidamente.

### *Gálatas*

*Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, fornicação, impureza, lascívia, [...] Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra estas coisas não há lei. (Gálatas 5:19, 22, 23).*

Não podemos ignorar o contexto claro das listas de pecado de Paulo: quando Paulo faz uma lista de pecados, ele não só espera que seus leitores saibam o que cada coisa significa, mas condiciona essa lista à outra coisa: se a lei é contra ou não. As obras da carne contradizem a lei de Deus e, portanto, para cada coisa encontrada nessas listas de pecado, devemos encontrar seu correspondente na lei de Deus. Assim, quando ele menciona que o adultério é pecado, não está pensando no sentido que um Ocidental pensa, mas sim no modo como a Lei pensa o adultério, já que a mesma Lei nunca disse nada contra um homem ter mais de uma esposa, por exemplo.

Por esta razão, quando aparecem os termos “fornicação, impureza e lascívia” (que os pregadores nunca sabem explicar) devemos notar o sentido claro dessas palavras:

Fornicação (πορνεία – porneia): pecado de idolatria sexual, prestação de culto a outros deuses com sexo (embora possa ser utilizado proibindo os pecados de Levítico 18, de sexo com familiares). Isso é proibido na lei, como acabamos de ver.

Impureza (ἀκαθαρσία – akatharsia): este termo é, geralmente, utilizado para sinalizar mistura de coisas que devem ser mantidas separadas, como, por exemplo, em Romanos 1:24, no qual a “impureza dos corações” é explicada como sendo o uso do ânus no sexo nos versículos 26 e 27 – o pênis e o ânus devem ser mantidos separados, e não devem se misturar. Além disso, a impureza está associada a uma mistura de coisas santas com impuras, como os fariseus (Mt 23:27) que, sendo externamente santos, misturavam com um interior cheio de pecado e desejos ilícitos. A preocupação de Paulo é, portanto, fazer que os crentes entendam que “santidade” é não misturar coisas (1 Ts 4:7 [defraudar alguém é **impureza**, cf. v. 6 {Mt 15:11-19 (o que **contamina** [torna impuro] o homem são as coisas internas, incluindo o próprio adultério)}}). Isso é proibido na lei.

Lascívia (ἀσελγεία – aselgeia): este termo será explicado abaixo – mas já adianto que lascívia não é se vestir de um determinado modo ou desejar moças por aí.

### *2 Pedro*

*E condenou à destruição as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinza, e pondo-as para exemplo aos que vivessem impiamente; e livrou o justo Ló, enfadado da vida dissoluta*

*[literalmente: "da conversa lasciva" {ἀσελγεία ἀναστροφῆς}] dos homens abomináveis (2 Pedro 2:6, 7)*

Ora, qual conversa "lasciva" os homens tiveram com Ló? É bem simples, Gênesis 19:5-9 esclarece. Os homens ímpios de Sodoma e Gomorra queriam se relacionar com os homens (não as moças) que estavam na casa de Ló. Mas isso não é ainda o ponto chave: os homens tentaram arrombar a porta da casa de Ló para, por meio da força, abusar dos homens lá dentro (v. 9).

Porém, o último ponto é que a palavra aselgeia aparece em Aristóteles, ao dizer que δημαγωγῶν ἀσελγειαν (aselgeian) causa revoluções políticas (A Política, V. 4). Aselgeia implica violência – algo bem presente no texto de Gênesis 19 também. Assim, quando Paulo e Pedro criticam a "lascívia", eles não estão pensando em um desejo qualquer, mas sim em algo semelhante a uso da força para ter relações com alguém, contra a natureza. Isso é proibido na lei, exemplificado pela morte de Sodoma e Gomorra logo após essa atitude: este é o ensino da narrativa de Gênesis 19.

Porém, podemos notar mais um detalhe:

*Mas principalmente aqueles que segundo a carne andam em concupiscências de imundícia, e desprezam as autoridades; atrevidos, obstinados, não receando blasfemar das dignidades 2 Pedro 2:10*

O que tem a ver "desprezar autoridade" com o assunto de Sodoma e Gomorra? Ora, *aselgeia* inclui insubmissão, e é justamente o que ocorreu no caso de Sodoma e Gomorra:

*Eles, porém, disseram: Sai daí. Disseram mais: Como estrangeiro este indivíduo veio aqui habitar, e quereria ser juiz em tudo? Agora te faremos mais mal a ti do que a eles. E arremessaram-se sobre o homem, sobre Ló, e aproximaram-se para arrombar a porta. Gênesis 19:9*

Os homens ímpios perceberam que Ló atuava como "juiz", e isso não é sem motivo, pois ao oferecer as filhas em lugar dos homens que estavam na casa dele (utilizando autoridade paterna) ele impediria um mal maior: homem se deitando com homem. Por esta razão os homens de Sodoma e Gomorra desprezaram a autoridade de Ló, sendo atrevidos e obstinados. Em conclusão, "aselgeia" é um termo que oscila entre o sentido de violência sexual [contra homens], homossexualidade masculina e derrubar autoridades do poder.

- Obs.: este termo também aparece em Mc 7:22 (denotando algum tipo de insubordinação e trapaça forçada, pois não se encontra no contexto sexual do versículo anterior), Rm 13:13 (reforçando a relação sexual violenta resultante das festas de comida e bebida dedicada aos deuses), em 2 Co 12:21 (apontando a inversão sexual coríntia [lembre-se do caso de 1 Co 5 no qual um homem se deita com a mulher do pai]), Gl 5:19 (em que a falta de contexto não permite ter plena certeza do significado, mas é provável a violência sexual ou inversão [como o caso das filhas de Ló se deitando com ele em Gn 19]), Ef 4:19 (provavelmente no mesmo sentido de Gl 5:19), 1 Pd 4:3 (no mesmo sentido de Rm 13:13) e Jd 1:4 (que o contexto aponta uma inversão, como sinônimo de porneia, no vr. 7, ao relatar dos homens homossexuais de Sodoma e Gomorra). Em outras palavras, o sentido do termo principal e de origem grega implica violência, mas também inversão do uso do sexo, podendo ser sinônimo tanto de impureza quanto de “fornicação”, quando estes termos são aplicados a relações homossexuais masculinas. Cabe mais um apontamento: entre os gentios a pederastia masculina (um adulto com um menino) era muito comum, o que explica tanto o uso da força quanto da inversão sexual somente em cartas direcionadas aos gentios (Marcos está fora deste contexto, porém).

## iApocalipse

*Estes são os que não estão contaminados com mulheres; porque são virgens. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vá. Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro. (Apocalipse 14:4)*

O fato de essa passagem ser a única na bíblia que atrela virgindade aos homens deveria levantar as antenas dos estudiosos. Ora, que tipo de virgindade é esta? E que contraste é esse com o cordeiro para onde quer que vá? São primícias em que sentido?

Primeiro, eles são primícias porque foram os primeiros crentes, os primeiros salvos. Nós não somos as primícias, eles foram. Porém, estes homens foram salvos numa época em que o sexo cultural era comum e natural, portanto, em segundo lugar, a virgindade deles está atrelada não ao ato de nunca terem feito sexo, mas de nunca terem feito sexo cultural – pois seguem o cordeiro, não outros deuses: são exclusivos, únicos. O texto quer nos mostrar tudo o que importa aqui: separar os homens do sexo cultural (detalhe que o foco de Deus na história é sempre com homens). Este sentido “comum” de virgindade no texto é para atrelar ao sentido cultural; algo semelhante à prostituição comum que eventualmente significa a cultural, quando Deus quer ensinar algo (vimos isso em Oséias).

Em geral, a fornicção não era o conceito romano de fornicção (sexo sem casamento). Nosso termo vem da palavra “fornicare”, que só significa sexo sem estar casado – algo que não é o ponto focal dos termos bíblicos. Assim, quando você ler “imoralidade sexual”, “prostituição” ou “fornicação”, precisa estar ciente de que, ou o autor pensa na prostituição sagrada ou nas relações proibidas de Levítico 18 – e em raros casos “prostituição” significará prostituição “comum” – isto é, não sagrada. Isso não quer dizer, porém, que

a bíblia permita a prostituição “comum”, contudo, precisamos continuar analisando os textos para não condenarmos os indivíduos falsamente. Dessa forma, temos a primeira afirmação clara abaixo:

- Sexo cultural é proibido em qualquer circunstância;

- Obs.: em Zc 13:2 há uma promessa de que “naquele dia” (ou seja, nos fins da Antiga Aliança), os nomes dos ídolos seriam esquecidos. Isso é provado pelo que dissemos acima, pois são informações atreladas à prostituição cultural que a maioria dos crentes não sabe – pois era uma promessa de Deus que tais coisas seriam esquecidas. Contudo, o nosso afastamento do estudo tem feito com que não compreendamos os textos que condenavam somente o que estava atrelado aos ídolos.

## PROSTITUIÇÃO NA CASA DO PAI (COM E SEM AÇÃO DESTES)

### *Com ação do pai*

Aqui temos, de fato, um caso de “fornicação” no sentido romano do termo. Uma moça que faz sexo com um homem, **morando** esta na casa do pai, tem regras específicas. Para compreendermos, precisamos começar com a história de Diná (que resumiremos, mas se encontra em Gênesis 34):

Diná era filha de Jacó. Em um belo dia Siquém, filho de Hamor, se apaixonou por ela e a convenceu a ir para a cama com ele. O resultado foi simples: isso é considerado uma humilhação e Siquém precisa corrigir isso. Claramente, para corrigir o erro de se relacionar com uma moça virgem que mora com o pai, ele decide tratar com Jacó para se casar com ela (afinal, sexo não é igual casamento). O problema é que os irmãos de Diná tomam a dianteira, e fazem um acordo com Hamor e Siquém: se vocês se circuncidarem, nossa irmã será sua. Mentiram, pois enquanto os homens sentiam as dores da circuncisão entraram na cidade (da família de Hamor) e mataram todos os homens. A pergunta que fica, porém, é bem simples: Siquém pecou ou não? E, se sim, ao conversar com Jacó ele buscava fazer o certo e errou ao tratar com os irmãos? Para que isso não ocorra mais é que Deus dá uma lei em Êxodo 22:

*Se alguém enganar alguma virgem, que não for desposada, e se deitar com ela, certamente a dotará e tomará por sua mulher. Se seu pai inteiramente recusar dar-lha, pagará ele em dinheiro conforme ao dote das virgens. (Êxodo 22:16, 17)*

Em Êxodo 22 vemos que um homem que se deita com uma moça não noiva e virgem, que se encontra ainda na casa do pai, não peca, pois não é prescrito morte para ele (como já tratamos no nosso texto “O que é a Lei de Deus?”). Ora, isso não quer dizer que algo não precise ser feito. Os filhos de Jacó não tiveram misericórdia de Siquém e o mataram, porém, a lei de Deus, que é cheia de misericórdia, quer poupar a vida do homem, e estabelece que ele deve resolver somente com o pai da moça e não deve ser morto, e sim apenas pagar uma compensação do dote da moça. Contudo, como ele não é casado

com ela, deve tomá-la por mulher (e não morrer – algo que seria feito por Siquém se os filhos de Jacó não interferissem, pois não tiveram a misericórdia de Deus).

A filha do homem cometeu zana, ou fornicção, mas nem ela e nem o moço devem morrer, e sim se casarem. Porém, quando pensamos que as coisas se findaram, vemos que o pai também pode recusar que o homem se case com sua filha, ainda que, na verdade, o moço deva pagar o dote, pois tirou a virgindade da moça. Assim, mesmo sem o casamento, não há qualquer morte no texto, que apenas prova que houve um ato de desonra por parte do homem, ao tirar a virgindade da moça, a humilhando. A escritura é clara, e exemplifica isso tanto pela história de Siquém quanto pela lei específica em Êxodo. Assim, se o pai sabe que houve uma relação, eles não pecam, desde que o pai tome uma ação.

### *Sem ação do pai*

Contudo, pode ser que o pai da moça nunca saiba (ou nunca faça nada) que ela se deitou com um rapaz e, um dia, ela decida se casar: o que a bíblia especifica para mostrar o que deve ser feito? É simples:

*Quando um homem tomar mulher e, depois de coabitar com ela, a desprezar, e lhe imputar coisas escandalosas, e contra ela divulgar má fama, dizendo: Tomei esta mulher, e me cheguei a ela, porém não a achei virgem; [...] se isto for verdadeiro, isto é, que a virgindade não se achou na moça, então levarão a moça à porta da casa de seu pai, e os homens da sua cidade a apedrejarão, até que morra; pois fez loucura em Israel, prostituindo-se na casa de seu pai; assim tirarás o mal do meio de ti (Deuteronômio 22:13, 14, 20, 21).*

Aqui temos uma situação curiosa: o texto mostra que se prostituir (ou fornicar) na casa do pai é pecado, quando isso não é revelado ao pai e, por isso, a moça deve morrer – o homem não morre porque se esperaria que a moça contasse ao pai e este exigisse o pagamento do dote. Deus está mostrando que, tendo o pai conhecimento da circunstância, ninguém deve morrer, antes, salvaria a vida de todos, pois só há pecado quando a Lei pune com morte. Aqui, porém, a moça morre na frente da casa do pai (pois não se sabe também se ele concordou com isso, provando que uma moça fazer sexo sob autoridade do pai sem casamento se torna pecado ao ela se casar com outro homem).

Interessante que, quando José soube que Maria estava grávida quis não “divulgar má fama contra ela” (Mt 1:19). Se ele se deitasse com ela e se provasse sua suposta não virgindade, ela deveria morrer. Portanto, para que ela não morresse, ele intencionou deixá-la, pois, assim, o homem que se deitou com ela apenas deveria pagar o dote, e ela não morreria. Contudo, o anjo o avisa que deve tomá-la por esposa (o que a poria em risco, claro – afinal, quanto tempo faltava para o casamento? [e já estava grávida?]) É provável que todo mundo tenha aceitado que José teve relações antecipadas com Maria).

### *Com aprovação do pai*

Contudo, suponha que um pai note que dá para ganhar um bom dinheiro com alguns dotes pagos? A Lei se antecipa a isso, e prova que um pai não pode fazer sua filha se prostituir:

*Não contaminarás a tua filha, fazendo-a prostituir-se; para que a terra não se prostitua, nem se encha de maldade. (Levítico 19:29)*

Este caso é único, temos um pai buscando prostituição para a própria filha. E aqui sabemos que o interesse dele pode ser tanto cultural quanto não cultural (já vimos isso em Dt 22), portanto, se for cultural (algo favorecido pelo contexto), ele estará levantando a ira de Deus contra a terra; se não for, estará fazendo a filha pecar por ter relações sexuais sob a autoridade dele (como vimos em Dt 22).

É difícil para nós compreendermos estas leis porque não foram tratadas novamente no Novo Testamento, visto que não havia circunstância necessária para o tratamento delas. Portanto, precisamos reconhecer que a Lei de Deus é suficiente para sabermos o que é o pecado, como o próprio Apóstolo Paulo nos contou em Gálatas 5. E isso nos leva aos pontos abaixo:

- Sexo cultural é proibido em qualquer circunstância;
- Sexo na casa do pai, mas se casar com o homem ou ser impedida pelo pai não é pecado;
- Sexo na casa do pai sem seu conhecimento ou com aprovação deste é pecado (lembrando que só é pecado no momento em que a moça vai se casar com outro homem);

### SACERDOTE

Naturalmente, as moças comuns estavam limitadas à propriedade do pai, ou seja, se mora com o pai, não pode se prostituir. Contudo, para a filha do sacerdote a regra era muito mais estrita, pois estava vinculada por sangue ao sacerdócio, ainda que ela mesma não pudesse exercê-lo. Na verdade, o próprio sacerdote tinha regras mais estritas no geral em relação ao povo comum. Assim, vemos:

*Não tomarão mulher prostituta ou desonrada, nem tomarão mulher repudiada de seu marido; pois santo é a seu Deus. (Levítico 21:7)*

Um sacerdote não poderia se casar com mulher que não fosse virgem. E não havia arrependimento que mudasse isso, pois a virgindade não é medida pelo comprometimento, e sim pelo fato de a moça nunca ter tido um pênis em sua vagina. O ponto central, contudo, é que um sacerdote não podia se casar com uma mulher prostituta ou "ex prostituta".

- Obs.: O sacerdócio aponta Cristo, o que torna o assunto dessa lei de Levítico em sombra: ou seja, Cristo não se casaria com uma igreja prostituta (culturalmente falando). Por outro lado, mesmo Cristo sendo o sumo sacerdote, ele teve, em sua genealogia, uma prostituta – Raabe: o que também aponta a sombra dessa lei.

*E quando a filha de um sacerdote começar a prostituir-se, profana a seu pai; com fogo será queimada. (Levítico 21:9)*

Este texto também possui uma dificuldade: estaria falando de prostituta comum ou cultural? O fato de se utilizar o termo “profana” (ללל - halal) nos faz crer que esteja se tratando do caso de uma prostituta cultural. Também pensando no caso de ser a única pessoa punida com fogo nos faz supor isto. Porém, mesmo se o texto falar de prostituição no sentido amplo, o que temos é a limitação unicamente à filha do sacerdote. E, naturalmente, as “filhas de Cristo”, na verdade, são filhas de Sião, que não podem se prostituir culturalmente – mostrando que Deus trataria com mais rigor quem se dedicasse a este pecado na Nova Aliança. O que nos aponta as seguintes conclusões:

- Sexo cultural é proibido em qualquer circunstância;
- Sexo na casa do pai, mas se casar com o homem ou ser impedida pelo pai não é pecado;
- Sexo na casa do pai sem seu conhecimento ou com aprovação deste é pecado (lembrando que só é pecado no momento em que a moça vai se casar com outro homem);
- ~~Filha do sacerdote não pode se prostituir~~; (que riscamos para apontar que não é o sentido atual do texto).

## PROSTITUIÇÃO DA ESPOSA

Por definição sabemos que uma mulher casada comete adultério ao ter relação com outro homem, contudo, pode ocorrer de que, na verdade, ela se deite com vários homens e até receba dinheiro por isso. O que o texto bíblico diz? Ela comete prostituição e adultério. Este é o caso claro de Oséias que já vimos e, portanto, claramente é pecado. O próprio livro de Oséias, contudo, explica o que significa a prostituição da sua esposa:

*porque eles mesmos com as prostitutas se desviam, e com as meretrizes sacrificam; pois o povo que não tem entendimento será transtornado. (Oséias 4:14)*

A prostituição de uma esposa é sombra da prostituição idolátrica de Israel. Os homens, junto com as prostitutas e no seu ato sexual, sacrificavam aos deuses, pois não tinham entendimento, não conheciam a Deus – e sem o conhecimento de Deus o povo perece (é isso o que significa essa passagem – Os 4:6).

É por causa dessas passagens que os autores modernos acham que “prostituição” na bíblia inclui adultério, quando, na verdade, **apenas sinaliza um adultério repetido com homens distintos ou recebendo paga por isso**. Portanto,



devemos entender que a prostituição da esposa é o agravamento do adultério. Nos fazendo notar os pontos abaixo:

- Sexo cultural é proibido em qualquer circunstância;
- Sexo na casa do pai, mas se casar com o homem ou ser impedida pelo pai não é pecado;
- Sexo na casa do pai sem seu conhecimento ou com aprovação deste é pecado (lembrando que só é pecado no momento em que a moça vai se casar com outro homem);
- ~~Filha do sacerdote não pode se prostituir~~; (que riscamos para apontar que não é o sentido atual do texto).
- Esposa se prostituir é pecado, pois é adultério.

### PROSTITUIÇÃO FORA DESSAS CARACTERÍSTICAS

O ponto, porém, é que falta um tipo de prostituição que não foi tratada em nenhum texto, e é nela que chegaremos agora: a prostituição comum. Precisamos ser sinceros com o texto e entendê-lo na forma como ele condena as coisas. Não podemos esticar seus significados tanto quanto não podemos diminuir o seu sentido e peso, portanto, ao tratarmos da prostituição comum abaixo, um choque será “recebido” por aqueles que sempre leram as Escrituras de modo descuidado.

#### *Fora das características*

Primeiro note que a Lei não condenou, até o momento, a prostituição comum, pois foi muito clara nos tipos de coisa que condena e nos tipos que permite. Assim, por exemplo, se uma mulher/moça se prostitui sem morar com o pai e sem prestar culto a alguma divindade com o sexo, então não existe razão na lei bíblica para chamar isso de pecado. Além disso, já somos sinalizados em Êxodo 22 que uma moça não peca imediatamente por fazer sexo com alguém com quem não é casada; do contrário, o texto exigiria a morte do homem e da mulher, como se faz no caso do adultério (Lv 20:10).

Também não podemos, a partir do mandamento que proíbe o adultério, deduzir que se proíbe qualquer tipo de prostituição, pois nunca isso ocorre nas escrituras, nem no novo e nem no antigo testamento. Como vimos, na verdade, existe forte diferença entre ambos os termos, que se cruzam somente no ato sexual de uma esposa rebelde ou que quer ganhar dinheiro pelos prazeres com outros homens.

#### *Juízes*

Contudo, se não bastasse, temos relatos bíblicos de prostituição fora das características mencionadas acima, começando já em Juízes 16:1:

*E foi Sansão a Gaza, e viu ali uma mulher prostituta, e entrou a ela. [...] Então ela [Dalila, não a prostituta] o fez dormir sobre os seus joelhos, e chamou a um homem, e rapou-lhe as sete tranças do cabelo de sua cabeça; e começou a afligi-lo, e retirou-se dele a sua força. E disse ela: Os filisteus vêm sobre ti, Sansão. E despertou ele do seu sono, e disse: Sairei ainda esta vez como dantes, e me*

*sacudirei. Porque ele não sabia que já o Senhor se tinha retirado dele.  
(Juízes 16:1, 19, 20)*

O que fez o Senhor se retirar de Sansão? (a) ter se deitado com uma prostituta comum ou (b) ter quebrado o voto de nazireu? (Jz 13:5). Muita gente, é verdade, diz que este texto de Juízes 16 é um progresso para a queda, ou seja, que Deus foi misericordioso com Sansão até que ele caísse completamente na quebra do voto – porém, isso é só uma inferência falsa do texto, já que nada nele sinaliza isso, visto que Deus só o abandona após o corte de suas tranças. Nem mesmo quando mentia sem falso testemunho ele foi abandonado, como já notamos em nosso texto acima sobre a mentira.

O texto de Juízes ensina algumas coisas, e uma delas é de que quebrar um voto é algo grave, enquanto mentirinhas bobas e deitar-se com prostituta (algo que **nós consideramos grave, porque julgamos pelo que se vê**) não são coisas com que Deus se preocupa.

E mais interessante é o motivo de ser dito neste texto que Sansão se deitou com uma prostituta em Gaza logo antes de conhecer Dalila. Ora, por qual razão Deus quis que soubéssemos dessa ação de Sansão? A resposta é óbvia: uma prostituta é melhor do que uma mulher que leva um homem a quebrar seus votos. A última é razão de pecado, a primeira não é.

*Era então Jefté, o gileadita, homem valoroso, porém filho de uma prostituta; mas Gileade gerara a Jefté. (Juízes 11:1)*

O fato de Jefté ser filho de uma prostituta fez com que seus irmãos o odiassem. Contudo, Jefté não só figura entre os heróis da fé, mas seu nascimento e crescimento é prova de que Deus não condenou a Gileade. Explico: quando Davi se deitou com Bate-Seba, o resultado foi a morte do filho, sete dias depois de nascido (ou seja, um dia antes de poder ser circuncidado), de modo que Deus tratou o ato adúltero de Davi como tão repugnante que até o filho nascido dessa relação morreu. Por outro lado, quando Davi já estava casado com Bate-Seba (após a morte do marido desta), Deus deu aos dois Salomão, que não nasceu de adultério, e sim de uma relação lícita. O mesmo princípio deve ser aplicado ao caso de Jefté (caso isso não te convença, veja também Gn 19:30-38; Jz 3:12-15 [mostrando que os moabitas eram maus]; Jz 3:13 [mostrando que os amonitas eram também maus] – a narrativa busca mostrar que os filhos nascidos do pecado ou morrem ou são maus; poderia ser este o caso de Jefté? Claramente não). Portanto, Jefté não teve “pecado dos pais visitado nos filhos” porque não houve pecado da parte do pai dele.

- Obs.: Deus – não nós – visitava o pecado dos pais nos filhos (Êx 20:5), de acordo é provado na história de Davi e das filhas de Lô, de quem descenderam nações ímpias. No AT Deus fazia isso, pois era parte da maldição dele sobre o pecado, contudo, mesmo Deus pessoalmente visitando o pecado dos pais nos filhos, ele não permitia que os homens punissem os pecados dos pais nos filhos (Dt 24:16). Porém, em Jeremias (Jr 31:29-32), Deus promete que tal coisa não mais ocorreria no NT, garantindo liberdade da maldição que havia até mesmo sobre os crentes.

## 1 Reis

Ora, falta provar que uma prostituta que não mora com pai, não for casada e não presta honra a outros deuses com seu sexo é aceita por Deus em seu reino, então, vejamos:

*E, se andares nos meus caminhos, guardando os meus estatutos, e os meus mandamentos, como andou Davi teu pai, também prolongarei os teus dias. E acordou Salomão, e eis que era sonho. E indo a Jerusalém, pôs-se perante a arca da aliança do Senhor, e sacrificou holocausto, e preparou sacrifícios pacíficos, e fez um banquete a todos os seus servos. Então vieram duas mulheres prostitutas ao rei, e se puseram perante ele. (1 Reis 3:14-16)*

Após Salomão pedir sabedoria a Deus o que foi utilizado como primeiro teste dele? O texto é claro, duas prostitutas. Aqui é importante você notar que o foco do texto é mostrar que no capítulo 3 de 1 Reis Salomão segue a lei de Deus, os seus mandamentos e sua sabedoria. Portanto, se Salomão não matar as duas prostitutas (que estejam nas circunstâncias que dissemos acima) estará pecando contra a lei ou, se elas não se enquadrarem nesta estrutura que passamos acima, e ele as matar, então estará pecando contra a lei de Deus. Mas o que ocorre?

*E disse-lhe uma das mulheres: Ah! senhor meu, eu e esta mulher moramos numa casa; e tive um filho, estando com ela naquela casa. (1 Reis 3:17)*

Ora, uma das prostitutas começa dizendo imediatamente que não mora com os pais, mas sim com a outra prostituta em uma casa que é somente delas. Naturalmente isso elimina qualquer punição sobre elas atrelada à presença do pai na mesma casa. O que, evidentemente, não excluiria outros dois casos: como serem filhas de sacerdote ou prestarem culto com sexo; contudo, o texto não trata disso e, portanto, podemos eliminar essas informações, que seriam extremamente importantes serem ditas.

*E todo o Israel ouviu o juízo que havia dado o rei, e temeu ao rei; porque viram que havia nele a sabedoria de Deus, para fazer justiça. (1 Reis 3:28)*

Após a decisão de Salomão o que ficou claro? Que ele possuía a justiça e sabedoria, portanto, se elas devessem ser mortas, ele estaria sendo injusto. Mas talvez você não tenha ainda percebido um detalhe: Salomão era uma sombra do reino de Deus, de modo que Israel prefigurava o reino de Deus e

Salomão a Cristo. Dessa forma, estas duas prostitutas eram prostitutas sob o reino de Deus, provando, de modo claro, que em seu reino isso não é pecado, embora seja, claramente, um tipo de desonra.

- Obs.: é interessante como a desonra é vista na bíblia. Ela não é um pecado, mas não é cultural. Eventualmente mesmo outros povos reconhecem desonras, como exemplo, Heródoto (um grego), em sua obra “História“, afirma que o fato de todas as moças virgens da Babilônia perderem a virgindade com um estranho é uma coisa vergonhosa – enquanto, porém, os próprios babilônicos não viam vergonha nisso. Tal coisa só prova que a desonra não é sempre algo geral, e pode estar em culturas muito distintas de modo até semelhante, por reconhecerem algumas coisas básicas da natureza. Dessa forma, a prostituição é uma vergonha e desonra nas Escrituras, pois viola a estabilidade e a necessidade básica de a mulher não ser compartilhada por vários homens, contudo, não é um pecado, pois Deus nunca estabeleceu a morte para isso.

Você pode dizer: ora, Salomão não matou as prostitutas para mostrar que a lei é misericordiosa com pecadores. Isso é absurdo, pois a lei não é misericordiosa no vácuo, ela estabelece que pecadores arrependidos podem eventualmente não serem punidos como merecem, porém, o que vemos não são duas prostitutas arrependidas, porque não havia razão para se arrependerem, visto não praticarem pecado.

Mas existe alguma pena por causa da prostituta comum? O que posso perder com ela?

*Por uma prostituta o máximo que se paga é um pedaço de pão, mas a adúltera anda à caça de vida preciosa. (Provérbios 6:26)*

Muitos dirão que é um texto de difícil tradução, o que não é exatamente verdade. O problema é que é difícil dos tradutores aceitarem o que o texto diz simplesmente, já que acreditam que tanto a prostituta quanto a adúltera matam aqueles com quem se deitam. Porém, mesmo se pegarmos em termos de maior literalidade, o que veremos?

*“Por causa de uma mulher prostituta procura-se um pedaço de pão, e a adúltera caça a vida preciosa”.*

A lógica seria simples no paralelismo que o texto apresenta: ou a prostituta procura um pedaço de pão, ou faz um homem procurar um pedaço de pão (pois empobreceria ao gastar no sexo), enquanto que a adúltera caça a vida de um homem. Qualquer modo que você interprete, portanto, fica claro que o texto não só distingue entre prostituta e adúltera, mas também distingue entre as consequências: uma mata, a outra só faz seu dinheiro ser gasto (portanto, não é pecado). Se isto não lhe é suficiente, note:

*Prostituta comum no NT*

*Disse-lhes Jesus: Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no reino de Deus. (Mateus 21:31)*

É notável que Jesus nunca disse: “adúlteros e ladrões” entram no reino de Deus antes de vós [fariseus], pois nenhum adúltero ou ladrão pode entrar no reino de Deus. Contudo, um publicano pode entrar no reino sendo publicano, ou você acha que Zaqueu deixou de ser publicano? Ele apenas deixou de ser ladrão! (Lc 19:1-10). Ora, Zaqueu prometeu devolver até 4 vezes o que furtou, de acordo à lei de Deus, e não a deixar de ser publicano (Lc 19:8; Êx 22:1).

Deveríamos, claramente, notar que uma prostituta comum (traduzido como “meretriz” neste texto) também deva ter as mesmas regras. Se o reino de Deus aceita um publicano que cobra impostos para um império oposto ao próprio povo de Deus (algo certamente no limiar do acerto e erro), é óbvio que uma prostituta comum, se se enquadrar nas permissões da lei não pode ser condenada – ela pode herdar o reino de Deus junto com você, que é limpinho, não atue como um fariseu, que fechava o reino às prostitutas e publicanos. Jesus – que sempre atuou em acordo com a Lei – estava mostrando que prostitutas e publicanos entravam nos céus, mesmo com adúlteros e ladrões não entrando neste mesmo céu (1 Co 6:10). Essa é a clara distinção feita pelo texto, para que nós mesmos saibamos dividir uma coisa da outra.

#### *Os casos de Provérbios*

Apenas note que quando o texto fala de mulher prostituta ou “estranha” está, na verdade, falando da casada (Pv 2:16, 17; 7:5-19 [note as ênfases]). Este caso é claro no capítulo 23:27, no qual o termo “estranha” reaparece apontando uma mulher casada que sai a se prostituir. Em nosso livro sobre o Casamento voltaremos ao assunto.

#### *Hebreus*

*Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula;  
porém, aos que se dão à prostituição, e aos adúlteros, Deus os  
julgará. (Hebreus 13:4)*

Este texto é o único que aparentemente realmente condena qualquer tipo de prostituição. Mas, além do fato de ele distinguir entre prostituição e adultério, nota-se que os termos estão, literalmente, no modo nominativo e no masculino (tratando só dos homens), ou seja, “porém, os que são prostitutos e adúlteros...”. Qual o sentido de adúltero? Um homem que, quer seja solteiro ou não, se deita com uma mulher casada. Assim, naturalmente, ele está eliminando os casos que não envolvam casamento com esta palavra.

Contudo, isso não responde nada sobre a prostituição. O ponto é que tudo deve girar em torno do que já foi tratado acima: qual tipo de prostituição é condenada? Se o autor da carta condenar a prostituição comum, então contradirá a Lei, da qual mostra intenso conhecimento por toda a carta. Por outro lado, como se fala de “prostituto” e “adúltero”, no masculino, nota-se que o autor está condenando aquela mesma prática de Dt 23:17, 18, no qual o homem é prostituto para culto. Assim, a conclusão seria:

"Venerado seja entre todos o casamento e a cama sem mancha" (ou seja, que se casem para evitar a prostituição cultural [cf. 1 Co 7:2 {no contexto seguinte à prostituta cultural}]). "Porém, aos prostitutas" (culturais) "e aos adúlteros" (ou seja, que se deitam com mulheres casadas), Deus julgou (no passado, pois se cumpriu, e agora apenas morrem). O sentido de Hebreus não pode ser acrescentar à lei de Deus. Se o Novo Testamento veio acrescentando uma lei nova, então acabou por cair no que a lei de Deus condena, o de que acrescentar mandamentos à ela é pecado (Dt 4:2).

Os homens dizem que somos liberais, mas quando falamos que o divórcio não desfaz casamento dizem que somos legalistas. Eles querem cantar enquanto choramos e chorar enquanto cantamos. Isso é absurdo! A lei de Deus proíbe poucas coisas para que, as que proíbe, sejam realmente impedidas em sua prática. O objetivo de Deus não é um povo cheio de regras, mas sim um povo santo. Estes que criam muitas regras nunca conseguem deixar de ser hipócritas, porque acabam por priorizar as coisas menores e esquecem-se das maiores. Portanto, para que não deixem de nos acusar de "liberais" (o que quer que signifique essa acusação), ainda trataremos, abaixo, da pornografia.

- Sexo cultural é proibido em qualquer circunstância;
- Sexo na casa do pai, mas se casar com o homem ou ser impedida pelo pai não é pecado;
- Sexo na casa do pai sem seu conhecimento ou com aprovação deste é pecado (lembrando que só é pecado no momento em que a moça vai se casar com outro homem);
- ~~Filha do sacerdote não pode se prostituir~~; (que riscamos para apontar que não é o sentido atual do texto);
- Esposa se prostituir é pecado, pois é adultério;
- Prostituição comum não é pecado.

## PORNOGRAFIA E MASTURBAÇÃO

Sócrates dizia para irmos até onde o argumento nos levar. Nós, contudo, temos coisas mais importantes do que questões filosóficas para tratar e, portanto, podemos dizer não sobre a filosofia, mas sobre as Escrituras: devemos ir até onde o texto nos levar. Assim é que abaixo iremos além, em busca de esclarecer este assunto. Perdoe-nos o leitor, por parecer grande o conteúdo, porém, infelizmente, precisamos avançar e lutar, explicando o que é necessário, embora no mínimo possível.

### *Masturbação*

Não existe na escritura qualquer coisa que condene a masturbação. Porém, existem basicamente dois ou três textos que são utilizados, aos quais olharemos brevemente.

O primeiro texto é o caso de Onã (Gn 38), que gerou até uma coisa chamada "onanismo", como um sinônimo para masturbação. Porém, o problema com Onã foi outro, veja:

*Quando irmãos morarem juntos, e um deles morrer, e não tiver filho, então a mulher do falecido não se casará com homem estranho, de fora; seu cunhado estará com ela, e a receberá por mulher, e fará a obrigação de cunhado para com ela. E o primogênito que ela lhe der será sucessor do nome do seu irmão falecido, para que o seu nome não se apague em Israel. Porém, se o homem não quiser tomar sua cunhada, esta subirá à porta dos anciãos, e dirá: Meu cunhado recusa suscitar a seu irmão nome em Israel; não quer cumprir para comigo o dever de cunhado. Então os anciãos da sua cidade o chamarão, e com ele falarão; e, se ele persistir, e disser: Não quero tomá-la; então sua cunhada se chegará a ele na presença dos anciãos, e lhe descalçará o sapato do pé, e lhe cuspirá no rosto, e protestará, e dirá: Assim se fará ao homem que não edificou a casa de seu irmão; e o seu nome se chamará em Israel: A casa do descalçado. (Deuteronômio 25:5-10)*

A lei do levirato exigia que o irmão se casasse com a cunhada cujo marido acabou de falecer, se este fosse irmão do homem que deve praticar o levirato. Onã, contudo, no momento de praticar isso, jogava o sêmen na terra, "sabendo que a descendência não seria dele" (Gn 38:9). Ora, ele poderia, para não morrer, ter recusado tomar a viúva, de modo que não morreria, apenas teria seu nome humilhado entre os familiares – porém, pecou, ao tomar o voto e se recusar a cumpri-lo.

Como deve ser óbvio, o texto de Gênesis mostra que a quebra do voto é o pecado, e Deuteronômio 25 quer impedir que mais homens morram por quebrar tal voto inadvertidamente. O fato de Dt 25 se encontrar num contexto que amplamente trata de justiça, mas especificamente trata de honra masculina, deve tornar isso mais interessante, já que a não prática do levirato apenas humilha um homem (assim como chicotear acima do necessário, ou uma mulher parar uma briga pegando um homem pelo pênis etc.). O "onanismo" nada mais seria que aceitar o levirato e não o praticar.

*Por isso digo: Vivam pelo Espírito, e de modo nenhum satisfarão os desejos da carne. (Gálatas 5:16)*

Em Gálatas 5:20 em diante Paulo diz quais são os desejos da carne, e nenhum deles inclui masturbação.

*vocês se abstenham dos desejos carnis que guerreiam contra a alma. (1 Pedro 2:11)*

Os desejos carnis foram definidos no contexto de 1 Pd 2, mostrando que o interesse na violência sexual e em outros homens é o que está em vista (naturalmente, isso implica que se masturbar pensando em outro homem ou em forçar alguém seja pecado, não por causa da masturbação, mas do desejo pecaminoso). O ponto é que não existe texto que diga ser a masturbação pecado, o que, claramente, permite que na mente de um indivíduo a prostituição seja praticada sem pecado, desde que fugindo daquilo que é pecado.

- Obs.: veja que irônico. Entre os gregos a masturbação era vista como algo praticado pelos de fora, uma inferioridade, incapacidade e o suficiente para um homem ser desprezado e uma mulher não ser confiável. Porém, estes mesmos gregos não se furtavam às relações culturais com sexo, nem aos bacanais (festas com comida dedicada aos deuses, como Baco), nem às idolatrias abomináveis, de modo que Sócrates, tido por grande sábio, ainda pediu que se sacrificasse um animal a outros deuses por ele antes de morrer. Estes homens que tratavam a masturbação como falta de auto controle, eles mesmos idolatravam e praticavam coisas abomináveis que nem se comparam com a masturbação.

Também o homem, quando sair dele o sêmen da cópula, toda a sua carne banhará com água, e será imundo até à tarde. Também toda a roupa, e toda a pele em que houver sêmen da cópula se lavará com água, e será imundo até à tarde. E também se um homem se deitar com a mulher e tiver emissão de sêmen, ambos se banharão com água, e serão imundos até à tarde. (Levítico 15:16-18)

Em Levítico 15, mostrando que a semente (ou o sêmen) do homem estava impura (e por isso o Messias só poderia nascer virginalmente, já que não nasceria da impureza), evidencia algumas coisas sobre o assunto. O texto especifica que, quando um homem se deitava com uma mulher, ficava impuro, contudo, para que não pensemos que o sexo é que o tornava impuro, o texto já começa dizendo que o sêmen, mesmo sem sexo, se caísse sobre algo, tornava aquilo impuro. É claro, poderíamos argumentar a favor do fato de existir a poluição noturna, na qual um homem emite sêmen dormindo e sem sexo. Contudo, difícil seria para alguém saber que soltou sêmen se se enrolasse em vários tecidos... com o texto presumindo que o homem saiba exatamente onde o sêmen dele caiu. Ora, o texto, na verdade, está pressupondo que o homem viu onde o sêmen dele caiu para separar isso do que é santo. O livro de Levítico, portanto, não só está disposto a aceitar que homens se masturbem, mas até espera que isso irá ocorrer naturalmente.

### *Argumentos gerais*

Aqui eu sei que vários homens começam a nos acusar de defender, por exemplo, o egoísmo, afinal, masturbação seria egoísmo, não é? Será que essas pessoas não sabem o que seria egoísmo? Tirar de alguém algo que o pertence, ou privar alguém de alguma coisa que lhe seja devido: a quem um rapaz solteiro deve seu sêmen? O estoque é limitado? Pior, mesmo no caso de um homem casado, está a mulher disposta todas as vezes a fazer sexo com ele (embora devesse)? Por este padrão, a mulher é que estaria sendo egoísta. Chamam de egoísmo porque não veem na bíblia nenhum pecado real pelo qual chamar.

Outro problema é o tal do "vício", que veremos abaixo, mas, alinhado a isso, dizem que homens que se masturbam perdem o controle da ejaculação, os fazendo ejacularem rápido demais no momento do sexo. Ora, além de não ser pecado ejacular rápido, será que essas pessoas nunca ouviram falar dos



homens que se valem da masturbação para aumentar o tempo que levam para ejacular? É tudo uma questão de controle e treino correto.

- Obs.: a masturbação feminina é mais complicada, pois ela pode romper o hímen (tirando as provas de virgindade), porém, não é incomum que mulheres se masturbem pela parte externa da vagina, evitando uso de penetração com o próprio dedo ou “brinquedos” (algo que cremos ser auto evidente depois de tudo o que falamos acima). Porém, mulheres casadas não devem fazê-lo pensando em outro homem, afinal, isso é desejar o adultério! Eu não tenho culpa que a Escritura, embora dê mais liberdade do que os homens habitualmente pensam, não a dê igualmente a homens e mulheres. Além disso, no que diz respeito à masturbação masculina, o interesse maior de a impedir é das mulheres, porque sem masturbação é mais fácil conduzir os homens pelos desejos delas – quanto mais você entender isso, mais irá notar em como elas odeiam porque se sentem “desprezadas”, já que agora você não estará sob os desejos delas.

### *Pornografia*

Não é verdade que não existia “pornografia” na época de Moisés, não no que diz respeito à parte essencial dela: ver duas pessoas fazendo sexo. O fato de isso se dar por meio de tela não a torna algo novo, embora o meio o seja. Contudo, nunca na Lei houve qualquer proibição para se ver duas pessoas (dentro das permissões da lei) fazendo sexo. Isso é absurdo. O sexo não é algo que precisa ser ocultado dos olhos, apenas os romanos limpinhos que tinham essas preocupações e as passaram para a igreja.

- Obs.: na realidade, até fins da Idade Média, o sexo era visível e extremamente público, se comparado a como se tornou a partir do séc. XVIII. Não era incomum que houvesse sexo ao ar livre, em frente de criados ou mesmo diante de adolescentes. O que chamamos de “Processo Civilizatório” começou em fins da Idade Média e incluiu em si uma restrição à vida que passou a ser “privada”. O momento em que isso se inicia é, também, o momento em que dizem ter surgido o pré-feminismo com interesses de liberação sexual. A verdade é que não surgiu um “pré-feminismo” ali, eram apenas pessoas querendo viver como sempre viveram, que agora estavam vendo um interesse grande da corte em limitar essa liberdade natural delas.

### *Pornografia como bloco:*

Se não bastasse, todo mundo vê a pornografia como um bloco fechado, como se o que um indivíduo faz implicasse em que toda a indústria faça igual. Não só isso não é verdade, como atrizes e atores (filiados a empresas) costumam ter frequentes exames e cuidados pessoais acima da média nacional. É claro que existe a produção independente, da qual é difícil saber muita coisa, e que frequentemente envolve cativo, abusos, entre outras coisas, mas não é verdade no total. A pornografia não é um bloco, o que ocorre de abuso em um lugar, não necessariamente ocorre em outro. E mais, ninguém pode

deduzir que mesmo que uma produtora abuse de alguém ou que alguém se valha de “medicamentos” para conseguir performar os atos que a pornografia estará errada. Que mentalidade emburrecida é essa que culpa uma indústria complexa por causa até do que alguma empresa faz?

Contudo, deve-se ter cuidado, pois o pecado está a um clique: é fácil cair em um vídeo de sexo anal (um pecado contra a natureza do corpo), ou com animais (algo fortemente condenado) etc., então, é bom que haja um controle pessoal nisso.

#### *Tudo culpa da Pornografia:*

Ah, e você já culpou a pornografia por algo hoje? Todos os dias, todo mundo, quer culpar as maldades do mundo na pornografia. E isso não é novidade, Rushdoony, em seu livro sobre a Política da Pornografia, deu um jeito de culpar até males políticos por causa dela. Mortes, assassinatos, falta de amizade entre homens, mulheres abusadas etc., tudo entra na conta, como se o aparente aumento dessas coisas se devesse à pornografia. E não só falta um estudo que comprove estas coisas, mas no geral isso só prova que essas pessoas andam pensando na pornografia e estão relacionando-a a todos os males, buscando forças para vencê-la (como se fosse uma maldade). E já vimos de tudo: “não existe amizade entre homem e mulher por causa da pornografia”; “os homens não se cumprimentam como antigamente por causa da pornografia”; “interpretar alguns atos sexualmente é por causa da pornografia”... tudo é pornografia.

Que Deus nos conceda capacidade para separar uma coisa da outra: a pornografia não é causadora de nenhum mal de que a acusam. Quem precisa comprovar que existe relação entre a pornografia e os problemas atribuídos a ela são os acusadores.

#### *Falsas expectativas:*

“Pornografia cria falsas expectativas sexuais”... por acaso você já viu um site pornográfico? A maior parte das pessoas se quer são bonitas ou têm corpo “suntuoso”, e as que têm não são fáceis de serem achadas. Agora, se você pensa que a “expectativa” seja em relação a um sexo ensaiado... meu amigo, quem tem falsas expectativas é você. Só adolescentes criariam falsas expectativas por causa da inexperiência, mas um adulto sabe como é o sexo (sem contar que boa parte dos vídeos claramente alertam que tudo ali é ensaiado ou não corresponde à realidade – ou você acha que de repente sua professora vai parar de dar aula pra dar outra coisa?).

Imagine, agora, que você tenha assistido um vídeo da Alexis Texas, ou por acaso da Madison Morgan ou, ainda, da Brandy Renee; quem sabe você viu Keshia Ortega no hospital, ou a Valerie Kay numa roupa especial perto da piscina; ou mais, talvez gostou do corpo da Summer Hart ou da Susy Gala; você acha realmente que o indivíduo sairá desse vídeo pensando que fará sexo com uma mulher como elas ocorrendo as mesmas circunstâncias ou coisas semelhantes ao que ocorre nos vídeos? Quem está com os pés fora da

realidade são os que acusam os homens de verem pornografia de estarem com os pés fora da realidade.

*Tira desejo... ou aumenta desejo:*

"Pornografia tira seu desejo por pessoas reais"... "com certeza", você já viu um vídeo pornográfico e sentiu seu desejo por outras pessoas diminuir? Além disso, todo mundo num vídeo desse é real, embora seguramente estejam separados de você por pixels, o que é uma vantagem! Afinal, se masturbar para pixels é muito melhor do que correr o risco de ser julgado publicamente por quem crê que a pornografia é algo errado.

Agora imagine você ser o dia todo atormentado com a ideia de que a pornografia faz mal e é pecado, e então se deitar com sua esposa depois de, talvez no dia anterior, ter assistido um vídeo pornô? Como você acha que será a função erétil desse homem que se sente culpado justamente por causa de questões sexuais? Faltaria tempo para explicar que ansiedade e estresse ou coisas semelhantes que seriam, supostamente, fruto da pornografia, nada mais são do que fruto de culpa e sentimentos de impotência, baseados na sensação de que a pornografia seja pecado... Claramente não terá uma relação prazerosa, sendo feita com vergonha (quantos gatilhos...)

Nem há coerência entre essas pessoas, porque na verdade a masturbação vinculada à pornografia pode tanto diminuir quanto aumentar o desejo, a depender de como é sua utilização. Mas, dependendo do que querem enfatizar, dirão: "vai diminuir o desejo" (pra dizer que vai gostar menos da esposa ou de mulher); ou dirão "vai aumentar o desejo" (para dizer que a pornografia aumenta os casos de estupro). Esse pessoal precisa se decidir.

*Efeito, não causa:*

É mais fácil dizer que a pornografia é um efeito do que uma causa: efeito de um mundo em que as mulheres estão supervalorizadas e, por isso, é difícil se casar com uma, ou a que se casa possui tantos requisitos e "poréns" que se torna impossível conseguir uma noite normal de sexo. Não seria uma desvalorização das mulheres que levou o homem à pornografia, mas o contrário: com as mulheres se tornando difíceis e com muito mais amor próprio, os homens passaram a cada vez mais temer se relacionarem com elas buscando os meios mais fáceis e seguros (afinal, tudo hoje é estupro ou pode resultar em "pagamento para a mulher"). Permitir a pornografia é até mesmo um ato de misericórdia, pois garante que o homem não fique desesperado em absoluto com tudo isso.

Não é incomum que estudos supostamente imparciais sejam conduzidos utilizando dados sobre "disfunção erétil" e "falta de apetite sexual" como prova de que a pornografia tem causado essas coisas. Porém, não só falta uma meta análise nestes estudos, como também eles são conduzidos por uma pressuposição de que a pornografia é algo errado, quando, na verdade, estes mesmos estudos deveriam ser conduzidos com o fim de concluir se a pornografia causa ou não danos à vida sexual. Conquanto os pressupostos dos indivíduos possam ser inegáveis, eles precisam estar dispostos a

aceitarem que a conclusão de um estudo pode contradizer a pressuposição tanto de quem o conduz quanto de quem busca consultá-lo. Veremos um pouco sobre isso abaixo.

### *Acusação:*

Quando um homem casado, porém, recorre à pornografia, a mulher ainda dá um jeito dele sair como culpado, e este passa a se martirizar e culpar por algo que só acabou (o casamento) porque ela quis. Estes homens não amam menos suas esposas, razão pela qual sofrem, mas têm necessidades comuns que, se não satisfeitas na esposa, precisarão de outros meios. Até porque, na bíblia, não existe contraste entre amar uma mulher e outra, afinal, Salomão amava todas as mulheres, e o próprio livro de Cântico, escrito por ele, o foi já depois de muitos casamentos – e ninguém negará ser este o livro mais romântico da bíblia.

Sei que há muitas informações soltas, mas aqui estou apenas informando questões gerais e permitindo que o leitor busque com base no que temos informado. Porém, sabemos que existe ainda um último argumento, o de que a pornografia produz vício.

- Obs.: no meio das acusações, sempre há a de que os homens são estupradores ou tradicionalmente estupradores, principalmente se há contato com a pornografia. Mesmo que fosse verdade que a pornografia produz uma ‘cultura do estupro’, isso só significaria que ela não seria saudável (como tantas coisas permitidas na lei e que não indicamos). Mas não só faltam dados que comprovem alguma relação, como uma breve olhada no passado de nossa própria história prova o exato oposto.

### *Vício*

Primeiro precisamos desfazer a bagunça que os teólogos fizeram com essa palavra. “Vício” é um conceito filosófico que foi vertido em teológico e que é usado por cientistas. Qual a distinção dos usos?

**Filosofia:** o vício na filosofia é um ato que acaba em dor e não é necessariamente um ato repetido. Entre os vícios, podemos dizer que a imprudência, incapacidade de sofrer, covardia entre outras coisas o são (note que não se trata especificamente do que é chamado de pecado na Bíblia). Porém, o pior vício é o que é praticado de modo repetido, ou seja, alguém que é imprudente o tempo todo, ou que é covarde o tempo todo. O vício, na filosofia, não tem por meta dizer que um homem que assiste um vídeo pornô, digamos, duas vezes por semana seja viciado, até porque, com qual padrão se diria que algo está “muito” ou “pouco” neste sentido? Ou, é verdade que um ato desse resulta em dor após? (só para os que se sentem culpados que resulta).

**Teologia:** os teólogos, encabeçados pelos Pais da Igreja, absorveram o conceito de vício e o ampliou ao modo máximo, incluindo não só o que diziam os filósofos, mas tornando em pecado tudo o que também fosse vício. Aqui vemos que o vício se tornou uma ferramenta sem misericórdia, porque, ao

invés de buscar organizar os homens politicamente e socialmente mais hábeis etc., passou a definir o que é aceito ou não por Deus. Ora, quanto ao uso filosófico do termo não temos problema, afinal, a filosofia é para ser explorada, contudo, a confusão se instaurou na igreja, no que diz respeito ao pecado, porque agora tudo é vício e vício é tudo (o que parece não equilibrado ou resulta em um mal imediato – o exato oposto da fé, que não se guia pelo que vê, mas pela Palavra de Deus).

**Ciência:** aqui o vício possui o sentido mais estrito. Em geral, vício ainda é algo que causa algum efeito negativo e precisa ser repetitivo, porém, é aceito que, neste caso, precisa haver a inserção de um elemento externo ao corpo. Um exemplo prático deste caso seria o uso de drogas, que geram dependência química, tornando o indivíduo um viciado. Na ciência não há espaço para dúvidas neste caso, pois é preciso que claramente haja a inserção de algo que não está no corpo naturalmente.

Tendo explicado isso, fica notório que a pornografia não pode ser vício no sentido científico, pois não há inserção de nada externo ao corpo, e nada que seja causa de dependência química, embora muitos homens digam que a pornografia cause dependência como se fosse uma droga inserida no corpo, por fazer este liberar tal e tal hormônio etc., o que não deixa de ser um erro, já que os tais hormônios são liberados com frequência até num ato sexual comum, ou ao se comer uma barra de chocolate, contudo, não há dependência química, somente uma necessidade do corpo que encontrou um meio de ser satisfeita de modo mais intenso.

Não sem motivo, artigos como "*No such thing as porn 'addiction,' researchers say*" (baseados no "*A Review of the 'Pornography Addiction' Model*" – cujo autor aceita coisas claramente ímpias, mas o nosso ponto é somente a pornografia) apontam a falta de dados científicos que demonstrem qualquer relação entre "vício" e "pornografia" ou que a pornografia cause qualquer mal específico. Não existe um estudo sistemático que cruze os dados sobre uso da pornografia, tornando uma verdadeira falsidade científica qualquer alegação de que a pornografia produza algum efeito negativo. Os estudos publicados, buscando provar que a pornografia faz mal, não possuem meta análises que considerem grupos controle que levem em conta crença religiosa (afinal, se sentir culpado deve ter efeito), histórico familiar e nem saúde do indivíduo. Apontar um problema como cientificamente vindo da pornografia é contra científico.

- Obs.: os casos de quem se sente culpado pelo uso e quem não se sente culpado pelo uso, além também de considerar a frequência sexual com parceiro ou outras pessoas precisam ser postos nas considerações. Aliás, um homem que fica muito tempo sem deitar com uma mulher, com ou sem influência da pornografia, costuma ter a tendência de ejacular mais rápido. Então até mesmo a falta de relação sexual precisaria ser considerada numa pesquisa que supostamente prova vínculo entre ejaculação precoce e pornografia, já que não somos constituídos de uma única relação e nem de um único ambiente.

Além desses estudos acima, há outro, que, justamente com cruzamento de dados, sinaliza que não há nenhum malefício à quantidade de dopamina produzida pelo corpo: *"No evidence for decreased D2/3 receptor availability and frontal hypoperfusion in subjects with compulsive pornography use"*. Todos os casos que apontam suposta perda de capacidades cerebrais ou coisas semelhantes **não são científicos, e estão baseados em pressupostos filosóficos e religiosos, quando não culturais, de que a pornografia causa malefícios diretos ao ser humano.**

Eu entendo que a sensação de liberdade em relação a um "vício" escravizante é uma catarse, e talvez seja quase tão intensa quanto a sensação de liberdade em relação ao "sistema religioso" dos que saem do neopentecostalismo. Mas a sensação de liberdade não serve pra nada. Qualquer coisa que você considere um malefício, sendo ou não sendo, quando você se livrar de tal coisa, se sentirá livre. Não é a liberdade do pecado, é a simples sensação de não ser controlado por algo externo.

*Uma prova de que não precisa da ciência para saber se algo é pecado:*

É evidente que a ciência não diz, por exemplo, se há malefícios no adultério, e nem precisa, porque o adultério é pecado mesmo que você se sinta bem. E esta é a grande diferença. A ciência não precisa confirmar que uma quebra de um mandamento resulta em algum problema, pois é Deus quem diz o que é pecado, não a ciência. Buscamos citar os estudos apenas para provar que este argumento científico contra a pornografia não faz sentido científico – do contrário, nem mesmo todos os benefícios científicos seriam suficientes para convencer um crente de que a pornografia seja algo bom, algo que não ocorre, pois a escritura não a condena. O mais engraçado, porém, é como neste assunto da pornografia e da masturbação todo mundo quase sempre esquece a bíblia, visto que a bíblia não fala sobre isso – tornando isso um assunto filosófico.

Também não é possível enquadrar o vício no sentido teológico, pois, como vimos, nada na bíblia aponta a pornografia como pecado, algo que seria essencial para poder ser um "vício na teologia". Os engomadinhos continuarão a dizer que é, claro, pois para eles pesa mais a forma como dividem o mundo do que como Deus diz que as coisas podem ser.

Por último, nos sobra o modo filosófico que, mesmo que se prove ser o caso de a pornografia se enquadrar (afinal, há muitas coisas, e até o excesso pode ser que resulte em algum problema pra você) não prova nada contra o aspecto a que nos propomos explicar: de que não é pecado.

- Obs.: não discorrerei muito sobre o termo “paixão”, que também chegou até nós por meio da filosofia e que, de fato, foi utilizado mesmo pelo apóstolo Paulo (pathos), porém, o sentido do termo não é tão amplo quanto os homens pensam, já que, na verdade, “paixão” é apenas um intenso desejo de quebrar mandamentos de Deus, e não desejos intensos no geral – algo visto, por exemplo, em Romanos 1. Pecado não é paixão, e nem todo pecado envolve “paixão” (embora Agostinho crese que sim). Um pecado é pecado por ultrapassar uma linha: desejar a mulher do próximo, furtar um item etc., porém, se desejo a mulher do próximo intensamente, o que temos é uma paixão.

Qual é a nossa conclusão final, portanto? De que o que está abaixo é pecado:

- Sexo cultural;
- Sexo na casa do pai escondendo deste ou com este mantendo a relação sem ser contrário;
- Filha do sacerdote não pode se prostituir; (que riscamos para apontar que não é o sentido atual do texto);
- Esposa se prostituindo.

Por outro lado, não existem regras para:

- Sexo sem compromisso, mas fora da casa do pai;
- Rapaz que faz sexo ainda na casa do pai;
- Pornografia;
- Masturbação.

Fora disso não há mais o que dizer do assunto.

Conclusão

- A bíblia é específica nos tipos de relação sexual que proíbe;
- Prostituição comum não entra nestes tipos;
- Portanto, a prostituição comum não é pecado.

## *Conclusão Escatológica*

Infelizmente, por causa do espaço, não reproduziremos os conceitos mais amplos de escatologia que esposamos, esses conceitos estão melhor expostos no nosso livro chamado “Crítica Sobre a Confissão de Fé de Westminster”. Aqui apenas trataremos de pontos que podem ser levantados por causa do assunto que foi pontuado acima. Assim, o questionamento central que estamos respondendo é: como posso usar tanto o AT para defender o que foi dito acima se o AT “passou”?

*Porque em verdade vos digo que, até **que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til jamais passará da lei, sem que tudo seja cumprido. Mateus 5:18***

Eu preciso explicar o argumento antes de utilizá-lo: já dissemos que praticamos os mandamentos da Lei, e não mais a Lei como tal. Os mandamentos não são somente os dez (ou 9, na verdade), e sim todas as ordens atreladas à pena de morte e que não estejam entrelaçadas ao culto do AT. Isso é importante porque a Lei passou e todos os 'iotas' e 'tils' passaram, pois eram as coisas que exigiam cumprimento.

O nosso foco é demonstrar que a escatologia do AT e do NT era sobre o Fim da Lei, autoridades e povo hebreu, e não sobre o fim do mundo. E isso nos leva ao texto focal do assunto: Mateus 5:18.

Note que, para que não pratiquemos mais a lei, isto é, seus rituais, céu e terra precisam passar. Porém, não praticamos os rituais da lei, e céu e terra estão acima e abaixo de nós como sempre estiveram. Daí, a pergunta surge: por qual motivo nos desfizemos das festas, luas novas, sábados e todas estas coisas se o mundo atual ainda existe? A razão é simples: Jesus não fala sobre céu e terra visível, mas invisível - e abaixo demonstrarei isso para você:

*Na minha angústia, invoquei o Senhor, gritei por socorro ao meu Deus. Ele do seu templo ouviu a minha voz, e o meu clamor lhe penetrou os ouvidos. Então, **a terra se abalou e tremeu, vacilaram também os fundamentos dos montes e se estremeceram**, porque ele se indignou. Salmos 18:6,7*

***Trovejou, então, o Senhor, nos céus;** o Altíssimo levantou a voz, e houve granizo e brasas de fogo. Despediu as suas setas e espalhou os meus inimigos, multiplicou os seus raios e os desbaratou. Salmos 18:13,14*

Atualmente - infelizmente - temos uma visão cosmológica e histórica da Bíblia, quando precisamos entender a linguagem profética e das visões. Ora, Davi escreveu o Salmo 18 no período da morte de Saul, e diz que a terra se abalou e tremeu, e os fundamentos dos montes se estremeceram. No registro da morte de Saul não só não encontramos tais eventos (inclusive, não vemos nada sobre trovões nos céus), como ele é extremamente simplório do ponto de vista humano para justificar uma linguagem tão forte como essa de Davi (1 Sm 31).

Ora, estaria Davi utilizando metáforas? Não faz sentido, pois metáforas são coisas que encontram alguma analogia mais direta na realidade. O que Davi utiliza é uma linguagem espiritual, dizendo que a morte de Saul e do povo com ele é fazer a terra tremer e os céus trovejar. Veja que aqui Davi não diz que a terra passou, pois é preciso muito mais do que a morte de Saul para a terra e céu passarem - a morte de uma autoridade e de um pouco do povo abala céus e terra, mas não os dissolve. Perceba aqui um avanço na linguagem:

***E todo o exército dos céus se dissolverá**, e os céus se enrolarão como um livro; **e todo o seu exército cairá**, como cai a folha da vide e como cai o figo da figueira. **Porque** a minha espada se embriagou nos céus; **eis que sobre Edom descera**, e sobre o povo do meu anátema para exercer juízo. Isaías 34:4,5*



Edom foi destruído por Nabonido, por volta do ano 553 a.C., porém, não vimos o céu se dissolver, nem o exército estelar cair. Na realidade, as autoridades e povo idumeu é que morreram, mas não estamos cientes de nenhum evento miraculoso nos céus. Então a pergunta é: qual céu se dissolveu? (veja que, diferente de Davi, Isaías dá fim a um céu). A razão é simples, o fim de um povo com suas autoridades é o abalo de um mundo inteiro, mas não do planeta e universo. Como o servo de Eliseu e como Balaão, não vemos os eventos espirituais que, embora não visíveis, são reais, porém, ao serem traduzidos, parecem ser eventos cosmológicos, quando, na verdade, são mesmo espirituais.

Quando Jesus diz, portanto, que o céu e terra passariam, está mostrando que a Lei de Deus duraria até que determinados céus e terra passassem. E a qual povo com suas autoridades a lei estava vinculada? Ora, com Israel, que no ano 70 d.C. foi destruída, tendo seus céus e terra passado. Porém, há palavras que não se passaram quando os céus e terra passaram:

*Em verdade vos digo que não passará **esta geração sem** que todas essas coisas se cumpram. **Passará o céu e a terra**, mas as minhas palavras jamais passarão. Mateus 24:34, 35*

Ora, que coincidência mais coincidente! Justamente num texto "escatológico" Cristo diz que aquela geração que o ouvia não passaria sem que *tudo se cumprisse* (note que em grego Mateus 24:34, 35 tem muita proximidade com Mateus 5:18: tanto porque em ambos os casos há "cumprimentos" [γίνομαι] quanto há céus e terra "passando" [παρέρχομαι]; e em Mt 24:34 se diz que tudo ocorreria naquela geração ainda).

Qual a relevância de Jesus dizer que Céus e Terra passariam, mas as palavras dele não? É simples: pois a lei passaria após a destruição dos elementos e após tudo se dissolver em fogo (como Pedro diz), mas as palavras de Cristo permaneceriam após o fim destas coisas.

Por isso, Cristo deu fim ao pecado, não só por nos limpar do pecado que de fato quebravam os mandamentos, mas por tirar do mundo os pecados que se traduziam em quebras do culto do AT. Veja, o culto no AT era composto de tantas coisas que é difícil até dar um exemplo, mas temos um muito bom:

Comer um animal impuro não era pecado, pois não resultava em pena de morte, porém, ter comido um animal impuro e *em seguida tocar em algo santo* resultava em pena para o que assim procedesse. Como não há mais objetos sagrados, não há mais pecado contra Deus dessa forma. Em outras palavras, Deus reduziu drasticamente a quantidade de coisas nas quais é possível um homem pecar – permitindo que qualquer um se relacione com ele, e dando, assim, graça a todos nós, que temos tão somente os mandamentos da Lei, sem ter a lei em si.

Mas em que sentido a lei se cumpriu? A questão é simples: Cristo era o cordeiro sacrificial da Páscoa e foi morto na páscoa; o Espírito desceu no Pentecostes com a Igreja se iniciando aí; o templo foi destruído no mês do julgamento, em Tishrei; etc.

- Obs.: em João 15:25 há uma exceção para o uso da palavra “lei”, ampliando-se seu significado para os salmos. Contudo, se você leu nosso primeiro texto sobre a Lei de Deus, estará ciente de que frequentemente se referiam aos profetas como lei por causa da explicação da Lei que davam, e não por serem lei.

Todos estes eventos são os cumprimentos das sombras do AT, para que não sobre nada mais do AT para praticarmos, nem termos nenhuma das estruturas da antiga Israel. A “pureza do culto” não existe mais como antes. Para uns, isso soa muito dispensacionalista e, para outros, extremamente aliancista. Para nós não importa, pois queremos a prática dos mandamentos de Deus e não da sua lei.

Contudo, você, que leu este livro, talvez esteja se perguntando se junto com a lei as regras de casamento não passaram, bem como as permissões referentes à poligamia. Ora, a lei foi cumprida e suspensa, não as suas permissões. Entre o AT e NT temos menos regras, e não mais regras. Portanto, se há proibição da poligamia com base na diferença entre Antiga e Nova Aliança, então o que está havendo é um acréscimo de leis, o que a própria lei bíblica condena. Assim, as permissões da Lei continuam as mesmas, e até maiores, na Nova Aliança.

Deus garante que sua lei seria praticada neste Mundo Novo por todos os povos:

*Vinde, subamos ao monte de Yahweh, à casa do Deus de Jacó, para que ele nos instrua a respeito dos seus caminhos e assim andemos nas suas veredas!” Com efeito, de Sião sairá a Torá, a Lei, e de Jerusalém virá a Palavra de Yahweh Is 2:3.*

*Atendei-me povo meu, e escutai-me, nação minha; porquanto de mim procederá a Torá, a Lei. Minha justiça se tornará uma luz para todas as nações! Isaías 51:4*

*“Eis, no entanto, a Aliança que celebrarei com a comunidade de Israel passados aqueles dias”, afirma o SENHOR: “Registrarei o conteúdo da minha Torá, Lei, na mente deles e a escreverei no mais íntimo dos seus sentimentos: seus corações. Assim, serei de fato o Deus deles e eles serão o meu povo! Jeremias 31:33*

Ora, Deus promete que na Nova Aliança a Torá seria praticada, porém, Jesus (e Paulo) diz que ela passou. Ou nós temos uma contradição ou, na realidade, estamos falando de um aspecto da Torá: suas sombras. Nenhum mandamento ou permissão é sombra de nada. Porém, os rituais, festas, sábados, templo, sacerdotes, governo, reis etc., tudo são sombras do que viria posteriormente. A Poligamia, o Contrato de Casamento e a doutrina do divórcio não são sombras, ainda que Deus possa se valer disso para descrever suas ações com a Igreja do AT e do NT. O objetivo dessas leis é perene, portanto, precisamos ter ciência de que se a Torá passou, mas ela é a nossa prática, então o que temos é a Justiça de Deus em guardar o casamento da forma como Deus instituiu, e não conforme nossos costumes, sensibilidades

e receios ou efeitos dialéticos – e Deus permitiu muito mais coisas do que estamos dispostos a aceitar, proibindo algumas que, para nossa mentalidade, não fazem sentido serem proibidas.

- Obs.: é principalmente neste sentido que a lei não salva: em suas práticas de sombra. Porém, frequentemente a prática do mandamento é vida (Jo 12:50; Sl 119:50, 93; Dt 6:2) – veja a parábola do bom samaritano para notar que a prática da lei (a misericórdia com o fraco) também dá vida ali.

Não concorde com menos do que a Lei de Deus, e não tente superá-la. Ela é guia e vida para os que em Deus confiam.

*Soli Deo Gloria*